

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM

Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense

**Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela
Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(1969-1985)¹**

Rio de Janeiro – Brasil
Novembro / 2016

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da CAPES para a realização de estágio na modalidade doutorado sanduíche, por 4 meses (janeiro-abril/2015), na Universidade de Toronto/Canadá, tendo a doutora Sioban Nelson como tutora.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
NÚCLEO DE PESQUISA DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM BRASILEIRA

Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense

**Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela
Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(1969-1985)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Enfermagem, cadastrada no Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Angélica de Almeida Peres

Rio de Janeiro – Brasil
Novembro / 2016

CIP - Catalogação na Publicação

A641u Aperibense, Pacita Geovana Gama de Sousa
Uniformes e suas relações com a identidade
profissional do enfermeiro formado pela Escola de
Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do
Rio de Janeiro (1969-1985) / Pacita Geovana Gama
de Sousa Aperibense. -- Rio de Janeiro, 2016.
220 f.

Orientadora: Maria Angélica de Almeida Peres.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2016.

1. História da Enfermagem. 2. Identidade. 3.
Enfermagem. 4. Uniformes. 5. Claude Dubar. I.
Peres, Maria Angélica de Almeida, orient. II.
Título.

PACITA GEOVANA GAMA DE SOUSA APERIBENSE

Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(1969-1985)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Enfermagem, cadastrada no Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira.

Aprovada em ____ de _____ de 2016, por:

Dra. Maria Angélica de Almeida Peres – Presidente da Banca
Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ

Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha – 1ª Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Dra. Mariangela Aparecida Gonçalves Figueiredo – 2ª Examinadora
Hospital Universitário de Juiz de Fora/UFJF

Dra. Gertrudes Teixeira Lopes – 3ª Examinadora
Faculdade de Enfermagem da UERJ

Dra. Tânia Cristina Franco Santos – 4ª Examinadora
Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ

Dr. Antonio José de Almeida Filho – Suplente
Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ

Dra. Maria Lelita Xavier – Suplente
Faculdade de Enfermagem da UERJ

DEDICATÓRIA

À minha mãe, AMÉLIA, que foi mulher de verdade em todas as dificuldades que a vida lhe impôs. Que não teve a menor vaidade para que hoje eu pudesse me envaidecer desta conquista. Por ter me ensinado pelo exemplo que o estudo edifica e enobrece a alma. Pelo ser humano que me tornei após tantas viagens (internas e externas) que os estudos me proporcionaram.

Aos colaboradores que me concederam entrevistas e fotografias. Este trabalho também lhes pertence. Espero ter reproduzido a História Oral comigo compartilhada, momentos que ficarão para sempre guardados em minha memória e em meu coração.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, AMÉLIA, pelo incentivo aos estudos, pelo apoio incondicional em todos os momentos e principalmente por suas orações.

A minha orientadora, Maria Angélica de Almeida Peres, que seguindo os passos da admirada professora Ieda de Alencar Barreira, doou sua inteligência, brilhantismo e criatividade no processo de construção e lapidação desta tese, para que este chegasse ao máximo de sua perfeição possível. Por me ensinar, através do exemplo, a responsabilidade, o compromisso, a ética e o amor pela História da Enfermagem Brasileira e, sobretudo, pela identidade da Enfermagem ananeriana.

Ao Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira – NUPHEBRAS, que com sua estrutura possibilitou a ampliação de meu conhecimento geral e, sobretudo, da história da enfermagem brasileira. A todos os professores pesquisadores deste núcleo e seus membros (Bolsistas de Iniciação Científica, alunos de graduação e visitantes), que durante as reuniões muito contribuíram com sugestões e opiniões que só vieram a enriquecer e lapidar minha pesquisa.

Aos competentes titulares e suplentes das bancas examinadoras de seleção, do projeto, da qualificação e da defesa por toda a contribuição acadêmica e atenção dispensada à análise de meu trabalho.

À Coordenação Geral de Pós-Graduação da EEAN e às funcionárias Cíntia e Sônia por serem pacientes e resolutivas diante das minhas necessidades acadêmicas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que proporcionou meu crescimento acadêmico através do financiamento para a realização do estágio na modalidade sanduíche durante quatro meses na Universidade de Toronto, Canadá. E do mesmo modo, à doutora Sioban Nelson, minha tutora, por sua hospitalidade e cuidado durante o período em que estive naquele país.

Institucionalmente, também registro um agradecimento especial à direção da Escola de Ciências da Saúde da UNIGRANRIO e aos colegas de trabalho pelo apoio e compreensão do meu afastamento para concluir o curso de doutorado. De igual modo, meus sinceros agradecimentos às chefias do Hospital Federal Cardoso Fontes, em especial às enfermeiras Cátia Soares e Raquel Busquet que, como líderes de equipe, compreenderam minhas necessidades de trocas e ausências, garantindo todo apoio institucional possível.

Aos colaboradores deste estudo que, expondo suas histórias através das entrevistas a mim concedidas, me permitiu escrever mais uma página da História da Enfermagem Brasileira. Sem suas contribuições essa realização não seria possível.

Aos amigos Paulo Cezar Gonçalves da Silva, Giovane Oliveira Vieira, Aline Bárbara Garcia Lima, Daniele Aguiar, Sandra Lemele, Maria Pogile e Adriana Lopes. Cada um em sua particularidade foi peça fundamental na construção e conclusão deste trabalho, por acreditarem em mim, por me motivarem a todo momento, por me apoiarem em minhas escolhas, por estarem ao meu lado, por serem a força e o esteio nos momentos em que mais precisei.

À amiga Maria Angélica de Almeida Peres, pela amizade, pelo exemplo, pelos momentos de cumplicidade e companheirismo e por me mostrar o lado leve de toda responsabilidade assumida.

Aos meus amigos de longa data e aos conquistados nesta jornada que, mesmo com dificuldade, souberam compreender minha ausência e hoje dividem comigo esta vitória.

Em especial a Leonardo Samu de Figueiredo, que passou a fazer parte de minha vida nestes últimos dois anos e me ajudou a lidar com a expectativa e a controlar a ansiedade exacerbada. Hoje, muito mais amadurecida e centrada, tomo a decisão de dividir minha vida com você, dividir minhas conquistas por saber que o tenho para me apoiar, sem criar expectativas, mantendo a cumplicidade e o colorido de nossa amizade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desta Tese.

Neste processo abandonei muito de mim buscando me conectar ao meu verdadeiro propósito. Posso dizer que o caminho foi percorrido, a viagem concretizada e o propósito alcançado. “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé” (Timóteo 4:7). Neste trajeto fica a consciência da partida, a alegria da chegada e a certeza de que muito ainda há a percorrer.

Conforta-me a certeza de que muito ainda há para ser feito, e que hoje me sinto muito mais preparada para essa missão, a missão de ser enfermeira-professora, certa de que não teria alcançado nada disso sem a contribuição de cada um de vocês.

A todos o meu mais singelo, sincero e humilde agradecimento, que não cabe em palavras, mas que trago em meu coração.

“Se enxerguei mais longe, foi porque estava sobre os ombros de gigantes” (Isaac Newton).

EPÍGRAFE

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes” (Paulo Freire).

Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985).

Resumo: Pesquisa sócio-histórica, de natureza qualitativa, sobre a função do uniforme na construção, manutenção e preservação da identidade profissional de enfermeiros formados pela Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 1969 a 1985 correspondentes, respectivamente, ao ano de retirada do avental do uniforme hospitalar e o ano em que a calça jeans passou a integrar o uniforme de saúde pública dos estudantes de enfermagem. **Objetivos:** descrever a função dos uniformes usados pelos estudantes da EEAN no cotidiano institucional; analisar as estratégias para a construção da identidade profissional nos estudantes da EEAN diante das alterações nos uniformes e dos rituais que solenizavam seu uso; discutir o significado do vestuário na construção, manutenção e preservação da identidade profissional do enfermeiro formado na EEAN. **Metodologia:** As fontes incluíram documentos escritos e iconográficos do acervo do Centro de Documentação da EEAN/UFRJ e pertencentes ao arquivo pessoal dos colaboradores entrevistados. As fontes orais foram produzidas mediante a abordagem de História Oral Temática, segundo um roteiro preestabelecido. Foram entrevistados 38 colaboradores. Os documentos foram selecionados dentro do recorte temporal, organizados em ordem cronológica e classificados conforme os objetivos a serem alcançados. Realizou-se a crítica interna e externa aos documentos e, posteriormente, fez-se a triangulação das fontes selecionadas. O embasamento teórico contou com autores que tratam de vestuário e identidade profissional, com destaque para Roland Barthes, Alison Lurie e Claude Dubar. Para melhor compreender a função dos uniformes na EEAN, acrescentaram-se os conceitos de disciplinarização do corpo, de Michel Foucault. Esta pesquisa tem a aprovação Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/UFRJ. **Resultados:** os uniformes usados pelos estudantes da EEAN no cotidiano institucional foram os modelos de preliminar, hospitalar e de saúde pública, os quais eram objetos de distinção hierárquica e profissional valorizados e honrados pelos estudantes. A construção da identidade profissional dos estudantes se deu por meio do processo de valorização da imagem do profissional em formação expresso pelo zelo com a aparência, exteriorizado mediante o cuidado com o uniforme. Diversos rituais solenizavam o uso do uniforme na EEAN: a Cerimônia de Recepção de Toucas e de Imposição de Insígnias, o Ritual da Lâmpada, a premiação de Dama da Lâmpada e a Cerimônia de Formatura com seus atos solenes. Para garantir a manutenção e preservação da identidade do enfermeiro, a EEAN foi modificando os rituais e o modelo dos uniformes num processo de adaptação ao desenvolvimento do ensino de enfermagem, sobretudo a partir implantação da Reforma Universitária de 1968, que ensejou a criação de versões masculinas dos modelos dos uniformes; da implantação do Currículo Novas Metodologias, que definiu campos de estágio para os estudantes desde o primeiro período; e pelo contexto da moda, que determinou a incorporação do jeans ao uniforme como estratégia de adequação aos novos tempos. **Conclusão:** a identidade profissional do enfermeiro formado pela EEAN se construiu também pelo uso de uniformes no cotidiano institucional e na vida social, o que imprimia uma identidade herdada tradicionalmente pelo significado da EEAN na sociedade brasileira. A força da imagem visual destes estudantes, consagrada pelos rituais acadêmicos, pela disciplina comportamental e pela postura exigida pela EEAN, manteve o uso dos uniformes utilizados ao longo dos anos em decorrência das mudanças no contexto sócio-político-cultural da universidade, da profissão de enfermagem e da moda no país.

Uniforms and their relations with the professional identity of the nurse graduated from Escola de Enfermagem Anna Nery of the Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985).

Abstract: Socio-historical research, with qualitative approach, about the function of the uniform in the construction, maintenance and preservation of professional identity of nurses graduated from Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) of the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), from 1969 to 1985, period that corresponds, respectively, to the year of removal of the apron from the hospital uniform and the year in which jeans becomes part of the uniform of public health nursing students. **Objectives:** To describe the function of the uniforms worn by the EEAN students in the institutional routine; analyze the strategies for the construction of professional identity in students from EEAN before the changes in uniforms and the rituals that celebrated its use; discuss the meaning of clothing in the construction, maintenance and preservation of professional identity of nurses graduated from EEAN. **Methodology:** Socio-historical study. The sources included written and iconographic documents belonging to the collection of EEAN/UFRJ Documentation Center and to the personal collection of research collaborators. Oral sources were produced using the Oral Thematic History technique. Thirty-nine collaborators were interviewed. The documents were selected within the timeframe, arranged in chronological order and classified according to the objectives to be achieved. Internal and external criticism of documents took place and later triangulation of the selected fonts was held. The theoretical basis featured authors who deal about clothing and professional identity, with an emphasis on Roland Barthes, Alison Lurie and Claude Dubar. To better understand the function of uniforms at EEAN, the concepts of the body disciplining of Michel Foucault were added. This research has the approval of the Ethics Committee Research of Escola de Enfermagem Anna Nery / São Francisco de Assis Health Care Institute / UFRJ. **Results:** The uniforms worn by EEAN students in the institutional routine were the primary, hospital and public health models. They were objects of hierarchical and professional distinction, that students valued and honored. The construction of professional identity of students occurred through the process of appreciation of the image of the professional in training from the care for appearance, externalized through the careful use of the uniform. They still had several rituals that honored the use of uniforms in EEAN: the Reception Ceremony of Caps and Insignia Enforcement, the Ritual of the Lamp, the Lady of the Lamp Award and Graduation Ceremony with their solemnities. To ensure the maintenance and preservation of the identity of the nurse, EEAN had been modifying the rituals and the uniform model in the process of adaptation to the development of nursing education, mainly from the implementation of the University Reform of 1968, which led to the creation of male versions of the uniform format; the implementation of the New Methodologies Curriculum, which defined stage courses for students starting at the first period; and the fashion context, which led to the incorporation of jeans to the uniform as strategies to adapt to new times. **Conclusion:** The professional identity of the nurse graduated from EEAN was also built by the use of uniforms in the institutional routine and social life, which printed an identity traditionally inherited by the meaning of EEAN in Brazilian society. The power of the visual image of these students, consecrated by academic rituals for the behavioral discipline and attitude required by EEAN, maintained the use of uniforms, which were used, over the years due to changes in the socio-political and cultural context of the university, the nursing profession and fashion in the country.

Uniformes y sus relaciones con la identidad profesional del enfermero formado por la Escola de Enfermagem Anna Nery de la Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985).

Resumen: Investigación socio-histórica, de naturaleza cualitativa sobre la función del uniforme en la construcción, mantenimiento y preservación de la identidad profesional de los enfermeros formados por la Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) de la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 1969-1985, período correspondiente, respectivamente, al año de retirada del delantal del uniforme hospitalario y el año en el que los pantalones vaqueros se convirtieron en parte del uniforme de los estudiantes de enfermería de la salud pública. **Objetivos:** Describir la función de los uniformes usados por los alumnos de EEAN en la rutina institucional; analizar las estrategias para la construcción de la identidad profesional de los estudiantes de EEAN delante de los cambios en los uniformes y rituales que celebraban su uso; discutir el significado de la ropa en la construcción, mantenimiento y preservación de la identidad profesional de los enfermeros formados en EEAN. **Metodología:** Estudio socio-histórico. Las fuentes incluyeron documentos escritos e iconográficos que pertenecen a la colección del Centro de Documentación EEAN / UFRJ y la colección personal de colaboradores de la investigación. Las fuentes orales se produjeron utilizando la técnica de Historia Oral Temática. Se entrevistó a 39 trabajadores. Los documentos fueron seleccionados dentro del marco de tiempo, dispuestos en orden cronológica y clasificados de acuerdo con los objetivos a alcanzar. Se realizó la crítica interna y externa a los documentos y la posterior triangulación de las fuentes seleccionadas. La base teórica tenía autores que se ocupan de la ropa y profesional de identidad, especialmente Roland Barthes, Alison Lurie y Claude Dubar. Para comprender mejor la función del uniforme en EEAN, fueron añadidos los conceptos de disciplinización del cuerpo de Michel Foucault. Este estudio cuenta con la aprobación del Comité de Ética en Investigación de la Escola de Enfermagem Anna Nery / Instituto de Atención a la Salud São Francisco de Assis / UFRJ. **Resultados:** los uniformes de los estudiantes EEAN la rutina institucional han sido modelos de primaria, hospitalaria y de salud pública. Eran distinción jerárquica y profesional de los objetos, los estudiantes valorados y honrados. La construcción de la identidad profesional de los estudiantes fue a través del proceso de mejora de la imagen profesional en la formación del cuidado de la apariencia, exteriorizado a través del uso cuidadoso del uniforme. Aún había muchos rituales que celebraban el uso de uniformes en EEAN: la Ceremonia de Recepción de Gorros y Imposición de Insignias, el Ritual de la Lámpara, la premiación de la Dama de la Lámpara y la Ceremonia de Graduación con sus solemnidades. Para asegurar el mantenimiento y preservación de la identidad de la enfermera, la EEAN modificó los rituales y el modelo de los uniformes en un proceso de adaptación al desarrollo de enfermería educación, principalmente a partir de la aplicación de la Reforma Universitaria de 1968, que dio lugar a la creación de versiones masculinas de los modelos de uniformes; la aplicación de las metodologías del nuevo plan de estudios, que define los campos de formación para los estudiantes del primer período; y en el contexto de la moda, con la adopción de los vaqueros al uniforme como estrategias para adaptarse a los nuevos tiempos. **Conclusión:** La identidad profesional del enfermero formado por EEAN fue construida también por el uso de uniformes en el cotidiano institucional y en la vida social, que imprimió una identidad tradicionalmente heredada por el significado de la escuela en la sociedad brasileña. El poder de la imagen visual de estos estudiantes, consagrado por los rituales académicos, de disciplina comportamental y por la postura requerida por EEAN, mantuvo el uso de uniformes, que fueron utilizados durante los años como resultado de cambios en el contexto socio-político y cultural de la universidad, la profesión de enfermería y de la moda en el país.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Toucas da classe de 1932.....	18
Imagem 2 – Fotografia da despedida de Ethel Parsons.	19
Imagem 3 – Instrumento de avaliação da estudante em campo de prática.	60
Imagem 4 – Fotografia de estudantes da fase hospitalar.	61
Imagem 5 – Desenho técnico-explicativo – bolso e manga.....	62
Imagem 6 – Fotografia das estudantes usando o uniforme de preliminar.	69
Imagem 7 – Desenho técnico-explicativo – gola, saia e punho.	70
Imagem 8 – Fotografia das estudantes usando o uniforme de preliminar.	73
Imagem 9 – Cenas da série de TV <i>Call the Midwife</i>	74
Imagem 10 – Fotografia de um grupo de estudantes da classe de 1966.	75
Imagem 11 – Fotografia da aula teórica ministrada pela professora Vilma de Carvalho.	76
Imagem 12 – Fotografia de aula da disciplina de Arte da Enfermagem.	76
Imagem 13 – Alfinetes Cabeça de Pérola.	77
Imagem 14 – Fotografia de estudantes com o uniforme de saúde pública.	85
Imagem 15 – Ampliação destacando a rede no cabelo e a insígnia (indicação com setas).	85
Imagem 16 – Desenho técnico-explicativo – gola e decote.....	86
Imagem 17 – Desenho técnico dos modelos de saia godê.	86
Imagem 18 – Fotografia de aula de saúde pública.....	87
Imagem 19 – Fotografia das estudantes com o uniforme de saúde pública de inverno.	88
Imagem 20 – Estudantes da classe de 1956 em aula prática.....	92
Imagem 21 – Fotografia da exposição comemorativa no internato da EEAN.	93
Imagem 22 – Verso de fotografias dos anos (no sentido horário) 1949, 1949, 1971 e 1981.....	104
Imagem 23 – Insígnias da EEAN.	105
Imagem 24 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Touca.	108
Imagem 25 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Touca.	108
Imagem 26 – Fotografia da partitura do Hino da Enfermeira.....	113
Imagem 27 – Capa da partitura da música “Anna Nery – Hino da Enfermeira”.	114
Imagem 28 – Fotografia da Cerimônia do Acender da Lâmpada na Semana de Enfermagem.	116
Imagem 29 – Fotografia do ato de acender a lâmpada.	117
Imagem 30 – Fotografia da Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.	122
Imagem 31 – Fotografia da Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.	122
Imagem 32 – Fotografia da Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.	123
Imagem 33 – Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.	123
Imagem 34 – Fotografia da Cerimônia de Formatura da classe que ingressou em 1984.....	129
Imagem 35 – Fotografia da colaboradora com uniforme de gala da Cerimônia de Formatura.	130
Imagem 36 – Fotografias das colaboradoras no dia de suas Cerimônias de Formatura.	131
Imagem 37 – Fotografia da cerimônia de formatura.	132
Imagem 38 – Fotografia da cerimônia de formatura.	132
Imagem 39 – Desenho técnico do modelo de manga presunto.....	134
Imagem 40 – Fotografia (frente e verso) da solenidade de entrega do Prêmio Florence/Dama da Lâmpada.....	146
Imagem 41 – Fotografia das estudantes durante intervalo de aula do ciclo básico.	150
Imagem 42 – Desenho da cruz de malta do discurso de Laís Netto dos Reys.	156
Imagem 43 – Fotografia do uniforme masculino de preliminar.	160
Imagem 44 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnia.	161
Imagem 45 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias.	163
Imagem 46 – Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias da classe do vestibular de 1980.....	164
Imagem 47 – Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias da classe do vestibular de 1984.	164
Imagem 48 – Estudante da classe do vestibular de 1978.....	165
Imagem 49 – Fotografias de desfile de uniformes usados na EEAN.....	168
Imagem 50 – Imagem frontal do jaleco de barbeiro.....	169
Imagem 51 – Estudantes da EEAN em campo de estágio da Unidade Curricular I.	170
Imagem 52 – Fotografia da classe de 1976 em frente ao Pavilhão de Aulas.....	174
Imagem 53 – Fotografia de evento não identificado.	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de fotografias do acervo pessoal dos colaboradores quando estudantes da EEAN	40
Quadro 2 – Apresentação dos colaboradores que concederam entrevista e identificação do ano de entrada na EEAN, por ordem cronológica	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Apresentação do objeto de estudo e problematização	16
Objetivo Geral	25
Objetivos Específicos	25
Interesse pelo tema e justificativa do estudo	25
Relevância do estudo	26
Contribuições do estudo	27
REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
Vestuário segundo Roland Barthes.....	29
O conceito de identidade	31
Vestuário e identidade da enfermagem.....	33
A disciplinarização do corpo e o uniforme	35
ABORDAGEM METODOLÓGICA	36
Tipificação do estudo	37
Procedimento para coleta e análise de dados.....	39
Coleta do documento escrito e fotográfico	39
Análise do documento escrito e fotográfico	41
Coleta do documento oral.....	43
Critérios de inclusão/exclusão dos colaboradores	47
Análise das fontes orais	48
Critérios de confiabilidade	48
Dificuldades e limitações do estudo	49
Aspectos éticos da pesquisa.....	50
Efetivação do plano de disseminação	51
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO	53
1 TIRANDO O MOLDE DAS DÉCADAS DE 1950 E 1960: FUNÇÃO IDENTITÁRIA DO UNIFORME NO COTIDIANO DAS ESTUDANTES DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY	55
1.1 Uniforme das estudantes da EEAN nas décadas de 1950-1960.....	57
1.1.1 Uniforme do preliminar	66
1.1.2 Uniforme hospitalar	73
1.1.2.1 A extinção do avental e a mudança da cor do vestido do uniforme do preliminar e hospitalar	77
1.1.3 Uniforme de saúde pública	84
1.2 Aspectos relacionados ao uso de uniforme no cotidiano das estudantes: destaques das décadas de 1950-1960.....	88
2 ALINHAVANDO RETALHOS: USO DO UNIFORME EM CERIMÔNIAS E RITUAIS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY	101
2.1 Principais cerimônias - Rituais que solenizavam o uso do uniforme na EEAN	101
2.1.1 Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias: conjunto de atos solenes para a construção da identidade profissional	103
2.1.1.1 Ritual para colocação da touca e das insígnias nas estudantes da EEAN	107
2.1.1.2 O entoar do Hino da Enfermeira e a proclamação do Juramento de Estudante	112
2.1.1.3 Cerimônia da Lâmpada / Ritual da Lâmpada	115
2.1.2 Premiação de Dama da Vela – Dama da Lâmpada – Dignidade Acadêmica	118
2.1.3 Cerimônia de Formatura e seus atos solenes	126
3 ÚLTIMA PROVA ANTES DA COSTURA FINAL: ADAPTAÇÕES DO UNIFORME AO DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM E DA MODA NA DÉCADA.....	136
3.1 Cotidiano da EEAN no contexto Pós-Reforma Universitária de 1968.....	136
3.1.1 Repercussões da entrada de homens nos rituais da EEAN	143
3.1.1.1 Extinção do uniforme de preliminar	149
3.1.2 Mudança nos uniformes reivindicada pelos estudantes	153
3.1.3 A criação do uniforme masculino e as mudanças no uniforme hospitalar e de saúde pública.....	158
3.1.3.1 Uniforme de saúde pública: introdução do jeans como adequação aos novos tempos	167
3.2 O rigor e a disciplina de comportamento ao usar o uniforme da EEAN: manutenção da identidade institucional e profissional.....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	191
APÊNDICES	207

APÊNDICE A – Termo de cessão dos direitos de depoimento	207
APÊNDICE B – Quadro auxiliar para coleta de dados documentais e iconográficos	208
APÊNDICE C – Carta de intenção para realização da entrevista	209
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista para o colaborador estudante de graduação no recorte temporal do estudo (apenas ex-aluna da EEAN)	210
APÊNDICE E – Roteiro de entrevista para o colaborador professor de graduação no recorte temporal do estudo	211
APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação na pesquisa	212
APÊNDICE G – Carta de validação do conteúdo das fontes orais.....	213
APÊNDICE H – Termo de Cessão de Direitos Autorais e de Imagem para publicação	214
APÊNDICE I – Orçamento da pesquisa	215
APÊNDICE J – Cronograma	216
ANEXOS	217
ANEXO A – Quadro síntese das unidades de registro e unidades de significação na análise de conteúdo	217
ANEXO B – Confirmação de submissão do artigo à revista <i>Ciencia y Enfermería</i>	218
ANEXO C – Confirmação de submissão de artigo à revista <i>HERE</i>	219
ANEXO D – Declaração de tradução dos resumos por profissional habilitada.....	220
ANEXO E – Declaração de revisão das normas técnicas redacionais da tese por profissional habilitada.	221

INTRODUÇÃO

“Caminhante não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”.
(Antônio Machado, 1912)

Apresentação do objeto de estudo e problematização

Este estudo tem como objeto a função do uniforme de estudante na construção, manutenção e preservação da identidade profissional dos enfermeiros formados pela Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 1969 a 1985.

O recorte temporal tem como marco inicial o ano de 1969, quando foi retirado o avental do uniforme hospitalar das estudantes de enfermagem que, desde a criação da escola, era um acessório de importante valor simbólico para a sua identificação. O marco final é o ano de 1985, data em que a calça jeans passou a integrar o uniforme de saúde pública, decisão que marca um momento de atualização da escola em relação à moda da época e às transformações ocorridas no âmbito universitário e na profissão de enfermeiro.

Embora diversos tenham sido os uniformes usados por estudantes na EEAN, dois deles foram mantidos até os dias atuais, atravessando 93 anos de sua existência: o uniforme hospitalar e o de saúde pública, o que converge para uma articulação entre ambos os marcos selecionados para desenvolvimento do presente estudo.

Considerando-se que a construção das identidades é um processo sempre em desenvolvimento e mutável, as instituições de ensino são *locus* dessa construção que sofre múltiplas influências (DUBAR, 2005). Assim, as relações da EEAN com a identidade profissional e social da enfermagem brasileira foram evidenciadas em estudos que trataram de sua criação, implantação e desenvolvimento, tanto que os profissionais por ela formados ganharam o codinome de “Enfermeiras² PAN – Padrão Anna Nery”, referência que se perpetua informalmente até hoje, como herança histórica da forte identidade dos enfermeiros formados pela Escola.

A EEAN iniciou o seu funcionamento no ano de 1923, durante a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, também conhecida no meio acadêmico como Missão Parsons, tendo suas bases no sistema de ensino nightingaleano. Este sistema baseava-se no aprendizado técnico-científico, no treinamento

²O uso da palavra no feminino será empregado nesta tese quando se tratar da época em que só era permitida a entrada de mulheres na EEAN, o que corresponde ao período de 1923 a 1971.

prático e na formação moral de enfermeiras em regime de internato. Além disso, era voltado exclusivamente para a profissionalização feminina (BARREIRA et al, 2011).

Desde a sua criação, a EEAN instituiu o uniforme como importante elemento de identificação dos estudantes no cotidiano de seu espaço social, sendo utilizado em diversas ocasiões. Ao ingressarem na escola, era exigido que identificassem suas roupas, conforme instruções elaboradas por Miss Claire Louise Kieninger, primeira diretora da EEAN, assim transcritas no estudo de Coelho (1997):

Os uniformes das alunas serão fornecidos pelo Hospital [*Hospital Geral da Assistência*³]. Cada aluna deverá trazer uma quantidade suficiente de roupa branca e de meias. A roupa branca deve ser simples, sem rendas, pregas, bordados, ou enfeite algum. Deve ser marcada claramente, com o nome por extenso. A roupa deve ser marcada da seguinte forma: 1) camisas (atrás, na gola); 2) calças (atrás, no cinto); 3) lenços (no canto); 4) saias debaixo (atrás, no cinto); 5) meias – no avesso (atrás); 6) vestidos – atrás (na gola); 7) robe de chambre (atrás, na gola); 8) aventais (atrás, no avesso do cinto); 9) camisolas (atrás, na gola); 10) sacos de roupa usada (na frente). O calçado branco – sapato comum, ou de entrada baixa. A roupa de sair deve ser marcada também (KIENINGER, 1923 apud COELHO, 1997, p.138).

Da década de 1920 até 1970 existiam três uniformes de estudante na EEAN: o uniforme do preliminar, o hospitalar e o de saúde pública. Cabe ressaltar que o uniforme hospitalar era constituído pela mesma roupa do preliminar, porém com acessórios diferenciados (insígnia, avental e touca). Estes possuíam, nas décadas de 1920 a 1960, as versões de inverno e de gala para uso nos dias frios e em solenidades, respectivamente (PERES, BARREIRA, 2003; PERES, PADILHA, 2014).

Estudos apontam o uso do uniforme nas escolas de enfermagem como estratégia de construção da imagem do enfermeiro e da sua identidade profissional, sendo que vários elementos tinham significados simbólicos importantes, dos quais podemos citar: a touca, o avental, o broche e a braçadeira (PERES, PADILHA, 2014; PERES, BARREIRA, 2003).

Na EEAN, o uniforme era parte dos emblemas utilizados como estratégia de construção de uma identidade institucional e profissional também moldada sob rigorosa

³Inaugurado em 10 de julho de 1879 por D. Pedro II como Asilo de Mendicidade, em 16 de dezembro de 1895 mudou de nome para Asilo São Francisco de Assis. Em 1920, sofreu transformações e passou a Hospital Geral da Assistência. Em 1922, o prédio passou por modificações e transformou-se em Hospital Escola São Francisco de Assis, quando a EEAN iniciou seu funcionamento. Na década de 1940, o hospital foi entregue à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1978, foi desativado devido à inauguração do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão. Em 1983, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e continuou fechado. Sua reativação ocorreu em 1988, sendo dirigido pela EEAN desde então. Atualmente (2016) é o Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (AGUINAGUA, 1977; SILVA JÚNIOR, 2000; SOUZA, 2015).

disciplina, cerimônias ritualísticas, juramentos, eventos comemorativos e eventos sociais (SANTOS, 2004).

A touca sempre teve lugar de destaque na EEAN. Era recebida após a aprovação na primeira etapa do curso, em um ritual chamado inicialmente de “Cerimônia de Recepção de Toucas”, no qual a touca branca e lisa era colocada na estudante que iniciaria a etapa hospitalar do curso (Imagem 1). Neste ritual, discursos enalteciam o acessório, neste momento incorporado ao uniforme hospitalar como símbolo sagrado da profissão de enfermeiro, por remeter à pureza e à vocação para o cuidado (PERES; BARREIRA, 2003).

Imagem 1 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Toucas da classe de 1932.



Local: salas 1 e 2 do Pavilhão de Aulas. Recebendo a touca a estudante (não identificada), a diretora da EEAN, Bertha Pullen (colocando a touca). Atrás, da esquerda para a direita, Ethel Parsons, Odilon Barroso e Luiz Capriglione. Ano 1929. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco de fotos/rituais/nº identificador: 1.07.0013.1

Também na Cerimônia de Recepção de Toucas, as estudantes que iniciariam a etapa de saúde pública compareciam usando o uniforme correspondente a esta etapa⁴ (Imagem 2) e recebiam a braçadeira, outro acessório confeccionado no mesmo tecido do uniforme, com a Cruz de Malta Vermelha bordada ao centro, que simbolizava o amor da enfermeira aos homens e a mística de servir ao próximo (REYS, 1938).

⁴O uniforme de saúde pública, na década de 1920, era um vestido fabricado com tecido “*toile de viche*” (xadrez). Em 1931, passou a ser de linho cinza, constituindo-se de vestido e paletó de mangas compridas, punhos e colarinho brancos, botões de madrepérola cinza, cinto sobre o paletó, braçadeira do mesmo tecido do vestido, chapéu preto de palhinha e meias e sapatos também pretos (PERES; BARREIRA, 2003).

Imagem 2 – Fotografia da despedida de Ethel Parsons.



No detalhe, as estudantes Dulce M. Soares (esquerda) e Lydia Gonçalves (direita) com o uniforme de saúde pública. Ano: 1931. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/nº identificador: 4.21.1244.1

Após a década de 1930 houve uma modificação nessa cerimônia, ainda sem identificação da data precisa. Nota-se que, nas décadas de 1940 e 1950, não aparecem mais nas fotografias desta cerimônia um grupo de estudantes usando o uniforme hospitalar e outro usando o uniforme de saúde pública. Todas passam a usar o uniforme de preliminar e a receber todas as três insígnias.

Além da touca e da braçadeira, era colocado um broche contendo a insígnia de estudante da Escola, que também passaria a ser usado como acessório nos seus uniformes. Destaca-se que também fazia parte do uniforme de gala o uso da luva.

Os estudos sobre os uniformes na EEAN não esclarecem suas características em todo o período de existência da escola, mas há produções sobre as primeiras décadas de seu funcionamento que permitem problematizar o objeto deste estudo, incluindo informações dos uniformes em período antecedente, conforme apresentado (ALMEIDA, 2016, PERES; PADILHA, 2014; PERES, BARREIRA, 2003).

Uma notável mudança ocorrida nos uniformes, que alterou significativamente a imagem das estudantes da EEAN, foi a eliminação do uso do avental, fato que será estudado nesta tese e que dá início ao seu recorte temporal (1969).

Em contexto mais amplo, a promulgação da Lei 5540/68 (Lei da Reforma Universitária) determinou profundas modificações tanto no espaço físico quanto no ambiente social da EEAN, repercutindo nos uniformes (BRASIL, 1968).

A partir de 1971, ano em que os primeiros homens ingressam na EEAN, o uniforme passou a ser uma questão polêmica, desencadeante de embates entre professores e estudantes. Os principais motivos estavam associados à cor da roupa dos estudantes (azul) e ao uso da touca e se justificavam pelo fato de todos os estudantes da área da saúde da UFRJ estarem inseridos no mesmo espaço de convivência - o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Esta situação fazia com que os estudantes de enfermagem se sentissem destacados, uma vez que usavam uniforme azul (para homens e mulheres) e a touca (para as mulheres), enquanto os demais universitários da área da saúde usavam apenas uniforme branco, sem qualquer acessório na cabeça.

A mudança que veio a seguir está associada a dois eventos concomitantes que alteraram o cotidiano e a forma de ensino na EEAN: a inauguração do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), na Ilha do Fundão, e a implantação do Currículo Novas Metodologias, ambos em 1978.

A partir de então, a cor branca foi instituída para os uniformes hospitalares. O intuito, conforme afirma Coelho (1997), era padronizá-los aos estudantes das diferentes áreas profissionais, agora inseridos em um mesmo cenário de prática. Além disso, com a implantação do Currículo Novas Metodologias na EEAN, as cores azul-marinho e branco passaram a compor os uniformes de saúde pública (CARVALHO et al, 1978; CARVALHO; CASTRO, 1979).

Logo, a década de 1980, marcada pelo processo de reabertura política, trouxe para o curso de enfermagem uma juventude com mentalidade de liberação, diante de sua atuação nos cenários social e político, também representados pela universidade. No contexto da moda, a evolução da calça jeans como uma peça moderna de uso comum para diferentes ocasiões, por força de uma ideia de praticidade e versatilidade (mantida até a atualidade) (MAHLMEISTER, 2009), levou à sua adoção no uniforme de saúde pública, em 1985, fato que demarca o término desta pesquisa, embora esta não tenha sido a última mudança nos uniformes de alunos da EEAN.

Diversos fatos históricos ocorridos no recorte temporal deste estudo contextualizam mudanças na identidade institucional e profissional da enfermagem que influenciaram os estudantes de graduação da EEAN, em virtude do desenvolvimento do ensino de enfermagem na universidade, com destaque para:

1. **Reforma Universitária de 1968 (RU/68)** – definiu uma nova forma de seleção de candidatos ao Curso de Enfermagem da EEAN e uma nova disposição do currículo, determinando ciclos de formação.

- a. **Vestibular unificado** – o vestibular passou a adotar provas objetivas como critério de seleção. Não deveriam mais ser adotados critérios menos objetivos, muito valorizados pela EEAN, tais como aparência, comportamento, antecedentes, cartas de referência, etc. A seleção passou a ocorrer não mais pela vocação direcionada e indicação dos antecedentes, mas pelo vestibular unificado e critério de escolha de acordo com opções (sendo, de modo geral, a enfermagem segunda opção de quem não passava para medicina). O Regimento da EEAN de 1972, em seus artigos 17 a 23, definia o ingresso na EEAN nas disposições gerais sobre o concurso vestibular, apontando que o ingresso de candidatos ao Curso de Graduação em Enfermagem dava-se mediante concurso vestibular unificado na área de Ciências Médicas (UFRJ, 1972).
- b. **Instituição do Ciclo Básico** – também conhecido como ciclo pré-profissional, as disciplinas comuns a todos os cursos da área da saúde passaram a ser ministradas ao conjunto destes estudantes. Desta maneira, o graduando de enfermagem passou a ter a oportunidade de conviver com estudantes de outras carreiras (BAPTISTA; BARREIRA, 1999).
2. **Criação do Curso de Mestrado na EEAN em 1972** – foi o primeiro do país e colocou a enfermagem em equivalência acadêmica com outras profissões da área da saúde, que também ofereciam formação *stricto sensu*;
3. **Fechamento do Internato da EEAN em 1973** – levou à transferência das estudantes de enfermagem para o alojamento na Ilha do Fundão. O Internato funcionou de 1926 a 1973, no bairro de Botafogo, quando foi cedido pela EEAN para a Reitoria da UFRJ, tornando-se Casa do Estudante Universitário (CEU), que abrigava estudantes de todos os cursos oferecidos pela UFRJ. Após o fechamento, com a nova conjuntura política dos anos 1970 e 1980, o prédio sediou encontros, eventos, espetáculos de grupos, movimentos e entidades engajadas nas lutas pelo fim da ditadura militar e pela redemocratização do país. Atualmente sedia o Colégio Brasileiro de Altos Estudos⁵ da UFRJ.
4. **Criação do Conselho Regional de Enfermagem em 1973** - a partir da promulgação da Lei nº 5905/73, que credenciava e legitimava a categoria profissional, a

⁵Criado oficialmente em 12 de agosto de 2004 pelo então Magnífico Reitor, Professor Aloisio Teixeira, o Colégio Brasileiro de Altos Estudos é um órgão do Fórum de Ciência e Cultura. Trata-se de um centro universitário voltado para o fomento da pesquisa e interação interdisciplinares, assim como para o diálogo com o mundo extramuros – a sociedade científica e a sociedade civil (UFRJ, 2015).

enfermagem atingiu outro *status* profissional e social pela representatividade legal que passou a ter (BRASIL, 1973);

5. **Implantação do Currículo Novas Metodologias na EEAN em 1978** - definiu o ajustamento curricular integrando o aprender da teoria à prática, estudo/trabalho, diagnóstico/investigação (CARVALHO, 2009);
6. **Inauguração do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) da UFRJ em março de 1978** – determinou um novo ambiente de campo de prática, reunindo todos os estudantes da área da saúde.

Este breve panorama de fatos que influenciaram o ensino e a prática da enfermagem no país, quando observadas suas circunstâncias político-sociais, permite que se presuma uma mudança na identidade profissional do enfermeiro e, conseqüentemente, dos estudantes de enfermagem.

Sabe-se que o vestuário é uma forma de manifestação de identidades, sendo que o uniforme representa uma identidade coletiva (DUBAR, 2005; LURIE, 1997). O vestuário constitui um todo genérico formado pela relação entre indumentária e traje. No sentido pleno, é um “modelo social”, uma imagem mais ou menos padronizada de condutas coletivas previsíveis (BARTHES, 2005, p.268-70).

Para melhor compreensão do objeto de estudo, é necessário distinguir os termos roupa, traje, indumentária e vestuário, uma vez que o foco da pesquisa é o uniforme. A roupa é tudo o que se usa para cobrir o corpo com sentido utilitário. O traje constitui-se no modo pessoal como um usuário adota a indumentária que lhe é proposta por seu grupo (BARTHES, 2005, p.270). O autor destaca a existência de um movimento incessante de troca dialética entre traje e indumentária.

A relação entre traje e indumentária é uma relação semântica: a significação do vestuário cresce à medida que se passa do traje à indumentária; o traje é debilmente significativo, exprime mais do que notifica; a indumentária, ao contrário é fortemente significante, constitui uma relação intelectual, notificadora, entre o usuário e seu grupo (BARTHES, 2005, p.273).

A indumentária é uma realidade institucional, essencialmente social, que independe do indivíduo, tal como a reserva sistemática e normativa. É propriamente o objeto da pesquisa histórica, exatamente porque vive em estreita simbiose com seu meio histórico. A indumentária ultrapassa a ideia de ser apenas o vestuário. Sua linguagem é determinada pelo conjunto constituído por roupas, calçados, bolsas e acessórios, cada qual com suas significações particulares que, somados, definem o aspecto exterior do indivíduo.

Conforme afirma Barthes (2005, p. 266), “a indumentária é um sistema como uma estrutura cujos elementos nunca têm valor próprio, mas são significantes por estarem interligados por um conjunto de normas coletivas”.

Diante de tais definições, chama-se a atenção para o fato de que, nesta pesquisa, dependendo da análise histórico-social em que se inserir a discussão acerca do uniforme, este poderá ser referido como traje, indumentária ou vestuário. Para manter esta linha de raciocínio, é útil a afirmação de Lurie (1997) de que se pode incluir o uniforme nos termos vestuário e indumentária, caracterizando-o como um tipo específico de traje determinado por autoridades externas.

Portanto, é o uniforme, enquanto indumentária, que se tornará mais marcadamente o objeto de estudo desta tese, uma vez que a proposta é apresentar os hábitos e os costumes de um determinado grupo social em relação ao uso do uniforme, em distintos momentos históricos.

Para o público leigo, as roupas representam uma espécie de espelho de si mesmo. Sua simbologia varia entre culturas e traz a representação imagética de grupo. De forma geral, implicitamente as vestimentas, trazem consigo marcas identitárias e separatistas da sociedade em determinadas classes (BARTHES, 2009).

Sendo assim, a roupa, independentemente da época, tem a função de distinguir a classe social à qual o indivíduo pertence e significar o papel que ele representa na sociedade, bem como a função que desempenha nesse grupo social (MARTINS; MARTINS, 2011).

Nesse sentido, é possível afirmar que a imagem de profissionais na área da saúde, mais especificamente do enfermeiro, formou-se no imaginário coletivo com base em uma identidade visual criada pelo uso do uniforme.

Nos idos de 1900, na Europa, o uniforme de enfermeiros era escuro. A partir de 1920, a mudança de cor esteve ligada à questão higiênica, às descobertas científicas na área da bacteriologia, à antissepsia e à assepsia, de modo que a limpeza se tornou elemento essencial no processo de trabalho destes profissionais. Desse modo, o avental tornou-se emblemático, assim como a higiene do vestuário e a higiene pessoal (SALGUEIRO, 2000).

Além disso, o branco, cor simbólica da área da saúde, é repleto de significados culturais. Está associado à simplicidade, limpeza, paz, pureza, harmonia e estabilidade e, portanto, apresenta uma forte conotação simbólica de higiene e saúde, aspectos que, culturalmente, espera-se que sejam valorizados por médicos, odontólogos, enfermeiros e demais profissionais que tratam a pessoa doente (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

A linguagem visual das roupas, enquanto cultura material, indica que o branco é uma constante para muitos profissionais da saúde. O que era sinônimo de limpeza, passou a ser visto como regra. Entretanto, o uso dessa cor nas roupas veio permeado por diferentes significados: tanto de pureza como de homogeneização, distinção de classe e *status* (MARTINS; MARTINS, 2011).

O uniforme de estudantes de enfermagem, quando observado a partir do advento da Enfermagem Moderna, sempre foi constituído de roupa (vestido, saia, calça comprida, blusa, etc.) e acessórios (avental, jaleco, broche, touca, braçadeira, maleta, chapéu, etc.). Ao longo dos anos, houve a inserção e retirada de alguns desses acessórios, bem como a mudança dos modelos e cores das roupas, a depender do tempo histórico e da instituição.

A utilização do uniforme no Brasil tinha o objetivo inicial de identificar estudantes de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados da mesma forma. Por meio da organização estética de seus estudantes, a escola podia firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade (LONZA, 2005).

O uso de uniforme em instituições de ensino, religiosas, militares, entre outras, relaciona-se com a construção da identidade dos grupos e justifica-se pelo fato de ser um tipo de vestuário criado para permitir a identificação de seus integrantes, suas posições hierárquicas, além de atender a aspectos funcionais da função exercida. O uniforme confere, a quem o usa, identidade profissional e social (LURIE, 1997).

Assim como na história dos uniformes de colégios tradicionais do Rio de Janeiro observam-se adaptações de acordo com a tendência da moda à época e as mudanças político-sociais ocorridas no país (LONZA, 2005), a tradicional EEAN, ao se tornar uma escola mista, por força da RU/68, também teve que se adaptar aos novos tempos.

Cabe comentar que mudanças nos uniformes de estudantes já tinham ocorrido anteriormente por necessidades de adaptação à moda, bem como a questões funcionais e ambientais como o trabalho realizado e o clima local (PERES; BARREIRA, 2003).

Por um longo período, a EEAN ocupou posição privilegiada na sociedade enquanto instituição de ensino de enfermagem. As transformações no vestuário dos estudantes estão relacionadas ao próprio desenvolvimento técnico-científico e organizativo da profissão, bem como a mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos de funcionamento desta Escola.

As políticas públicas de saúde e educação no país também foram importantes influências para as mudanças na maneira de pensar, agir e gerir a Escola. Inclui-se nesse processo a maneira de se vestir e agir na sociedade moderna, aspectos diretamente ligados às

transformações socioculturais que certamente tiveram importante papel nas mudanças dos uniformes na EEAN, em especial as ocorridas na década de 1980, referentes ao modelo e à cor.

Diante destas concepções, os uniformes dos enfermeiros serão discutidos como vetores da moda que comunicam os sentidos e os valores de que foram revestidos seus corpos, imprimindo uma identidade profissional a esta categoria.

Dessa forma, a **Tese** defendida é a de que a identidade profissional dos enfermeiros da EEAN se formou no imaginário social com base na identidade visual criada pelo uso do uniforme no cotidiano institucional. Tal identidade foi também consagrada nos rituais acadêmicos que, assim como o vestuário, foram atualizados ao longo dos anos em decorrência das mudanças no contexto sociocultural e político da universidade, da profissão de enfermagem e da moda no país.

Para nortear o desenvolvimento da pesquisa foram traçados os seguintes objetivos.

Objetivo Geral

- ✓ Avaliar a função do uniforme no processo de construção, manutenção e preservação da identidade profissional do enfermeiro formado pela EEAN.

Objetivos Específicos

- ✓ Descrever a função dos uniformes usados pelos estudantes da EEAN no cotidiano institucional.
- ✓ Analisar as estratégias para a construção da identidade profissional nos estudantes da EEAN diante das alterações nos uniformes e nos rituais que solenizavam seu uso.
- ✓ Discutir o significado do vestuário na construção, manutenção e preservação da identidade profissional do enfermeiro formado na EEAN.

Interesse pelo tema e justificativa do estudo

A motivação para realizar este estudo partiu da afinidade da autora pela temática quando bolsista de Iniciação Científica junto ao Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras) da EEAN/UFRJ. Em 2009, tornou-se mestre pelo mesmo grupo de pesquisa e, desde então, atua como docente da disciplina de História da Enfermagem em uma instituição privada de ensino superior de enfermagem.

Além disso, o interesse neste tema em especial advém do fato de, ao longo da elaboração da Dissertação, ter consultado diversos materiais iconográficos que expunham a figura dos estudantes da EEAN com os seus diferentes vestuários e em diversos contextos sociais, sobre os quais não pôde se debruçar para uma análise mais aprofundada, por não ser este seu objetivo à época.

Na pesquisa desenvolvida no curso de mestrado foi possível evidenciar que os fatores que mais contribuíram para a formação da identidade profissional das três primeiras carreiras essencialmente femininas na área da saúde (enfermagem, nutrição e serviço social) estiveram ligados ao acúmulo de patrimônios e a atitudes estratégicas das diretoras da EEAN (APERIBENSE⁶, 2009).

Sendo assim, o ingresso no curso de doutorado oportunizou investigar a temática “vestuário e identidade profissional do enfermeiro”, por meio de uma análise da subjetividade presente nos uniformes. Somando-se os estudos iniciados por ocasião do doutorado aos resultados obtidos no mestrado, guardadas as devidas proporções por se tratar de outro tema, foi possível aprofundá-los e aperfeiçoá-los com o apoio de outras fontes e distintos referenciais teóricos, o que contribuiu significativamente para a formação da autora enquanto pesquisadora, prerrogativa de um curso de doutoramento.

Relevância do estudo

A relevância para que esta pesquisa fosse desenvolvida remete ao seu valor histórico, por eternizar a memória da profissão de enfermagem no que tange ao seu desenvolvimento científico e profissional, de modo a possibilitar uma compreensão sobre a construção da identidade profissional do enfermeiro relacionada à sua imagem social, que tem implicação direta com o vestuário.

Também se faz relevante o registro histórico de fatos que permearam o uso de uniformes na EEAN, devido à importância desta Instituição como responsável pela implantação do Sistema Nightingale no país e como disseminadora de um modelo profissional na primeira metade do século XX.

Além disso, os resultados da investigação acrescentarão informações históricas para a reflexão sobre o tema, que poderão se somar a outras pesquisas já desenvolvidas sobre uniformes em diferentes países, o que contribui para a historiografia da enfermagem como profissão no mundo.

⁶ Dissertação de mestrado defendida por mim em 2009, onde discutiu-se a contribuição da EEAN para a formação de três profissões femininas à luz da teoria da sociologia das profissões, de Eliot Freidson.

Contribuições do estudo

Considera-se que esta pesquisa contribui de diversas formas para a enfermagem e para a história da saúde e da educação no Brasil. Conforme afirma Peter Burke (2011), o registro da história já se justifica por si só. No entanto, esta pesquisa contribui para além do registro histórico, pois traz elementos para o conhecimento e reconhecimento de uma instituição de ensino de enfermagem de grande valor histórico no país.

O estudo contribui ainda para o fortalecimento da linha de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira do Programa de Pós-Graduação da EEAN/UFRJ, uma vez que este projeto enquadra-se na linha de pesquisa da Dra. Maria Angélica de Almeida Peres intitulada: “*Imagem e identidade: significado do vestuário na trajetória histórica da enfermagem brasileira*”, cadastrada no CNPq, desenvolvida no âmbito do NUPHEBRAS.

Também, por utilizar o acervo fotográfico digitalizado de aproximadamente 1500 fotos do Centro de Documentação da EEAN (CEDOC/EEAN) como local de busca de fontes primárias para esta pesquisa, toda e qualquer citação a este trabalho em eventos e no formato de artigo ampliará a sua divulgação em cenário nacional e internacional.

Além disso, foi possível agregar mais fotografias ao referido banco, uma vez que houve a busca de fotos ainda não digitalizadas no próprio CEDOC/EEAN e nos acervos pessoais dos colaboradores. Destaca-se ainda, a incorporação de novas fontes orais ao acervo de História Oral, mediante a doação das entrevistas realizadas para esta Tese ao referido Centro pelos colaboradores (APÊNDICE A).

A contribuição para a comunidade acadêmica é evidente, visto que, por ser o ensino de história da enfermagem obrigatório nos Cursos de Graduação em Enfermagem no país, os resultados das pesquisas oriundas deste projeto servirão de material didático possível de ser utilizado para a formação no âmbito da graduação, estendendo-se ao ensino de enfermagem em nível médio e de pós-graduação, trazendo informações sobre a história da profissão.

No que diz respeito ao campo assistencial e à prática profissional, a contribuição se dá pela oferta de material crítico-reflexivo sobre a identidade do enfermeiro na sociedade e pelas discussões a serem fomentadas pelo estudo nos diversos locais onde será apresentado.

Além disso, ao ser incorporado ao acervo da UFRJ pelo Sistema de Biblioteca *on-line* (Base minerva) e ao Portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), terá acesso livre pela rede virtual, podendo ser lido, vindo a subsidiar questões atuais enfrentadas pela enfermagem, como discussões acerca do

uso do uniforme para identificação e distinção dos profissionais da saúde em ambientes hospitalares; a obrigatoriedade do vestuário específico em unidades como Centro Cirúrgico, Centro de Tratamento Intensivo (CTI), Emergência, dentre outras. Poderá também subsidiar debates sobre o uso adequado de uniformes por estudantes de graduação, ainda presentes na maioria das instituições de ensino superior de enfermagem privadas e públicas.

Ainda sobre os uniformes, cabe mencionar que sua adoção sempre constituiu uma preocupação na área da saúde. Ainda hoje eles existem e diferenciam os profissionais de saúde em muitas instituições, a exemplo de um hospital privado da cidade do Rio de Janeiro, onde os enfermeiros, nutricionistas e fisioterapeutas, nas unidades de internação, usam calça comprida, blusa e jaleco brancos; os médicos vestem calça comprida preta com blusa e jaleco brancos, e os técnicos de enfermagem, calça comprida e jaleco verdes.

Assim como este, outros exemplos poderiam ser aqui citados, uma vez que cada instituição de saúde opta pelo uso ou não de uniformes, bem como por seu modelo, cor e acessórios. O que importa demonstrar é que este estudo contribui para a compreensão da identidade profissional e da prática dos profissionais da enfermagem e da saúde, na medida em que seus trabalhadores precisam usar roupas adequadas ao ambiente de trabalho, e seu vestuário deve ter a função protetora dos riscos advindos do exercício profissional, ao tempo em que devem oferecer conforto e praticidade, além de distingui-los entre si.

REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico deste estudo será constituído por autores que tratam de vestuário e identidade profissional, com destaque para Roland Barthes (2009, 2005) e Alison Lurie (1997), que estudaram o vestuário como linguagem não verbal, além de Claude Dubar (2005), que discorre sobre a construção do conceito de identidades. Para melhor compreender a função dos uniformes na EEAN, acrescentam-se os conceitos de disciplinarização do corpo, de Michel Foucault (1999). A integração desses autores permite perceber como o vestuário interferiu na construção de identidades, mais especificamente da identidade profissional do enfermeiro “ananéri”.

Cabe aqui um esclarecimento sobre o uso deste termo. A Escola de Enfermagem Anna Nery, pelo Decreto 20.109/1931, tornou-se “Escola oficial padrão”, ou seja, modelo para equiparação de todas as Escolas de Enfermagem do país, o que garantiu uniformidade à formação de enfermeiras genericamente denominadas “de alto padrão” ou “padrão Ana Néri” (BRASIL, 1931). Nesse sentido, o termo “ananéri” passou a ser referência para adjetivar a

profissão como indicativo de qualidade. Ao mesmo tempo, surgiu o termo “anannerismo”, registrado por Rossi (1992, apud BARREIRA, 1992, p.7), como “um produto cultural, um modo de estar no mundo, uma forma de pertencimento a um grupo diferenciado dos outros, que pressiona também no sentido da criação de um ethos grupal, criando as condições de possibilidade de uma identidade profissional”.

Vestuário segundo Roland Barthes

“Tenho uma doença: eu vejo a linguagem. Aquilo que eu deveria somente escutar, por uma estranha pulsão, perversa porquanto o desejo aí se engana de objeto, me é revelado como uma visão (...)”.
(Barthes, 2009)

Os conceitos e pensamentos de Roland Barthes (1915-1980), escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês, acerca da roupa estão descritos em sua obra “Sistema da Moda” (2009), um livro sobre método que trabalha o conceito de semiologia da moda. Na obra, o autor faz uma análise semântica e estrutural do vestuário feminino e debruça-se também sobre a estrutura e o “jogo” de significados desse próprio discurso. Outro estudo que se dedica a esta temática é “Imagem e Moda” (2005), no qual os textos do autor dedicados à retórica da imagem foram compilados.

Segundo Barthes (2009), existem três tipos de vestuário: vestuário-imagem; vestuário escrito e vestuário real. O primeiro refere-se àquele que se apresenta fotografado ou desenhado, formado pela estrutura icônica. O segundo representa-se transformado em linguagem, descrito, em que as palavras carregam, juntamente com os traços indumentários já construídos, um sistema de significação diferenciando-se do primeiro por ser uma estrutura verbal. Apesar de expressa em palavras, a roupa continua a preservar a neutralidade da descrição sem imprimir a ela sentido, significado, história. O terceiro trata do produzido por diversos atos no processo de fabricação, logo formado por estruturas tecnológicas.

Para o semiólogo, não é possível estudar todas as substâncias ao mesmo tempo, pois cada uma das estruturas requer uma análise original, visto que não se pode definir uma estrutura fora da identidade substancial das unidades que a compõem. Desse modo, o autor diferencia a Sociologia da Moda da Semiologia da Moda: enquanto a primeira “procura sistematizar condutas, podendo relacioná-las com condições sociais, níveis de vida e papéis desempenhados”, a segunda “descreve um vestuário que fica o tempo todo no imaginário, puramente intelectual. A sociologia da Moda está inteiramente voltada para o vestuário real; a semiologia, para o conjunto de representações coletivas”, de maneira a divulgar a moda com um *sentido* (BARTHES, 2009, p.29).

Assim, esta pesquisa contempla as discussões acerca do vestuário-imagem e do vestuário escrito, pois não é mais possível ter acesso às roupas, apenas às pessoas ainda vivas que, por meio de suas lembranças, podem descrever os fatos e a indumentária que compunha os uniformes, recorrendo, quando possível, a imagens fotográficas de acervos pessoais ou que possam ser recuperadas em banco de fotos do CEDOC/EEAN.

Cabe aqui destacar ainda a importância do vestuário escrito. Segundo Barthes (2009, p.34), “existem funções específicas da linguagem das quais a imagem não poderia dar conta independente de seu desenvolvimento na sociedade contemporânea”. Por esta razão, recorre-se a funções específicas da linguagem, as quais definem informações que a fotografia ou o desenho não podem transmitir.

Além disso, para corroborar esta condição, Barthes sinaliza que apenas o vestuário escrito não tem qualquer função prática ou estética e, portanto, não há prejuízo em sua análise, pois ao descrever determinado vestuário com palavras, deseja-se única e exclusivamente transmitir uma informação cujo conteúdo é a moda. Desse modo, pode-se dizer que “o ser do vestuário escrito está inteiramente em seu sentido, que nele temos as maiores possibilidades de encontrar a pertinência semântica em toda a sua pureza” (BARTHES, 2009, p.27).

Roland Barthes é o inaugurador da vertente que estuda a moda como signo de sociedade. Para o autor, o vestuário é uma linguagem abstrata que carrega em si aspectos práticos e simbólicos que permitem comunicar informações sobre quem o está usando, sua época e influência. Utilizado como interface entre o corpo humano e o meio em que se vive (cultura, sociedade, economia), suas funções são múltiplas e suas origens complexas, não podendo ser reduzido unicamente à sua funcionalidade.

Nacif (2007) corrobora este pensamento ao afirmar que o traje possui significado social evidenciado pela estética do vestuário, ao mesmo tempo em que esta estética revela a ligação intelectual e afetiva estabelecida entre as roupas e seus usuários. Assim, ressalta-se o caráter significante do vestuário, que se sobrepõe aos seus aspectos estético e funcional, pela necessidade de manifestar um significado. “Por mais funcional que seja, o vestuário real sempre comporta um elemento sinalético, uma vez que toda função é pelo menos signo de si mesma” (BARTHES, 2009, p.390). Diante do exposto, conforme enunciado já nos primeiros parágrafos desta tese, em virtude de sua natureza social, não caberia falar apenas de *função* do uniforme, mas em sua *função-signo* (BARTHES, 2009).

Não é fácil acompanhar a evolução de uma estrutura – a indumentária – que é ao mesmo tempo sistema e história. Sob esta perspectiva, a indumentária é:

Uma estrutura completa, constituída de uma rede funcional de normas e formas cuja transformação ou o deslocamento de um elemento pode modificar o conjunto, produzir uma nova estrutura estando sempre diante de equilíbrios em movimento, instituições em devir (BARTHES, 2005, p.267).

Os uniformes utilizados na EEAN no recorte temporal serão analisados com base na história das indumentárias, considerando-se as diferenças internas, próprias do sistema indumentário, ou seja, a evolução da moda ao longo dos anos; e as externas, extraídas da história geral. É preciso contextualizar o uso destes uniformes considerando uma estrutura cujos elementos são significantes por estarem interligados por um conjunto de normas coletivas que regulam a disposição das peças num usuário conferindo-lhe valor enquanto indumentária.

Nossas roupas constituem um vocabulário e uma gramática tão precisa e plena de intenções subconscientes quanto qualquer linguagem verbal. Quer gostemos ou não, nossas roupas e adereços proclamam nosso sexo, idade, classe social e ideias políticas, e, muitas vezes, fornecem informações importantes (ou falsas) a respeito de nossa ocupação, personalidade, opiniões, gostos desejos e estado de ânimo (Lurie, 1997, p.189).

A autora textualiza o tempo em que esta linguagem está inserida, quais as referências históricas que influenciariam determinadas vestimentas e o que caracteriza cada grupo ou pessoa. Para tanto, percorre estética, psicologia, ética, artes plásticas, sociologia, economia, história e literatura, entre outras ciências, o que reafirma a ideia de adotá-la nesta Tese, enquanto referencial, pois se trata de um clássico que, naturalmente, atende às expectativas desde o estudante de moda ao jornalista ou historiador.

O conceito de identidade

Ao refletir sobre a construção da identidade profissional, tomam-se como referência as contribuições e os conceitos do sociólogo francês Claude Dubar, expostos em sua obra “A Socialização: construção das identidades Profissional e Social” (2005), em que “a identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou mais ou menos duradoura” (DUBAR, 2005, p.135). A identidade profissional não se desenvolve apenas em determinados momentos, mas perpassa toda uma trajetória de vida, sempre num processo de construção/desconstrução e reconstrução.

A identidade de qualquer profissão se constrói por diferentes fatores que incluem o vestuário, a postura, a formação teórico-prática, dentre outros. A identidade profissional é coletiva e não se constrói apenas com a escolha de um ofício ou mediante a aquisição de um

diploma, pois se articula com a identidade individual, numa transação ao mesmo tempo "interna" e "externa", estabelecida entre o indivíduo e as instituições com as quais interage (DUBAR, 2005).

O conceito de identidade, segundo Hall (2006), possui três concepções básicas muito diferentes: o sujeito do Iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Na discussão desta pesquisa, será utilizado o conceito de identidade com base no sujeito sociológico, em que se considera a concepção interativa da identidade do eu, onde a identidade era formada na interação entre o eu e a sociedade. Ou seja, construída na relação com “outras pessoas importantes para ele” que mediavam os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que habitavam.

Atrelados ao conceito de identidade estão outros dois termos que complementam e permitem um melhor entendimento de como o conceito de identidade é formado, a saber, *diferença e representação*.

Cabe ainda esclarecer a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre a *representação*. A representação, compreendida como processo cultural, inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito, ou seja, o estudante uniformizado visto como futuro profissional (WOODWARD, 2011).

A moda não é um fenômeno universal, mas próprio de certas sociedades e de determinadas épocas. A moda vai alcançar mobilidade e abrangência condizentes com as novas conquistas da modernidade. Souza (1987, p.13), historiógrafa das vestimentas, trata de “definir a coerência do fenômeno moda, relacionando-o com a estrutura social, conforme os diferentes níveis problemáticos em que ela se apresenta”. Nesta pesquisa, o termo moda é utilizado em sentido mais restrito, reservado às mudanças periódicas nos estilos de vestimenta e nos demais detalhes da ornamentação pessoal das estudantes, professoras e enfermeiros da EEAN.

A imagem como representação do real eleva-se à categoria de signo. Quando um signo se torna uma convenção, passa a ser um símbolo e, se caracterizado por ser um mediador de participação humana, é considerado um símbolo social ou um código cultural. Baseadas nessa ideia, muitas organizações e pessoas utilizam os símbolos presentes no imaginário coletivo para transmitir a imagem da marca (produto/serviço) e identidade pessoal ou profissional (MARTINS; MARTINS, 2011).

Neste contexto, os uniformes, aqui entendidos como elementos padronizados, constituíram-se como recurso estratégico na formação da imagem profissional e da identidade do enfermeiro. E este vestuário será analisado com base nas relações entre o seu significante

particular (uniforme) e o seu significado geral, que lhe é exterior (época, país, classe social). Esta relação, no entanto, não se dá de modo simples e linear. Há que considerar no tempo, ora a história do significante, ora a história do significado (BARTHES, 2005).

Vestuário e identidade da enfermagem

O vestuário, em especial, tem linguagem própria. Estudos sobre uniformes fornecem elementos da construção de identidades profissionais por meio de abordagens que transmitem o sentido de pertença a um grupo ou a uma instituição (SALGUEIRO, 2000). No caso da mulher enfermeira, o uso de roupas e acessórios específicos como o avental, o véu e a touca marca sua imagem mundialmente e estabelece uma distinção social e hierárquica (PERES; PADILHA, 2014).

Estudar os uniformes de enfermeiros é tarefa ainda em andamento por diversos pesquisadores da enfermagem. A questão da construção de uma identidade é amplamente discutida no campo das ciências, sendo que muitos autores concordam que a aquisição da identidade é um processo contínuo que sofre mudanças no decorrer dos tempos (DUBAR, 2005).

Os estudos de Peres (2003, 2014) demonstram que os rituais dedicados à valorização do uniforme na EEAN, padrão de ensino de enfermagem no país de 1931 a 1949, influenciaram positivamente na implantação de um novo modelo de enfermagem e na formação de uma identidade profissional de enfermeiras no Brasil, no início do século XX. Especialmente, a Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias fez nascer e reconhecer um novo modelo de ensino e de assistência de enfermagem na sociedade, com atribuição de significados vocacionais e identitários ao seu uso.

Portanto, pode-se considerar que a identidade da moda está relacionada à mudança social. O vestuário, no sentido da vestimenta, desempenha papel importante na construção social da identidade, no caso proposto nesta pesquisa, a construção da identidade profissional do enfermeiro formado na EEAN. Todavia, essas identidades se reproduzem e se transformam pela própria dinâmica social, fazendo com que sua dimensão profissional adquira uma importância particular por também condicionar a construção das identidades sociais (DUBAR, 2005).

A construção da identidade profissional do enfermeiro é um movimento dinâmico, que integra um contexto sociocultural, histórico e econômico, e envolve mudanças estruturais,

como processos centrais na forma de agir e pensar de uma sociedade. São as tendências sociais que levam à reorganização de seu significado (OLIVEIRA, 2006).

Mesmo sabendo que o método escolhido para pesquisar tem local, tempo e grupo determinados, considera-se que as representações destes enfermeiros sobre identidade devem desencadear reflexões a respeito da prática profissional e acadêmica. Tais reflexões fazem do tema uma questão atual, visto que hoje em dia há uma crise de identidade na categoria da enfermagem e da área da saúde como um todo.

A imagem significa o quadro que uma pessoa tem do objeto de sua vivência. A imagem profissional do enfermeiro é uma rede de representações sociais da profissão. Seu conceito está intimamente ligado à ideia de prestígio social, e sua construção relaciona-se a concepções, sentimentos e atitudes (NAUDERER; LIMA, 2005).

Para Silva, Padilha e Borenstein (2002, p.588), a imagem profissional “é representada por um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas ideologias originadas no contexto das práticas sociais, internas/externas a ela”. Assim, a imagem profissional remete à identidade da profissão, relacionada a suas características e significados exclusivos. Essa relação imagem/identidade é um fenômeno histórico, social e político, configurando-se em uma totalidade contraditória, múltipla e mutável.

A imagem de qualquer categoria profissional na sociedade pode ser associada a poder, reconhecimento e status. O que a sociedade pensa do profissional é tão importante quanto aquilo que ele é, pois a projeção de uma imagem negativa dificulta o desenvolvimento da profissão e o seu reconhecimento por parte da sociedade (SANTOS et al, 1988).

Resultados de um estudo produzido no Irã demonstram que o conceito da imagem da enfermagem é multidimensional, paradoxal, dinâmico e complexo. Implica, para sua definição, elementos como invisibilidade, estilo de roupa, comportamentos dos enfermeiros, questões de gênero e as organizações profissionais. No que diz respeito à roupa, os autores destacam que, se por um lado, a razão original para projetar o uniforme era refletir a imagem de asseio, limpeza e servidão, acreditando que uma aparência arrumada e limpa facilitasse a profissionalização da enfermagem e projetasse uma imagem corporativa, por outro lado, consideram que a aparência impressiona significativamente e que os uniformes explicitam um senso de identidade, apesar de não serem capazes de garantir o profissionalismo do enfermeiro (REZAEI-ADARYANI; SALSALI; MOHAMMADI, 2012).

A identidade é relacional, ou seja, para ela existir, depende de algo fora dela, mas que, entretanto, fornece as condições para que exista de modo que a identidade é marcada pela diferença (HALL, 2006). Desse modo, pode-se considerar que a identidade dos estudantes da

EEAN era determinada pela forma como a sociedade, os outros profissionais, as professoras, estudantes de outras áreas da saúde, os pacientes, enfim os sujeitos externos à EEAN, percebiam, no desenvolvimento de suas atividades de estágio, um estilo de atitude que diferenciava os “ananéri” dos demais estudantes de outras escolas, ou profissionais enfermeiros do setor. Os estudantes da EEAN determinavam sua identidade pela atitude, por seus comportamentos em campo prático, que os diferenciavam sobremaneira de quaisquer outros.

O autor afirma ainda que a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. A marcação simbólica da EEAN era, principalmente, em função da presença de seus estudantes com um uniforme tão diferenciado nos campos de estágio que se destacavam de todo o resto do grupo de profissionais da saúde naquele ambiente. E, ainda, com a postura que ostentavam quando uniformizados, pois ali dividiam espaço com enfermeiros já formados. Os símbolos são significantes importantes da diferença e da identidade, de modo que esta adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada (SILVA, 2011, p.8-10).

Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (SILVA, 2011, p.14).

A construção da identidade envolve reivindicações essencialistas sobre determinado grupo identitário, e essas reivindicações estão baseadas em alguma versão da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável (SILVA, 2011, p.13).

O grupo identitário de estudantes da EEAN tem sua história determinada pela fama consolidada de sua expertise e excelência de ensino, trazida pelas enfermeiras norte-americanas e reafirmada após o Decreto nº 20.109/1931, que determinava as condições de equiparação das escolas de enfermagem do país e definia a EEAN como Escola oficial padrão (BRASIL, 1931). Toda trajetória de reconhecimento e destaque da EEAN até os dias atuais tem sido mantida, guardadas as devidas proporções de desenvolvimento da profissão ao longo dos anos, o que reforça a ideia a que Hall se refere como verdade imutável.

A disciplinarização do corpo e o uniforme

O filósofo Michel Foucault escreveu sobre diferentes aspectos relacionados ao Poder do Estado na Sociedade. Nesta pesquisa será utilizado o conceito de Estado que Foucault chamou

de Estado Disciplinar, cujo objetivo é formatar os indivíduos em instituições como a escola, o trabalho e a família. Assim, eles devem se tornar úteis para a sociedade (FOUCAULT, 1999).

Essa noção de utilidade tem relação com o que Foucault (1999) chamou de corpos dóceis. Esta relação de docilidade-utilidade é determinada por meio de determinados mecanismos, como a disciplina (processos disciplinares), que manipula, normaliza e regulariza a fim de que se cumpram determinados objetivos.

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado [...] em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 1999, p.118).

A escala, o objeto e a modalidade do controle exercida pela EEAN serão analisados aqui com base no uniforme, na disciplina para sua manutenção e nos rituais que solenizavam seu uso. Ao analisar essas questões à luz da disciplinarização do corpo, é preciso considerar a concepção de poder proposta por Foucault (1999, p.118), em que a disciplina (ou poder disciplinar) é um tipo específico de poder. “É falso definir o poder como algo que diz não, que impõe limites, que castiga. O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade”.

A “mecânica do poder” define como é possível ter domínio sobre o corpo dos outros não simplesmente para que se faça o que se quer, mas para que operem como se quer. Assim, a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, “dóceis”; um corpo caracterizado por “aptidão aumentada” em detrimento de “dominação acentuada” (FOUCAULT, 1999, p.118).

De maneira discreta, mas permanente, as formas de organização espacial e os regimes disciplinares da EEAN conjugam controle de movimentos, de horários, de rituais, regularização do cotidiano por meio do controle dos corpos, assumindo a tarefa de formar, corrigir e qualificar o estudante, tornando-o um ente capaz de produzir.

Utilizou-se deste conceito de Foucault para analisar como o uniforme e as circunstâncias que cercavam seu uso foram importantes objetos de disciplinarização do corpo dos estudantes da EEAN, no sentido de moldar um estereótipo para o enfermeiro “ananéri” e determinar uma identidade profissional para a categoria.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola nunca tendo certeza do seu destino” (Leonardo da Vinci).

O método é a determinação do caminho a ser percorrido durante o desenvolvimento de uma pesquisa. Este estudo se propõe a trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem

sócio-histórica. O delineamento metodológico da pesquisa sócio-histórica segue as premissas da pesquisa social, em que se deseja compreender os comportamentos com base na perspectiva dos sujeitos envolvidos nos fatos, considerando os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico.

Trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica “consiste, pois, numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social” (FREITAS, 2002, p.28).

Cabe ressaltar ainda que a temática aqui abordada possui uma tendência à interdisciplinaridade, como se observa em estudos desta área (SILVA; MATOS; SILVA, 2007).

Andrade (2001), em sua publicação que trata da roupa como documento histórico, defende a importância da diversificação das fontes para um estudo mais efetivo e menos distorcido pela generalização dos métodos tradicionais de análise, em que a roupa é ilustrativa, representativa de uma série de aspectos da moda, como estilo, *design*, forma e cor. A autora destaca ainda que a roupa tem sido usada como documento histórico, evidência cultural e material da sociedade, tornando o estudo menos semiológico e mais multidisciplinar, no qual coexistem áreas como a história, a etnologia, a etnografia, a arqueologia e a sociologia.

Desse modo, esta pesquisa possui uma vertente em outras áreas de estudo que abrangem, por exemplo, a historiografia, sociologia, a antropologia, as ciências sociais e a moda, uma vez que esta temática discute, para além do significado da roupa, a relação desta com a formação da identidade de um grupo profissional e, mais especificamente, o caso da identidade do enfermeiro formado pela EEAN por meio do uso de uniformes durante a graduação.

O uniforme será aqui discutido considerando o conjunto de elementos que indicam a problemática histórica, a vida social e cultural de um grupo e da sociedade à época, permitindo compreender as relações sociais, a vida e o cotidiano estabelecidos por meio de seu uso.

Tipificação do estudo

*A história se faz com documentos escritos, quando existem.
Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador...
Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. [...] Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos.
(Lucien Lebre, 1953)*

Trata-se de um estudo sócio-histórico, de natureza qualitativa, que utiliza uma abordagem sistemática de pesquisa caracterizada por coleta, organização e avaliação crítica de dados relacionados ao passado.

Em virtude da natureza do estudo sócio-histórico, é necessário definir uma situação histórica que se configure em uma problemática que justifique a realização de uma pesquisa, tendo sempre em vista que nunca serão alcançados resultados que apresentem uma perfeita descrição dos fatos ocorridos no passado. O que é possível de se fazer é uma leitura do passado segundo perspectivas sociais, teóricas, ou uma concepção de vida, de mundo. Assim, o método de pesquisa histórico reconhece que, para um mesmo objeto, há uma diversidade de abordagens (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

Além disso, em se tratando de analisar a história do tempo presente, é preciso considerar as possibilidades e dificuldades de sua abordagem, principalmente no que diz respeito à crise interpretativa entre gerações, à mudança de perspectiva de um indivíduo com a progressão da história e ao senso comum, pressupostos compartilhados pela maioria dos indivíduos (HOBSBAWM, 1995).

Os fatores supracitados foram observados com bastante cautela no transcorrer da pesquisa e, sobretudo, na interpretação dos dados coletados durante entrevistas, visto que muitos dos colaboradores, ex-alunos da EEAN, são atualmente professores na ativa ou aposentados, além de inserirem-se em um contexto histórico-político-sócio-cultural bastante diferenciado atualmente em relação ao tempo em que estiveram na Escola como estudantes.

Em estudos históricos, os documentos chamados de fontes primárias são fundamentais para obtenção de resultados confiáveis por meio de uma metodologia sistematizada que permite escrever sobre fatos ocorridos no passado (BACELLAR, 2005).

Nos primeiros 30 anos do século XX apenas os documentos escritos eram tidos como confiáveis. Após discussões dos fundadores da revista “*Annales d’histoire économique et sociale*” (1929), o termo documento adquiriu um sentido mais amplo, principalmente porque Jacques Lefevre passou a duvidar da sua veracidade. Assim, o conceito de documento se ampliou, passando a ser interpretado como “tudo que sendo do homem, depende do homem, serve para o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” e, nesse sentido, contribui para fazer história (LE GOFF, 1990, p.540).

Diante do exposto, foram utilizados como fontes desta pesquisa documentos escritos, iconográficos e orais.

Os documentos escritos são:

1. **Fontes primárias:** Documentos referentes à gestão das Diretoras da EEAN no período do estudo (cartas, pareceres, memorandos, relatórios, etc.), localizados no CEDOC/EEAN.
2. **Fontes secundárias:** Localizadas na Biblioteca Setorial de Pós-Graduação da EEAN/UFRJ, na Biblioteca Virtual em Saúde – Enfermagem, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, em Bases de Dados tais como *Scielo* e *Medline*: Artigos, Teses de Doutorado, Dissertações de Mestrado e Livros que abordam temas como: imagem social e identidade do enfermeiro, papel e evolução do vestuário, história da moda e história da enfermagem.

Os documentos iconográficos são desenhos e fotografias que registram os uniformes usados pelos estudantes de graduação da EEAN no período do estudo. Foram localizados no CEDOC/EEAN e nos acervos pessoais de ex-alunos desta Escola.

Os documentos fotográficos permitem a visualização dos uniformes, ou seja, do vestuário imagético, descrito por Barthes (2009), possibilitando descrevê-los e analisá-los ao longo do recorte temporal, contextualizados no tempo em que estão inseridos e segundo a moda da época.

Os documentos orais são entrevistas com ex-alunos da EEAN que vivenciaram o período do estudo na condição de estudantes.

Procedimento para coleta e análise de dados

Coleta do documento escrito e fotográfico

Os documentos escritos e fotográficos foram selecionados no CEDOC/EEAN e no acervo pessoal de ex-alunos da Escola, numa busca sistemática de acordo com o tema e recorte temporal do estudo.

A roupa, concebida nesta Tese pelas fotografias, funciona como um desencadeador de lembranças. A memória age por analogias sensoriais, a imagem impressa da roupa, enquanto elemento visual, pode trazer de volta à consciência uma lembrança oculta que se acreditava esquecida. Entretanto, cabe atentar para o fato de que “uma recordação nunca é a reprodução de um acontecimento tal como se deu: é incessantemente remodelada, reformulada à luz do presente” (JOUBERT; STERN, 2007, p.130-31).

As fotografias do acervo pessoal dos colaboradores foram utilizadas para ajudar a restaurar a memória. Desde o momento em que os colaboradores aceitaram conceder a

entrevista, foi solicitado que levassem fotografias de sua época na universidade, em diferentes contextos, não só nas solenidades. Todos fizeram um esforço no sentido de encontrar seus álbuns ou conseguir fotos de suas épocas junto aos seus grupos em redes sociais. Estimulou-se que viessem à tona as lembranças de cada um.

No dia agendado para a entrevista, alguns relataram encontros e conversas prévias com seus antigos colegas de turma, num processo para lembrar os fatos vividos, mesmo antes das perguntas serem feitas e direcionadas para aquela época durante a entrevista. Assim, buscaram tornar mais vivas as lembranças que, uma vez estimuladas pela imagem, ajudaram na descrição dos traços singulares do tempo vivido.

No total, 17 colaboradores tiveram o apoio da fotografia como recurso de memória. O quantitativo de fotos doadas encontra-se apresentado no quadro 1, a seguir. As fotos foram distribuídas de acordo com o ano em que os colaboradores ingressaram na EEAN como estudantes. Cabe ressaltar que nem todas as fotografias foram usadas nesta pesquisa. Algumas foram excluídas por não retratarem o uso do uniforme, mas, diante do desejo dos colaboradores de fazer a doação, foram aceitas pela pesquisadora após consulta à Coordenadora do CEDOC/EEAN, que informou serem de interesse para a história da escola.

Quadro 1 – Número de fotografias do acervo pessoal dos colaboradores quando estudantes da EEAN.

Ano da Foto	1960	1966	1971	1973	1974	1975	1976	1981	1982	1984	1986	1987	TOTAL
nº de fotos	34	1	2	4	4	1	16	34	8	19	8	49	180

Fonte: Elaboração da autora

Os dados presentes nos documentos escritos e fotográficos foram coletados e organizados com o auxílio de um quadro para cada tipo de documento (APÊNDICE B), no qual estão registrados os documentos consultados, em ordem cronológica, seguindo a temática de que tratavam, sua autoria e localização.

Considerou-se relevante o arquivamento deste material em mídias digitais após registro de imagens por *scanner*, quando possível, ou mediante registro fotográfico, a fim de facilitar a consulta em cópia digitalizada do documento original. Esta medida também assegura que as fontes possam ser consultadas e revistas pela pesquisadora quantas vezes forem necessárias, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, independentemente de eventuais contratemplos no acervo, tais como greve de funcionários, danos ao acervo, entre outros.

No CEDOC/EEAN foram selecionadas fotografias de interesse para a pesquisa no acervo digitalizado. O acervo tem 1.557 fotografias em frente, verso e marca d'água, totalizando 4.671 imagens, e está dividido nas seguintes seções: Atos acadêmicos, AVAN (Associação de Voluntárias Anna Nery); Cotidiano; Eventos; Foto monumento; Outras instituições; Personalidades; Rituais. Este acervo foi pesquisado primeiramente, a fim de identificar os uniformes dos estudantes no período do estudo e, assim, estabelecer a necessidade de busca no arquivo impresso. Dentre as fotografias, foram utilizadas 722 para observação dos uniformes e, com base nestas, selecionadas apenas as que remetiam ao registro do uniforme no recorte temporal específico do estudo, o que determinou um total de 29 fotos selecionadas.

Análise do documento escrito e fotográfico

Na análise documental levou-se em consideração, como afirma Le Goff (1990), que o documento não fala por si mesmo, mas precisa ser problematizado, questionado e responder às perguntas propostas pelo pesquisador. De acordo com os interesses precisos no presente, o historiador escolhe os materiais com os quais irá trabalhar e formula as perguntas que lhe parecem pertinentes.

A história se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas. É com base nos vestígios preservados pelo tempo que é construída/reconstruída. Dessa maneira, foram utilizadas diversas fontes para garantir a escrita da história. A relação do pesquisador com as fontes é uma das bases sobre as quais se edifica a pesquisa histórica, pois as fontes são a matéria-prima básica, indispensáveis para a reconstituição do passado (SÁ-SILVA, 2009).

Como imagem/monumento, a fotografia revela a imagem de si que o passado queria ver perenizada no futuro - um ícone, um símbolo ou uma representação. Além disso, a imagem/documento revelaria aspectos da vida material que poucas crônicas ou narrativas poderiam oferecer. A imagem, no âmbito de uma pesquisa, torna-se, assim, uma fonte e um indutor de leituras potencializadas (LE GOFF, 1990).

A relação da fotografia com outros elementos de registro permite uma superposição de leituras que possibilita uma análise mais completa do objeto de estudo. As imagens são utilizadas como documento que permite estudar, interpretar e analisar o objeto de pesquisa. Entretanto, há que se considerar que

A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência. Seu potencial informativo poderá ser

alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos sociais, políticos, culturais, que circunscreveram no tempo e no espaço o ato da tomada do registro (KOSSOY, 2006, p.2).

Conforme afirmam Santos e Barreira (1999), a utilização da fotografia como fonte de informação possibilita a apreensão de outros significados além dos aspectos estéticos e ideológicos nela representados.

Nesta pesquisa, o objeto de estudo envolve a roupa e os acessórios usados por estudantes no campo de estágio da EEAN, bem como eventos e cerimônias ritualísticas em que o uso do uniforme era necessário. Assim, considera-se que a análise fotográfica se adequou muito convenientemente ao estudo em questão, entretanto a análise aqui sugerida segue uma abordagem semiótica da imagem proposta por Barthes (2009), ou seja, como recurso que fornecerá a materialização do vestuário imagético.

Para Barthes (1990), a relação entre a imagem simbólica e a imagem literal e o processo de conotação e denotação nas interpretações das imagens deve respeitar os conteúdos de significações que acompanham esteticamente o que é visto. Neste contexto, no processo de interpretação, as mensagens simbólicas e literais presentes na composição de uma imagem devem ser sobrepostas para que seja possível o desvendamento do universo de significação estética presente no seu conteúdo.

Os conjuntos simbólicos relativos à imagem expressam uma ratificação dos significantes de maior poder relevante nos espaços culturais, tornando possível a caracterização dos ícones da identidade e/ou formações identitárias de uma determinada cultura (BARTHES, 1990).

O vestuário imagético das estudantes da EEAN evidenciado nas fotografias foi melhor contextualizado e analisado após a realização das entrevistas, momento em que os colaboradores expressaram suas considerações sobre o uso do uniforme.

Os documentos não utilizados diretamente na pesquisa, mas com os quais se teve contato ao longo de sua elaboração, que tinham pertinência com este estudo, foram registrados em tabelas e/ou quadros para catalogação. Esta tabulação será doada ao CEDOC/EEAN, como forma de divulgação a outros pesquisadores que venham a consultar este material.

Coleta do documento oral

A técnica para a obtenção de novos documentos orais foi a História Oral Temática, que consiste na obtenção de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista. Estudiosos apontam que o testemunho oral tem sido considerado fonte de informação e, submetido a uma análise independente, permite recuperar a subjetividade da atitude do narrador em relação aos eventos históricos vividos. Uma vez integrado e confrontado com as outras fontes citadas anteriormente, torna mais rico seu potencial como fonte de pesquisa (SELAU, 2004; MEIHY, 2005; FREITAS, 2006; MATOS, SENNA, 2011; MEIHY, RIBEIRO, 2011; MEIHY, HOLANDA, 2013).

As fontes orais produzidas mediante a abordagem de História Oral Temática seguem um roteiro preestabelecido para cada entrevistado, personagens que vivenciaram ou testemunharam os eventos relacionados ao objeto de estudo.

O roteiro de entrevista é amplo e abrangente para ser utilizado em todas as entrevistas, garantindo-se certa unidade dos documentos produzidos. Porém, cabe ressaltar que a aplicação do roteiro nas entrevistas não ocorre de forma rígida, pois, muitas vezes, o colaborador introduz importantes questões não previstas no roteiro original. Assim, algumas demandas podem surgir naturalmente no discurso do colaborador, suscitando questionamentos para melhor elucidação de pontos levantados, o que resulta em maior enriquecimento da pesquisa (FREITAS, 2006).

A História Oral, por gerar contatos diferentes daqueles oriundos da relação com documentos escritos, demanda “um cerimonial que, por mais simples que seja, transforma a situação da pesquisa em evento social, ainda que íntimo” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.21). Dessa forma, os sujeitos selecionados para entrevista receberam uma carta de intenção para que esta pudesse ser realizada (APÊNDICE C) e tiveram acesso prévio aos respectivos roteiros, de acordo com o grupo em que se inseriam na época do recorte temporal desta pesquisa, quais sejam: estudantes (APÊNDICE D) e professores (APÊNDICE E) da EEAN.

Foram adotados, para definição da seleção dos colaboradores, utilizando a lógica de formação de uma comunidade de destino, colônia e rede apresentada por Meihy e Holanda (2013): como comunidade de destino, discentes e docentes que usaram uniforme na EEAN; como colônia, os que participaram e/ou testemunharam as mudanças no uniforme da Escola; como rede, ex-estudantes que usaram o uniforme masculino ou feminino; discentes da primeira turma sem touca; discentes da última turma com touca.

Foram entrevistados 39 colaboradores (Quadro 2) para abranger o recorte temporal inicial previsto no Projeto de Pesquisa (1969-1991), distribuídos da seguinte forma:

- ✎ 01 colaboradora ingressou na década de 1940, foi professora a partir de 1970 e estudante do Curso de Voluntárias Anna Nery antes de ser graduanda da Escola; usou o uniforme com avental, foi diretora durante a discussão da mudança do currículo (Projeto Novas Metodologias) e aposentou-se no ano em que houve a retirada da touca do uniforme das estudantes da EEAN. A duração de sua entrevista foi de 70 minutos;
- ✎ 07 colaboradoras ingressaram na Escola no período de 1950 até 1970. Neste recorte, vivenciaram o uso e a retirada do avental do uniforme de estudantes. A média de duração das entrevistas foi de 75 minutos;
- ✎ 06 colaboradoras ingressaram na Escola entre os anos de 1971 a 1973, nas duas primeiras turmas do vestibular unificado e no ano em que o internato foi desativado. Suas entrevistas duraram 65 minutos, em média;
- ✎ 07 colaboradores ingressaram na Escola entre 1974 e 1978, sendo que as deste último ano vivenciaram a implantação do currículo Novas Metodologias. Suas entrevistas duraram, em média, 75 minutos;
- ✎ 18 colaboradores ingressaram na Escola durante a década de 1980, portanto vivenciaram a mudança do currículo (Projeto Novas Metodologias), a entrada do jeans como uniforme e, mais especificamente, quatro vivenciaram o processo de retirada da touca entre os anos de 1989 e 1991. Essas entrevistas duraram, em média, 50 minutos cada.

Quadro 2 – Apresentação dos colaboradores⁷ que concederam entrevista e identificação do ano de entrada na EEAN, por ordem cronológica.

nº	Ano/posição		Colaboradores
	Estudante	Professora ⁸	
1.	1942-45	1970-1991	COELHO, Cecília Pecêgo
2.	1956-59	-----	GAMELEIRA, Maria Auxiliadora Barbosa
3.	1955/66	1970-1990	SANTOS, Gecy Aquino dos
4.	1960-63	-----	SANTOS, Maria Bernadete Bandeira dos
5.	1960-63	1994-2011	GOMES, Maria da Luz Barbosa
6.	1951-54	1954-atual	CARVALHO, Vilma de
7.	1957-60	1960-1989	PAIM, Lygia
8.	1966-69	1979-1994	FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de
9.	1971-74	1977-atual	SOUZA, Ivis Emília de Oliveira

⁷ Os colaboradores assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, em que autorizavam sua identificação nesta pesquisa.

⁸ O ano apresentado como início do tempo de professora diz respeito ao ano que os entrevistados, ou por contrato (professor substituto) ou por concurso (professora efetivo), iniciaram na docência na EEAN.

10.	1972-76	1991-2002	CARVALHO, Maria Tereza Coimbra de
11.	1972-75	-----	SIMÕES, Angela de Castro
12.	1972-76	1977-1993	PEDRO, Maria Cecília Cordeiro
13.	1972-76	1993-atual	PORTO, Isaura Setenta
14.	1973-76	-----	CARVALHO, Glória Maria de
15.	1974-78	1987-atual	LISBOA, Marcia Tereza Luz
16.	1974-78	1979-atual	OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos
17.	1974-78	1979-2011	LOYOLA, Cristina Maria
18.	1976-79	1990-2015	COELHO, Maria José
19.	1977-81	-----	SANCHEZ, Tania Sampaio
20.	1978-82	-----	MENDONÇA, George Luiz
21.	1978-82	1994-atual	BARROS, Walcyr de Oliveira
22.	-----	1980-1995	BARRETO, Elaci Sampaio
23.	-----	1981-2001	SAUTHIER, Jussara
24.	1981-1985	1994-atual	CAMERON, Lys Eiras
25.	1981-85	1995-atual	OLIVEIRA, Lilian Felipe Duarte de
26.	1981-85	1989-atual	CABRAL, Ivone Evangelista
27.	1981-85	-----	SOUZA, Maria Cristina Frères de
28.	1981-85	-----	PASCHOAL, Rachel Silva Machado
29.	1982-86	-----	CASTRO, Maria Alice Pereira de
30.	1982-86	1987-atual	ALVIM, Neide Aparecida Titonelli
31.	1982-86	-----	COSTA, Reginaldo Paulino da
32.	1984-87	1997-atual	ALMEIDA FILHO, Antônio José de
33.	1984-87	1987-atual	FERREIRA, Marcia Assunção
34.	1986-90	-----	SOUZA, Edeusa de
35.	1986-90	1996-atual	SANTOS, Claudia Regina Gonçalves Couto dos
36.	1986-90	-----	SILVA JUNIOR, Osnir Claudiano da
37.	1987-91	-----	ABREU, Marcleide Silva de Azevedo
38.	1987-93	1999-2015†	MOREIRA, Lilian Hortale de Oliveira
39.	1987-91	1995-atual	SANTOS, Maria Soledade Simeão dos

Fonte: Elaboração da autora

Em relação à representatividade da amostra, cabe ressaltar que cada depoimento e cada entrevista têm valor em si. Nesta técnica, não se usa o critério de saturação, conforme ocorre em outras técnicas de coleta de dados, pois são valorizadas a experiência e o ponto de vista do colaborador sobre aquele evento histórico – o que pode ser único para cada pessoa (MEIHY, 2005).

Também não se pode afirmar que uma ou algumas entrevistas “representem” o conjunto. Porém, a versão individual de cada fenômeno é importante e se justifica diante da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto, ou seja, para a história oral, cada depoimento tem peso autônomo. Dessa forma, não se pensa que uma única entrevista seja capaz de sintetizar a concepção da experiência de todos os sujeitos da pesquisa, mas o conjunto das crenças dos vários entrevistados torna-se significativo na busca da compreensão do tema (MEIHY, 2005).

As entrevistas foram realizadas pela própria autora desta pesquisa em data, local e horários previamente agendados com os colaboradores entre os meses de novembro de 2014 a março de 2016. Contou-se com a ajuda de uma estudante voluntária de Iniciação Científica como apoio para o processo de gravação, bem como de uma doutoranda que, por morar no estado onde residiam duas das colaboradoras (Espírito Santo), teve maior facilidade de agendamento para viabilizar as entrevistas.

Após contato e apresentação via e-mail, site de relacionamento e/ou telefone, os encontros foram agendados. No dia da entrevista foi entregue a cada colaborador o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE F) e apresentado o roteiro de entrevista para prévio conhecimento e organização lógica do pensamento. Após uma aproximação para deixar os colaboradores à vontade e rememorarem a época do estudo, iniciou-se a entrevista que durou, em média, de 60 a 100 minutos.

Utilizou-se um gravador digital, e os arquivos produzidos foram salvos em formato *mp3*, armazenados em um banco de dados que será doado para incorporação ao acervo de História Oral do CEDOC/EEAN, juntamente com a transcrição das entrevistas e o Termo de Cessão dos Direitos do Depoimento (APÊNDICE A) devidamente assinado por cada colaborador.

Os cuidados básicos sugeridos por Meihy e Holanda (2011) foram tomados antes das gravações, quais sejam, a testagem dos aparelhos anteriormente ao início da gravação visando minimizar qualquer tipo de intercorrência técnica, e a gravação de matrícula da fonte oral no início do encontro, o que inclui o registro falado do local, data, nome do entrevistado e presença eventual de terceiros, como uma espécie de introdução-cabeçalho, cujos dados também devem ser registrados.

Durante a gravação, utilizou-se também um caderno de campo para auxiliar no dimensionamento do que foi falado, registrando as observações mais relevantes que vão além da captação do áudio, como emoções, expressão de sentimentos, interferências, pausas, intervalos, etc. As perguntas eram realizadas a fim de atender aos objetivos desta pesquisa e, próximo de encerrar as entrevistas, permitiu-se que os colaboradores pudessem falar à vontade sobre o que julgassem relevante para o registro da história da enfermagem da EEAN. Caso a entrevista estivesse cansativa para a colaboradora (devido à idade) ou que, por algum motivo, não pudesse ser concluída, por motivos alheios, a gravação era interrompida e um novo encontro agendado, dando continuidade do ponto em que havia sido encerrada. Para tanto, fez-se um resgate da última entrevista.

Todos esses cuidados permitiram melhor identificação do áudio e garantiram que estivessem em condição de serem incorporados ao CEDOC/EEAN.

Crítérios de inclusão/exclusão dos colaboradores

Considerando que este estudo desenvolve-se em um curso da área da saúde e se caracteriza como pesquisa que envolve seres humanos, tendo, portanto, que ser submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, foram elaborados os seguintes critérios:

- **De inclusão:** ter sido docente e/ou discente da EEAN;
- **De exclusão:** ter condições físicas desfavoráveis para conceder entrevista e/ou apresentar comprometimento da memória por motivo de doença ou idade avançada.

Para Meihy (2005), qualquer pessoa que vivenciou o fato recortado para ser pesquisada sob o olhar sócio-histórico pode ser incluída na pesquisa pelo autor, tendo, como principal critério de inclusão, ter vivido o fato histórico estudado.

Logo, foram participantes desta pesquisa ex-alunos e professores com função ativa ou aposentados da EEAN, em especial os que participaram das reuniões de Departamentos e de Congregação da EEAN, fórum de discussão e deliberação desta Instituição. A Congregação de uma unidade universitária, entre outras funções, delibera sobre questões de ordem pedagógica, didática e disciplinar.

Trinta e oito (38) colaboradores que foram entrevistados estiveram na EEAN em diferentes períodos e posições acadêmicas, considerando-se o recorte temporal inicial do estudo (1969-1991). Entretanto, a análise dos conteúdos das entrevistas à luz do referencial teórico e do contexto histórico social ao longo das décadas comprovou a hipótese de pesquisa utilizando os achados até 1985, fechando o recorte temporal neste ano, motivo pelo qual foram analisadas 32 das 38 entrevistas realizadas.

Cabe ressaltar que todas as fontes orais produzidas pertencentes à segunda metade da década de 1980 em diante mostraram-se extremamente densas de fatos relativos ao uso do uniforme na EEAN e em seu contexto histórico, de tal modo que merecem um olhar mais especializado, mais crítico, com uma maior reflexão. Nesse sentido, se tornarão subsídio para a realização de uma pesquisa de pós-doutorado pela autora em um futuro próximo.

Análise das fontes orais

Para garantir a fidedignidade dos depoimentos concedidos, eles foram transformados em fonte escrita. O processo de validação final confere ao texto produzido por meio do diálogo legitimidade após duas etapas para transposição do oral ao escrito, quais sejam: transcrição e textualização. A realização de ambas as etapas demanda bastante tempo, devido ao processo dispendioso e ao cuidado necessário com esta fonte. Considera-se que, em média, para cada hora de gravação, cerca de outras cinco são usadas para a transcrição (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Cabe ressaltar que a etapa de transcrição possui alguns limites quando se trabalha com a história oral temática, aplicando-se mais ao gênero de história oral de vida, “neste caso como os limites da transcrição são maiores, o recorte é aceitável mantendo o sentido exato do fragmento”, por isso, justifica-se não utilizar esta etapa nesta pesquisa (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.136).

Com o material produzido após a transcrição empregou-se um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos seguindo as etapas pressupostas por Bardin (2009): pré-análise; exploração do material ou codificação; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Para facilitar a visualização da análise em sua amplitude e profundidade, adotou-se o quadro (ANEXO A) elaborado por Oliveira (2008).

Os colaboradores da pesquisa foram identificados pelo sobrenome. Reforça-se que os aspectos éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos foram respeitados, e os colaboradores assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido em que autorizavam sua identificação, conforme detalhado mais adiante.

Apesar de o recorte temporal final ser marcado pelo fato ocorrido em 1985 (incorporação do jeans ao uniforme), a turma que participou desta mudança formou-se em 1987. Nesse sentido, suas falas e seus acervos fotográficos dos momentos vividos até a formatura foram levados em consideração na análise e discussão dos dados.

Crítérios de confiabilidade

Os documentos foram selecionados considerando-se o recorte temporal, organizados em ordem cronológica e classificados conforme os objetivos a serem alcançados. Realizou-se a crítica interna e externa aos documentos a fim de garantir a sua interpretação de acordo com a realidade em que foram produzidos, buscando eliminar ou explicitar eventuais contradições (CARDOSO; BRIGNOLI, 2002). Este processo visa avaliar a credibilidade e a

representatividade das fontes escritas. Uma vez identificadas a qualidade e a relevância da informação, será possível se debruçar sobre as evidências históricas para interpretação e comprovação da hipótese investigada (SÁ-SILVA, 2009).

A crítica externa indaga sobre a natureza do documento, sua procedência e trajetória, bem como a viabilidade da presença do sujeito em se tratando de história oral. Já a crítica interna está preocupada com a avaliação do peso e valor das provas, orientando-se por seu conteúdo, buscando apreender o significado da declaração contida no documento e determinar a autenticidade e fidedignidade (PADILHA, BORENSTEIN, 2005; SÁ-SILVA, 2009).

A triangulação das fontes selecionadas foi realizada como etapa fundamental da análise dos dados, os quais foram interpretados com base nos referenciais teóricos selecionados. Tal procedimento leva à validação convergente dos achados, garantindo maior confiabilidade devido à combinação dos procedimentos metodológicos.

Dificuldades e limitações do estudo

No desenvolvimento de toda pesquisa é preciso considerar as possíveis dificuldades e limitações com as quais o pesquisador pode se deparar no decorrer de sua elaboração. Ao longo desta pesquisa foram identificadas as seguintes: documentos escritos não acessíveis (os livros de Atas de Congregação não foram encontrados em sua totalidade, tendo sido possível acessar apenas algumas atas espaçadas temporalmente); acesso à documentação que não se encontrava incorporada ao acervo do CEDOC/EEAN e sim, numa espécie de “arquivo intermediário” da administração da Escola, sendo preciso um esforço triplicado de garimpo documental na esperança de encontrar materiais que contribuíssem com o estudo.

Em relação às imagens, houve limitações para a seleção de fotografias no CEDOC/EEAN, uma vez que há dificuldade de precisar as datas em que foram tiradas, o que torna muito laboriosa a identificação das épocas. Além disso, a maioria das fotos está em preto e branco, o que não permite identificar fidedignamente as cores usadas nos tecidos. No que diz respeito ao banco de fotos, também já foi sinalizado por professoras e pesquisadores da história da enfermagem que o acervo possui algumas identificações de pessoas, datas e espaços equivocadas, o que tornou necessário comparar fotos da mesma época para confirmar tais identificações e reduzir ao máximo a possibilidade de erro.

Por outro lado, os colaboradores que foram estudantes e posteriormente professores da Escola, durante a entrevista, iam e voltavam na descrição dos acontecimentos vividos, misturando o tempo ora como estudante, ora como professor. Tal fato também dificultou a

análise dos dados numa lógica temporal dentro do recorte, o que faz com que a tese se apresente sob estrutura temática, nem sempre cronológica. Entretanto, este foi um desafio que buscou-se superar por meio da triangulação dos dados.

Ainda cabe a informação de que nem todas as datas de início e/ou término de rituais, bem como de mudança nos uniformes, foram identificadas durante a pesquisa. Essa limitação não aponta uma insustentabilidade da Tese, mas sua relevância pela capacidade de demonstrar as lacunas históricas que devem ser preenchidas por outras pesquisas.

Aspectos éticos da pesquisa

O projeto foi registrado na Plataforma Brasil para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/UFRJ (CEP-EEAN/HESFA/UFRJ), respeitando-se os aspectos referentes à ética na pesquisa contidos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CNS/MS). A aprovação se deu pelo protocolo de número 773.523, em 26 de agosto de 2014.

Os riscos potenciais desta pesquisa estavam atrelados ao risco mínimo individual, como constrangimento e desconforto durante a entrevista. Para minimizá-los, fez-se uma escuta atenta e sensível durante a realização da entrevista, sendo consideradas as dimensões psíquica, física, moral, intelectual, social, cultural e espiritual dos participantes, não havendo riscos adicionais. Ainda assim, por envolver lembranças de vivências pessoais que pudessem levar a situações emotivas, a responsável por esta pesquisa se comprometeu a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes, avaliando qualquer necessidade de interromper a entrevista temporária ou definitivamente, o que não foi necessário.

Os benefícios da pesquisa relacionam-se com a contribuição para o aumento das informações históricas sobre o tema da pesquisa, para a ampliação do acervo de história oral sobre o tema e para o desenvolvimento científico na área da enfermagem e da história da enfermagem brasileira.

No que tange ao anonimato dos colaboradores, por tratar-se de pesquisa histórica e não experimental, solicitou-se aos entrevistados autorização para identificá-los no relatório de pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Freitas (2006, p.72) assume a posição de que “todo material produzido por projeto individual deveria ser preservado com a sua doação a instituições públicas”. Partilhando deste mesmo pensamento e desejando contribuir para a preservação e divulgação desta parte da

história da enfermagem brasileira, foi entregue aos entrevistados um Termo de Cessão dos Direitos do Depoimento permitindo que o material produzido, ou seja, a transcrição e o arquivo em *mp3*, fossem doados ao CEDOC/EEAN.

Para tanto, o tratamento dado às entrevistas feitas demandou atenção redobrada e morosidade para que, após validação do conteúdo das fontes orais, pudessem ser disponibilizadas para consulta pública. Neste caso, o processo de validação se deu pela confirmação com o próprio entrevistado, que assinou, após a transcrição da entrevista, a Carta de Validação do Conteúdo das Fontes Orais (BELLAGUARDA,2013) como forma de conferência de fidelidade (APÊNDICE G).

Da mesma forma, solicitou-se aos detentores dos direitos autorais e de imagens a autorização para sua publicação em artigos científicos e páginas virtuais de acesso público (APÊNDICE H).

Efetivação do plano de disseminação

Parte deste estudo foi elaborada no âmbito do doutorado sanduíche, realizado na *University Bloomberg of Nursing* da Universidade de Toronto-Canadá (UofT), no período de 2 de janeiro a 31 de abril de 2015, sob tutoria da Dra. Sioban Nelson e com financiamento da CAPES.

As pesquisas realizadas pela Dra. Sioban Nelson investigam o impacto da Fundação Rockefeller na enfermagem global em meados do século XX. Fazer a associação com o uso do uniforme junto ao grupo de pesquisa desta professora permitiu consultar o acervo da universidade e ampliar conhecimentos sobre história da enfermagem e identidade profissional.

O doutorado sanduíche também facilitou os estudos da língua inglesa, neste caso aperfeiçoado no Canadá, bem como a formação de uma rede de intercâmbio por meio da qual se pretende realizar estudos internacionais e produções científicas.

Atualmente, a política de divulgação de pesquisas incentiva, de forma veemente, a produção de artigos científicos devido ao seu alto poder de difusão e conseqüente impacto sobre as pesquisas. Assim sendo, o plano de disseminação proposto para esta Tese ao longo do curso e mesmo ao seu término incluiu a produção de, no mínimo, três artigos (um de cada capítulo).

Durante o seu desenvolvimento, a pesquisa foi apresentada com resultados preliminares em eventos científicos da enfermagem, incluindo: 1. As reuniões periódicas do Nuphebras, oportunidade que congrega pesquisadores de diferentes áreas do saber, entre

historiadores e enfermeiros do Rio de Janeiro e de fora do estado; 2. Mostra Científica do NUPHEBRAS; 3. Jornada Nacional de História da Enfermagem, que ocorre no âmbito do evento “Pesquisando em Enfermagem”, todos estes organizados pela EEAN/UFRJ; 4. Colóquio Latino Americano de História da Enfermagem – CLAHEn, que ocorre trienalmente no Congresso Brasileiro de Enfermagem; 5. XII Conferência Iberoamericana de Educação em Enfermagem, promovida pela Associação Latinoamericana de Escolas/Faculdades de Enfermagem (ALADEFE), realizada no Brasil, no Rio de Janeiro; 6. Semana de Enfermagem do Hospital Federal de Bonsucesso; 7. Encontro de Enfermagem da Região Sudeste (ENFSUDESTE), promovido pela ABEn-RJ; 8. 68º Congresso Brasileiro de Enfermagem – CBen.

Durante o período de janeiro de 2015 a janeiro de 2016, realizou-se a coorientação de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da EEAN/UFRJ, defendido em fevereiro de 2016 com o título: “Papel do vestuário na construção da identidade profissional da enfermeira de Saúde Pública na Escola de Enfermagem Anna Nery (1931-1949)”, de autoria de Raquel Constantino de Almeida. Esse trabalho resultou no artigo em vias de encaminhamento para publicação.

Em parceria com o grupo de pesquisa da orientadora no Brasil, foi desenvolvido o artigo “Vestuário de alunas de uma escola de enfermagem brasileira: relações com a identidade profissional (1947-1965)”, submetido à Revista *Ciencia y Enfermería* (ANEXO B) em análise pelos pareceristas, e o artigo “Monumentos e personagens históricos: preservação da identidade profissional da enfermagem em espaço acadêmico”, encaminhado para a História da Enfermagem Revista Eletrônica – HERE – e aceito para publicação (ANEXO C).

A disseminação do estudo não se encerra com a defesa da Tese. Estão em fase de conclusão dois artigos oriundos da pesquisa, os quais contarão com a Dra. Sioban Nelson, tutora da autora no doutorado sanduíche, como uma das autoras. Além disso, os resultados finais desta Tese serão apresentados em eventos científicos para a sua ampla divulgação.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO

Os resultados da pesquisa são apresentados em três capítulos:

Capítulo 1 – Tirando o molde das décadas de 1950 e 1960: função identitária do uniforme no cotidiano das estudantes da Escola de Enfermagem Anna Nery.

O capítulo aborda aspectos relacionados ao uso do uniforme no cotidiano das estudantes que influenciaram na construção de identidades, descreve os uniformes de preliminar, hospitalar e de saúde pública usados até o final da década de 1960 e as circunstâncias para a retirada do avental como acessório do uniforme hospitalar das estudantes da EEAN, representando o marco inicial do recorte temporal.

Capítulo 2 – Alinhavando retalhos: uso do uniforme nas cerimônias e rituais da Escola de Enfermagem Anna Nery.

Neste capítulo abordam-se as mudanças advindas da implantação da Reforma Universitária de 1968, que trouxe transformações significativas para o ensino de enfermagem no Brasil e para o cotidiano da EEAN. Também são analisadas as cerimônias de recepção de toucas e de imposição de insígnias na EEAN como estratégias de construção e manutenção da identidade da enfermeira “ananéri” e como rituais que solenizavam o uso do uniforme.

Capítulo 3 – Última prova antes da costura final: adaptações do uniforme ao desenvolvimento da enfermagem e da moda na década.

Este último capítulo discute a repercussão da entrada de homens nos rituais da EEAN, bem como a criação de versões masculinas dos modelos dos uniformes. Apresenta a conjuntura da implantação do Currículo Novas Metodologias e do contexto da moda como fatores que determinaram a incorporação do jeans ao uniforme enquanto estratégias de adequação aos novos tempos e forma de garantir a manutenção e preservação da identidade profissional do enfermeiro formado na EEAN.

Capítulo 1 - TIRANDO O MOLDE DAS DÉCADAS DE 1950 E 1960: FUNÇÃO IDENTITÁRIA DO UNIFORME NO COTIDIANO DAS ESTUDANTES DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

ESTRUTURA DO CAPÍTULO

1.1 Uniformes das estudantes da EEAN nas décadas de 1950-1960

1.1.1 Uniforme de preliminar

1.1.2 Uniforme hospitalar

1.1.2.1 A extinção do avental e mudança da cor do vestido do uniforme do preliminar e hospitalar

1.1.3 Uniforme de saúde pública

1.2 Aspectos relacionados ao uso de uniforme no cotidiano das estudantes: destaques das décadas de 1950-1960

1 TIRANDO O MOLDE DAS DÉCADAS DE 1950 E 1960: FUNÇÃO IDENTITÁRIA DO UNIFORME NO COTIDIANO DAS ESTUDANTES DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY⁹

A existência da EEAN, desde a sua inauguração em 1923, perpassou muitas transformações no campo da assistência em saúde e da educação em enfermagem, tendo esta Escola assumido papel pioneiro em muitas delas e, quando não, participação ativa nos processos sociopolíticos considerados marcos históricos para o desenvolvimento da profissão de enfermagem.

Tais processos são considerados “pano de fundo” para o estudo do vestuário na Escola e serão abordados de acordo com a contextualização necessária, uma vez que o vestuário reflete, pela sensibilidade cultural, o momento vivido pela sociedade ao tempo em que é resultado dele (ARNHEIM, 1996; LAVER, 1989).

Cabe ressaltar que a EEAN deixou de pertencer ao Departamento Nacional de Saúde¹⁰ em 1937, quando entrou para a então Universidade do Brasil¹¹ como Unidade Complementar. Em 1946, assumiu a condição de Unidade Autônoma dessa Universidade pela publicação do Decreto 21.321, de 18/06/1946, que aprovou o Estatuto da Universidade do Brasil e determinou novas diretrizes para o ensino. Em 1967, passou a integrar o CCS pelo Decreto nº 60.455-A, que conferiu equivalência administrativa às demais Unidades Universitárias da UFRJ (BRASIL, 1967).

Ao entrar para a universidade, em 1937, a EEAN levou seu patrimônio físico, que consistia do Pavilhão de Aulas (PA), um prédio de três andares; do Hospital Escola São Francisco de Assis, ambos localizados no bairro da Cidade Nova, perto do Centro da cidade; e do Internato, antigo Hotel Sete de Setembro, localizado no bairro do Flamengo. Além disso, a EEAN gozava de reconhecido prestígio pedagógico e social de escola-padrão. Tais conveniências representaram um “dote” que, possivelmente, favoreceu seu ingresso na estrutura universitária (APERIBENSE, 2009).

A posse desse patrimônio, além de permitir o adequado funcionamento da escola, conferia concretude à sua existência institucional, devido às relações entre a infraestrutura do

⁹ Neste capítulo será utilizada a flexão de gênero no feminino porque trata de recorte temporal no qual a EEAN só aceitava mulheres.

¹⁰ O Decreto nº 3.987 de 02/01/1920 criou o Departamento Nacional de Saúde Pública subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Com a reforma administrativa do governo Vargas de 1934, o DNSP transformou-se no Departamento Nacional da Saúde (LIMA; PINTO, 2003, p.1044).

¹¹ Esta denominação foi mantida até 1965, quando recebeu a designação de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por força da Lei 4759/1965 (FÁVERO, 2000).

espaço físico e as estruturas do espaço social (SAUTHIER, BARREIRA, 1999; SANTOS, 1998).

A Escola continuou funcionando no PA, onde ocorriam as aulas teóricas e práticas de laboratório. Alguns campos de estágio foram mantidos e outros inseridos ao longo dos anos 1940-1960. Podem ser citados o Hospital Escola São Francisco de Assis, o Pavilhão Carlos Chagas, o Hospital de Clínicas Arthur Bernardes, a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, a Maternidade Thompson Motta, o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB), o Hospital Souza Aguiar, dentre outros estabelecimentos (PERES, BARREIRA, 2004; FONTE, SANTOS, 2007; MACIEL, BARREIRA, BAPTISTA, 2009; CARVALHO et al, 2015).

Inaugurado em 1922, o antigo Hotel Sete de Setembro tornou-se alojamento para as estudantes e professoras da EEAN a partir de 1926, onde elas moraram até 1973, quando foi inaugurado o alojamento de estudantes da Ilha do Fundão e o prédio foi desativado e cedido para a Reitoria da UFRJ. A diretora à época da transferência, Cecília Pecêgo Coelho, fala da perda que representou sair do internato.

Infelizmente eu estava [*no internato quando o desativaram*]. Eu estava com férias marcadas, eu ia com meu marido para a Europa e foi no dia que as alunas tiveram que sair. Então eu não pude acompanhar, porque a determinação veio assim de última hora “Tal dia vocês têm que sair”, e eu já estava com TODA viagem marcada e não pude ficar, mas quando eu passei eu vi as alunas. Eu fiz questão de passar na frente e vi as alunas ali esperando o ônibus que ia levá-las para o Pavilhão de Aulas. Eu não perdo o Passarinho [*Jarbas Gonçalves Passarinho, Ministro da Educação à época*], não perdo. Porque tirou a enfermagem de lá e deu para quem? Porque as estudantes que, no princípio, arrumaram muito bem, mas depois depredaram tudo e ele não ligou, e a universidade pagava telefone, pagava luz, se quebrasse uma geladeira ou alguma coisa davam a geladeira. No tempo passado era assim. Ainda mais porque era a ditadura, o que se podia fazer. Foi duro, foi muito duro (COELHO, 2016).

O fechamento do internato integra uma série de eventos históricos ocorridos pós RU/68 e que são marcos importantes para o processo de construção, manutenção e preservação da identidade profissional dos enfermeiros formados pela EEAN, como a inauguração do Campus Universitário (1972), do HUCFF (1978) e do alojamento de estudantes (1973), todos na Ilha do Fundão. Tais fatos serão melhor apresentados ao longo dos capítulos para contextualizar os acontecimentos relacionados ao objeto de estudo desta Tese que trata dos uniformes de estudantes da EEAN.

Importante salientar que o capítulo ora apresentado circunscreve-se em um período no qual a EEAN ainda era uma escola só de mulheres. As colaboradoras citadas foram estudantes da EEAN das décadas de 1950 e 1960 e citam os espaços físicos da escola com frequência, especialmente o PA e o Internato, o que denota a importância desses locais como espaços de

trocas sociais, de estabelecimento de relações afetivas e hierárquicas, ou seja, de construção de identidade pessoal, social e profissional (DUBAR, 2005).

1.1 Uniforme das estudantes da EEAN nas décadas de 1950-1960

Os estudos que tratam do vestuário na EEAN identificam que, nas décadas de 1920 a 1950, os uniformes eram parte essencial da imagem da estudante e seu uso inquestionável diante das professoras. As mudanças ocorridas nos uniformes, apontadas nesses estudos, revelam uma influência da moda feminina no sentido de acompanhar a evolução cultural da sociedade, sem que a imagem da enfermeira diplomada pela escola, que reproduzia o modelo norte-americano de base *nightingaleana*, fosse atingida (PERES, BARREIRA, 2003; PERES, PADILHA, 2014; ALMEIDA, 2016).

Até o final da década de 1950 as estudantes da EEAN utilizaram diferentes uniformes durante as atividades teóricas e práticas do curso, bem como em solenidades nas quais tinham presença obrigatória. Esses uniformes foram sendo modificados após influência da direção da escola, principalmente para acompanhar a moda de cada época e não se tornar um vestuário obsoleto, sem comunicação com seu tempo e sua região, mas mantendo a informação não verbal de que eram roupas de estudantes de enfermagem (ALMEIDA, 2016).

No início da década de 1960, a EEAN continuava sendo uma Escola para mulheres e mantinha três modelos de uniforme: preliminar, hospitalar e de saúde pública. Também continuava a realizar o ritual que sacralizava o uso do uniforme - a Cerimônia de Recepção de Toucas -, posteriormente denominada Cerimônia de Imposição de Insígnias, que demarcava a passagem da estudante para a etapa profissionalizante. Embora esta Cerimônia seja citada neste subitem, será abordada de forma mais profunda no capítulo 2 desta tese, devido à sua importância na construção da identidade profissional das enfermeiras formadas pela EEAN.

Nos anos de 1960 não se circulava nas dependências da Escola sem o uniforme, assim como os militares não frequentavam um ambiente militar sem o uso da farda. As falas das colaboradoras, que foram estudantes neste período, demonstram essa relação de rigurosidade e disciplina em relação ao uso do uniforme nas dependências da EEAN.

Desde a entrada já tinha um uniforme? Mesmo que fosse sala de aula? Tinha! Não podia ficar sem uniforme. O uniforme fazia o grupo, e o grupo era uma representação social e isso era muito claro para a gente (PAIM, 2014).

A gente usava raramente roupa comum em algumas aulas no Pavilhão de Aulas [...] Tudo acontecia no Pavilhão de Aulas, mas a gente só podia ir para lá de saia, não podia ir de calça comprida nem nada, a gente tinha que ter uma roupa adequada, composta para ir para o Pavilhão de Aulas, mas a maioria das vezes, quando era aula

de Fundamentos, aula de procedimentos, a gente sempre estava de uniforme, não tinha como ser de outra forma (FIGUEIREDO, 2014).

Nas décadas de 1950-1960, não era costume se comprar uniformes em lojas, e as estudantes precisavam encomendar a sua confecção para facilitar o atendimento às exigências do modelo indicado pela Escola. O Manual da Aluna, de 1963, ao tratar das aulas e estágios, destacava acerca do uniforme: “As alunas devem comparecer às aulas e aos estágios em uniforme completo. Por uniforme completo fica subentendido o modelo oferecido pela sala de costura” (EEAN, 1963a, p.15).

Como se tratava de um modelo com vários detalhes, para garantir a homogeneidade e a padronização, a Escola possuía a sua própria sala de costura, com costureiras que se encarregavam de tirar as medidas das estudantes e confeccionar os uniformes, que eram entregues aproximadamente em uma semana após o ingresso no curso, inclusive com identificação nominal no lado avesso de cada modelo.

Eles não eram criados por estilistas. Nunca foi! Os uniformes eram criados pelas próprias pessoas do grupo. Nossos primeiros modelos eram copiados um pouco das americanas ainda (PAIM, 2014).

Todos [os uniformes] eram iguais porque a Escola tinha costureira, com sala de costura, então não tinha como ser diferente (FIGUEIREDO, 2014).

O uniforme, incluindo o vestido e o avental, era dado pela Escola, eu não sei quantas vezes por ano, mas eu sei que a gente tinha mais de um e era escrito o nome da gente dentro para a gente identificar caso se misturasse com o de outras colegas (SANTOS, M., 2016).

Na primeira semana nós não usamos uniforme porque ainda não tínhamos, mas fomos encaminhadas à sala de costura, tiraram as nossas medidas e logo na semana seguinte, com menos de quinze dias, nós já estávamos com o uniforme (SANTOS, G., 2016).

As colaboradoras supracitadas estudaram nas décadas de 1950 e 1960 e relataram com naturalidade como se dava a confecção dos uniformes de estudantes ao lembrarem-se de quando chegaram à Escola. Nessa época, usar uniforme em instituição de ensino era natural, porque nas escolas primárias e secundárias do país se usava uniforme ou farda, outro nome dado a este vestuário no Brasil (LONZA, 2005).

Depreende-se que a aquisição dos uniformes na EEAN não implicava gastos para as estudantes, as quais notavam a influência norte-americana nos modelos.

Um estudo sobre a identidade da enfermeira “ananéri”, ao comparar os uniformes de estudantes de enfermagem dos Estados Unidos e do Brasil na década de 1920, evidenciou muitas semelhanças entre ambos e também na postura das alunas, sendo possível ao observador confundir umas com as outras, demonstrando que o modelo anglo-americano foi,

de fato, implantado no país e que os uniformes eram objetos simbólicos de identificação (PERES; PADILHA, 2014). Destarte, a fala da colaboradora que estudou na década de 1950 demonstra que isso perdurou até meados do século XX.

Dois elementos se destacam como constitutivos da memória individual e coletiva: os acontecimentos vividos individualmente e aqueles vividos pelo grupo ao qual a pessoa sente pertencer. Sendo assim, é comum que a pessoa ou grupo tenha na memória acontecimentos fora do seu espaço-tempo. “É perfeitamente possível que por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p.2).

A EEAN mantinha formas de vigilância e controle do vestuário por meio da inspeção dos uniformes. A partir do momento em que os recebiam, as estudantes deveriam responsabilizar-se por conservá-los:


Nós éramos encaminhadas para a Sala de Ferro e uma das professoras mais antigas, enfermeira, orientava como fazia e a gente começou a engomar. Eu usava o uniforme azul engomado, o avental branco engomado. Cada um se preocupava com a sua nitidez, e a gente tinha prazer e até orgulho de usar uniforme (SANTOS, G., 2016).

Nitidez era o nome dado ao quesito que avaliava o uniforme das estudantes no que envolve a aparência, apresentação, limpeza, higiene, conservação. Uma professora mais antiga era designada para instruí-las quanto à forma de manter a nitidez de seus uniformes, principalmente no que diz respeito ao processo de engomar o vestido e o avental.

Este ensinamento objetivava prepará-las para um critério de avaliação que era a nitidez de seu uniforme, pelo qual recebiam diferentes graus, conforme se observa na imagem 3. Trata-se de um instrumento de avaliação de estudantes em campo de prática. A imagem mostra o Relatório Mensal de Experiência Prática de uma estudante da classe de 1960, preenchido no estágio em Doenças Transmissíveis no mês de julho de 1957. Nota-se que os graus atribuídos à nitidez do uniforme eram: Má, Sof¹², Regular, Bom, Superior e Excelente. Destacada na figura (Imagem 3), está a avaliação da Nitidez já mencionada pelas colaboradoras.

¹² Não foi possível identificar, até o momento, o significado da sigla Sof. Foram buscados instrumentos de outras estudantes de outros períodos e todos mantinham a sigla Sof.. A partir de 1963 não existe mais esta ficha de avaliação nos Dossiês das Estudantes da EEAN.

Imagem 3 – Instrumento de avaliação da estudante em campo de prática.


 UNIVERSIDADE DO BRASIL
 ESCOLA DE ENFERMEIRAS ANA NÉRI

RELATÓRIO MENSAL
 EXPERIÊNCIA PRÁTICA
 PERSONALIDADE

Classe: 60
 Aluna: _____

Mês: Julho 1957
 Noite: _____ Dia: _____
 Enfermaria: D. Trauderson

	Má	Sof.	Reg.	Bom	Super.	Excel.
ACEITABILIDADE AO DOENTE:						
Os doentes apreciam a sua presença?					✓	
A voz e modos evidenciam cultura?					✓	
ADAPTABILIDADE:						
adapta-se: a) ao doente?					✓	
b) à rotina?				✓		
c) às emergências?				✓		
CORTESIA:						
Demostra cortesia em modos e voz quando fala?				✓		
DIGNIDADE:						
É digna e calma a) com os doentes?					✓	
b) com os médicos?					✓	
c) com as colegas?				✓		
INDUSTRIA:						
Demostra ser diligente e constante no serviço?				✓		
Trabalha com rapidez sem prejuizo da qualidade do trabalho?				✓		
NITIDEZ:						
O uniforme é nítido, completo?					✓	
GENIO:						
É alegre, agradável?					✓	
SIMPATIA:						
Demostra simpatia e bondade para com os doentes e familia?					✓	
SINCERIDADE:						
É sincera?					✓	
Honesta?					✓	
DOMÍNIO PRÓPRIO:						
Domina-se em qualquer circunstância normal?				✓		
É calma?				✓		
Nervosa?				✓		
Impulsiva?				✓		
Infantil?				✓		
SACDE:						
É forte e vigorosa, fisicamente?					✓	
mentalmente?					✓	
DESENVOLVIMENTO:						
Tem se desenvolvido em serviço?						<u>Sim</u>
Sua atitude?						<u>Bom</u>
trabalho?						<u>Bom</u>
OBSERVAÇÕES:						
<u>Sempre alegre, interessada e atenciosa para com todos.</u>						

Fonte: EEAN, 1957.

As autoridades da EEAN permitiam que, por meio desse processo de cuidar do uniforme, as estudantes experimentassem tipificações identitárias em um ambiente no qual relações simbólicas e materiais se efetivavam concretamente, tais como a forma de engomar e manter a nitidez do uniforme; a obrigatoriedade de usá-lo nas dependências da escola; a disciplina e cuidado com a roupa; a responsabilidade em manter a individualidade dos uniformes.

O processo de inculcação de valores e normas de comportamento que se dava pela rígida cobrança das autoridades da EEAN, representadas pela diretora e pelas professoras, em relação a um comportamento exemplar, incluía o cuidado e uso do uniforme, conforme observado na fala da colaboradora citada a seguir:

Agora, esse uniforme, Pacita, era muito interessante, porque ele tinha que estar nítido! Chamava-se nitidez, tinha um item na avaliação que se chamava nitidez. Então, esse uniforme tinha que ser engomado, esse avental, ele era duro, tinha gente que usava com aquele negócio duro. O meu não, porque era todo bagunçado, eu nunca tirava nota boa nesse negócio, eu não era boa, essa menina aqui [aponta para uma pessoa na fotografia que tem em mãos] era toda nítida, ainda tinha uma mais nítida (GOMES, 2014).

A imagem 4 apresentada abaixo é a que estava nas mãos da colaboradora no momento de sua entrevista e ilustra os uniformes usados na EEAN na década de 1960, bem como a estudante que, para a colaboradora, exibia nitidez em seu uniforme (à esquerda).

Imagem 4 – Fotografia de estudantes da fase hospitalar.

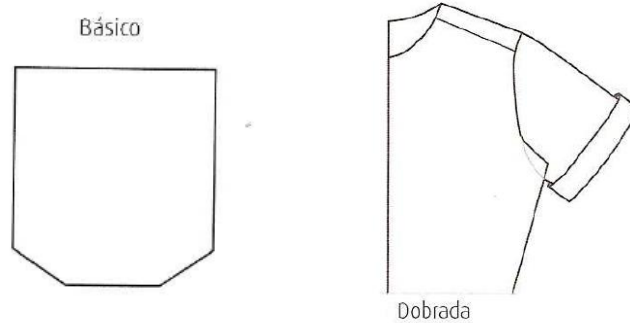


Local: muro do Pavilhão de Aulas. Ano: 1961-63. Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

A fotografia retrata duas estudantes usando uniforme que possibilita sua identificação como da fase hospitalar. Pelo vestuário-escrito, identifica-se que a cor do uniforme apresentado na imagem 4 era azul, conforme descrito pela colaboradora Gomes (2014): “Esse uniforme era azul, a touquinha era branca, e o avental branco”. No vestuário-imagem associado ao vestuário-escrito observam-se o uniforme composto de touca branca, cabelo preso com rede, insígnia de estudante no decote do uniforme, vestido na cor azul abotoado lateralmente (à esquerda), de comprimento imediatamente abaixo do joelho, com gola

redonda, manga curta com punho dobrado e bolso chapado estilo básico¹³ (ambos apresentados na imagem 5), em tamanho grande do lado direito (para a guarda do chamado “material de bolso” usado no campo de estágio), meias brancas e sapato fechado branco.

Imagem 5 – Desenho técnico-explicativo – bolso e manga



Ilustra o formato do bolso básico e da manga dobrada. Fonte: KAULING, 2016.

Ao descrever a composição completa do uniforme, a colaboradora, que foi colega de turma das estudantes da imagem 4, lista o material de bolso e destaca a necessidade de usá-lo integralmente como parte da disciplina e do rigor.

Era material de bolso, era vigiado, conferido. Era relógio de pulso para verificar sinais vitais do paciente, caneta vermelha, porque de noite a gente tinha que usar caneta vermelha, caneta azul de dia; lápis vermelho e azul para marcar no gráfico de temperatura, régua para riscar a [o valor da] temperatura até onde chegava fazia uma bolinha correspondente à temperatura e passava um risco, depois a temperatura descia o risco ia para baixo, ia para cima, ia para baixo e assim ia. A respiração era azul tracejada e o pulso era azul reto. Eram três coisas, tinha um gráfico que a gente marcava tudo isso. Então, para isso, nós tínhamos o material de bolso, não podia faltar nada, se faltasse era chamada atenção, se não tivesse o material completo (SANTOS, M., 2016).

Vale notar que o vestuário-imagem demonstra a nitidez, especialmente na touca e no avental (dobrado sobre o antebraço das estudantes) brancos e impecavelmente engomados, dobrados com precisão e minuciosidade. No que diz respeito ao capricho com que algumas estudantes mantinham seus uniformes, cabe citar a passagem do livro de Coelho (1997):

Maria Iria, não satisfeita com a forma como vinham os aventais e touca da lavanderia, ou mesmo da lavanderia portuguesa da vila, ali em Botafogo, se esmerava passando-os, brunindo-os no ferro quente, com goma especial, até conseguir invejável brilho. Havia até uma certa competição, o que se somava a vaidade pessoal (COELHO, 1997, p.146).

Cuidar da roupa requer tempo, dedicação, habilidades para engomar, passar, dobrar, etc. Para manter um uniforme “nítido”, a estudante deveria ter disponibilidade e dedicação para dele cuidar antes e durante o seu uso. Cabe destacar os detalhes do vestido na fotografia

¹³ Tipo de bolso costurado sobre a roupa com ou sem fole (KAULING, 2016).

em que o avental, já engomado, era cuidadosamente dobrado, quase como uma técnica de dobradura de origamis, para garantir a perfeição e a “nitidez”.

As estudantes da EEAN, ao iniciarem o estágio nos campos de prática, agregavam ao modelo de uniforme completo de sala de aula mais um acessório – o avental. Este era branco, cobria todo o vestido à frente, transpassava atrás e cruzava nas costas. Devia estar devidamente limpo, passado e engomado.

O avental era incorporado ao uniforme das estudantes da Escola a partir do momento em que iam para aulas práticas ou ambiente hospitalar, quando tinham contato com os pacientes e desenvolviam técnicas e cuidados de enfermagem.

Este acessório só podia ser usado em atividade prática de laboratório ou de estágio, e não deveria ser utilizado em qualquer espaço sem que houvesse motivo. O destaque na fala das colaboradoras e na fotografia explicita bem esta questão do cuidado com o uso do avental:

É só a partir da insígnia, quando você ia para o hospital, o avental a gente só usava quando ia para o hospital. Não usava assim normal [*no dia a dia*], você vê [*apontando para a fotografia em cima da mesa*] que eu estou com o uniforme na mão [*o avental na mão*], a gente chegava assim, eu me lembro de que a gente usava o ônibus, então chegava com esse uniforme e tinha que ter cuidado (GOMES, 2014).

A gente tirava o avental quando ia para a sala de aula e quando ia almoçar, porque o avental era quase como um protetor, um capote protetor do uniforme azul (FIGUEIREDO, 2014).

Tal consagração à roupa da Escola ocorria de fato, pois se tratava de uma época em que se aspirava usar o uniforme, em que se sentir pertencente à Escola era trajar as vestes de estudante do Curso de Enfermeira, que incluíam, no modelo hospitalar, o avental e a touca brancos.

Sendo assim, os marcos de referência da vida na prática, as relações simbólicas e materiais se efetivavam afirmativamente conferindo às estudantes características únicas e impressões de si mesmas enquanto seres humanos e membros de um corpo social, o que reforçava a identidade que deveria ter a enfermeira “ananéri” relativa à aparência.

Além de receberem o uniforme completo, inclusive sapato e meia, as estudantes também recebiam uma ajuda de custo para se manterem estudando.

A escola fornecia [o uniforme]. Algumas alunas ganharam até bolsa, eu por exemplo, tive bolsa na escola, mas a gente ganhava o uniforme (SANTOS, G., 2016).

Fornecer ajuda de custo e bolsas de estudo era uma estratégia para manter as estudantes no curso, que era integral. Por esta razão, tinham alimentação e moradia garantidas. Assim, a EEAN provia meios para incentivar a entrada no curso e a não desistência. Por outro lado, por compartilharem o mesmo ambiente de moradia com as

estudantes, as dirigentes da Escola se faziam presentes no cotidiano, influenciando também na formação social destas moças.

Dentro da EEAN, seja no Pavilhão de Aulas ou seja no internato, o período em que a estudante estava era fundamental para determinar o seu cotidiano. Além da distinção nas condições de convívio nos espaços sociais, conforme relatado anteriormente, também havia uma distinção hierárquica visível no uniforme, identificável por um acessório nele presente – a braçadeira.

O fragmento da entrevista a seguir demarca bem esta posição de distinção, quando uma colaboradora conta como era o uniforme após a Cerimônia de Recepção de Toucas:

Continuava tudo o mesmo, não mudava nada. A única coisa que mudava era que acrescentava alguns acessórios que seria a touca, a braceira e o brochinho. [...] A braceira com a tirinha e o friso vermelho [*divisas correspondente ao ano que aluna cursava*], do mesmo tecido e cor do uniforme (SANTOS, G., 2016).

Os uniformes utilizados na década de 1950-1960 guardavam o mesmo simbolismo do momento da implantação da EEAN, uma vez que a Escola ainda mantinha lugar de destaque no campo da educação em enfermagem. Era característica importante na identidade em construção das estudantes que, nessa primeira década da segunda metade do século XX, chegavam com outra mentalidade social e cultural, mas continuavam compreendendo o valor do uniforme, transmitido no decorrer dos anos de uma turma para outra e mantido pelas dirigentes e professoras. Tratava-se de uma herança simbólica, parte da memória institucional, que levava ao azeite e desejo de usá-lo.

O reconhecimento pelas colaboradoras de que a EEAN mantinha um regime rigoroso, disciplinar, rígido e autoritário na formação das estudantes sempre vem acompanhado de uma fala que justifica tal dinâmica, no sentido de reconhecer também que aquelas ações se faziam necessárias para garantir a formação de profissionais competentes, responsáveis e disciplinadas. A fala a seguir ilustra essa ideia:

Então, era assim, um regime exigente, aparentemente parecido que era uma força militar [*ênfase*], mas, na verdade não era, tinha uma certa razão que quem aprendesse a razão não ia ter discussão ali e nem ia achar isso, e eu achava muito interessante e muito bonito (PAIM, 2014).

Era duro, para aguentar a Escola Anna Nery não era fácil não, a gente tinha que se esforçar porque a disciplina era rigorosíssima, era um regime militar, mas que nos serviu muito para nós sermos excelentes profissionais posteriormente (SANTOS, M., 2016).

Apesar do reconhecimento da disciplina, as colaboradoras relatam o sentimento de orgulho e honra por usar o uniforme:

Cada um se preocupava com a sua nitidez, e a gente tinha prazer e até orgulho de usar uniforme (SANTOS, G., 2016).

O uniforme é usado com simbólico orgulho e prestigiado pelas ações do profissional que o veste, era assim que a gente aprendia (PAIM, 2014).

A escola trabalhava tanto na formação da identidade das estudantes, nelas imprimindo sentimento de orgulho, honra, importância e imponência que o uso do uniforme representava, que se consideravam parte da Instituição e incorporavam todas essas qualidades. Não percebiam, no entanto, que ao serem empoderadas do padrão institucional, anulavam-se suas individualidades, tornando-as integrantes de um grupo e invisíveis enquanto mulheres e seres individualizados.

De modo que eu acho a Escola assim, os modelos, as roupas, eu gostava de vestir meu uniforme [...] tinha um modelo padrão [...] elas vestidas ninguém mostrava uma coisa diferente, era todo mundo padronizado [...] A finalização do vestido era igual, e ficava muito bom, muito bom, muito bom (PAIM, 2014).

Embora a disciplina seja um sistema que impõe às pessoas um padrão institucional, as estudantes não viam isso como algo prejudicial, o que demonstra a força da formação da identidade dentro da escola. Elas acatavam, inclusive sem crítica negativa a esta rigorosidade disciplinar. No caso, a colaboradora Paim (2014) destaca o lado positivo do uso do uniforme: “Orgulho-me de participar de nosso grupo profissional, estar de uniforme sempre foi um alerta para mim quanto à autoridade que em meu uniforme me sinto investida”.

Se por um lado enaltecia-se o uso do uniforme reforçando a autoridade que ele conferia à estudante da Escola, por outro lado, fortalecia-se a ideia de homogeneidade da pessoa em relação ao todo, ou seja, tornava a estudante invisível em sua individualidade, reforçando apenas sua igualdade perante o grupo.

Outro instrumento usado pela EEAN para a construção e manutenção identitária do corpo discente era o Manual da Aluna. Encontrou-se, no CEDOC/EEAN, um Manual revisado, datado de 1963, que explica a sua função, de modo que não fosse visto como um instrumento de imposição de comportamentos, mas de contribuição para a formação pessoal/moral/social das estudantes:

A Comissão¹⁴ encarregada da revisão deste manual¹⁵ deseja fazer sentir as alunas o esforço dispendido a fim de que o mesmo [o manual] não seja um meio coercitivo à sua vida estudantil, e sim um fator de ajuda real para que os anos passados na Escola Anna Nery venham a ser férteis em aproveitamento e alegria sã (EEAN, 1963a).

O mesmo Manual supracitado destaca também a questão do viver em grupo:

Das características e uma atividade democrática ressalta a capacidade de cada um aceitar a responsabilidade da autodisciplina, respeito aos direitos de outrem, respeito inteligente à autoridade, cooperação ou esforços conjugados para o bem comum.

¹⁴ Não foi encontrado até o momento o nome das integrantes desta Comissão.

¹⁵ No referido Manual e nos documentos contidos na caixa onde este se encontrava não foi possível identificar porque o mesmo foi revisto.

Sendo esses os princípios básicos seguidos na Escola Anna Nery, cada um de seus membros respeita o “Sistema de Honra” – prova de confiança – acarretando grande soma de responsabilidade pessoal (EEAN, 1963a).

O trecho destacado do manual mostra aspectos importantes na formação das identidades, como o “Sistema de Honra”, que moldava mais do que o comportamento da estudante, pois ia além deste, por requerer delas atitudes ético-morais como respeito e confiança, entre outras citadas. Criava-se, então, um ambiente social de formação na vida cotidiana do qual o uniforme fazia parte e construía identidades individuais e grupais, como um espaço simbólico de ensino-aprendizagem reconhecido pela colaboradora Paim (2014): “A gente aprendia pelo ambiente simbólico o sentido dos uniformes”.

A construção de identidade grupal se dá por meio de regras que devem obrigatoriamente ser seguidas (DUBAR, 2005). Nesse sentido, o uniforme se tornou consciente e deliberadamente simbólico, por identificar aquela que o vestia como membro de um grupo diferenciado no campo da enfermagem brasileira.

Algumas colaboradoras citadas, mesmo tendo posteriormente se tornado professoras da EEAN e/ou de outras instituições de ensino de enfermagem em outras décadas, mantiveram em seus relatos o sentimento de pertença ao grupo de estudantes da Escola e o reconhecimento à função dos uniformes, o que evidencia a construção de sua identidade profissional perpassando a indumentária.

O estudo evidenciou que as estudantes da EEAN do final da década de 1950 até o ano de 1968 usaram três tipos de uniforme: preliminar, hospitalar e saúde pública, os quais serão apresentados a seguir.

1.1.1 Uniforme do preliminar

De meados do século XX até o ano de 1968, os uniformes usados pelas estudantes, sempre estiveram presentes na EEAN como elemento de identificação do seu corpo social, em diferentes momentos e etapas.

Preliminar¹⁶ era como se denominava a fase dos primeiros seis meses de curso, que correspondia a um período de adaptação da estudante para então ser considerada apta ao ingresso nas atividades de enfermagem propriamente ditas, após um ritual de entronização denominado Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias, que será descrito mais adiante.

¹⁶A diretora *Miss* Clara Kieninger denominava este período de “noviciado” (COELHO, 1997, p.147).

O período preliminar proporcionava às estudantes o tempo de adaptação à rotina e incorporação das regras de comportamento e conduta. Quando recebiam as insígnias (broche, braçadeira e touca), eram situadas em uma hierarquia que fornecia informações sobre o que tinham realizado até aquele momento.

A etapa chamada de Preliminar constou formalmente no Histórico Escolar das estudantes da EEAN até 1949 (EEAN, 1930, 1940). Nesta época, conforme é possível observar nos dossiês das estudantes no Centro de Documentação da Escola, as fases da graduação estavam assim distribuídas: 1ª Série Preliminar; 2ª Série Júnior; 3ª Série Intermediário e 4ª Série Sênior.

Durante a década de 1950, o Histórico Escolar das estudantes passou a dividir as fases do Curso de Enfermeiras da seguinte forma: Primeiro ano - 1ª série e 2ª série; Segundo ano - 3ª série e 4ª série; Terceiro ano - 5ª série e 6ª série, de modo a classificar as atividades por semestre. Ao final da década de 1960, o currículo estava dividido em 1º ano, 2º ano e 3º ano. Observa-se o mesmo padrão de referência aos períodos letivos cursados até meados da década de 1970, quando se passou a utilizar os termos “1º período de aulas” e “2º período de aulas” seguidos dos anos correspondentes (EEAN, 1950, 1960, 1970).

Apesar da extinção do termo “Preliminar” a partir de 1950, ele continuou sendo muito utilizado pelas estudantes e professoras em referência aos primeiros meses das estudantes na EEAN, conforme será possível identificar nos relatos dos colaboradores ao longo desta Tese (EEAN, 1950).

As restrições relativas ao vestuário no ambiente da EEAN nestes primeiros períodos tinham o intuito de conferir à estudante a noção de qual era o comportamento dela esperado pela Escola. A sensação enquanto Preliminar não era de pertencimento ao grupo devido às diferenças em relação ao que era permitido às estudantes mais antigas.

O relato de uma colaboradora traz sua experiência no internato da Escola:

Então, nós primeiro ficávamos, não ficávamos em quarto, não. Era um salão, chamava Salão, cada uma tinha um guarda-roupazinho pequeno e tudo mais. Era uma do lado da outra, e a Maria da Luz era minha vizinha de cama no salão. [...] Fomos morar depois juntas no quarto (SANTOS, M., 2016).

Uma ex-aluna e professora da EEAN, ao discursar na comemoração do Jubileu de Ouro da sua turma, também fez referência ao dormitório comum das estudantes e ao seu objetivo.

Ao lado da Capela, havia o Dormitório Comum das alunas recém-ingressadas – as preliminares. Pode-se dizer que foi o local de nosso primeiro encontro de estudantes de enfermagem, mas além de ponto de chegada e de local de convivência de novas alunas, servia também para favorecer a avaliação de nossas atitudes e condutas face

à nova situação da Escola. Durante os seis primeiros meses, foi ali que aprendemos a conviver como grupo (CARVALHO, 2003).

As estudantes preliminares dormiam em um ambiente coletivo chamado Salão, onde havia em torno de quinze a vinte camas individuais. O intuito era garantir às novatas um ambiente de convívio no qual pudessem aprender a lidar umas com as outras, incorporar atitudes de grupo, conhecer a cultura de cada uma, bem como respeitar a individualidade.

Este primeiro contato também permitia criar laços com as futuras colegas de quarto quando deixassem de ser preliminares, conforme observado na fala da colaboradora que encontrou uma conterrânea com a qual estabeleceu laço de amizade que perdura até os dias de hoje.

Conforme aponta Foucault (1999, p.123), os aparelhos disciplinares criam um espaço analítico para “vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos”. Ao trabalhar o espaço de maneira flexível, faz-se deste meio um para “estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos e instaurar as comunicações úteis” visando à manipulação do processo para alcance do resultado eficaz. Pode-se inferir que o Salão, como primeiro local de socialização das estudantes recém-ingressadas na EEAN, funcionou como este espaço disciplinar que tinha o intuito de moldar o comportamento das estudantes sob uma vigilância ostensiva.

A distribuição dos indivíduos no espaço também constitui uma técnica de disciplinar, conforme afirma Foucault (1999).

A especificação de um local heterogêneo a todos os outros, fechado em si mesmo e protegido na monotonia disciplinar. Cada indivíduo deve localizar-se no “seu” lugar para que assim possa ser localizado, vigiado, e com isso, dominado, utilizado. Dessa maneira é possível controlar as atividades desse indivíduo, e até obrigá-lo as ocupações determinadas, regulando o ciclo de repetições dessas atividades (FOUCAULT, 1999, p.121).

As colaboradoras que vivenciaram o período preliminar na primeira metade da década de 1960 relatam que, desde o ingresso na escola, já havia um uniforme para uso obrigatório nestes seis primeiros meses de adaptação da estudante. Ao ingressarem, as estudantes eram encaminhadas para a sala de costura, onde tiravam suas medidas e, na semana seguinte, ou em torno de quinze dias, já estavam com seus uniformes sob medida.

No primeiro semestre, seis meses, era chamado de período preliminar, então nesse período a gente não ia ao hospital, só ficava na escola, não usava touca. Usava uniforme, mas sem a touca, esse era o uniforme de aluna. Era esse mesmo uniforme, só que não tinha a touca (GOMES, 2014).

No preliminar nos seis primeiros meses a gente não usava a touca, usava só a rede amassando o cabelo da gente, o uniforme azul e o avental branco, sapato branco e meia transparente branca. Não podia usar joias, só relógio de pulso para verificar sinais vitais do paciente (SANTOS, G., 2016).

A colaboradora que ingressou no ano de 1966 relata que o uso da roupa comum era permitido, com algumas restrições. Entretanto, era raro usá-la porque como todas as aulas ocorriam no PA, inclusive as práticas, as estudantes permaneciam mais com o uniforme do que de roupa comum, já que em sua grade horária apenas algumas disciplinas exigiam que ele fosse usado.

A gente usava roupa comum, raramente, em algumas aulas no Pavilhão de Aulas. Porque todas as aulas eram no Pavilhão de Aulas. Mesmo aquelas dadas pelos médicos. Tudo acontecia no Pavilhão de Aulas, mas a gente só podia ir para lá de saia. Não podia calça comprida. Tínhamos que ter uma roupa composta para ir para o Pavilhão de Aulas (FIGUEIREDO, 2014).

O uniforme utilizado nas dependências da Escola neste período probatório de seis meses, nas décadas de 1950-1960, era composto de (Imagem 6): cabelo preso com rede, vestido azul-claro de manga curta, com abotoamento lateral (à esquerda) em que os botões eram embutidos, escondidos pelo tecido para garantir que, caso abrissem, a pele da estudante não ficasse exposta, e dois bolsos grandes para comportar o material de bolso que ficavam à frente da saia do vestido; avental branco transpassado nas costas que cobria o vestido (este usado nas aulas práticas e nos estágios), meia calça branca de nylon ou algodão e sapato fechado branco, relógio de pulso com ponteiros de segundos.

Imagem 6 – Fotografia das estudantes usando o uniforme de preliminar.



Local: entrada do Pavilhão de Aulas. s/d. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de Fotos/personalidades/nº identificador: 7.19.1874.1

A colaboradora Souza (2014) assim descreve o uniforme: “Um vestido azul, transpassado, ele fechava do lado esquerdo, ele era acinturado, tinha uma faixa na cintura”. O

modelo do vestido à época apresenta uma gola estilo bebê (Imagem 7), era transpassado, com abotoamento lateral (à esquerda) em todo o seu comprimento, uma faixa definia a cintura da estudante que dava à saia um estilo de caimento *evasé*¹⁷ (Imagem 7) até imediatamente abaixo do joelho. O avental terminava na mesma altura do vestido e, portanto, um encobria o outro. O punho da manga do vestido exibia uma dobra estilo mosqueteiro que se apresentava dobrada com um corte em “V”, onde a estudante passaria a usar a braçadeira (Imagem 7).

Imagem 7 – Desenho técnico-explicativo – gola, saia e punho.



Ilustra os modelos de gola, saia e punho do uniforme de preliminar das estudantes da EEAN na década de 1950-1960. Fonte: SABINO, 2007; KAULING, 2016.

A principal vantagem da saia *evasé* era esconder o formato do corpo da estudante, sobretudo culote e quadril, conforme evidenciado por Loyola (2014): “Nós éramos algo que eu acho que a mulher mais ‘bunduda’ e, com cintura mais fina, com AQUELE [ênfase] uniforme, ela virava uma coisa-mais-ou-menos”.

O uniforme promovia o ocultamento e a padronização dos corpos, dificultando o reconhecimento, impondo um anonimato para as estudantes, negando o indivíduo. O seu uso, associado à proibição de qualquer adorno ou maquiagem, tornava todas iguais, indistintas visualmente no espaço da Escola.

A fala da colaboradora Loyola reforça a ideia de neutralizar os corpos das mulheres pelo uso de um modelo de uniforme que escondia o corpo feminino, “denegando a sexualidade, aceitando apenas como possível o compromisso como dever, com a tarefa, mas também a criação de álibis, os quais possibilitaram às enfermeiras sobreviverem” ao desafio de fazer a enfermagem sobreviver como profissão (SOBRAL et al., 1995, p.247).

A colaboradora Figueiredo destaca ainda as regras definidas para as peças íntimas que as estudantes deveriam usar. Além da proteção que os botões cobertos proporcionavam, exigia-se que usassem combinação. Trata-se de uma peça inteiriça composta de sutiã com

¹⁷ Saia ampla, com movimento a partir do quadril e corte em círculo ou semicírculo (KAULING, 2016).

alças finas presas a uma anágua abaixo do busto. Tornou-se popular na década de 1960 quando mudanças na moda criaram a necessidade de lingerie mais funcional e confortável (CALLAN, 2007, p.92). Figueiredo (2014) relata que “tinha que usar combinação, [...] o uniforme era azul, meia branca, sapato”.

A função original do uso da combinação era formar um forro para tecidos finos e eliminar a sua transparência. Mas a fala da colaboradora indica que as roupas íntimas também eram controladas pela Escola, sem considerar a liberdade corporal difundida após a conquista de direitos, principalmente aqueles ligados ao movimento feminista da década de 1950, embora ainda não tivessem plena aceitação social no país (FERREIRA, 2010).

É inegável que as dirigentes da EEAN, ao adotarem o uniforme, pretendiam esconder o corpo das estudantes. Conforme comparam Sobral et al. (1995, p.246), a EEAN se apropriou dos rituais de neutralização dos corpos erotizados, fazendo “das cerimônias rígidas e hierárquicas, nos tratamentos da vida social e profissional, a impossibilidade do prazer, incluindo o sexual”.

Na década de 1960, a relação com o próprio corpo se transformou radicalmente, pois este passou a ser subterfúgio para discussão de problemas mundiais. As palavras de ordem eram: “mudar a sociedade”, “liberar o corpo” e “mudar a vida”. Os padrões de beleza acompanharam esse movimento em consonância com essa nova forma de pensar. Nesse contexto, fatos ligados à expressão pelo corpo incluem a descoberta das drogas pela juventude, a pílula anticoncepcional, o movimento hippie, a revolução sexual, entre outros (FERREIRA, 2010).

Um símbolo da libertação feminina na década de 1960, no Brasil, foi a atriz Leila Diniz, famosa por seu comportamento guiado pelo prazer e pela liberdade. Hoje é reconhecida pelas contribuições para a construção de um novo papel da mulher na sociedade (SANTOS, 2008).

Pode-se considerar que a EEAN mantinha-se tradicional em relação a tais mudanças no comportamento feminino com o intuito de preservar a imagem da mulher e da enfermeira para a época, já que se tratavam de mudanças aceitas mais fortemente no meio cultural e lideradas pela classe artística. Essas mudanças, no entanto, ainda eram vistas com receio e preconceito pela sociedade em geral.

Apesar disso, é possível que tal forma de pensar e agir das lideranças da Escola acabasse por tolher as atitudes mais libertárias das estudantes, cerceando suas atitudes para transformar a posição da mulher e da enfermeira na sociedade da época no Rio de Janeiro.

Observa-se um processo de manipulação (por parte das autoridades da EEAN) das condutas das estudantes por meio de controle do tempo, do espaço e das funções corpóreas, a fim de moldar corpos para fins e objetivos de transformação destas mulheres em enfermeiras exemplares. Buscava-se, assim, a melhoria de seu desempenho pessoal e profissional, a todo custo.

A etapa preliminar era, portanto, uma fase de adaptação das estudantes à rígida disciplina da Escola, que as preparava para a convivência em espaços coletivos, tais como o internato, o Pavilhão de Aulas e também os campos de prática, posteriormente ambientes de exercício profissional, onde a enfermeira “ananéri” (aprendiz e profissional) deveria se fazer ver e reconhecer.

Mas, naquele momento inicial do curso, a estudante deveria ter sua imagem identificada pelo uniforme e diferenciada das estudantes mais avançadas:

Mesmo indo [como Preliminar] ao estágio no Hospital Escola São Francisco de Assis, não tinha touca, nem broche, nem divisa [*braçadeira*] [...] passando nas provas, estágios, frequência, notas para disciplina de saberes e de comportamento em relatório, aí compúnhamos o uniforme de aluna que era a solenidade de touca, de broche e de divisa [*braçadeira*] (PAIM, 2014).

A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: “marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar” (FOUCAULT, 1999, p.151-2). O uniforme com suas insígnias traduzia essa classificação aos olhos de todos; assim, a disciplina recompensava pelo jogo das promoções, demonstrando que determinado grupo de estudantes havia incorporado o padrão de comportamento esperado, enquanto que a estudante que não o alcançava repetia o período Preliminar. E, se ainda assim, não obtivesse êxito, poderia ser jubilada da Escola. Dessa forma, as estudantes eram distribuídas segundo suas aptidões e seu comportamento.

O olhar foucaultiano destaca ainda, como consequência da penalidade hierarquizante, o fato de as autoridades poderem exercer uma pressão constante, para que todos se submetam ao mesmo modelo e sejam obrigados “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina” (FOUCAULT, 1999, p.151-2).

A consolidação dos papéis sociais era garantida desde o início do processo de socialização, conforme é possível notar entre as estudantes na fase preliminar do Curso de Enfermagem na EEAN. Como afirma Dubar, (2005, p.113), “a incorporação do ‘saber de base’ constitui o processo fundamental da socialização primária que assegura em simultâneo ‘a posse subjetiva de um eu e de um mundo’ e, portanto, a consolidação dos papéis sociais”.

Ao vestir o uniforme, as estudantes incorporavam uma identidade que as movia a agir conforme expectativas sociais, com atuação pautada no comprometimento com a Escola. O uniforme tornava-se um potente aliado na moldagem de comportamentos, principalmente pela igualdade estética por ele proporcionada (Imagem 8).

Imagem 8 – Fotografia das estudantes usando o uniforme de preliminar.



Local: jardim da entrada do Pavilhão de Aulas. s/d¹⁸. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de Fotos/personalidades/nº identificador: 7.19.1870.1

Uma vez inserido em um sistema formal organizado, normativo, consagrado pela sociedade, o uniforme vira indumentária. Ou seja, torna-se indumentária após ser regulamentado por um grupo social. A apropriação da forma e de seu uso pelo microespaço (ou seja, o corpo social da EEAN), inclusive segundo regras de fabricação, criou a indumentária “uniforme da EEAN”. Assim, pode-se afirmar que este uniforme, no final da década de 1950 e durante a década de 1960, tinha força para existir enquanto sistema indumentário, pois “quanto mais forte a fabricação, mais forte é o sistema indumentário” (BARTHES, 2005, p.265).

1.1.2 Uniforme hospitalar

Trata-se do vestuário utilizado por estudantes de enfermagem durante a prática hospitalar que se eternizou na iconografia mundial por símbolos, como o avental e a touca brancos. Aqui cabe um aparte, em que uma das colaboradoras destaca a série inglesa de televisão “*Call the Midwife*”, exibida no canal BBC e disponível nas TVs por assinatura.

¹⁸ Mesmo sem data, o vestuário tem características que o aproximam da década de 1960: modelo e acessórios idênticos aos descritos pelas colaboradoras e comprimento de vestido logo abaixo do joelho.

Abotoado até embaixo [o vestido do uniforme], tinha bolsos, mas ele era protegido por um avental branco que a gente usava. Se você vir aquele filme *Midwife* [*Call the Midwife*], o nosso uniforme naquela época era aquele (FIGUEIREDO, 2014).

Esta série retrata a vida de uma parteira no final da década de 1950 e início de 1960, na zona leste de Londres. Lançada em 2012, já está em sua 6ª temporada. Guardadas as devidas proporções e considerando o contexto geral do uniforme, sem analisar modelos, tons e outros detalhes, a colaboradora que usou o avental, ao citar esta série de TV famosa, reforça a ideia da enfermeira com a touca e o avental sobre o vestido, na iconografia mundial (Imagem 9).

Imagem 9 – Cenas da série de TV *Call the Midwife*.



Fonte: Internet, Google, 2016.

No Brasil, tais elementos foram elevados a signos da profissão também na EEAN, nas primeiras décadas do século XX (PERES; PADILHA, 2014). Este detalhe emergiu de forma significativa na fala dos colaboradores desta pesquisa quando colocam foco maior no uniforme hospitalar, muitas vezes sem mencionar os demais, a não ser quando estimulados pela entrevistadora.

Assim, os resultados não apresentam equivalência acerca de todos os uniformes, não podendo este estudo fugir à importância da imagem construída para a enfermeira hospitalar na EEAN e no Brasil. Soma-se a isto o fato dos anos 1960-1970 representarem o período de implantação do hospital moderno na sociedade, ampliando o mercado de trabalho na área hospitalar (SILVA; SANTOS; PERES, 2015).

Quando passavam da etapa Preliminar as estudantes recebiam os acessórios que iriam compor o uniforme hospitalar, constituído do mesmo usado anteriormente, porém adicionadas a touca branca lisa, a insígnia de estudante e a braçadeira indicando o período a que pertencia.

Imagem 10 – Fotografia de um grupo de estudantes da classe de 1966.



Local: porta do Pavilhão de Aulas. Da esquerda para a direita, a segunda da primeira fila é Aleth Rodrigues Tavares, e a estudante do meio, na segunda fila, Maria Celina Cardoso da Silva. As demais não foram identificadas. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de Fotos/cotidiano/nº identificador: 3.20.0860.1

Na imagem 10 é possível observar tais acessórios. Nas estudantes à direita da imagem vê-se a braçadeira no punho do vestido. A insígnia de estudante está colocada no centro de suas golas; além da touca branca engomada e devidamente presa à cabeça sobre a rede. Na saia do vestido, verifica-se ainda o bolso largo, à direita. Na imagem as estudantes não usam o avental, mas este acessório fazia parte do uniforme quando iam para o campo de estágio ou laboratório de práticas. Completam o uniforme a meia fina branca e o sapato branco.

O Manual da Aluna destacava, em seu parágrafo 5º, as regras para as estudantes seguirem ao frequentarem o Pavilhão de Aulas, quando já estavam na etapa profissional usando os uniformes hospitalares. Uma delas estabelecia que: “ao subir para as aulas as alunas deverão deixar os aventais de serviço nos armários respectivos” (EEAN, 1963a, p.14).

Na imagem 11 é possível observar as estudantes sem o avental em uma aula teórica no Pavilhão de Aulas, porém usando a touca, o que permite inferir que já se encontravam em etapas mais avançadas do currículo, não sendo preliminares.

Imagem 11 – Fotografia da aula teórica ministrada pela professora Vilma de Carvalho.



Local: sala 1 do Pavilhão de Aulas. Ano: 1966-69. Fonte: CEDOC/EEAN. Localização: CEDOC/Banco de Fotos/cotidiano/nº identificador:3.15.0809.1

A imagem 11 retrata as estudantes usando o vestido do uniforme (segundo o vestuário escrito, na cor azul), touca branca, meias brancas ou cor da pele e sapato fechado branco, a exceção de uma delas, na primeira fila, que veste o hábito religioso. Observa-se que, como informado pelas colaboradoras, não usavam o avental durante as aulas teóricas. A professora, de pé na foto, usa o uniforme de enfermeira.

Nas aulas práticas as estudantes tinham que usar o avental sobre o vestido, como se observa na imagem 12.

Imagem 12 – Fotografia de aula da disciplina de Arte da Enfermagem.



Ministrada pela professora Elvira de Felice e Souza no Pavilhão de Aulas¹⁹. Ano: 1953. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de Fotos/cotidiano/nº identificador:3.15.0804.1

¹⁹ Atualmente nesta sala encontra-se o Departamento de Enfermagem Fundamental (DEF).

Sobre a rotina com o uso do avental, Coelho (1997) descreve que não era usado em outro ambiente que não durante o estágio ou aulas práticas.

Aquele avental a gente não podia tirar de qualquer jeito não! Tinha uma técnica de se retirar o avental. Ele era todo dobrado para dentro, ou seja, aquela parte que ficava contaminada ficava tudo para dentro e a gente pendurava ele com técnica! Na hora da gente almoçar, lanche, tudo era sem avental. A gente não podia ir para o refeitório de avental, tinha que retirar (SANTOS, M., 2016).

Para as refeições, os aventais ficavam guardados nos vestiários do Pavilhão de Aulas ou dos Hospitais e, ao voltarem para o internato, as estudantes precisavam levá-los dobrados para que fossem lavados, pois a troca se fazia diariamente.

1.1.2.1 A extinção do avental e a mudança da cor do vestido do uniforme do preliminar e hospitalar

O uniforme de uso hospitalar que seguia o modelo usado pelas estudantes desde a Escola de Saint Thomas, em Londres, foi mencionado pelas colaboradoras como sendo uma estratégia para evitar que as estudantes mostrassem suas formas femininas.

Nós não tínhamos o corpo modelado [*pelo uniforme*], nós tínhamos o corpo mais reto, ninguém sabia... sabia que era magra, mas não sabiam que forma tinha, sabia que era gorda, mas não sabia que forma tinha (PAIM, 2014).

A touca era presa ao cabelo por dois alfinetes previamente padronizados para todas as estudantes, pois tinham que ter cabeça de pérola, conforme ilustra a imagem 13.

Imagem 13 – Alfinetes Cabeça de Pérola.



Fonte: <http://www.elo7.com.br/alfinetes-cabeça-de-pérola/dp/501EA1>

O cabelo devia ser preferencialmente curto, preso e emoldurado na cabeça por uma fina rede, sendo esta uma forma de “domesticação” ou de “disciplinarização do cabelo” (DAHER, 2000).

O único registro bibliográfico a que se teve acesso e que menciona a retirada do avental do uniforme das estudantes da EEAN foi o livro da professora Cecília Pecêgo Coelho, no qual consta que:

Após a inauguração do Hospital Universitário em 1972 e com o argumento da padronização dos uniformes das estudantes das diferentes áreas profissionais, foi instituída a cor branca também para o uniforme das estudantes de enfermagem, retirando-se o avental (COELHO, 1997, p. 157).

O avental caracteriza o trabalho doméstico, o trabalho manual das classes desfavorecidas (jardineiro, criada, copeira, servente, etc.) e tem a função de proteção (SALGUEIRO, 2000). Na enfermagem não foi diferente, pois o uso do avental estava associado à falta de habilidade da estudante que ainda precisava se proteger durante a realização dos procedimentos.

Nesse sentido, nas décadas de 1950 e 1960, na visão dos outros profissionais e pessoas leigas, como acompanhantes e o próprio paciente, a enfermagem também era associada a profissões que exigiam menor qualificação acadêmica e a classes sociais menos abastadas da sociedade à época, o que não condizia com a imagem construída pela Missão Parsons, perpetuada e transmitida também pelas diretoras e professoras brasileiras.

Assim, a retirada do avental foi uma atitude tomada pela professora de campo de estágio, com o intuito de impedir que as estudantes da EEAN fossem desprestigiadas devido à composição de seu uniforme. A imagem associada a classes menos favorecidas ficava muito evidente no cotidiano das estudantes, conforme se observa nos depoimentos.

Uma ex-aluna e uma professora da Escola, que à época vivenciaram o contexto para a retirada do avental, não souberam precisar o ano em que tal fato ocorreu, porém não há dúvidas quanto às circunstâncias em que se deu, pois ambas descrevem, com detalhes, os eventos que culminaram para abolir este acessório.

Com a desativação do HESFA. [...] levamos nossas alunas para vários cenários de prática [...] lá no Hospital da Lagoa retiramos o uniforme azul porque estava dando confusão, aí passamos para o branco. [...] Lá no Hospital Souza Aguiar, [...] teve um dia que as alunas estavam na fila que estava se formando de médicos e estudantes de medicina, houve uma reclamação... eles teriam se dirigido as alunas como se elas fossem “auxiliares de serviços gerais”, sendo que alguns tratavam com comida, com coisa que o valha e outros eram auxiliares com serviço de limpeza mesmo, de ambiente. As alunas não gostaram, então me comunicaram, elas estavam lá em cima e mandaram descer para comer junto com os auxiliares [...] então, desde esta época, nós resolvemos, a diretora, tudo mundo, a Congregação, que íamos mudar o uniforme das alunas e não ia mais ser azul com avental branco, mas ia ser todo branco sem avental (CARVALHO, V., 2014).

O avental foi tirado na minha turma... porque a gente se achava muito estranha de avental. No Souza Aguiar [*Hospital Municipal Souza Aguiar*], quando a gente estava fazendo estágio, nós fomos confundidas com as copeiras. A gente estava no corredor para ir almoçar e as pessoas passavam ou pediam coisas para nós, ou nos confundiam. Aí a professora Vilma de Carvalho assumiu naquele dia que nós não usaríamos no hospital. [...] Nós chamamos a professora Vilma, fomos para uma sala, contamos o acontecido e nos recusamos a usar o uniforme. Foi uma posição diferente, mas não teve debate, não teve reação. Se teve, foi nos espaços mais escondidos da escola, como na direção, com a gente não teve [...] Porque aquilo era demais para nós. Então o uniforme foi mantido azul, com touca, sapato, branco, mas

a gente nunca mais usou o avental. Isso devia ser em sessenta e sete, sessenta e oito [1967, 1968] mais ou menos. Mas foi antes de setenta [1970] (FIGUEIREDO, 2014).

Embora pareça haver uma contradição nos depoimentos supracitados quanto à mudança na cor do vestido do uniforme, não há. As estudantes se recusaram a usar o avental e este foi retirado imediatamente após o fato citado pelas colaboradoras Carvalho e Figueiredo. Entretanto, houve um espaço de tempo entre a troca da cor azul do vestido do uniforme para o branco, uma vez que foi decidida após reunião da Congregação da EEAN.

Apesar de não haver precisão na data para a retirada do avental, é possível afirmar que ocorreu no fim da década de 1960, tal como mencionado pelas duas colaboradoras e corroborado por uma ex-professora desta década:

Eu acho que foi quando chegou o grupo [de homens], não, foi antes. Foi mais ou menos ali em sessenta e pouco ainda, porque eu quando saí da Escola ainda tinha o avental, eu saí em sessenta do ponto de vista de formada, depois continuei, e ainda tinha o avental, a gente ensinava até a dobrar o avental, que eu sei fazer a dobradura até hoje (PAIM, 2014).

Com a criação do Hospital Universitário Clementina Fraga Filho da Ilha do Fundão, o HESFA foi desativado e, neste ínterim, as estudantes foram inseridas em um ambiente de estágio até então habitualmente não utilizado como campo de prática para acadêmicos. Os hospitais públicos do Rio de Janeiro, como o Hospital Federal da Lagoa e o Hospital Municipal Souza Aguiar, eram estranhos ao grupo de profissionais que lá trabalhava. Enquanto estiveram num ambiente no qual a EEAN era reconhecida por sua trajetória de anos como era o HESFA, não havia este tipo de confusão.

Além disso, o HESFA era um hospital-escola, seus funcionários tinham esta consciência, o que determinava um outro tipo de atitude dos profissionais e pacientes em relação aos diferentes acadêmicos que ali atuavam e, sobretudo, no que se refere às estudantes da EEAN.

A Escola sempre desenvolveu suas atividades de campo prático no HESFA até a implantação do HUCFF, de modo que as estudantes e os outros profissionais da saúde que ali realizavam estágio não estranhavam a presença das estudantes e professoras uniformizadas, ao contrário, sempre contavam muito com as atividades por elas desempenhadas, inclusive em plantões noturnos.

Os nossos estágios eram, se não todos, quase todos aqui no velho HESFA [*Hospital Escola São Francisco de Assis*], que a gente chamava “O Velho Chico” e também na Maternidade Escola ou no Instituto Martagão Gesteira, que era de pediatria [...] e nós nos sentíamos muito bem, porque nós éramos alunos da Escola de Enfermagem da insigne Escola de Enfermagem Anna Nery” [*ênfase ao pronunciar toda esta frase*] (CARVALHO, V., 2014).

A fala da colaboradora reforça, legitima e enfatiza o reconhecimento, a autonomia e autoridade que a EEAN possuía para desenvolver suas atividades do cuidado de enfermagem nas enfermarias do HESFA, reconhecendo sua competência enquanto enfermeiras.

Embora pareça que a EEAN determinava um modelo autoritário de ensino e formação profissional, é preciso ponderar que esta Escola foi inspirada em um modelo educacional que trazia, desde a primeira escola nightingaleana, apreço, prerrogativas e algumas exigências com o vestuário e a conduta das estudantes. Assim, ao inserir-se neste sistema, a estudante também estava assumindo a ideia de que deveria aceitar as regras impostas pela direção da Escola para garantir a melhor formação profissional possível às futuras enfermeiras.

Então, quando entrava-se aqui aceitava-se isso [*a disciplina e a rigorosidade da Escola como um todo*] como sendo uma regra. Um requerimento, era uma exigência disciplinar, não disciplinar, digamos assim, de manter o poder autoritário não. Disciplina de uma disciplina profissional. Eu estou tentando arrumar isso ali para tirar este ranço de quererem impor à Escola Anna Nery a culpa de tudo, não é bem assim. E os alunos, eu me lembro de que eles iam se adequando, e tudo. Aí nas conversas, nos arranjos, nos acordos, talvez, sucedesse alguma coisa, mas que eu me lembro, assim, nunca houve propriamente uma briga (CARVALHO, V., 2014).

Até a década de 1960, a formação profissional das estudantes da EEAN estava pautada na Lei no 775/49, em que predominava a assistência hospitalocêntrica. Desse modo, a prática de estágios ocorria apenas nos Hospitais de Ensino, no caso da UFRJ, à época, o HESFA era este cenário. Com a RU/68, a partir de 1970, a EEAN precisou ampliar o âmbito da prática de ensino, com estágios supervisionados em diferentes lugares (CARVALHO, 2006, p.160).

O HUCFF só foi inaugurado oficialmente em março de 1978, de modo que o HESFA e suas instalações foram desativados e os corpos docente, discente e funcional transferiram-se para o hospital recém-inaugurado na Ilha do Fundão (MONTEIRO, 2014). Apesar de a transferência total só ocorrer ao final da década de 1970, as estudantes já estavam inseridas em campos de estágio externos, como o Hospital da Lagoa e o Hospital Estadual Souza Aguiar.

Até o momento não foi possível precisar data ou ano de retirada do avental como acessório do uniforme das estudantes da EEAN. Toda a pesquisa documental e entrevistas realizadas até agora permitem identificar que tal fato ocorreu no fim da década de 1960 e, certamente, antes de 1970.

Apesar de Barthes (2005, p.262) considerar que o uso de uma datação central é mais inteligente que o de uma datação terminal, o caso desta primeira mudança no uniforme das estudantes da EEAN foi influenciado por uma questão circunstancial, conforme registrado no depoimento dos colaboradores, que não justifica esta peça como uma questão de moda, mas relativa à imagem da profissional enfermeira no exercício de suas funções.

Neste caso, uma imagem que não condizia mais com a posição social que reconhecidamente a Escola possuía. A associação da figura das estudantes de enfermagem com profissionais de menor qualificação acadêmica e social fez com que a professora por elas responsável no campo de estágio tomasse uma atitude, a fim de preservar a imagem que tinham em ambiente externo ao vivenciado até então – o HESFA, o Pavilhão de Aulas, a Maternidade Escola, o Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira e o internato.

Observa-se, portanto, que o pano de fundo do texto está estruturado sociologicamente na relação entre imagem da identidade local (as tendências e o contexto sociopolítico da época), seus atores sociais (professoras e estudantes da EEAN) e espaços públicos de sociabilidade por eles ocupados (os campos de estágio, as dependências da UFRJ e da própria EEAN).

O uniforme sempre foi adotado como forma de padronizar a roupa e identificar o indivíduo como pertencente a uma instituição (fábrica, empresa, escola, grupo). O uniforme escolar, por outro lado, também tinha uma característica de disciplinar e garantir a segurança do estudante, ao passo que também o identificava de acordo com a sua escola. Para Silva (2006, p.106), “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade” O destaque da colaboradora corrobora esta afirmativa:

Então, eu quis fazer essa introdução para a gente ter noção do que é que se está falando, onde a gente estava para dizer que usou o uniforme de tal tipo e, às vezes, achar engraçado, mas não era tão engraçado assim, tinha propósitos (PAIM, 2014).

O uniforme de enfermagem guarda simbolismos que revelam socialmente tanto o igualar como o diferenciar. Iguala da estrutura civilizatória de imponência instrumental, técnica, com contínuo desvelamento do percurso histórico no exercício profissional. Por outro lado, em simultaneidade, mostra as diferenças de controle (cores, divisas, braçadeiras, desenhos de touca) à época, antes do vestibular unificado.

Neste processo era enfatizado o valor do modelo pelo exemplo das próprias enfermeiras-professoras. As estudantes adquiriam os hábitos de disciplina, organização, limpeza, asseio, postura no uso do uniforme e assim portavam-se pela observação dos modelos nos quais se espelhavam. A fala de uma das colaboradoras evidencia esta questão do aprendizado pelo exemplo de suas professoras.

[...] Branco. Todo branco. Impecáveis! IM-PE-CÁ-VEIS!!! [*ênfase pela separação das sílabas ao pronunciar a palavra*]. Impecáveis! Por isso que a Dona Vilma [*professora Vilma de Carvalho*] tem razão quando diz que a gente aprende pelo exemplo. Eram impecáveis! (FIGUEIREDO, 2014).

O uniforme, em todos os tempos e lugares, não existe sem atender propósitos e ideologias. Se por um lado nivelava as estudantes, igualando-as e definindo um padrão a ser seguido, por outro lado também as diferenciava hierarquicamente, ainda enquanto grupo acadêmico, tal como explicitado na fala da colaboradora:

Tínhamos que fazer apresentação diária às instrutoras (desfilando e sendo avaliadas critério de qualificação da ordem e aparência com que portávamos o uniforme completo. Andávamos em grupo ordenados e tínhamos uma hierarquia a zelar com os alunos já avançados, os que, conforme o tempo, usavam braceira com divisão, touca, avental e sapato branco (PAIM, 2014).

À medida que as estudantes passavam a ser consideradas pré-profissionais, intensificavam-se o discurso da vigilância, da ordem, e o controle da instituição. Qualquer irregularidade era detectada no processo rigorosíssimo de controle dos uniformes. Este representava, além do orgulho por portá-lo, a avaliação de erros ou equívocos do estudante, o que gerava receios de incompletude e anseios de perfeccionismo ao vesti-lo. Fazer uso do uniforme significava estar atento às responsabilidades com regras e compromissos da EEAN. A fala da colaboradora a seguir expressa bem essa questão:

Até hoje eu aprendi isso, que roupa de trabalho é roupa discreta, não se faz de roupa de trabalho motivo de mostrar seu corpo a outras pessoas, não há porque, você pode mostrar assim, insinua, mas não mostra, e eu acho que isso é discríção e eu aprendi lá, nossas mestras todas, Ana Nava uma mulher maravilhosa, Dona Olga Lacorte outra mulher maravilhosa, com outro rigor, cada uma com o seu rigor (PAIM, 2014).

Era no discurso das autoridades da Escola e da sociedade que se justificavam a igualdade, a exaltação e a honra por pertencer a este grupo. O objetivo era preservar a imagem pública da enfermeira: “uma pessoa de aparência suave, imaculadamente limpa e bem vestida”, de elegância no falar e no vestir (CARVALHO, 1973, p.528).

Pode-se inferir que tal vigilância para preservação da imagem da enfermeira, e das estudantes da EEAN, realmente teve sucesso, pois as ex-alunas desta época até hoje reforçam em suas falas esta característica:

O que eu quero dizer é o seguinte, esse desrespeito nunca houve [*em relação ao uso do uniforme, transparências, decotes, desalinhos*], os uniformes eram respeitosos e exigiam respeito, não pelo uniforme em si, mas porque quem estava vestido no uniforme era porque merecia, tinha dignidade e honra, então esse pra mim foi o sentido maior dos improvisos do uniforme e porque a tradição de ser mantido ao longo dos anos até que a reforma veio [*Reforma Universitária de 1968*] e pediu outra coisa (PAIM, 2014).

As estudantes aprendiam pelo ambiente simbólico e pelo próprio sentido dos uniformes de enfermagem ao longo de seus períodos como estudantes que, conforme destacado da fala da colaboradora Paim (2014), “Era usado como simbólico orgulho e prestigiado pelas ações do profissional que o vestia”.

Construía-se uma ética e uma estética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-as praticamente assexuadas, em consonância com a exigência de postura discreta e digna, conforme os parâmetros mais tradicionais de dignidade feminina. Havia efetivo investimento sobre os corpos das estudantes que culminava na formação de um “habitus de enfermeira”, o que compunha um quadro delimitador, quando associado aos rituais e emblemas, na produção dessa nova figura de mulher profissional (SANTOS, 2004).

Ao passo que estar uniformizada e ser entronizada exigia maior responsabilidade da estudante, maior era o bônus do privilégio de uma maior aproximação com as professoras, por exemplo, pela semelhança com que agora ambas passavam a se vestir. Também passava a haver uma “hierarquia silenciosamente obedecida” nos estágios, nos hospitais e no internato (a residência das estudantes). O contrário deste bônus era “certo estado de medo, insegurança, ao querer ser aprovado em seu comportamento e até mesmo certo estado de rebeldia implicando em dificuldades em aprender a aprender e aprender a ser” (PAIM, 2014).

Ilustrando a fala da colaboradora acima, transcreve-se uma situação descrita pela enfermeira responsável por estudantes em campo de estágio, que fez chegar ao conhecimento da diretora da escola, por meio de um relato escrito à mão. Trata-se de uma situação de rebeldia de uma estudante ao ser repreendida pelo desalinho de seu uniforme. Consta no documento datado de 25 de janeiro de 1963:

Excelentíssima Senhora diretora da Escola Ana Neri. Prezada Senhora: Levo ao seu conhecimento hoje o seguinte ocorrido. A aluna do grupo II classe 63 D. Aparecida Ricciule apresentou-se ao serviço com o uniforme em desalinho (não sendo esta a primeira vez). Adverti-lhe a sair do berçário a fim de que se arrumasse corretamente, caso contrário estaria dispensada do trabalho no referido setor. De uniforme, e sem dar a menor satisfação seguiu para o internato. Sem procurar a chefe de disciplina, esperou que essa fosse ao seu encontro depois de ter sido comunicada por mim. Atenciosamente, Enfermeira Guiomar S. Cardoso. Rio de Janeiro 25 de janeiro de 1963 (EEAN, 1963b).

Segundo a descrição do Manual da Aluna (1963), a chefe de disciplina, que poderia ser ou não enfermeira, era a pessoa designada responsável pelas estudantes e atividades que desenvolviam na residência, no período de 6:30h às 22:30h. A ela deveria ser solicitada toda e qualquer autorização para saídas, faltas a aulas ou serviço, bem como para outros assuntos pessoais a resolver. A ela também deveria ser feita qualquer comunicação, se necessária, tendo como finalidades gerais, entre outras: fazer cumprir o regimento da escola; promover a necessária assistência moral e social a todas as pessoas residentes. No que diz respeito ao estágio, o Manual orienta “a falta ao estágio deve ser comunicada imediatamente à chefe da

residência, que notificará à Supervisora e tomará as providências requeridas” (EEAN, 1963a, p.14-15).

Logo, é compreensível a indignação da enfermeira ao relatar que a estudante não se dirigiu à chefe de disciplina, justamente em virtude da função que desempenha junto ao grupo nas dependências do internato e de sua responsabilidade diante das professoras/supervisoras.

Assim, a identidade na EEAN foi sendo incutida nas estudantes pela estratégia de “modelação”, ou seja, utilizava-se a docente como enfermeira-modelo e, então, enfatizavam-se as atitudes, os valores morais e socioprofissionais, além de sua competência profissional (CARVALHO, 1973, p. 527-31).

1.1.3 Uniforme de saúde pública

As colaboradoras desta pesquisa que foram estudantes ao longo da década de 1960, formadas nos anos de 1960, 1963 e 1969, respectivamente, descrevem o uniforme de saúde pública da mesma forma, o que demonstra ausência de alteração neste quesito ao longo deste período. Uma delas, inclusive, tornou-se professora da Escola logo em seguida.

O [*uniforme*] de saúde pública era a saia azul-marinho com a blusa branca, a blusa comum feito camiseta, só que a manga já curta, a maleta que tinha que fazia parte do uniforme [...] não tinha mais chapéu evidentemente, nós íamos só com a rede no cabelo, prendia e punha só a rede, e íamos visitar casas de gestantes, puérperas [...] Na saúde pública tinha um sapato diferente, não era branco, era um sapatinho *scarpin* azul-marinho igual à saia, ou preto igual à saia, mas a gente engomava a blusa, batia ferro na saia para andar também alinhada, não podia andar de qualquer jeito, e a bolsa também, a gente caprichava para ficar brilhando, passava igual no sapato você passa (PAIM, 2014).

Na saúde pública [*o uniforme*] era saia azul e a blusa branca, o sapato preto, de meia. No meu tempo não tinha que usar chapéu, no meu tempo não tinha mais chapéu, não (GOMES, 2014).

O uniforme de saúde pública era saia azul-marinho e blusa branca, e era sempre no último período da graduação (FIGUEIREDO, 2014).

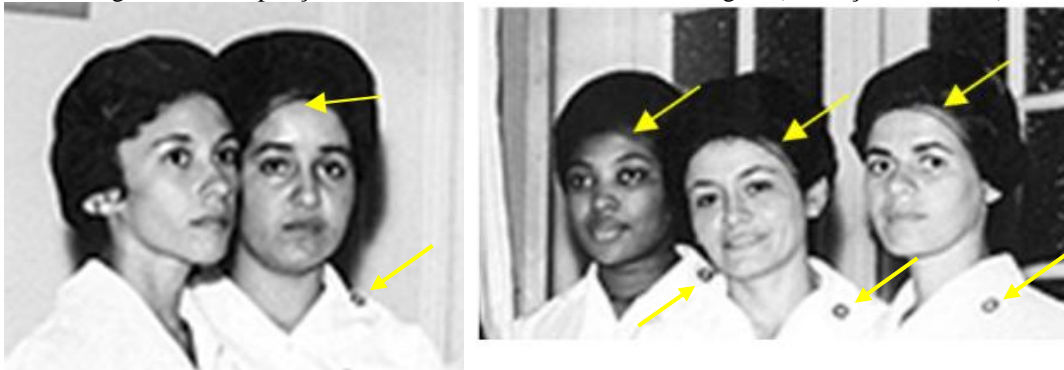
A imagem 14 ilustra a descrição das colaboradoras. A imagem 15 é a ampliação da mesma fotografia, destacando que a rede nos cabelos também fazia parte do uniforme de saúde pública.

Imagem 14 – Fotografia de estudantes com o uniforme de saúde pública.



Festa das ex-alunas no internato. Ano: 1962/1963. Sentada ao centro a professora Olga Salinas Lacorte. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/nº identificador: 4.30.1347.1

Imagem 15 – Ampliação destacando a rede no cabelo e a insígnia (indicação com setas).

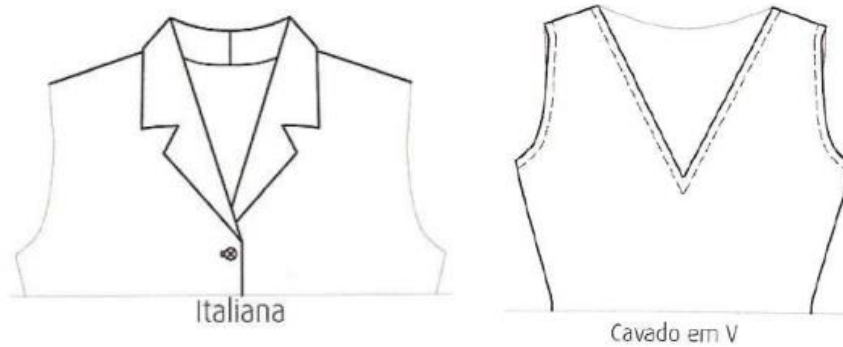


Ano: 1962/1963. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/nº identificador:

Na imagem 15 observa-se que completam os acessórios do uniforme de saúde pública a insígnia de estudante (na gola da blusa), a rede mantendo o cabelo preso, além da maleta.

A blusa social com manga curta, abotoamento à frente e decote em “V” deveria ficar para dentro da saia. Na sequência, apresenta-se a imagem 16, com o tipo de gola e de decote desta blusa.

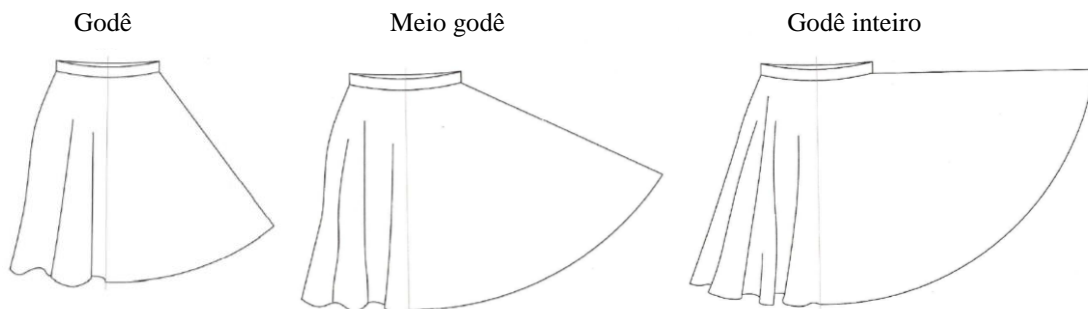
Imagem 16 – Desenho técnico-explicativo – gola e decote.



Ilustra os tipos de gola (italiana) e de decote (cavado em V) do uniforme de Saúde Pública Fonte: KAULING, 2016.

A saia veste a região da cintura e do quadril e pernas, e seu modelo godê²⁰, até a altura do joelho, permitia a liberação do movimento pelo número de franzidos e definia as variações do tipo de godê (godê, meio godê, godê inteiro), conforme é possível observar no desenho técnico a seguir (Imagem 17).

Imagem 17 – Desenho técnico dos modelos de saia godê.



Fonte: KAULING, 2016.

²⁰ A saia godê é cortada de um ou dois pedaços de tecido. Era coqueluche na década de 1950, quando costumava ser usada com camadas de anáguas. É muito associada à época do rock n' roll.

Imagem 18 – Fotografia de aula de saúde pública.



Ministrada pela Professora Isabel Dantas (em pé, sem uniforme) para a classe de 1968, na sala 2 do Pavilhão de Aulas. Da esquerda para a direita, no primeiro plano, Ondina Maciel, Daise Tavares Duarte, Flor de Lys N. Almeida, Maria Lucia F. Souza, Elda M. Oliveira. No segundo plano, Maria Lourdes Moreira, Edna P. Carolino, Rosa I. Cavallero, Maria Soares, Mercia P. Oliveira. Ano: 1965-68. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/nº identificador: 3.15.0798.1

Na imagem 18, da segunda metade da década de 1960, é possível identificar uma variação na blusa do uniforme de saúde pública das estudantes, entretanto todas com o decote em “V”. Há estudantes usando blusa com e sem lapela²¹.

A imagem 19 destaca os acessórios do uniforme, quais sejam: a maleta que, segundo o vestuário escrito, poderia ser preta ou azul-marinho, na mesma cor do sapato, inclusive as estudantes procuravam combiná-los; e a blusa de inverno, um casaco no modelo *cardigan*, confeccionado em lã, com mangas compridas e decote em V, com abotoamento frontal e bolsos estreitos laterais horizontais, comprimento até a altura do quadril, na cor azul-marinho, acompanhando o tom da saia.

Conforme descreve Coelho (1997) ao tratar do uniforme de saúde pública em seu livro sobre as memórias da EEAN:

Completava a indumentária, uma mala de couro preta (mala-de-saúde-pública) com muitas divisões internas e devidamente equipada para as funções de visitadora. Continha estojo metálico, com seringa de vidro e agulhas para ferver (não havia material descartável), pinça, tesoura, termômetro, medicamentos, álcool, gaze, algodão, ataduras, esparadrapo, sabonete, papel jornal, papel manilha e saco feito de papel de revista para material sujo. Acompanhavam ficha de inscrição do cliente de acordo com o caso, tuberculose, outras moléstias infectocontagiosas, materno-infantis, etc. (COELHO, 1997, p.144-45).

²¹ Parte da roupa, geralmente de blusas que possuem gola, que fica virada para o lado de fora (CALLAN, 2007).

Imagem 19 – Fotografia das estudantes com o uniforme de saúde pública de inverno.



Ano: s/d²². Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/nº identificador: 7.20.1886.1

Conforme relato da colaboradora, na maleta havia tudo o que era preciso para prestar cuidados básicos de saúde na casa dos pacientes em que se fazia a Visita Domiciliar, sem que precisasse de nada ou que houvesse contaminação do material. Para tanto, as estudantes eram orientadas quanto ao uso de cada um dos materiais. A imagem mostra também que as estudantes estão em número par (seis), o que, segundo a colaboradora Paim (2014), era uma estratégia da EEAN, para que nenhuma delas fosse exposta a situações constrangedoras e/ou de risco no momento da visita domiciliar na comunidade.

Apesar de não ter o mesmo status que a roupa branca, o alinhamento com o uniforme de saúde pública, em todo o seu conjunto, também era uma preocupação das estudantes, desde o lustre dos sapatos e maleta até o engomar da blusa e o passar-ferro na saia com o intuito de “andarem sempre bem alinhadas”, conforme a fala da colaboradora. Este zelo demonstra a incorporação da preocupação com a apresentação pessoal, sempre muito cobrada pelas dirigentes da EEAN.

1.2 Aspectos relacionados ao uso de uniforme no cotidiano das estudantes: destaques das décadas de 1950-1960

Ainda que o uniforme fosse um elemento de distinção perante os outros estudantes e profissionais, não causava estranheza às estudantes, pelo contrário, elas se sentiam importantes, diferenciadas, e, por isso mesmo, honradas/orgulhosas de assim serem

²² Não foi possível identificar a data desta imagem no acervo do CEDOC.

reconhecidas na ambiente acadêmico e social. A ideia da distinção positiva é ressaltada na fala da colaboradora, inclusive comparando com o fato de atualmente a enfermagem não usar tal distinção a seu favor, para um reconhecimento profissional.

Era todo mundo padronizado [...] A finalização do vestido era igual, e ficava muito bom, muito bom, muito bom, hoje você não vê isso, o desrespeito ficou grande, se você fala isso você é *démodé*, então eles não sabem se distinguir, é muito importante saber se distinguir até pelo o que veste (PAIM, 2014).

Os olhares de pessoas da sociedade eram direcionados para as estudantes da EEAN em solenidades e no ambiente de campo de estágio pelos integrantes da equipe de saúde, dentre os quais estavam os médicos, muitos à época considerados pessoas influentes, que reconheciam no uniforme o traje que apresentava a estudante como representante de uma instituição reconhecida pela qualidade de suas enfermeiras – neste caso a EEAN.

Conforme essa construção – enquanto território institucional sempre visível –, o uniforme era erigido como um sinal que, ao atrair o olhar social, se encerrava em uma gama de significados: o orgulho, o respeito, a honra. “A instituição nos diz o que olhar e o que ler no que vemos”. O uniforme sempre aseado, ilibado e ornado com seus acessórios, torna-se sinal inequívoco de respeitabilidade e de correção moral. Uma vez a vestimenta assim sendo vista, transfere para a instituição como um todo tais valores. O uniforme se torna, assim, “um *locus* de poder e de visibilidade, um elemento que atrai a atenção. Melhor ainda: um elemento que deve ser visto em seu esplendor, para ressaltar a presença da autoridade e conferir-lhe sua relevância” (SIRIMARCO, 2013, p.40).

As estudantes sabiam que eram vigiadas pelas professoras nesse aspecto do trato com o uniforme, o que tem relação direta com o perfil e comportamento que mantinham. Está aí a linguagem não verbal das roupas, os diferentes aspectos sobre a estudante que podiam ser observados por todos, sobretudo na Escola, pelas professoras que as avaliavam.

A colaboradora Paim (2014) aponta que a professora mais jovem era incumbida de vigiar os uniformes, dentre outros aspectos não verbais do comportamento das estudantes: “A Vilma [professora Vilma de Carvalho] já era diferente, ela ficava olhando a gente porque ela era a [professora] mais nova da Escola quando nós entramos [...]”. Também merece destaque a estratégia utilizada pelas professoras norte-americanas, e perpetuada pelas pioneiras da EEAN, no sentido de empoderar as estudantes que poderiam vir a ser futuras professoras para dar continuidade ao legado da escola, reconhecida por sua disciplina, rigor e qualidade das profissionais por ela formadas.

A Vilma ficava na escada e olhava a gente descer, porque tinha que olhar mesmo [ênfase], você vai querer que um grupo entre lá com meia furada, sapato sem limpar, sujo, voltava! [ênfase] Se fizesse isso, voltava! Porque já tinha mais de 18 anos todo

mundo. Quer dizer, era falta de respeito consigo mesmo e, mais ainda, com o grupo, um grupo ainda pior, que estava se instituindo naquela época, apesar de já ser anos cinquenta [1950]. Mas de 20 [de 1920] para 50, [1950] na história não é nada (PAIM, 2014).

A descrição da colaboradora, citada acima, reafirma que era a professora mais jovem da Escola a responsável por supervisionar os uniformes. Percebe-se que, ao passo que as estudantes inseridas nesta nova cultura escolar eram reforçadas de suas atribuições e responsabilidades para com a imagem da profissão que escolhiam (Sistema de Honra), por outro lado, à professora recém-ingressada e egressa da Escola também era determinado realizar a função de supervisão e observação de aspectos relacionados ao uso dos uniformes.

Tal estratégia reforçava na professora a identidade profissional do novo cargo que exercia, ou seja, o de enfermeira, professora da EEAN, que deveria desenvolver a habilidade de impor-se sob uma nova perspectiva, que não apenas a de cumprir com as regras determinadas pela EEAN, no que diz respeito ao seu funcionamento e ao uso do uniforme, mas, acima de tudo, ser exemplo.

Ainda neste contexto cabe destacar que em evento, no ano de 2003, a então professora, citada acima pela colaboradora, no ato de maior honraria acadêmica que é a outorga do título de professor emérito, em seu discurso durante o recebimento de tal distinção, destacou:

A professora Ana Jaguaribe da Silva Nava era mestre nas regras que aprendíamos *passo-a-passo* na pragmática do cotidiano escolar. Com o tempo, incorporei-as como um código de conduta que, na estrutura paradigmática exemplar, valia para todos – *os que aprendiam e os que ensinavam* – como se constitutivo de uma insofismável ética ou de um inconfundível credo profissional. [...] Mais tarde quando me tornei professora, incorporei outras regras que me servem de base para a atitude e a conduta de professora e enfermeira, dentre as quais destaco “Em defesa da posição da enfermeira e de seu papel social, valem todos os riscos para manter elevados e fazer respeitados os ideais da profissão de enfermagem” (CARVALHO, 2003).

O destaque conferido pela própria autora em seu discurso reforça exatamente a questão da conduta, da postura, da preservação da imagem da enfermeira “ananéri”, e principalmente, a ideia de que tal atitude valia para todos de forma igualitária. Segundo ela, tanto os que aprendiam quanto os que ensinavam iam incorporando tal “código de conduta”.

Também merece relevo o fato de ter incorporado em seu discurso um ideal de espírito de grupo, de pertença a uma categoria profissional, que determinava uma identidade corporativa em que ela, enquanto membro representante, garantiria uma conduta pessoal a fim de manter elevados e respeitados os ideais da profissão de enfermagem.

Sob essa mesma vertente percebe-se a consciência que as estudantes possuíam de tratar-se de uma profissão ainda em consolidação de sua imagem na sociedade e da importância de suas bases para uma boa reputação. A colaboradora Paim (2014) lembra que o

uso do uniforme de forma incorreta representava uma falta de respeito com o grupo que estava formando a sua identidade profissional, conforme cita: “Ainda pior, que estava se instituindo naquela época [*o grupo*]”.

Percebe-se também a estratégia das lideranças em reafirmar a profissão por meio da imagem corporal, da aparência física, da representação social de uma enfermeira competente, capaz de exercer atividade profissional qualificada e em franco desenvolvimento.

Manter o uniforme impecável era trabalhoso. Para tanto, as estudantes recorriam à ajuda de custo que recebiam.

Comprar a redinha e, às vezes, um par de meias ou a tinta do sapato, porque antigamente não tinha esses sapatos, e a gente tinha que limpar, pintar, e tudo era branco, e bem limpo, se fosse com uma manchinha você não entrava. [...] E eu achava muito interessante e muito bonito. Eu tinha prazer [ênfase] em fazer isso (PAIM, 2014).

Apesar da igualdade na aparência pelo uso do uniforme, as estudantes da Escola entendiam que aquele era um padrão de distinção, que as empoderava e lhes conferia um status social e profissional de pertença a um grupo respeitado por seu conhecimento e excelência no que fazia. A fala da colaboradora abaixo destaca este ponto, bem como a fotografia a seguir (Imagem 20) ilustra a homogeneidade visual produzida pelo padrão impecável no uso do uniforme.

Para a gente ficar igualzinha, todo mundo igualzinha, a medida do comprimento do uniforme era tirada do chão para cima, não sei quantos centímetros, por exemplo, eram 30 centímetros do chão, então todo mundo, alta ou baixa, teria 30 centímetros do chão, porque quando todas nós estávamos arrumadinhas para cantar até em inglês, quando vinha alguém de fora, a gente cantava. A professora Elvira de Felice nos ensinava canto. Quando vinha uma enfermeira de fora, a gente tinha que recepcionar cantando, então todo mundo arrumadinho ali naquela escada do Pavilhão de Aulas. Todo mundo arrumadinho, se tirasse uma foto o uniforme de todo mundo estava da mesma altura, era a coisa mais linda do mundo! Não era um mais pra cima e outro mais para baixo não, entendeu? Fosse baixa ou fosse alta (SANTOS, M., 2016).

Quando se analisa a descrição da colaboradora Santos, percebe-se a adoção de uma estratégia para determinar o comprimento do vestido do uniforme, medindo a partir do chão, com os sapatos calçados, o que proporcionava um efeito visual de igualdade quando as estudantes estavam juntas, como é possível ver na imagem 20.

Imagem 20 – Estudantes da classe de 1956 em aula prática.



Local: sala de dietética. Ministrada pela professora Elvira de Felice e Souza. No destaque, diferença de altura entre estudantes que não implica diferença no comprimento da barra do vestido. Ano:1953-56. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/cotidiano/nº identificador: 3.17.0820.1

A imagem apresentada ilustra bem esta homogeneidade visual em que é possível observar a simetria no comprimento tanto dos vestidos quanto do avental. Apesar da variação de altura entre as estudantes, a distância entre a barra do avental e o chão é igual para todas (destaque na imagem). A barra do vestido não aparece na imagem, por ter seu comprimento idêntico ao do avental.

Este tipo de medição já era usado na década de 1920-1930, conforme documento referente às normas de confecção dos uniformes intitulado “Regras para uniforme de alunas”, o qual detalha as seguintes medidas para confecção: “Bainha da saia altura do chão: 30 cm. Distância do avental ao chão: 30 cm”. Destaca-se ainda no documento que “estas medidas devem ser tomadas com sapatos de serviço (salto baixo)” (EEAN, 1931).

O rigor quanto ao uso do uniforme sempre foi condição *sine qua non* na Escola, haja vista que tal cobrança esteve presente desde o início e persistiu nas décadas de 1950-60, como é possível observar na fala das colaboradoras desta Tese, quando mencionaram sua experiência como estudante da EEAN.

A postura física das estudantes devidamente uniformizadas, lembrando-se da disciplina, dos modos, dos rituais que cercavam seu uso, fazia com que possuíssem uma héxis corporal condizente com a imagem esperada de uma enfermeira “ananéri”. Nos registros fotográficos da época é possível identificar a homogeneidade do grupo, a disciplina com a higiene do uniforme, a seriedade ao usá-lo, os modos das estudantes. Pode-se afirmar que a

estudante era moldada para ser uma enfermeira estrita e sóbria, discreta e rigorosa na sua maneira de vestir e de se comportar, aspectos de construção de identidade.

O depoimento de outra colaboradora que estudou na Escola de 1960 a 1963 menciona outro acessório do uniforme das estudantes da EEAN: uma capa, também chamada de *pelerine*²³, usada em dias frios. Ela caracterizava o uniforme de inverno, uma vez que nada mudava no vestuário, a não ser o uso de mangas compridas por baixo do vestido do uniforme e da capa de frio, que era mais curta em relação ao vestido:

A gente também tinha capa de aluna por causa do frio, então tinha uma capa azul-marinho, mas não era comprida até embaixo não, era um pouco abaixo da cintura. À noite a gente usava ou quando fazia frio (GOMES, 2014).

Tinha uma capa azul que era quando a gente estava na graduação. Era a capa azul-marinho igual o corte, o modelo da branca, só que a branca era de gala [*pelerine*], e a azul-marinho era para o trabalho, proteção do frio, para andar de noite nos corredores do São Francisco [*Hospital Escola São Francisco de Assis*] (FIGUEIREDO, 2014).

Esta capa era também utilizada em comemorações que exigiam a apresentação em trajes de gala, geralmente cerimônias, recepção de convidados de honra nas dependências da Escola. A imagem 21 ilustra a capa de estudante que, segundo o vestuário escrito era azul-marinho por fora e azul-claro por dentro. Destaca-se que na imagem, em preto e branco, está a capa original, em que, apesar de não ser possível ter a real noção do tom de azul, é possível observar o aspecto de formalidade e elegância que esta peça proporcionava quando agregada ao uniforme da estudante.

Imagem 21 – Fotografia da exposição comemorativa no internato da EEAN.



Centenário da instalação, em Londres, da primeira Escola de Enfermagem no Sistema Nightingale. Ano: 1960. Fonte: EEAN. Localização: Banco de fotos/Atos Acadêmicos/nº identificador: 2.10.0469.1

²³Elegante capa curta usada pelas mulheres em meados do século XIX para proteger o tronco. Tinha extremidades compridas na parte da frente e curtas atrás (CALLAN, 2007, p.244)

Trata-se de uma situação de extrema relevância social, tanto que o verso da foto detalha todo o evento. A imagem registra a exposição comemorativa do centenário da instalação, em Londres, da primeira Escola de Enfermagem no Sistema Nightingale, junto ao Hospital Saint Thomas. Nesta data também foi inaugurado o Medalhão de Florence Nightingale na galeria dos cientistas, localizada na Reitoria da Universidade, tendo sido realizada uma formatura conjunta de todas as Escola de Enfermagem do Rio de Janeiro no Teatro Municipal, com a presença da representante do *Internacional Concil of Nursing* (ICN), que veio de Londres, pelo Ministério das Relações Exteriores .

Os subsídios gastos e disponibilizados para todas eram padronizados. No que diz respeito às peças que compunham o uniforme, as colaboradoras destacam que recebiam o básico, com um material de boa qualidade, mas que não representavam tanto o padrão de maior refinamento para a época.

As estudantes com melhores condições financeiras adotavam estratégias para adequar o uniforme à moda da época, fazendo adaptações, sem desrespeito à norma de conduta ou às regras predefinidas. Já as menos abastadas mantinham-se com o padrão entregue pela escola. As falas abaixo ilustram tal questão:

Nunca deixamos de usar as meias e cinta-liga também para prender porque antigamente não tinha meia calça, a gente usava cinta-liga [...] a gente comprava cinta-liga, e quem queria a meia mais fina não usava aquelas, que a gente chamava de gesso, mas as mais pobres usavam a de gesso, porque não tinham dinheiro para comprar nada, ganhava-se um valor que dava para comprar a redinha, às vezes um par de meias ou a tinta do sapato, porque antigamente não tinha esses sapatos, e a gente tinha que limpar, pintar, e tudo era branco, e bem limpo, se fosse com uma manchinha você não entrava (PAIM, 2014).

O uniforme a gente recebia. Ganhávamos. Todo ele, desde a meia, sapato, tudo. Recebia tudo, a meia era feia, o sapato era feio [risos] tudo era assim, você olhando hoje você vê que era feio, era tipo um tênis a meia era grossa, mas a gente podia trocar. Comprar meias finas e trocar os sapatos, mas eu era pobre, não tinha dinheiro, então o meu era aquele mesmo. É igual hoje em dia que dá o da escola pública, não é? [risos] Então, eu não tinha, tinha que usar esse mesmo. Não tinha jeito (GOMES, 2014).

A estratégia de garantir às estudantes moradia em um internato onde pudessem conviver mais com as professoras permitiu que aprendessem questões ligadas à postura e a comportamentos sociais, regras de etiqueta e de polidez em suas atitudes. As estudantes não percebiam em tais atitudes ações de imposição de regras, pelo contrário, é recorrente na fala das colaboradoras a gratidão por terem vivido e, principalmente, por também considerarem que estas condutas determinaram a formação da sua identidade profissional. Inclusive as colaboradoras citadas a seguir destacam esta questão de forma bastante contundente, emocionadas com um sentimento de saudosismo:

E eu acho que foi a terceira parte do currículo e talvez a mais importante, foi a da convivência, a meu ver e, no entanto ninguém estava de uniforme, mas a gente sabia que via vestido de uniforme essas pessoas, para poder usar a autoridade que ela tinha em qualquer lugar na casa. Se ela passasse e tivesse alguém falando mais alto do que devia, ela tinha autoridade, quando ela passava todo mundo falava baixo e não era por medo, era a autoridade que a gente estava aprendendo (PAIM, 2014).

Lurie (1997, p.33) assinala que, pelo fato de o uniforme ser uma forma extrema de roupa convencional determinada pelo outro, independentemente de seu tipo, vesti-lo é abdicar do direito de agir individualmente. Completa ainda, que “usar constantemente um traje oficial pode transformar uma pessoa a ponto de ficar difícil ou impossível para ela reagir normalmente”.

No caso das estudantes da EEAN, observa-se, pela fala da colaboradora, que o convívio no ambiente acadêmico com as professoras, estando todas uniformizadas, levava a um tipo de comportamento homogêneo, disciplinar, não questionado e seguido fielmente. Entretanto, este esquema era tão incutido em seus hábitos rotineiros na Escola que até mesmo em ambiente informal do internato reproduziam as atitudes de disciplina e o comportamento delas esperados em atividade profissional, o que denota a dificuldade que tinham de agir normalmente na presença de uma superiora.

Eu não sabia nada da enfermagem, mas quando eu vi assim, aquele lugar, aquele internato, aquela coisa assim, parecia que eu estava num conto de fadas, porque a Escola era um conto de fadas!!! Porque você tinha uma vida ali, completamente (ênfase) diferente da vida lá fora. Completamente diferente, essa vida da Escola Anna Nery, do internato naquela época era assim (GOMES, 2014).

O internato das estudantes não era apenas uma habitação. Pretendia-se que fosse local de formação moral e profissional e proporcionasse uma vida de comunidade familiar. O viver comum facilitava a formação e a vigilância e a oportunidade para desenvolver ou adquirir as qualidades indispensáveis à profissão (SOARES, 1997). Tanto assim, que ilustra a assertiva a passagem em que a colaboradora destaca não ser uma relação de medo, mas de aprendizado do que representava a autoridade de uma pessoa num determinado contexto. O regime de internato integrava o condicionamento para a aprendizagem do papel da enfermeira, mantendo as estudantes num sistema fechado, afastadas da vida cívica e social propriamente dita. Ao mesmo tempo, preparava para que pudessem distinguir entre a vida privada e pública, como é possível observar na fala da colaboradora Gomes, para quem o convívio na escola assemelhava-se a um “Conto de Fadas”.

Cabe destacar os princípios fundamentais, citados no discurso do Jubileu de Ouro da turma de 1954, que nortearam a conduta da estudante da EEAN, são eles: “princípio da demonstração pelo exemplo”; “princípio do fazer as coisas com técnica e criatividade”; e o

princípio “do sentido da consciência moral”. Outros princípios aprendidos e destacados no discurso incluem ainda:

Diretrizes filosóficas, valores hierárquicos fundamentais à atitude para compreender o sentido da tradição, da vocação profissional, da responsabilidade em todas as situações e atividades, da dedicação e do compartilhamento com o outro, do dever cumprido na assistência de enfermagem, da necessidade de competência no estudo continuado, e do sentido ético do servir em enfermagem (CARVALHO, 2004, p.294).

Outra parte do cotidiano das estudantes bastante policiado pelas professoras dizia respeito à forma como elas manifestavam suas emoções. A postura, a pose, os modos, principalmente quando vestidas com o uniforme, deveriam ser rigorosamente controlados. Era preciso ser comedida e muito discreta, uma vez que, mesmo sendo o comportamento signo externo ao corpo, está a ele associado e com ele constrói imagens próprias de seus portadores (SANTOS, 2004).

Rompantes de alegria não podiam ser manifestados em ambientes públicos como o espaço social da escola. Sobre isso a colaboradora Paim destaca a seguinte passagem:

Aí passei [*na prova para admissão na EEAN*], dona Olga [*Olga Salinas Lacorte*] que mostrou os resultados e observou que eu estava com muita emoção, que não podia ter muita emoção! Na minha cabeça eu já tinha certeza que precisava ter emoção para ser uma enfermeira, mas não fez mal que ela dissesse assim, foi bom que ela me controlou na hora, porque eu tomei um susto tão grande em ter passado, aí me controlei, e na hora o estímulo dela foi bom, de retrainir um pouco a manifestação, tudo é aprendizagem (PAIM, 2014).

A mesma colaboradora pontuou ainda que havia o ensinamento de questões subjetivas relacionadas aos sentimentos e refletidas pelo comportamento, ou seja, as linguagens não verbais. Antes mesmo de ingressar na EEAN, no momento em que soube do resultado do seu processo seletivo, recebeu da professora as instruções para demonstrar sua emoção de forma regrada, sem exageros.

Ao lembrar toda a sua trajetória profissional no discurso da solenidade em que recebeu o título de professora emérita, a colaboradora Carvalho destacou estas regras como sendo “princípios fundamentais” da pedagogia da EEAN que apoiavam o conhecimento passado aos jovens que escolheram seguir esta profissão.

“A dignidade de quem fala deve atender à dignidade de quem ouve”. Primeira regra aprendida. A segunda regra taxativamente dispunha: “A aparência pessoal e a polidez no trato com o outro conferem mais com a identidade da enfermeira do que qualquer cartão de visitas”. Mais imperativamente a terceira regra valia como princípio fundamental da pedagogia ‘ananneriana’: “em primeiro lugar os clientes enfermos ou não, incluída a família; em segundo lugar, os alunos, na hierarquia dos que menos sabem para os que mais sabem; e, então, os outros circunstantes, incluídas as enfermeiras docentes ou não (CARVALHO, 2003).

Há que se destacar também, no que diz respeito ao cotidiano das estudantes no ambiente dos campos de estágio, a relação positiva entre a ocupação de espaços nos serviços de enfermagem dos hospitais da universidade, que também eram campo de estágio das estudantes da Escola, e a influência da Escola sobre eles, sobretudo em meados do século XX. As estudantes reconheciam que tal proximidade era “muito vantajosa”, pois assegurava e reforçava ainda mais o poder da Escola naqueles setores. As atividades assistenciais das professoras nesse período tiveram uma excelente repercussão, a ponto de serem reconhecidas como “um pessoal muito diferenciado, e muito qualificado” (BARREIRA, 1997, p.77-79).

Exemplos de situações descritas pelas colaboradoras corroboram sobremaneira tal assertiva:

[Pela forma indelicadíssima como o médico, chefe da clínica traumatologia, tratou uma enfermeira da Escola] A ex-diretora Waleska Paixão, assim que pode, foi lá exigir falar com o professor e disse para ele: ou ele pedia de público desculpas e reconsiderava as palavras que usou com a enfermeira ou ela retirava a Escola Anna Nery daquele setor. Toda a Escola daquele setor e ainda ia comunicar ao Conselho Universitário, porque que ela havia feito isso. E ele pediu! Porque eu testemunhei isso. Então as enfermeiras da Escola eram desta monta. Foi com elas que eu aprendi, eu não tinha medo, temor de me impor a qualquer pessoa (CARVALHO, 2014).

Um médico veio até a minha pessoa [e disse] “eu quero saber das bandejas”, eu digo assim: “os seus alunos foram orientados a trazer de volta, mesmo sem limpar, trazer nos invólucros que nós mandamos para a sala de esterilização, como eles não trouxeram não foram preparadas, e lá na sala de operações não tem outras, ademais” Aí ele disse assim: “A senhora não podia fazer isso”, aí foi também um tanto desrespeitoso em tratar do assunto, aí eu disse: “eu acho que o senhor está muito enganado, nós vamos então ao chefe da clínica que é o SEU [ênfase] chefe, não o meu, o meu chefe, se é que eu tenho um, é a diretora da Escola Anna Nery. Estou aqui por conta dela. Ela é quem dá ordens, não o senhor e nem mesmo o professor que é o chefe da clínica.” Aí, quando nós fomos ao chefe da clínica, o chefe da clínica fez ele me pedir desculpas (CARVALHO, 2014).

O São Francisco [Hospital Escola São Francisco de Assis] era um hospital DAS [ênfase] enfermeiras da Escola Anna Nery. Elas eram chefes do serviço. Então elas impunham, no bom sentido, naquela prática assistencial os rituais, era uma coisa só (CARVALHO, 2014).

Ao destacar que o hospital era “das enfermeiras da Escola”, a colaboradora refere-se ao fato de, uma vez que as próprias enfermeiras da Escola organizam e chefiavam o serviço, podiam imprimir ao grupo as características desejadas para a boa formação de uma profissional enfermeira, de modo que a parte teórica e a prática conseguiram manter homogeneidade. O mesmo não ocorreu quando as estudantes tiveram que se inserir nos hospitais não gerenciados por elas e ali perceberam divergências de pensamento na condução da prática da enfermagem.

Pelas mesmas regras que se valiam para conduzir os ensinamentos das estudantes, delas cobrando ostensivamente, também era inadmissível que não houvesse reciprocidade no

tratamento que recebiam, quer fossem as professoras ou as estudantes. Assim, da mesma forma como as professoras da Escola cobravam, segundo seus princípios fundamentais, dignidade na fala e polidez no trato com o outro por parte das estudantes, exigiam que o mesmo ocorresse por parte dos outros profissionais em relação a elas.

Os casos exemplificados pela colaboradora ocorreram no Hospital Escola São Francisco de Assis, à época equivalente ao Hospital Universitário, pois todos os estudantes da área da saúde da UFRJ faziam estágio lá. A direção da EEAN considerou esta questão tão séria e de tal importância que cogitou levar até as últimas instâncias da Universidade, no caso o Conselho Universitário.

Percebe-se, neste episódio, a representação da identidade e da diferença. Silva (2011), ao discutir identidade e diferença na perspectiva dos estudos culturais, aponta que:

A identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação. A representação é uma forma de atribuição de sentido. E é por meio da representação que a identidade e a diferença também adquirem sentido. [...] Teóricos ligados aos estudos culturais como Hall trazem o conceito de representação desenvolvendo-o em conexão com uma teorização sobre identidade e diferença. Neste contexto a representação é concebida como um sistema de significação, expressa, por exemplo através da fala, um pintura, sempre uma marca ou um traço visível, exterior. [...] É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade (SILVA, 2011, p.89-91).

A atitude da professora e da diretora da Escola demonstrou à autoridade que se julgavam empoderadas não só pela posição que ocupavam, mas pela forma como conduziram as situações a que foram expostas, de modo que a figura da enfermeira foi posta em situações desfavorecidas/desagradáveis. A representação das professoras naquele momento demonstrou para as estudantes de enfermagem e aos profissionais médicos nuances do que era esperado daquelas estudantes após formadas, sedimentando para elas, principalmente por meio daquela experiência, a identidade da enfermeira “ananéri”. Nesse sentido, destacam-se a firmeza, a seriedade e o respeito na resolução daquela situação constrangedora.

A colaboradora Carvalho enfatiza, em sua fala, três momentos distintos para ilustrar a posição ocupada pela EEAN nos campos em que estavam inseridas. No processo de construção de suas identidades, se afirmavam pela competência acadêmica, profissional, gerencial, mas também por saberem se impor em situações de desfavorecimento, mostrando a importância da presença da enfermagem para o bom andamento das atividades hospitalares.

Diante do que foi descrito pelas colaboradoras que vivenciaram as décadas de 1950 e 1960, o uniforme era parte de um processo de construção da identidade social e profissional das estudantes. Sua significância era reconhecida e imbuída de uma disciplina comportamental, vigiada pelas professoras, mas que as estudantes não viam de forma

negativa. Ao contrário, relembram com emoção o cotidiano na EEAN em seu tempo de alunas e citam com respeito e admiração as professoras. Isso reflete o reconhecimento de pertença ao grupo, ou seja, elas, estudantes, seriam as professoras e nesse espelho se olharam para iniciar a carreira docente. Tal afirmativa é possível de ser feita porque todas as colaboradoras citadas nesta subcategoria de análise tornaram-se professoras da EEAN.

No processo de construção identitária em todo período, a cerimônia de “Recepção de Toucas”, realizada pela EEAN desde a sua inauguração (COELHO, 1997), foi um elemento de destaque na fala das colaboradoras de diferentes épocas, pois tem relação direta como o uniforme enquanto signo da estudante da EEAN.

Capítulo 2 - ALINHAVANDO RETALHOS: USO DO UNIFORME EM CERIMÔNIAS E RITUAIS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

ESTRUTURA DO CAPÍTULO

2.1 Principais Cerimônias – Rituais que solenizavam o uso do uniforme na EEAN

2.1.1 Cerimônia de Recepção de Toucas / Imposição de Insígnias: conjunto de atos solenes para a construção da identidade profissional

2.1.1.1 Ritual para colocação da touca e das insígnias nas estudantes da EEAN

2.1.1.2 O entoar do Hino da Enfermeira e a proclamação do Juramento de Estudante

2.1.1.3 Cerimônia da Lâmpada / Ritual da Lâmpada

2.1.2 Premiação de Dama da Vela – Dama da Lâmpada – Dignidade Acadêmica

2.1.3 Cerimônia de Formatura e seus atos solenes

2 ALINHAVANDO RETALHOS: USO DO UNIFORME EM CERIMÔNIAS E RITUAIS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

Este capítulo apresenta as principais Cerimônias instituídas na EEAN, nas quais os uniformes eram importantes elementos da ritualística e de demonstração da identidade das estudantes da Escola. O vestuário imagético observado nas fotografias ilustra, de acordo com os fatos descritos pelos colaboradores, a sua função simbólica em circunstâncias solenes. Assim, revelam-se as múltiplas utilidades do vestuário, uma vez que, em capítulo anterior, já foi apresentada com mais ênfase a sua função disciplinadora e funcional na formação de enfermeiros²⁴.

Algumas limitações do estudo devem ser anunciadas nesta introdução, uma vez que, nas fontes pesquisadas, nem todas as datas de início e término das cerimônias apresentadas puderam ser identificadas. É importante salientar que lacunas fazem parte da história, porque nunca se chega aos fatos tal como ocorreram no passado, o que faz das incompletudes desta Tese chamamentos para novas pesquisas sobre o tema.

Por mais que a cronologia seja buscada na escrita da história, esta deve ser compreendida pelo tempo histórico, aquele que não é marcado pelo ponteiro do relógio, ainda mais quando estão envolvidos aspectos simbólicos que permeiam construção de identidades (BRAUDEL, 2002).

A consciência, individual ou social, recria o tempo, um tempo, tempos conflitantes que existem como fragmentos de memória, que nos dão identidade como seres e como fantasia, projeção do ser no futuro, que nos permitem agir. Memória e projeto, mito e fantasia, nos recolocam no tempo como seres, permitem-nos definir quem somos e o que queremos ser (GUARINELLO, 2008, p.13).

Dito isto, apresentam-se a seguir as cerimônias implantadas na EEAN que perpassam todo o recorte temporal desta estudo e precisam ser descritas para melhor compreensão do tema central em tela, qual seja, os uniformes dos estudantes da EEAN. Tais cerimônias merecem ser discutidas, uma vez que os colaboradores da pesquisa, independentemente da época em que estudaram, citaram pelo menos uma delas durante a entrevista.

2.1 Principais cerimônias - Rituais que solenizavam o uso do uniforme na EEAN

As cerimônias são entendidas como atos de celebração formal, solene, nos quais são conferidas importância e autenticidade a determinado evento (GUIMARÃES; CABRAL,

²⁴Neste capítulo será usada a flexão de gênero no masculino para atender à norma culta da língua portuguesa, uma vez que o recorte temporal (1960-1980) abrange tanto o período em que a Escola era só para mulheres quanto aquele em que passou a ser mista.

2016). Durante a pesquisa foram identificadas as seguintes cerimônias realizadas na EEAN: Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias, Cerimônia da Lâmpada/Ritual da Lâmpada/Cerimônia do Acender da Lâmpada, Premiação de Dama da Vela/Dama da Lâmpada/Dignidade Acadêmica e a Cerimônia de Formatura. Todas tinham seus próprios ritos, que funcionavam como estratégias de construção da identidade da enfermeira “ananéri”, valorizando o uniforme, dentre outros aspectos. Esses elementos eram constitutivos da formação da identidade profissional dos indivíduos em muitas instituições de ensino (DUBAR, 2005).

A análise destes rituais e a reflexão acerca do contexto histórico-social de sua existência tornam-se de extrema importância para o registro do desenvolvimento da profissão, bem como para reforço de sua identidade e de sua imagem profissional, incutida desde o início do funcionamento da EEAN e reforçada, ano após ano, ao longo de sua trajetória na sociedade brasileira. Tanto é que, por ocasião dos 80 anos da Escola, Santos (2004), pesquisadora/estudiosa da temática sobre emblemas e rituais da enfermagem, ressaltou:

Na trajetória de nossa profissão, os rituais e emblemas utilizados pelas escolas de enfermagem têm, acima de tudo, o sentido de intercâmbio entre quem enuncia determinada mensagem e os acadêmicos eruditos, com sensíveis reflexos para a categoria, em sua totalidade, estrategicamente empregado visando à ocupação de espaços sociais relevantes (SANTOS, 2004, p.82).

A presença de estudantes disciplinados, diferenciados por seu vestuário impecável, reconhecidos pelo conhecimento e forma de lidar com os pacientes, destacava a imagem do enfermeiro que tinha, em seu uniforme, o primeiro sinal de identificação (PERES; PADILHA, 2014).

As formas identitárias constroem-se pela articulação entre aspectos objetivos e subjetivos, se transformam diante de situações que levam à continuidade ou à ruptura entre a identidade herdada, visada no âmbito subjetivo, a identidade atribuída pelo outro e aquela incorporada para si no âmbito do reconhecimento social objetivo (DUBAR, 2005).

Após a RU/68, foi necessário realizar adaptações para a manutenção de algumas cerimônias realizadas na EEAN, visando à adequação da Escola ao modelo de ensino universitário vigente. No entanto, para apresentar tais modificações, será necessário retornar ao período que antecede esta Reforma.

As cerimônias e os rituais que envolviam os estudantes da EEAN foram instituídos desde a primeira turma e repetidos anualmente, durante atos solenes, que transmitiam uma imagem de homogeneidade para o grupo de aprendizes. Nestas ocasiões, as enfermeiras/professoras se apresentavam como profissionais respeitáveis e solidamente

preparadas, conseqüentemente conferindo visibilidade e *status* à profissão (PORTO, SANTOS, 2009; SANTOS, 2004).

Os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter. É como se o domínio de ritual fosse uma região privilegiada de uma sociedade, para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte dos ideais eternos (DAMATTA, 1997, p.29).

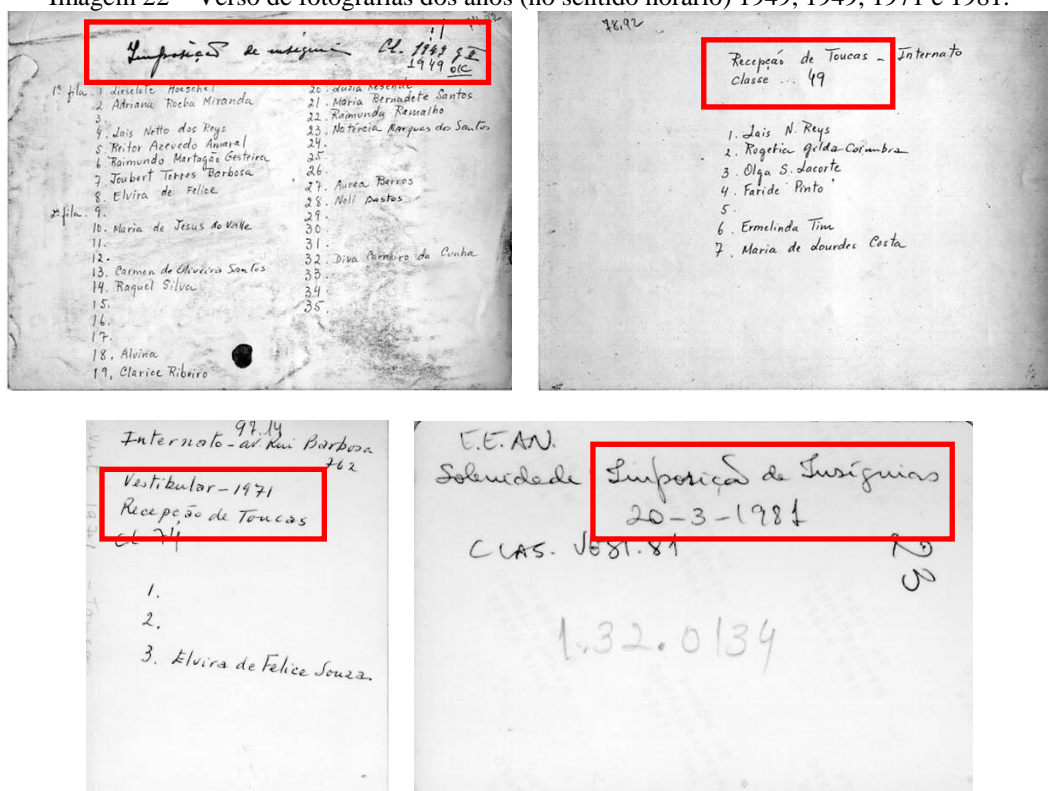
Destarte, na EEAN, os rituais contribuía para consagrar e atualizar o mito da origem da categoria e eram realizados em várias passagens da formação do enfermeiro.

2.1.1 Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias: conjunto de atos solenes para a construção da identidade profissional

A “Cerimônia de Recepção de Toucas” foi descrita com esta denominação em estudos das décadas de 1920, 1930 e 1940. Acontecia ao final da etapa denominada de Preliminar e marcava o momento em que as estudantes que iriam para o estágio hospitalar usavam pela primeira vez o avental e recebiam a touca como parte desse uniforme. As estudantes que ingressariam no estágio de saúde pública usavam o uniforme desta etapa e, na cerimônia, recebiam uma braçadeira com a Cruz de Malta bordada em vermelho e colocada no braço esquerdo. Todas recebiam também o broche com a insígnia da Escola (COELHO, 1997).

Cabe esclarecer aqui que ainda não foi possível detectar na linha histórica da EEAN a data precisa da mudança de nome desta cerimônia. Se nas décadas de 1940 até 1970 é possível observar a citação dos dois termos para a mesma cerimônia, a partir da década de 1980 identifica-se apenas o uso do termo “Imposição de Insígnias”, desaparecendo “Recepção de Toucas”, embora a touca continuasse a ser usada (Imagem 22). Não foram encontradas fotografias desta cerimônia na década de 1960 nem documentos esclarecedores durante a pesquisa.

Imagem 22 – Verso de fotografias dos anos (no sentido horário) 1949, 1949, 1971 e 1981.



Evidencia o uso dos termos Recepção de Insígnia, Recepção de Toucas e Imposição de Insígnias em referência à cerimônia de entronização dos estudantes. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/cotidiano/nº identificador 1.24.0098.2, 1.24.0100.2, 1.30.0116.2 e 1.32.0134.2.

Durante as entrevistas, as colaboradoras que citaram o nome da cerimônia referiram-se a ela usando o termo “Imposição de Insígnias”, conforme destacado abaixo:

Os alunos participavam de uma cerimônia de juramento de aluno ingressante no curso, no curso formal que levava à graduação do enfermeiro, que era chamada de Imposição de Insígnias (CARVALHO, 2015).

Quando a gente saía do ciclo pré-profissional para o ciclo profissional tinha a Imposição de Insígnias que era uma cerimônia onde a gente vestia o uniforme pela primeira vez (PORTO, 2014).

Eu acho que a Imposição de Insígnias era no segundo ano. Era um BELÍSSIMO ritual (LOYOLA, 2014).

As colaboradoras supracitadas ingressaram na Escola respectivamente nos anos de 1951, 1972 e 1974. Duas ainda são professoras na instituição e uma aposentou-se em 1990. Ou seja, todas conviveram com a solenidade enquanto ela existiu, sendo o termo Imposição de Insígnias o que ficou marcado em suas memórias, fato que reforça a mudança de nome destas cerimônias, porém sem ser possível aqui precisar a data. Entretanto, tanto a Cerimônia de Recepção de Toucas quanto a Cerimônia de Imposição de Insígnias tinham por objetivo entregar aos estudantes acessórios distintivos para a sua identificação na Escola e fora dela.

Insígnia é, por definição, um sinal ou signo que indica posição, poder, dignidade, função, classe, nobreza, comando de quem o ostenta, uma designação emblemática (divisa, legenda, dizeres, escritos em emblemas, escudos e qualquer alusão simbólica por desenhos) adotada para individualizar e distinguir uma instituição (AULETE, 2016).

Nota-se, na bandeira da EEAN, nos broches de estudante e de enfermeira e na braçadeira (Imagem 23), a figura da cruz de malta, logo, conclui-se que foi este o símbolo escolhido como insígnia da Escola desde a sua inauguração.

Imagem 23 – Insígnias da EEAN.



Da esquerda para a direita: insígnia de estudante, insígnia de enfermeiro, braçadeiras e bandeira da EEAN.

Fonte: acervo pessoal do colaborador e EEAN.

Como não foram encontrados estudos sobre a “Cerimônia de Imposição de Insígnias” na EEAN, pode-se, por aproximação com a “Cerimônia de Recepção de Toucas”, esta sim, descrita na literatura, compreender seu significado, uma vez que se trata de uma solenidade perpetuada na escola, passando por mudanças nas normas e regras de sua realização, bem como na sua nomenclatura. Este evento acompanhou o desenvolvimento da sociedade e da estrutura das instituições de ensino superior de enfermagem no país.

Caracterizavam esta solenidade, para a qual eram convidadas pessoas da sociedade (autoridades acadêmicas, familiares das estudantes, corpo docente e discente da Escola), normas de conduta a serem seguidas. O ato solene principal, que nomeava a cerimônia, era a colocação da touca na cabeça das estudantes com o uniforme hospitalar, da braçadeira no braço esquerdo daquelas com o uniforme de saúde pública e do broche com a insígnia da Escola na gola do vestido de todas.

O processo de preparação para a Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias começava no momento em que os estudantes mais novos assistiam à Cerimônia dos mais antigos, o que já despertava o desejo de futuramente participarem daquele ritual tão bem preparado e de uma organização precisa. Quando chegavam ao período que lhes daria a prerrogativa de serem representantes do corpo discente da Escola, agora usando o uniforme

completo, a preparação para este momento mobilizava, envolvia e integrava ainda mais os estudantes (DAHER, 2000, p.34).

Uma colaboradora, estudante no período de 1981 a 1985, faz a seguinte descrição da Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias:

Tinha a [*presença da*] família, os colegas dos outros períodos, os colegas do primeiro período. Por isso que a gente queria, porque quando a gente chegava ao quarto período, a gente já tinha assistido aquilo de outros períodos. Então, assim, era uma, era um dia importante na vida. Nossa!!! Pelo menos nós naquele momento interpretávamos assim, tanto que hoje a gente se reúne, o grupo se reúne para relembrar aquele período, “Você lembra daquele dia de imposição de insígnia?”. Quer dizer, não é uma coisa que tenha sido apagada da nossa memória (CABRAL, 2015).

Quando analisada a Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias percebe-se que a EEAN utilizava estratégias para além dos uniformes, pois elevava a pessoa uniformizada à condição de exemplo a ser seguido, conforme se percebe no conceito de identidade baseada no sujeito sociológico, em que se considera a concepção interativa da identidade do eu, de modo que esta é formada na interação entre o eu e a sociedade. Assim, tal identidade era construída pela relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que habitam (HALL, 2006).

De fato, a estratégia da EEAN consagrou este rito, conforme revela o relato de uma colaboradora, que menciona sua fase já como professora da EEAN. Segundo ela, algumas professoras conferiam maior importância a esta Cerimônia do que à formatura.

A professora Ivone Pereira Ferreira era da comissão de formatura, ela gostava mais da formatura final, e a Ana Shirley e eu gostávamos mais dessa etapa [*passagem do ciclo pré-profissional para o profissional*]. A professora Ana Shirley era apaixonada por isso [*ser da Comissão de Formatura*], nós íamos de uniforme branco sem pelerine e os estudantes vestiam branco pela primeira vez, era quase uma miniformatura, porque eles eram chamados, tinha juramento de estudante [...] Você sabe que até hoje, eu já estou para me aposentar, e eu integro ainda a comissão de formatura, porque eu gosto muito, é uma coisa que me emociona, então isso para mim é muito importante (SOUZA, 2014).

Ainda faziam parte da cerimônia outros atos solenes como o acender de uma vela na chama carregada por estudante de período mais adiantado, o entoar do Hino Nacional Brasileiro e do Hino da Enfermeira e a proclamação do Juramento de Estudante²⁵. Nesse dia, era preciso estar devidamente uniformizado, condição *sine qua non* para participação na cerimônia.

Esta pesquisa observou uma mudança importante na primeira metade do século XX: a Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias passou a ter estudantes usando

²⁵ Durante a pesquisa não se encontrou esse juramento e nenhum colaborador dele se lembrou.

somente o uniforme hospitalar, pois não consta mais a presença de pessoas usando uniforme de saúde pública nas fotografias desse período.

As imagens de 1949 presentes no acervo da EEAN confirmam esta evidência, pois retratam todas as estudantes na cerimônia com o uniforme hospitalar. Este fato provavelmente se explica por mudanças curriculares, pois nos Históricos Escolares das décadas de 1930 a 1980, o estágio de saúde pública está localizado no último ano, próximo à conclusão do curso, portanto não havendo razão para que usassem o uniforme de saúde pública na entronização ao ciclo profissional (EEAN, 1930, 1940, 1950, 1960, 1971, 1980).

2.1.1.1 Ritual para colocação da touca e das insígnias nas estudantes da EEAN

Um dos atos solenes da Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias era a colocação da touca na cabeça das estudantes, do broche com a insígnia da Escola no centro da gola e da braçadeira no punho da manga do vestido do uniforme. Esta braçadeira era branca, com a cruz de malta vermelha ao centro e com listras também vermelhas, que indicavam o ano no curso – primeiro, segundo e terceiro – com o número de listras correspondentes – uma, duas ou três listras – acrescentadas à medida que iam completando os períodos (COELHO, 1997).

A touca branca lisa, a braçadeira e o broche com a insígnia da Escola eram entregues e colocados pela diretora da EEAN, auxiliada pela vice-diretora ou por outra professora, geralmente da área de Fundamentos de Enfermagem.

A título de ilustração, as imagens 24 e 25 retratam a Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias da classe de 1952-I (ou seja, ocorrida em 1949²⁶). Nas imagens é possível identificar a braçadeira no punho da manga esquerda da estudante, entretanto, diferente do relato de Coelho (1997), a cor da braçadeira era a mesma do tecido do vestido, a Cruz de Malta e as divisas compatíveis com o período do curso continuavam vermelhas.

²⁶ Foram usadas fotografias desta década por atenderem em detalhe à ilustração que se quer fazer e porque não houve modificação neste ritual até o final da década de 1960.

Imagem 24 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Touca.



Classe de 1952-I. Da esquerda para a direita: Diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys, do seu lado esquerdo a professora Elvira de Felice colocando a braçadeira na estudante. Recebendo a touca, a estudante de graduação Isabel Lopes; de costas, uma estudante não identificada. Ano: 1949. Local: Internato da EEAN. Fonte: EEAN. Localização: Banco de fotos/ rituais/ nº localizador: 1.27.0107.1.

Imagem 25 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Touca.



Classe de 1952-I. Da esquerda para a direita: diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys; ao seu lado, colocando a braçadeira na estudante, professora Elvira de Felice; recebendo a touca, a estudante Maria do Carmo Antony; acendendo a vela, a estudante de graduação Elvira Cunha Local: Internato da EEAN. Ano: 1949. Fonte: EEAN. Localização: Banco de fotos/ rituais/ nº localizador: 1.27.0111.1

Nas imagens é possível observar também a diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys, colocando a touca nas estudantes, a professora de Fundamentos de Enfermagem, Elvira de Felice, colocando a braçadeira, e uma estudante acendendo, com sua chama, a vela da outra que recebera a touca.

Observa-se também o ritual do acender da vela. Na análise fotográfica das cerimônias nota-se que esta parte do ritual está presente nas décadas de 1920 até o início da década de 1970, durante o ritual de passagem do ciclo pré-profissional para o profissional. No ritual do acender da vela está contida uma forma de premiação de melhor estudante, que será tratada no próximo subitem deste capítulo.

Uma colaboradora que estudou de 1971 a 1973 faz a seguinte descrição:

A Cerimônia aconteceu lá na capela [*do internato*] que ficava no andar de cima do restaurante do nosso café da manhã, que é aquele salão debaixo [...] A gente entrou na capela com a vela na mão, não com a lâmpada. (SOUZA, 2014).

O vestuário-imagem observado nas imagens 24 e 25 anteriormente apresentadas traz o seguinte uniforme hospitalar de estudante: vestido de mangas curtas, cuja cor não é branca (sabe-se pelo vestuário escrito que era azul), avental branco sobre o vestido, preso por abotoamento e cruzado nas costas. Ainda, touca lisa branca, rede nos cabelos, braçadeira no punho esquerdo do vestido e relógio de ponteiros no punho esquerdo da estudante. Completavam este uniforme meias e sapatos brancos, conforme já descrito no capítulo 1 desta tese.

A diretora não está usando uniforme e sim um traje em cor escura, que parece ser um *tailleur* (conjunto de saia e *blazer*), blusa branca por dentro e o broche com a insígnia de enfermeira no centro da gola. A professora Elvira de Felice usa o uniforme de enfermeira - vestido branco, broche com a insígnia de enfermeira no centro da gola, touca branca e rede nos cabelos. Completavam este uniforme meias e sapatos brancos (PERES; BARREIRA, 2003).

A formalidade da cerimônia é evidenciada pela postura ritualística das pessoas presentes nas duas fotografias, uma vez que se repetem os lugares ocupados e os atos realizados; e também no vestuário da diretora da EEAN, considerado um traje sóbrio e elegante pelo corte e pela cor escura (BARNARD, 2003; STEFANI, 2005). Completa a assertiva a presença da bandeira da EEAN na cena retratada.

A Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias era uma solenidade de entronização dos estudantes à etapa profissional, ou seja, quando passavam a construir a identidade de enfermeiros que viriam a ser em atividades realizadas nos cenários de prática, com o aprofundamento dos conhecimentos de enfermagem.

Uma vez repetida a cada mudança de etapa das turmas por décadas, tal prática de natureza ritualística e simbólica inculcou valores, direitos e deveres nas estudantes, que

também despertavam amor pela escola e profissão. A força desses elementos na construção das identidades é tão intensa que as novas gerações deram continuidade a esta cerimônia, estabelecida pelas enfermeiras norte-americanas desde a primeira turma da EEAN.

A descrição de uma colaboradora sobre a cerimônia da sua turma, que ocorreu na segunda metade do século XX, aponta semelhanças no ritual deste período com o da primeira metade do mesmo século:

Uma professora, que na minha época era a Ana Shirley Valverde Meirelles, era uma professora de Enfermagem Fundamental e ela era da disciplina Fundamentos de Enfermagem e da disciplina Introdução à Ciência de Enfermagem. [...] Quem organizava eram as professoras de Enfermagem Fundamental porque as duas disciplinas de entrada no ciclo profissional eram do departamento delas. Aí a Ana Shirley falava do simbolismo das insígnias que nos identificaria como alunas da enfermagem. Falava da história da escola, aquilo tudo. Era uma Cerimônia bonita. Depois chamava aluna por aluna. Ficavam todas as professoras de fundamentos, uniformizadas esperando as alunas. Se tivessem cinco professoras, cinco alunas iam de uma vez. Aí elas colocavam o broche e colocavam a touca (PORTO, 2014).

Outra colaboradora, estudante durante a década de 1970, reforça a imagem registrada em 1949. Apesar de decorridas duas décadas, é possível identificar a continuidade das estratégias para demarcar a entrada de estudantes no ciclo profissional, o que indica a responsabilidade que passava a ser inerente à nova fase em que ingressavam.

A gente recebia o broche e a touca numa cerimônia e a gente ficava realmente se sentindo já uma aluna de enfermagem [*ênfase*]. Não uma enfermeira, mas uma aluna de enfermagem. As do último período é que botavam a touca na gente, numa cerimônia na sala um (OLIVEIRA, 2014).

O colaborador Almeida Filho (2014), estudante da década de 1980, reforça o significado simbólico do ritual: “Era exatamente como uma formatura! E era tão parecida que tinha insígnia, tinha o uso da touca”.

Mesmo sem a precisão das datas de suas transformações, esta Cerimônia é considerada um “ritual de passagem”, delimitando a formação em dois momentos distintos, caracterizando o efetivo ingresso das estudantes à EEAN, no que tange ao aprendizado específico da profissão de enfermeira. Era o momento em que as estudantes se percebiam realmente integradas ao corpo discente, ou seja, “a vitória no período probatório e a ascensão à categoria de júnior” (SAUTHIER; BARREIRA, 1999, p.125).

A intenção do ritual é “marcar o instante privilegiado e único na visão de quem o viveu” (DAMATTA, 1997, p.32). Desse modo, há os seguintes significados produzidos pelo ritual da Recepção da Touca/Imposição de Insígnias na EEAN, de acordo com uma estudante de 1971:

Então, depois que começou a ter touca todo mundo reclamava dessa questão [*obrigatoriedade de usar o uniforme nas aulas*], e eu fazia parte do grupo que

AMAVA [*ênfase*] o uniforme. Tanto que elas brincavam comigo e diziam que eu ia ser professora da escola e diretora da escola (SOUZA, 2014).

Outra colaboradora, professora desde 1985, relata:

Ela [*Ana Shirley Valverde Meireles*] que era a responsável por organizar a Cerimônia da imposição das insígnias, e eu era da comissão, então eu me lembro de que eu tive muitas reuniões com a professora Ana Shirley. Eu tive um bom relacionamento com a professora para organizar a Cerimônia. A gente percebia que era uma coisa que ela gostava muito e ela valorizava muito aquele ritual. E ela tinha muita preocupação de manter o ritual de acordo com o padrão da escola, então dava para perceber muito isso (FERREIRA, 2016).

Ao receberem a touca, o broche com a insígnia de estudante e a braçadeira os estudantes estavam construindo sua identidade social e profissional, e a cerimônia era uma das estratégias da EEAN para essa construção, que contava com o uniforme como objeto simbólico de suma importância devido ao seu papel normatizador. Ele permitia ao grupo a sua identificação e posição no campo da saúde, como estudantes de enfermagem.

Uma vez usando o uniforme hospitalar completo, que incluía a touca, os estudantes da EEAN ligavam-se por estas considerações estéticas, fazendo-se parte integrante de um grupo. A impressão que se desejava passar era a de profissional responsável, competente, alinhado e disciplinado, imagem passada por meio das considerações estéticas que aquele uniforme determinava.

Godart (2010, p.35) afirma ainda que: “Ao escolher as roupas e os acessórios, os indivíduos reafirmam constantemente sua inclusão ou sua não inclusão em certos grupos sociais, culturais, religiosos, políticos ou ainda profissionais”. No caso em estudo, esta escolha era feita pela instituição, e a Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias era ritualística, expressando no uniforme e nos elementos touca, braçadeira e broche com a insígnia da Escola, todos colocados como acessórios ao uniforme, sinais de pertença à categoria estudante de enfermagem da EEAN.

A distinção entre vestuário e acessórios permite abordar a questão entre a função dos objetos de moda e sua significação. Godart (2010, p.31) afirma que “Por ocasião de sua produção, os objetos são imediatamente dotados de um significado que transcende sua função”. Godart (2010), ao analisar as observações do sociólogo alemão George Simmel, destaca:

O ‘adorno’ permite aos indivíduos exibir-se mutuamente e, portanto, ligar-se por meio de considerações estéticas. Ele é parte ‘artificial’ da aparência: trata-se de uma manipulação dos sinais relativos aos vestuários que visam veicular uma determinada impressão (GODART, 2010, p.35).

Se por um lado o uniforme tem a função de proteção e identificação do grupo, por outro, os acessórios, como as insígnias da Escola, seriam constructos sociais e culturais que

determinavam a identidade do grupo ao serem incorporados de significado em rituais que determinavam a sua aquisição.

2.1.1.2 O entoar do Hino da Enfermeira e a proclamação do Juramento de Estudante

O significado de se entoar hinos é o de atribuir um tom solene ao momento vivido por meio da exaltação às instituições evocadas nessas canções, por exemplo, o país, no caso do Hino Nacional Brasileiro, e a Enfermagem, no caso do Hino da Enfermeira.

Teve [*o Hino da Enfermeira durante a Cerimônia de imposição de insígnia*]. A gente aprendia a cantar esse hino, a gente cantava na escola toda segunda-feira e não podia esquecer o hino. Nós tínhamos aula de música no salão da Ruy Barbosa [*Internato*], chegava do estágio e ia direto para a aula de música. [...] A gente decorava como se fosse o nosso hino de guerra, eram hinos assim, da marinha, da aeronáutica, da Escola Anna Nery (FIGUEIREDO, 2014).

Tinha, tinha um ritual. O Dom Helder Câmara era o capelão da Escola, ele celebrava a missa. A dona Adriana²⁷ era professora de música, ensaiava algumas músicas, principalmente o Hino das Enfermeiras, que era o mesmo que a gente cantava na formatura das mais adiantadas (SANTOS, G., 2016).

Observa-se, na comparação feita pela colaboradora Figueiredo, o significado do hino para os estudantes. Era equivalente aos hinos das instituições militares do Brasil, o que reforça a ideia de que, neste momento, já haviam construído para si a identidade institucional e profissional, percebida no tom enfático com que foi explicado para a pesquisadora o significado do “Hino da Escola Anna Nery”.

O hino mencionado foi escrito por Maria Eugenia Celso²⁸ e musicado por Eduardo Souto²⁹, em data não registrada nos documentos encontrados. Na partitura está registrado como título “Anna Nery – Hino da Enfermeira” (Imagens 26 e 27), mas não houve menção pelas colaboradoras a este título; todas, exceto a que mencionou “Hino da Escola Anna Nery”, referiram-se apenas ao “Hino da Enfermeira”, que tem a seguinte letra:

Servas-irmãs do que padece
Sem ver a quem, seja a quem for,
Basta sofrer, que nos merece
Auxílio e amparo o sofredor

²⁷ Não foi possível identificar o nome completo citado pela colaboradora.

²⁸ Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça nasceu em São João Del Rey, Minas Gerais, em 19 de abril de 1886, filha do Conde e Condessa de Afonso Celso, neta do Visconde de Ouro Preto. Jornalista, literata, de fina cultura, foi autora de hinos e poesias. Atuou como funcionária de carreira do Ministério da Educação e Cultura. Participou ativamente do “Movimento Feminista” (ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS, 2015).

²⁹ Eduardo José Alves Souto (1882-1942) foi um dos mais importantes compositores da música nacional na década de 1920. Contemporâneo de ases da música popular brasileira como Pixinguinha e Ernesto Nazareth (INSTITUTO PIANO BRASILEIRO, 2016).

Em nossas mãos a vosso mando
 O sofrimento, a morte até,
 A pouco e pouco se abrandando
 Faz o remido de um galé

E toda enfermeira
 Nos votos seus
 Será mensageira
 Do Amor de Deus

Pois dispensar guarida
 Consolação
 É lema de nossa vida
 E glória de nossa profissão

De nossas mãos, piedosamente,
 Alívio dar fez-se o mister
 Tornando em nós, a todo o doente,
 Um pouco de mãe cada mulher

Diante da touca da enfermeira
 Branca de altruísmo e compaixão,
 É que mais sente a verdadeira
 Fraternidade, o coração.

Imagem 26 – Fotografia da partitura do Hino da Enfermeira.



Registro fotográfico feito pela autora desta pesquisa. Ano: s/d. FONTE: EEAN.

Imagem 27 – Capa da partitura da música “Anna Nery – Hino da Enfermeira”.



Fonte: Instituto Piano Brasileiro, 2016.

Elementos identitários da profissão de enfermeira estão presentes na letra do hino, de modo que podem ser destacados alguns atributos herdados de sua fase religiosa, como o altruísmo e a compaixão, bem como o cuidado dispensado aos doentes até no momento da sua morte. Na estrofe final, a menção à touca branca enfatiza a simbologia deste objeto constitutivo da indumentária da enfermeira, mundialmente utilizado para o exercício da profissão pelas mulheres não religiosas, pois estas usavam o véu que compunha o hábito de sua congregação.

Embora o Hino da Enfermeira seja parte de uma construção poética livre, pode-se, em uma breve análise da sua letra, afirmar que abordava valores sensíveis aos seres humanos, que levam ao engrandecimento espiritual e social das pessoas. Estes mesmos valores (religiosos, afetivos e humanitários), ressalta-se, serviram durante anos para atrair mulheres aos cursos de formação em enfermagem.

Pelos relatos, as estudantes que chegavam à Cerimônia de Recepção de Toucas/Recepção de Insígnias já estavam suficientemente envolvidas e comprometidas com a sua formação, de tal modo que daí em diante dificilmente desistiriam da profissão.

Já o juramento é uma afirmação ou promessa solene, geralmente de alto valor moral. Quem jura está a dar a sua palavra de honra, assegurando que aquilo que é afirmado corresponde à verdade (GUIMARÃES; CABRAL, 2016).

A proclamação do juramento de estudante reforçava suas responsabilidades.

Tinha um juramento adaptado do juramento de Florence porque a gente não era profissional, mas era um juramento que compromissava a gente com a prática da

enfermagem. Então, a confidencialidade, o cuidado para não errar, era assim, adaptado (PORTO, 2014).

Teve até uma vez que fizeram uma troca sem querer, botaram o juramento de enfermeiro nesse cerimonial, e eu lembro que deu um problema seríssimo [*ênfase*] (SOUZA, 2014).

As falas das colaboradoras confirmam que se tratava de um juramento de estudante, não de enfermeiro, pois este só era proclamado na cerimônia de formatura. Entretanto, realizar este ato solene empoderava os estudantes de uma postura e um comportamento profissional específicos da EEAN e que deveriam ser apresentados ao longo de sua formação, construindo assim a identidade de enfermeiro “ananéri”.

2.1.1.3 Cerimônia da Lâmpada / Ritual da Lâmpada

Outra Cerimônia realizada na EEAN desde seus primórdios foi a chamada “Cerimônia da Lâmpada/Ritual da Lâmpada”, que consistia em acender a lâmpada (no formato da lamparina grega³⁰) antes de iniciar qualquer ato acadêmico solene. A colaboradora que ingressou na Escola em 1942 relata que esta Cerimônia sempre existiu.

Ah, sim!!! [*ênfase*] TODA Cerimônia da escola tinha o acender da lâmpada. Desde essa época [1942] já tinha. Desde a primeira formatura já tinha o acender na lâmpada (COELHO, 2016).

Da década de 1980 até a atualidade, esta Cerimônia ocorre da seguinte maneira: a diretora da EEAN, antes de abrir uma sessão solene (evento, formatura, aula inaugural, sessão de homenagens), convida um enfermeiro presente para acender a chamada “Lâmpada Mestre”. Neste momento, os enfermeiros e estudantes de enfermagem presentes colocam-se de pé e, após a lâmpada ser acesa, há aplausos. Ao final da sessão, a diretora convida outro enfermeiro para apagar a lâmpada, repete-se o mesmo ritual de ficar de pé e aplaudir ao final.

A “Cerimônia da Lâmpada/Ritual da Lâmpada” será descrita conforme ocorre hoje, uma vez que não se encontrou, em documentos pesquisados, registro de como era realizada na EEAN. O relato da colaboradora, estudante nas décadas de 1950 e 1960 e professora a partir da década de 1970, assemelha-se ao ritual de hoje em dia.

Nas formaturas, nas solenidades da escola havia [*a Cerimônia da Lâmpada*]. Tinha um pedestal alto em que colocavam a lâmpada e uma das professoras, geralmente a professora mais adiantada, graduada há mais tempo, que estava há mais tempo na Escola ou a diretora, ou quem ela indicasse, ia lá e acendia a lâmpada e depois alguém ia lá quando terminava a cerimônia, para apagar (SANTOS, G., 2016).

³⁰ Símbolo mundial da Enfermagem Moderna.

Imagem 28 – Fotografia da Cerimônia do Acender da Lâmpada na Semana de Enfermagem.



Da esquerda para a direita: sentadas, Claudete³¹ e Maria da Conceição Pimenta, professora da EEAN; acendendo a lâmpada, Maria Madalena K. Werneck; ao fundo de touca com friso azul-marinho, Gecy Aquino dos Santos, professora da EEAN. Na sequência, sentadas, estudantes da EEAN não identificadas. Local: Pavilhão de Aulas, salas 1 e 2. Data: 12.05.1978. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco de fotos/atos acadêmicos/nº identificador 2.14.0511.1

O registro fotográfico do ano de 1978 (Imagem 28) demonstra o momento em que, durante a Semana da Enfermagem, Maria Madalena Kasprzkonski Werneck realiza o ritual de acender a lâmpada, pois possuía os requisitos esperados para tal distinção. Ela era instrutora de enfermagem da EEAN e formou-se na turma de 1929, portanto tinha 49 anos de diplomada à época da solenidade.

“As Pioneiras” foi o nome dado à primeira turma de diplomadas da EEAN, em 1925. Apesar de não fazer parte desta turma, Maria Madalena K. Werneck foi referida no verso da fotografia como representante das pioneiras. Isto se deveu ao fato de ela ser uma profissional diplomada na primeira década da EEAN. Todas as enfermeiras formadas neste período são consideradas pioneiras, pois foram elas que se inseriram nos serviços e nos cursos criados, instituindo uma nova identidade profissional de enfermeira na sociedade e liderando o movimento para o desenvolvimento da profissão.

A “Cerimônia da Lâmpada/Ritual da Lâmpada” também fazia parte do ritual da formatura, mas havia outro momento, além do acender da Lâmpada Mestra por uma figura notória, que era o ritual das graduandas acenderem lâmpadas individuais na Lâmpada Mestra. Esses ritos ocorrem nas formaturas até o tempo presente.

³¹ Não foi possível identificar o nome completo desta participante.

Uma colaboradora, formada em 1963, discorre sobre a importância da lâmpada, símbolo da enfermagem:

Então tinha esse ritual já, de todo mundo com a lâmpada na mão e todo mundo acendia a lâmpada. [...] A lâmpada era uma coisa tão significativa para a gente [ênfase]. A lâmpada não era tratada de qualquer maneira não, era um símbolo muito especial para a gente, maior do que a touca, a touca também, tanto que determinadas coisas a gente não fazia nem de touca, a gente tinha que tirar a touca para poder fazer, então a lâmpada era muito mais. O significado da Lâmpada era muito maior (SANTOS, M., 2016).

Corroborando a fala da colaboradora o fato que, dentre as 32 fotografias por ela doadas, oito são da cerimônia de sua formatura e verifica-se o registro de três momentos emblemáticos, os quais se desejou eternizar: o acender da lâmpada, a colocação do broche com a insígnia de enfermeira por sua madrinha de batismo e o recebimento do diploma (das mãos da professora Cleonice Vicente Ribeiro). Dentre todos os registros fotográficos, ela destaca o primeiro (Imagem 29). Trata-se da Cerimônia de formatura, que ocorreu no ano de 1963, em que as estudantes, uma a uma, acendem suas lâmpadas na lâmpada mestre. No registro, o momento em que a colaboradora está acendendo a sua.

Imagem 29 – Fotografia do ato de acender a lâmpada.



Cerimônia de formatura da turma de 1963 na Reitoria da UFRJ no campus Praia Vermelha. Na fotografia observam-se as estudantes com uniforme de enfermeira. Em primeiro plano, a colaboradora Maria Bernadete Bandeira dos Santos acendendo sua lâmpada na chama da Lâmpada Mestre. Atrás dela, uma fila de estudantes e, ao fundo, outras já com suas lâmpadas acesas. Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

A “Cerimônia da Lâmpada” é um legado recebido das enfermeiras da Missão Parsons e, provavelmente, sofreu alterações na sua forma ritualística, embora guarde o mesmo simbolismo: evocar a memória de Florence Nightingale, fundadora da Enfermagem Moderna, cujo símbolo mundial é a lamparina grega.

Na década de 1970 o ritual do acender da Lâmpada durante a Cerimônia de formatura sofreu uma modificação. O relato da colaboradora que se graduou no ano de 1975 descreve que, à época, tinha início com a estudante que mais se destacava na turma, a Dama da Lâmpada, e, após, as demais acendiam suas lâmpadas.

Na hora da colação tinha a pelerini e a lâmpada. E cada uma tinha uma lâmpada para acender na lâmpada de quem era escolhida como Florence Nightingale [*Prêmio Dama da Lâmpada, Prêmio Florence Nightingale*], quem tinha a maior nota da turma era a Florence, com comportamento bom e aí você acendia, na formatura, a sua lâmpada na dela (CARVALHO, M. T., 2015).

Este ritual empoderava a estudante por uma distinção reconhecida publicamente e remetia ao simbolismo de transmissão do conhecimento, conduta e postura ao acender as lâmpadas das colegas de turma, ou seja, o exemplo a ser seguido, imprimindo uma ideia de comunhão.

Pode-se concluir que, durante a realização da Cerimônia da Lâmpada, assim como no ritual do acender da Vela, as dirigentes da EEAN desejavam proclamar que os ideais da enfermagem permaneciam vivos na sociedade. Isso implicava compromisso perene com a profissão e de manter viva a chama do conhecimento, uma vez que o fogo tem como simbolismos a iluminação, a purificação e o amor espiritual relacionado com a vida e o domínio da ciência (LEXIKON, 1998).

2.1.2 Premiação de Dama da Vela – Dama da Lâmpada – Dignidade Acadêmica

As premiações na EEAN eram também estratégias de construção e manutenção de identidades. Acerca disto, a colaboradora Souza (2014) enfatizou: “Era a Dama da Vela, não era Dama da Lâmpada [*ênfase*], era Dama da Vela [...] Depois disso teve a Dama da Lâmpada mesmo, que era um outro ritual”. Ela ingressou na Escola na primeira turma do vestibular unificado, em 1971, e distingue que em sua turma ainda ocorreram as premiações “Dama da Vela” e “Dama da Lâmpada”, reforçando que possuíam significados distintos.

A premiação de Dama da Vela, segundo a mesma colaboradora, tinha o objetivo de distinguir para o grupo a estudante (ou o estudante, pois a turma desta colaboradora foi a primeira com homens na EEAN) que mais tivesse se destacado durante o primeiro período. Este momento foi descrito com detalhes, principalmente pelo fato de ter sido uma das agraciadas com a premiação:

Os melhores alunos do primeiro ano ou a melhor aluna do primeiro ano recebia, em primeiro lugar, a touca branca sem friso, a touca de estudante nessa virada entre junho e agosto, sempre era uma estudante só. Na minha turma, como já era o vestibular unificado, já tinha CR [*Coefficiente de Rendimento*]. Pelo coeficiente de rendimento tinham três alunos praticamente empatados, era a Jupira [*Jupira Corrêa*]

Nunes], eu [*Ivis Emília de Oliveira Souza*] e o Cesar Fernandes [...] Então resolveram premiar com a vela os três, eu, a Jupira e o Cesar. Recebemos a touca branca e, a partir daí, todos da nossa turma passaram a usar touca branca, então tinha simbolismo, o melhor ganhava touca e depois todos recebiam a touca (SOUZA, 2014).

Ainda não foi possível precisar a data em que o Prêmio Dama da Vela começou, mas pode-se estimar o ano em que deixou de fazer parte dos rituais da EEAN, uma vez que nenhum colaborador que ingressou na EEAN depois de 1971 mencionou ter conhecido tal ritual de distinção. Isso permite inferir que após a turma em que ingressaram os primeiros homens, este prêmio, concedido no 1º semestre, foi extinto, permanecendo apenas o Prêmio Dama da Lâmpada.

Outras colaboradoras que estudaram na década de 1970 também relataram ter vivenciado o ritual de homenagem ao estudante considerado “Dama da Lâmpada”, que recebia esta distinção por destacar-se como aquele que havia “incorporado” de maneira exemplar os princípios enunciados por Florence Nightingale.

Tal premiação era concedida a quem mais se destacava no contexto geral de seu desenvolvimento durante o curso, o que não incluía só ter boas notas, mas também questões ligadas a sua imagem, aparência e postura, conforme destacam as colaboradoras:

A aluna que tivesse as mais altas notas durante o curso, que fosse toda certinha, que tivesse maior nitidez, tinha que ter tudo! Era mesmo a própria Florence Nightingale ali [...] eu jamais [*ênfase*] seria Dama da Lâmpada (GOMES, 2014).

Eu fui agraciada com o prêmio “Dama da Lâmpada” [...] Eu tinha esses requisitos para indicação e também vinha de uma experiência já de quase sete anos de magistério público primário (PEDRO, 2014).

Na fala da colaboradora Gomes fica evidente que em sua época, algumas estudantes tinham perfil para “Dama da Lâmpada”, por já apresentarem atributos para tal honraria. Outras, por conhecerem suas próprias características, já se excluía de ser esta figura na EEAN, o que aponta para as diferenças de personalidades entre estudantes da Escola e demonstra o respeito pelas individualidades, apesar de exigências para o cumprimento do regime interno da instituição. Tanto assim, que a colaboradora que foi “Dama da Lâmpada” veio a ser diretora da EEAN anos depois.

Sobre a premiação “Dama da Lâmpada”, cabe considerar que, nos relatos acima apresentados, esta ocorria durante a formatura, pois se destaca quem tivesse apresentado boas notas ao longo do curso, bem como comportamento exemplar, etc. No entanto, na triangulação dos dados, uma imprecisão é percebida quando comparadas as fontes primárias (falas das colaboradoras) com as secundárias, como se pode ver a seguir.

Segundo Coelho (1997, p.151), o prêmio “Dama da Lâmpada” passou a ser outorgado a partir dos anos de 1940, após o término do primeiro ano de estudos, em cerimônia organizada durante a Semana da Enfermeira. Porém, na mesma referência, ao discorrer sobre a cerimônia de diplomação das estudantes, a autora descreve:

A festa da diplomação final era mais formal que a Cerimônia de entrega das toucas. Autoridades religiosas e governamentais eram especialmente convidadas. Constava de discurso, premiação da melhor estudante como “Dama da Lâmpada”, entrega de diplomas e juramento solene da enfermeira (COELHO, 1997, p.151).

A pesquisa mostrou que o livro de Coelho (1997) aborda a existência da premiação da “Dama da Lâmpada” em dois momentos distintos: na Semana da Enfermeira e na Cerimônia de Formatura, o que poderia ser explicado por uma mudança em algum momento não identificado na pesquisa, pois a Semana da Enfermeira era assim chamada na década de 1940, quando foi criada pela então Diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys. Já a Semana Brasileira de Enfermagem, organizada a nível nacional pela Associação Brasileira de Enfermagem, ocorreu a partir de 1958 (SILVA, 1997; RIZZOTTO, 2006).

A fala da colaboradora citada a seguir, que ingressou na Escola em 1972, corrobora a informação de que a premiação da “Dama da Lâmpada” não ocorria na Cerimônia de Formatura:

Era escolhido nesta cerimônia [*Recepção de toucas/Imposição de insígnias*] entre os alunos de melhor coeficiente de rendimento escolar. Na minha turma foi a Maria Cecília Cordeiro Pedro, que foi diretora da Escola. Ela recebeu o Prêmio Florence Nightingale³². Era do pré-profissional para o profissional. Nessa cerimônia ela recebia o reconhecimento do prêmio (PORTO, 2014).

Ao final da década de 1970, observa-se, no relato dos colaboradores que se diplomaram em 1978 e 1979, que o prêmio passou a ser concedido na Cerimônia de Formatura.

Na formatura com certeza, a gente tinha a “Dama da Lâmpada”, em que uma aluna era eleita como a melhor aluna que tinha um perfil mais adequado para o que se esperava de uma enfermeira [...] pelos critérios da escolha da Dama da Lâmpada, os professores indicavam [*o estudante*] e, até onde eu sei, nunca foram muito claros (LOYOLA, 2014).

A Dama da Lâmpada ela era um prêmio, e esse prêmio era dado ao final do curso (COELHO, 2014).

Por representar o melhor estudante, o merecedor do título Dama da Lâmpada era a primeira a receber a touca, para que depois todos os demais a recebessem. Dava-se destaque

³² Outras colaboradoras não mencionaram este nome ao prêmio Dama da Lâmpada, porém em algumas fotografias do início da década de 1970, observou-se a descrição Prêmio Dama da Lâmpada/Florence Nightingale.

ao estudante modelo, aquele que mais se aproximava da identidade almejada, o que servia de estímulo para manter-se assim e sempre ser reconhecido por seus pares.

Evidencia-se, portanto, que no início da década de 1970, a premiação Dama da Lâmpada antecedia a entrada ao ciclo profissional, e no final desta mesma década, na formatura.

Observa-se que as dirigentes da Escola levavam em consideração a concepção interativa da identidade do eu, de modo que a identidade da estudante era construída com base na relação com outras pessoas importantes para ela naquele meio social, neste caso, o grupo de estudantes de sua turma de origem e as professoras a quem desejavam impressionar. Este primeiro ritual mediava os valores, sentidos e símbolos do mundo habitado por estes estudantes (HALL, 2006).

Na formação do conceito de identidade para este grupo, destacam-se ainda a prática de significação e o sistema simbólico que levariam à concessão do título de “Dama da Vela/Dama da Lâmpada”. Este tinha um significado tão marcante que uma estudante premiada na época consegue lembrar-se com detalhes daquele momento que a posicionou como sujeito, ou seja, exemplo de futuro profissional (WOODWARD, 2011).

Meihy e Holanda (2013) assinalam que as pessoas auferem aos fatos diferentes conotações, selecionando-os e trazendo-os à memória de acordo com o significado que lhes atribuem. Considerando o dinamismo da memória, é prudente relativizar seu uso para considerar como objeto de análise a interpretação do que ficou registrado na memória e agora passado para a escrita por meio da entrevista coletada.

As fontes iconográficas pesquisadas também indicam que a premiação não ocorreu somente durante a formatura. As imagens a seguir (Imagens 30, 31, 32 e 33) registram esta cerimônia com seus ritos e símbolos, realizada no dia 12 de maio de 1978, nas salas 1 e 2 do Pavilhão de Aulas da EEAN, durante a Semana da Enfermagem.

Imagem 30 – Fotografia da Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.



Semana da Enfermagem de 1978 nas salas 1 e 2 do Pavilhão de Aulas. Data: 12.05.1978. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco de fotos/atos acadêmicos/nº identificador: 2.14.0528.1

A imagem 30 registra a Cerimônia da Lâmpada, na qual a Dama da Lâmpada do ano anterior (1977), Naama Oliveira Guimarães, já formada, acende a Lâmpada, símbolo da enfermagem (atualmente chamada na EEAN de Lâmpada Mestra), que está sobre um pedestal. Vê-se, nesta imagem, de pé, atrás da mesa, usando beca e falando ao microfone, a Diretora da EEAN à época, Cecília Pecêgo Coelho; sentada, ao seu lado esquerdo, está a Professora Maria Conceição Pimenta. Veem-se ainda na plateia a professora Gecy Aquino dos Santos (de touca) e estudantes e enfermeiras que observam a cena respeitosamente.

Imagem 31 – Fotografia da Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.



Semana da Enfermagem de 1978 nas salas 1 e 2 do Pavilhão de Aulas. Data: 12.05.1978. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco do fotos/atos acadêmicos/nº identificador: 2.14.0498.1

A imagem 31 mostra a estudante Dama da Lâmpada daquele ano (1978), Lucimar Rodrigues Ferreira, caminhando em direção à mesa onde se encontra a Diretora da EEAN.

Imagem 32 – Fotografia da Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.



Semana da Enfermagem de 1978. Local: Pavilhão de Aulas, sala 1 e 2. Data: 12.05.1978. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco de fotos/rituais/nº identificador: 2.14.0504.

Imagem 33 – Cerimônia de Homenagem à Dama da Lâmpada.



Semana da Enfermagem de 1978. Local: Pavilhão de Aulas, sala 1 e 2. Data: 12.05.1978. Fonte: EEAN/UFRJ. Localização: CEDOC/Banco de fotos/rituais/nº identificador: 2.14.0507.1

Na sequência, a imagem 32 retrata a Dama da Lâmpada proferindo seu discurso; na imagem 33, ela levanta a lâmpada acesa como em saudação à profissão, sob os aplausos dos presentes.

Vários elementos simbólicos compõem a cena ilustrada em sequência fotográfica: a bandeira da EEAN como pano de fundo, no local onde está a mesa destinada às autoridades da Escola, flores sobre a mesa, indicando que se tratava de um momento festivo, a estátua de Florence Nightingale, idealizadora da Enfermagem Moderna, implantada no Brasil com a criação da EEAN e conhecida mundialmente como a Dama da Lâmpada; e a própria lâmpada sobre um pedestal.

Nas fotografias três vestuários distinguem as pessoas identificadas: as enfermeiras estão de vestido branco, broche, rede nos cabelos, touca branca com friso azul-marinho, meias cor da pele e sapatos brancos. A estudante (Lucimar Rodrigues Ferreira) de vestido branco, broche com a insígnia correspondente, meias cor da pele e sapatos brancos, rede nos cabelos e touca branca lisa. Os uniformes possuem semelhanças, mas a distinção pode ser notada no friso azul-marinho na touca das professoras da EEAN. A Dama da Lâmpada de 1977 está vestida com o uniforme de gala, ou seja, além do uniforme de enfermeira já descrito, ela usa pelerine branca.

A Diretora da EEAN usa beca em vez do uniforme de enfermeira, fato curioso que pode ser interpretado como uma transição no vestuário na EEAN. Como esta Tese não trata dos uniformes de enfermeiras e sim de estudantes, esta questão não será aprofundada.

Ao mostrar as imagens em sequência pretendeu-se ilustrar como os elementos simbólicos que constituíam as cerimônias na EEAN influenciavam na construção da identidade profissional, sendo um deles o uniforme.

Para conseguir tal distinção era necessária certa submissão às regras impostas pela Escola, pois não era apenas a nota que determinava a escolha, mas, também, o comportamento moral/profissional.

Eu também fui Dama da Lâmpada, na realidade, quer dizer, eu não fui Dama da Lâmpada, eu era o melhor coeficiente de rendimento, mas a escola indicou uma colega que era a Sheila Cunha Lucena [...] E, na época, eu lembro que eu fiquei muito chateada porque eu era o CR [*Coefficiente de Rendimento*] mais alto, não era a Sheila, mas deram para a Sheila (SOUZA, 2014).

A escolha da Dama da lâmpada era uma coisa assim que parecia de Miss Brasil só que com outros critérios [*risos*] porque não bastava ser aluna com as melhores notas [...] os professores indicavam e, até onde eu, sei nunca foram muito claros [*os critérios*]. Era “eu indico você, mas não indico a fulana”. Vocês têm o mesmo Coeficiente de Rendimento, por que que eu estou indicando você? (LOYOLA, 2014).

Apesar de haver o CR, ainda existia indicação pelas professoras, o que demonstra que a vontade e o julgamento das professoras, este subjetivo, ainda eram mais importantes que a

nota obtida nas atividades acadêmicas, ainda que o estudante apresentasse o maior CR, que configurava sua competência, domínio e atendimento dos requisitos principais.

A partir da RU/68 o rendimento dos estudantes passou a ser avaliado por um valor numérico, resultado da média de suas notas ao longo dos semestres, denominado Coeficiente de Rendimento. Quando a avaliação passou a ser meramente por critério quantitativo, modificou-se a forma de criar uma identidade para o grupo, o que pode ter contribuído para a extinção deste ritual nas cerimônias da escola.

A reitoria da UFRJ instituiu uma distinção chamada de Dignidade Acadêmica aos estudantes que concluíssem a graduação tendo obtido número de créditos superior a 80% de seu curso, se tivessem completado o curso no período de tempo previsto como duração normal e não tivessem sofrido qualquer sanção disciplinar (UFRJ, 2011).

A concessão do diploma de Dignidade Acadêmica, nos seus diferentes graus, é feita até hoje aos estudantes que alcançam, durante todo o curso, os coeficientes de rendimento: *Summa cum laude*, igual ou superior a 9,5; *Magna cum laude*, igual ou superior a 9,0; e *Cum laude*, igual ou superior a 8,0 (UFRJ, 2011).

Cum laude é uma frase em latim que indica o nível de distinção acadêmica com o qual o universitário cursou um grau acadêmico. Existem três graus de honra, a saber: *Cum Laude*, *Magna Cum Laude* e *Summa Cum Laude* que representam, respectivamente, Com Honras, Com Grandes Honras e Com a maior das Honras. No Brasil, esta distinção só é utilizada no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e na UFRJ.

Anualmente, em conformidade com a Resolução 04/2011 do Conselho Universitário da UFRJ, as distinções são entregues em solenidade especial que congrega todos os estudantes da UFRJ. A entrega ocorre conforme estabelecido a seguir: *Summa Cum Laude*, pelo Magnífico Reitor da UFRJ; *Magna Cum Laude*, pelo Pró-Reitor de Ensino de Graduação; e *Cum Laude*, pelo Decano do Centro (UFRJ, 2011).

Apesar de não ter sido possível determinar a data em que esse prêmio foi instituído, a resolução supracitada substitui a Resolução s/nº de 1972, levando a concluir que, no início da década de 1970, após a RU/68, o prêmio já era outorgado. A colaboradora que se diplomou em 1985 relata sua experiência de receber tal distinção.

Na universidade ainda existe até hoje é, aquelas, alunos que recebiam diploma *CUM LAUDE* porque encerrou com CR alto acima de nove, por exemplo, eu fui uma dessas. Aí teve uma distinção não pela Escola, mas pela Universidade. Eles fizeram uma cerimônia e chamaram todos os alunos da Universidade que tinham essa condição. Eu recebi na minha casa a notificação que era para eu comparecer na cerimônia para receber o diploma. Eu vi que tinha gente da engenharia, da medicina e eu estava lá no meio deles representando a Escola (CABRAL, 2015).

Se por um lado houve uma mudança nas cerimônias da EEAN, por outro lado o reconhecimento dos melhores estudantes de enfermagem da UFRJ passou a envolver toda comunidade acadêmica, o que começou a lhes conferir visibilidade também fora da Escola, uma vez que a distinção era concedida aos estudantes de todos os cursos, considerando um fator quantitativo, numérico: o Coeficiente de Rendimento.

Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular por três motivos principais: um, a atividade laboral escolhida condiciona a construção das identidades sociais; dois, no desenvolvimento de seu trabalho o indivíduo sofre sutis transformações identitárias; três, a formação intervém nas dinâmicas identitárias muito além do período escolar, acompanhando intimamente todas as mudanças da profissão (DUBAR, 2005).

Os principais constitutivos que determinam a construção da identidade profissional são passados de maneira formal e informal pela Escola em cerimônias, palestras, seminários e também pelo modo como os conteúdos são transmitidos aos estudantes pelos professores. A importância desses eventos cotidianos traz à tona sentimentos de valorização, estímulo e amor à instituição e à profissão (DUBAR, 2005).

Nesse sentido, o Hino da Enfermeira entoado, a touca recebida junto com a braçadeira e a insígnia de estudante, a lâmpada acesa na lâmpada mestra e o juramento proferido traduziam uma cultura, e nesta, um tipo de identidade. E assim se formavam profissionais com domínio de um conteúdo teórico-prático e conduta moral específica da EEAN.

2.1.3 Cerimônia de Formatura e seus atos solenes

O evento da formatura tinha por intuito notificar a sociedade, com autoridade, de “que alguém ou algo é o que deve ser” (SANTOS; PORTO, 2009, p.250). É nesse sentido que a colaboradora, ao usar a expressão francesa “*sprit de corps*”, destaca o orgulho e honra compartilhados pelos membros da EEAN em virtude da conquista de seus estudantes.

Eu me lembro de que foi a Cecília Pedro [*Maria Cecília Cordeiro Pedro*] quem botou a insígnia em mim, e de alguns professores, a Conceição [*Maria da Conceição Gonçalves*], que já morreu infelizmente. Eu acho que criava esse “*esprit decor*”, esse corpo coletivo em que você tem enfermeiras mais velhas autorizando a chegada das novas (LOYOLA, 2014).

Outra professora bastante citada pelas colaboradoras nas entrevistas é Ana Shirley Valverde Meireles, evidenciada como bastante envolvida nos cerimoniais da EEAN. Ela buscava preservar a origem, a tradição e incutir nos estudantes e no grupo uma identidade de

postura, disciplina, respeito aos símbolos da profissão e da Escola e consciência profissional.

A fala de uma formanda de 1973 ilustra detalhes da cerimônia.

A lâmpada ficou sendo o símbolo da enfermagem e nós tínhamos o maior respeito por ela, e isso você pode ver uma foto que eu te mostrei que na formatura da gente, estávamos nós de um lado e do outro. Todas nós ali, sentadinhas, em pé na hora que tinha que ficar em pé e tudo mais e íamos até lá adiante com uma lâmpada na mão e acendíamos a lâmpada para depois receber o diploma [...] (SANTOS, M., 2016).

No trecho da colaboradora Souza, a seguir, pode-se observar como a forma de inculcação da identidade realmente foi efetiva enquanto estratégia para reforçar a imagem e a identidade de enfermeiro “ananéri”. Nota-se o quanto o ritual representava, para ela, a evocação de seu tempo, e remetia a projetar, nos estudantes ora se formando, a figura da enfermeira que ela é.

Você vê que até hoje eu já estou para me aposentar e eu integro ainda a comissão de formatura, porque eu gosto muito dessa coisa, é uma coisa que me emociona, vendo os estudantes naquele dia eu penso assim “eles são enfermeiros, como eu também sou, eles também são enfermeiros”, então isso para mim é uma coisa muito importante (SOUZA, 2014).

A cerimônia, presidida pela diretora, contava com a presença das autoridades da Universidade, da Egrégia Congregação da EEAN, da Coordenação de Graduação, de representantes discentes e técnicos administrativos da Escola, além dos professores homenageados. Na plateia, familiares e amigos dos estudantes formandos.

No cerimonial de formatura eram tocados o Hino Nacional e o Hino da Enfermeira³³, procedia-se ao ritual do acender das Lâmpadas Mestra e dos formandos, proferiam-se discursos e o Juramento de Enfermeiro, e ocorria a troca da touca e das insígnias, que consistia na colocação da touca (com o friso azul) e do broche com a insígnia de enfermeiro.

A diferença era que, na formatura, você tinha que colocar touca também, só que você trocava. Você ia com a touca sem friso e uma professora colocava uma [touca] de friso azul. E substituía a insígnia. Você tirava a insígnia azul, que era menor, e colocava a insígnia verde, que era maior. Então, na verdade, você tinha os mesmos objetos, acessórios, a diferença é que eles eram trocados e não eram incluídos naquele ritual, eles eram trocados (ALMEIDA FILHO, 2014).

O momento da formatura era a coroação de todo o esforço vivido durante os anos de graduação. Tratava-se de um momento de muita alegria e satisfação para todo o corpo social da Escola e familiares dos estudantes, principalmente os de outros estados do país. A ênfase no relato da colaboradora a seguir registra o sentimento vivido naquele dia e a presença de familiares vindos do Nordeste.

Eu fiquei muito, muito orgulhosa foi com o uniforme de formatura, porque para mim me formar foi assim uma coisa! Na minha família também [ênfase]. Eu fui a primeira. Eu não era a primeira geração de netos da minha avó. Eu já era da segunda

³³ Sobre o Hino da Enfermeira, não foi possível identificar quando ele deixou de fazer parte do cerimonial.

geração e eu fui a primeira que me formei no ensino superior. [...] Meus tios, quase todos, vieram para a minha formatura, ver. Meu pai, minha mãe, meus irmãos, aí veio tio Washington com a esposa dele, duas filhas. [...] Teve um tio meu que veio da Bahia para a formatura. Eu estava tão alegre no dia da minha formatura porque foi assim... CONQUISTEEEEE!!! [*ênfase dada com um grito e risos*] Conquistei minha independência, conquistei meu diploma. Eu não queria nem saber se eu ia conseguir emprego, se eu não ia, eu estava feliz. Mas foi um dia de sonho, uma noite de sonho, porque foi a noite. [...] Assim [gesto com a mão representando muita gente] de parente, as famílias todas lá (PORTO, 2014)

A forma como a ex-aluna expressa seu sentimento em relação à conclusão do curso de enfermagem na EEAN remete à conquista não só do diploma, mas por se formar numa faculdade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que lhe fez sentir orgulho de ser a primeira de uma geração a concluir o nível superior. E como ela mesma justifica: “Naquela época para a mulher era uma mudança de status”.

De fato, com o renascimento do feminismo no início dos anos 1970, as mulheres alcançaram a educação superior, entraram para o mundo das profissões liberais, derrubaram antigas crenças e tornaram-se respeitadas quanto ao seu papel social e profissional.

Outro sentimento destacado na fala dos colaboradores diz respeito ao quanto o momento do cerimonial remetia a uma seriedade, responsabilidade e formalidade acadêmica. O trecho a seguir da estudante de 1978 e a fala da estudante que se graduou em 1988, apesar de uma década de diferença tempo-espacial, mantêm a mesma ideia de significação dos rituais.

Eu fui muito marcada por estes rituais. Eu achava belíssimo. Acho que a formatura ela é realmente um ritual que marca, que tem que marcar a responsabilidade, quase que um reforço ao juramento da importância, do privilegio que é ter esta profissão (LOYOLA, 2014).

A entrada da formatura era assim, eram coisas majestosas [...] era aquela coisa de entrada de impacto não tinha brincadeira. Não existia a brincadeira nem na imposição de insígnias, nem na formatura, aquela coisa de colocar uma música que fosse, assim, para mostrar, ah estamos terminando, não existia. Eram músicas clássicas, eram músicas majestosas, eram músicas que causavam impacto pela emoção dos acordes das músicas (FERREIRA, 2016).

As colaboradoras expressam alegria com a cerimônia de formatura, por ser um momento solene de conquista e realizações, no qual estes sentimentos se originam de uma identidade profissional já construída.

No recorte do estudo, os colaboradores citaram os seguintes ambientes onde era realizada esta Cerimônia: na reitoria da UFRJ, no campus da Praia Vermelha, e na Escola Nacional de Música da UFRJ³⁴, na Lapa, Centro da cidade do Rio de Janeiro.

³⁴Em 1937, a Universidade do Rio de Janeiro passou a chamar-se Universidade do Brasil e o Instituto Nacional de Música tornou-se Escola Nacional de Música. A atual designação Escola de Música da UFRJ foi estabelecida

Imagem 34 – Fotografia da Cerimônia de Formatura da classe que ingressou em 1984.



Local: Escola de Música da UFRJ. Ano: 1988. Fonte: acervo pessoal do colaborador.

O local da cerimônia também guardava sua parte de requinte e esplendor. A Escola Nacional de Música, sobretudo pela presença do imponente órgão tamburini³⁵, com 4620 tubos (Imagem 34), dava ao local um visual deslumbrante e transmitia uma formalidade ainda maior para a Cerimônia (UFRJ, 2016).

No que diz respeito ao uniforme usado na cerimônia de formatura, as colaboradoras relatam que era o de gala de enfermeira.

Embora este uniforme de gala, em específico, não seja objeto deste estudo (porque representa o uniforme da enfermeira já diplomada, e não mais o de estudantes da EEAN), descrevê-lo se faz importante para a compreensão do papel que tinha neste momento de sacralização da identidade profissional. Compunham o uniforme de gala o vestido branco de manga comprida, meia fina branca, sapato fechado branco, rede no cabelo, pelerine por cima do vestido, luva, touca com frisos e broche com a insígnia, estes recebidos durante a cerimônia de colação de grau.

em 1965, quando, por força do Decreto nº. 4.759, do Governo Militar, a Universidade do Brasil transformou-se em Universidade Federal do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2008).

³⁵O órgão tamburini foi construído pela *Fabbrica D'Organi Comm* na cidade de Crema (Itália), fundada pelo organeiro Giovanni Tamburini (1857-1942) em 1893. Foi encomendado pela diretora da Escola Nacional de Música, Joanídia Sodré, para substituir o antigo órgão Sauer de fabricação alemã, comprado por Leopoldo Miguez para o Instituto Nacional de Música. O instrumento foi inaugurado em 13 de agosto de 1954 (UFRJ, 2016).

Imagem 35 – Fotografia da colaboradora com uniforme de gala da Cerimônia de Formatura.



Local: Reitoria da UFRJ, campus Praia Vermelha. Ano: 1963. Fonte: acervo pessoal.

O registro fotográfico do uniforme da formatura da estudante de 1963 (Imagem 35) destaca um acessório até então não comentado pelas colaboradoras entrevistadas ao descreverem a composição do uniforme de gala, a luva.

Causa estranheza ver seu uso em uma formatura da década de 1960, pois, no acervo fotográfico, o uso da luva é evidenciado apenas na solenidade de Recepção de Toucas que ocorreu na década de 1940 até o ano de 1951.

Sinônimo de elegância desde a década de 1920, a luva conferia um ar de nobreza e remetia a uma ideia de sofisticação (PROST, 2009). A colaboradora que foi estudante na década de 1940 descreve a regra de etiqueta para uso deste acessório.

Eu sei que naquela época a luva era, vamos dizer assim, um sinal de aristocracia. A gente andava, botava as luvas e segurava na mão esquerda. A gente botava a luva e segurava a luva direita, e a [mão] direita ficava livre para você poder cumprimentar e receber os cumprimentos. Essa era, vamos dizer assim, a regra [etiqueta] (COELHO, 2016).

Acrescenta ainda mais um ar de elegância e sofisticação ao uniforme de formatura o uso da pelerine. A pelerine da formatura era uma espécie de capa branca, sem manga, presa apenas pela gola, local onde se fixava o broche com a insígnia de enfermeira. Este acessório era usado pelas estudantes durante todo o ritual da cerimônia de formatura, diferente da pelerine azul-marinho, descrita anteriormente e usada também para proteger do frio, confeccionada na cor azul-marinho e de comprimento mais curto. A colaboradora que colou grau em 1978 descreve:

O uniforme da formatura era com aquela capa de pelerine de um algodão importado porque ele era acetinado. Ele era belíssimo, ele era da Escola. Não era nosso, a gente

alugava, usava só na formatura. Era um tecido importado, com um caimento, uma coisa fantástica! Belíssimo! (LOYOLA, 2014).

Contudo, os estudantes do primeiro grupo do vestibular unificado (que realizaria a formatura em 1974) já desejavam estabelecer a mudança. A colaboradora relata sobre a vontade da turma de usar a beca preta e não o uniforme branco com pelerine:

Quando fomos nos formar a dona Elvira [*professora Elvira de Felice e Souza*] estava na direção, e a turma toda queria que a formatura fosse de beca preta com a faixa verde na cintura. Isso era em setenta e quatro [1974], julho e agosto de setenta e quatro [1974], a formatura iria acontecer em agosto. Então começamos várias reuniões desde maio para discutir a beca, e a Escola deixou a gente discutir. Quando foi em junho que íamos entrar de férias fizemos as inscrições para as habilitações e aí a dona Elvira comunicou a gente que não ia haver formatura, que a gente não se preocupasse que pela resolução a formatura só ia acontecer em setenta e cinco [1975] e não em setenta e quatro [1974], que nós não tínhamos direito de colar grau. Todo mundo saiu de férias e, quando voltamos em agosto, que não dava tempo de mais nada, a Escola nos disse que a formatura ia acontecer, eu não lembro, a data exata, mas foi dezessete ou dezoito de agosto. E aí as pessoas disseram “mas e a beca?”. E a Escola disse “não, vocês vão de pelerine branca”. Então, os meninos foram de jaleco de manga comprida, porque não tinha pelerine para os homens, então foi jaleco de manga comprida branca e calça branca, e nós de vestido branco com pelerine branca. Então os meninos não receberam touca, só as meninas (SOUZA, 2014).

Apesar da reivindicação para o uso das vestes talares³⁶, esta turma acabou mantendo o uniforme de gala habitualmente usado, conforme o relato da colaboradora e registro fotográfico de cerimônias de formaturas ao longo da década de 1970 e 1980 (Imagem 36).

Na nossa formatura eu também usei o uniforme, era a capa pelerine que nós tivemos que mandar fazer e o uniforme de manga comprida, que era chamado uniforme de gala, que você tinha que mandar fazer (SOUZA, 2014).

Imagem 36 – Fotografias das colaboradoras no dia de suas Cerimônias de Formatura.



As colaboradoras vestiam o uniforme de gala completo, em que se destaca o uso da pelerine. Anos: 1979, 1984 e 1985, respectivamente. Fonte: acervo pessoal das colaboradoras.

³⁶ A beca só passou a fazer parte das Cerimônias de formatura da EEAN em 1991.

Cabe destacar que, de acordo com os registros fotográficos do acervo do CEDOC da EEAN, a pelerine era usada apenas pelas mulheres. No entanto, fotografias do acervo pessoal de uma colaboradora mostram a formatura de sua turma, em 1986. Nelas, os homens usam a pelerine durante o cerimonial (Imagem 37). Todavia, as duas colaboradoras entrevistadas desta turma não souberam justificar tal fato.

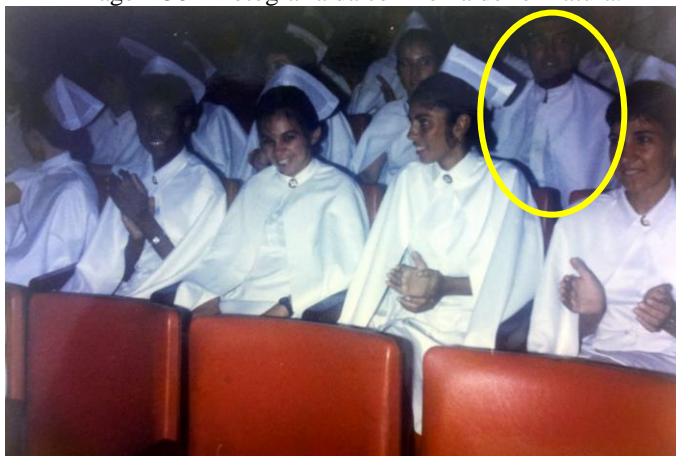
Imagem 37 – Fotografia da cerimônia de formatura.



Observa-se o estudante Arlindo Jansen Pereira usando a pelerine. Ano: 02.08.1986. Local: Associação Cristã de Moços (ACM). Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

Outra fotografia da mesma cerimônia registra o formando Reginaldo Paulino da Costa sentado ao fundo do auditório, também usando a pelerine (Imagem 38). Este colaborador Costa (2016) descreveu que, no dia da formatura, os organizadores que vestiam a pelerine nos formandos pediram para que os homens também a colocassem, por ser parte do uniforme, o que foi aceito sem questionamentos.

Imagem 38 – Fotografia da cerimônia de formatura.



Sentado e no detalhe o estudante Reginaldo Paulino da Costa usando a pelerine. Data: 02.08.1986. Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

O uniforme de formatura dos estudantes da década de 1980 foi adaptado à moda considerando-se os estilos em alta, de acordo com o contexto social da época, diferente das décadas anteriores, em que, apesar de atender à moda, o uniforme era padronizado e deveria ser seguido independentemente da vontade do grupo, tanto que a colaboradora diplomada no ano de 1984 relata:

Minha mãe fez dentro dos padrões, porque tinham especificações de medida de um botão pro outro, de altura da bainha tinha todos aqueles detalhes e minha mãe fez dentro dos padrões, mas lógico, assim, um pouco mais ajustadinho...então assim, bem em “cimazinho” do joelho...um pouquinho tentando modernizar [risos] e ajustar para poder ficar, ficar de acordo com o meu gosto. E eu me lembro até a professora Ana Shirley [Ana Shirley Valverde Meireles] quando me viu, que eu ia fazer o juramento, quando ela viu ela achou meu uniforme curto e ela falou que quando eu estendesse meu braço ia aparecer meu joelho...[risos] e eu achei aquilo uma graça...mas, fui! “Não professora, fica tranquila que não vai aparecer” E ela: “mas esse vestido tá muito justo”. Eu falei: “Não, meu vestido está adequado”, porque não era um avental, era um vestido, então ele estava com modelagem, mas nada justo, nada indecente, nem para a época, nem para a escola. *Estava*, a meu ver, dentro dos padrões (COSTA, 2014).

Evidenciou-se que o uniforme da formatura das décadas de 1960 e 1970 era padronizado pela Escola, neste caso o de gala de enfermeiro. Já a confecção do uniforme na década de 1980 sofreu maior flexibilização do seu modelo. Os relatos dos colaboradores indicam, inclusive, um movimento de adequação à moda da época.

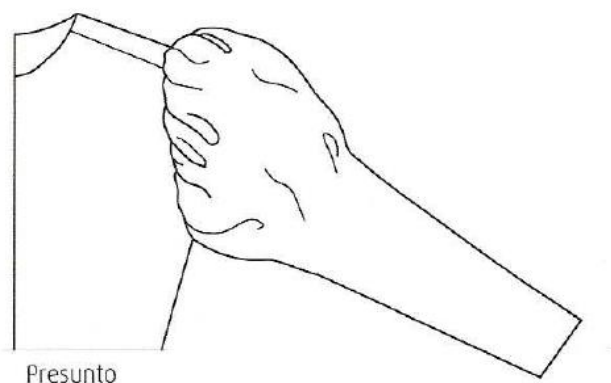
Naquela cerimônia [*Cerimônia de Formatura*] a gente que escolhia a roupa, tanto que a roupa que eu me formei não era um uniforme, era uma roupa que o grupo adotou, que era uma calça branca, com sapato branco, uma blusa de manga comprida por dentro da calça, com cinto branco. Foi isso que a gente usou, não era aquele uniforme do estágio que a gente usou na formatura não. O das alunas a mesma coisa [...] não era o uniforme utilizado no estágio, foi uma roupa feita, todo mundo seguindo o mesmo feitio, mesmo modelo, mas feita para aquela Cerimônia de Formatura (ALMEIDA FILHO, 2014).

Eu lembro que esse modelo do *tailleur* com a saia ele era um modelo, assim, entre aspas, “livre”. A gente podia fazer um modelo próprio da turma, então eu lembro que a nossa saia tinha um macho atrás, assim, com duas dobras para fazer tipo um moleque na hora que andava para ficar mais bonito. A manga do *tailleur* era uma manga que, na época, se usava e que ela se chamava manga presunto³⁷ que era maior aqui assim, e afinava quando chegava perto no final do antebraço. Ela vinha maior e afinada para poder ficar mais na moda, para a gente ter uma coisa mais estilizada e tal. Nós fizemos e não teve problema, não foi proibido fazer isso. A gente padronizada o tecido, o linho branco, eu lembro que a gente foi numa loja e escolhemos o tecido, aí todo mundo foi comprar na mesma loja para termos um mesmo padrão (FERREIRA, 2016).

O modelo referido pela colaboradora Ferreira era de uma manga que possui grande volume na altura da cava, avolumando-se do cotovelo ao ombro e que é justa do cotovelo até o punho, conforme observado na imagem 39 (KAULING, 2016).

³⁷O nome origina-se pelo formato da manga, que dá a impressão de um “presunto com osso”. O modelo foi utilizado com frequência no final da década XIX e revivido nos anos 1960 e 1970 com o retorno do estilo eduardiano (KAULING, 2016).

Imagem 39 – Desenho técnico do modelo de manga presunto.



Fonte: KAULING, 2016.

Fica marcado nas últimas três falas citadas o fato de os estudantes disporem de maior liberdade para a escolha do uniforme que usariam e autonomia para adotarem traços da moda vigente, sob a justificativa de “poder ficar mais na moda, para a gente ter uma coisa mais estilizada e tal”. Observa-se também que, na concepção dos estudantes, o fato de poderem escolher descaracterizava o uso de um uniforme, o que não é verdade, pois uniforme é, por definição, tudo aquilo que apresenta uma só forma, que é sempre o mesmo, não varia, produzindo relação de igualdade, semelhança, regularidade e identificação (GUIMARÃES; CABRAL, 2016).

Portanto, mesmo com a liberdade de escolha, os estudantes seguiram um padrão a ser usado na cerimônia de formatura. Pode-se inferir que as circunstâncias da implantação da Enfermagem Moderna no país, liderada pelas americanas, determinaram a produção de relações e valores, tais como as regras de disposição e uso, imposições e proibições, tolerâncias e transgressões em relação ao vestuário usado na EEAN. Este conjunto de padrões mantido pelas dirigentes brasileiras se perpetuou ao longo dos anos, passando a fazer parte da identidade do profissional formado na Escola.

Conforme afirma Bates (2010, p. 173), o uniforme não é apenas um símbolo, mas um participante ativo na formação das mentalidades pessoais ou sociais. Os uniformes utilizados na EEAN no recorte temporal do estudo formavam uma estrutura cujos elementos eram significantes por estarem interligados por um conjunto de normas coletivas, expressas principalmente nos rituais que consagravam seu uso, que regulavam a disposição das peças num usuário, conferindo-lhe valor enquanto indumentária.

Capítulo 3 - ÚLTIMA PROVA ANTES DA COSTURA FINAL: ADAPTAÇÕES DO UNIFORME AO DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM E DA MODA NA DÉCADA

ESTRUTURA DO CAPÍTULO

3.1 Cotidiano da EEAN no contexto Pós-Reforma Universitária de 1968

3.1.1 Repercussões da entrada do homem nos rituais da EEAN

3.1.1.1 Extinção do uniforme de preliminar

3.1.2 Mudança nos uniformes reivindicada pelos estudantes

3.1.3 A criação do uniforme masculino e as mudanças no uniforme hospitalar e de saúde pública

3.1.3.1 Uniforme de saúde pública: introdução do jeans como adequação aos novos tempos

3.2 O rigor e a disciplina de comportamento ao usar o uniforme da EEAN: manutenção da identidade institucional e profissional

3 ÚLTIMA PROVA ANTES DA COSTURA FINAL: ADAPTAÇÕES DO UNIFORME AO DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM E DA MODA NA DÉCADA

*“A roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória”
(Peter Stallybrass, 1999).*

Ao avançar no recorte temporal desta Tese sobressaíram muitas transformações no contexto social, político, econômico e cultural do Brasil. Assim, para a continuidade do desenvolvimento da pesquisa, centralizando o objeto em estudo, é importante selecionar os acontecimentos históricos relacionados ao vestuário dos estudantes que influenciaram mais diretamente as mudanças no cotidiano da EEAN.

Sabe-se que existem diferentes correntes sobre a escrita da história e, neste estudo, optou-se pela micro-história, que consiste em trazer o registro de uma história particular, assim eliminando as outras possíveis. Essa decisão não é considerada “nem clandestina nem arbitrária”, mas está sujeita a discussão e contradição (MOMIGLIANO, 1983 *apud* REVEL, 2010, p.435). Historiadores do mundo todo seguem no aprofundamento das reflexões sobre a macro-história e a micro-história, mas é fato que ambas são aceitas como produções relevantes para o avanço do conhecimento na área (REVEL, 2010).

Esse preâmbulo pretende fundamentar o capítulo que ora se inicia, último desta Tese, que abrange um recorte denso em relação ao contexto em que se insere. Diante das expectativas de se estudar um fato social em um local específico (EEAN), é fundamental esclarecer que o que é mais peculiar será parte da escrita do texto que virá a seguir.

Diz-se que a pesquisa não foi realizada com a ambição de dar conta do mundo sócio-histórico generalizante, mas de traçar outra modalidade de análise social, própria de uma história que almeja atentar para a experiência dos indivíduos captada nas relações que mantêm entre si. Desse modo, fez-se a escolha pela trajetória individual de um grupo inserido “numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações sociais que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação” (MOMIGLIANO, 1983, p.439).

3.1 Cotidiano da EEAN no contexto Pós-Reforma Universitária de 1968

Os primeiros anos da década de 1960 foram marcados por um intenso movimento visando à reforma do sistema universitário brasileiro, do qual participaram docentes, pesquisadores e representantes do movimento estudantil. As décadas de 1960 e 1970, no

contexto de ditadura militar, foram períodos em que as iniciativas governamentais desenvolvidas no campo educacional foram bastante intensas, como em nenhum outro período da história da educação brasileira.

No panorama nacional destaca-se a promulgação das Leis 4.024/61, 5.540/68 e 5.692/71, todas regulamentando os ensinos fundamental, médio e superior. O cotidiano da EEAN foi afetado diretamente por essas legislações, uma vez que resultaram em mudanças na forma de ingresso na escola, no currículo, na organização administrativa, no corpo social, entre outros.

No que se refere às universidades, o general Arthur da Costa e Silva, representando os militares na presidência da República, via Ministério da Educação e Cultura (MEC), instituiu, pela Lei nº 5.540 de 28/11/1968, a Reforma Universitária (RU/68), “com o objetivo de atender algumas das crescentes reivindicações do Movimento Estudantil e dos professores insatisfeitos com a estrutura da universidade tradicional”, o que completava, teoricamente, a autonomia didático-científica disciplinar, administrativa e financeira das universidades (BRASIL, 1968).

Era consensual o movimento em prol da RU/68, pois havia a necessidade de reestruturação da universidade brasileira. No bojo das contradições que aconteciam na sociedade, legitimava-se uma luta para fundamentar a efetiva reforma para o ensino superior. Era preciso modificar não apenas a estrutura de seu sistema, mas as condições de ensino, que precisavam estar comprometidas com a formação crítica e emancipatória dos estudantes para ação política e social (FÁVERO, 2006; GERMANO, 1993).

Entre as medidas propostas pela RU/68, com o intuito de aumentar a eficiência e a produtividade da universidade, sobressaem: alteração do exame vestibular criando um sistema unificado de escolha das carreiras; organização do currículo em ciclos básico e profissionalizante; instituição do sistema departamental como unidade mínima de ensino; definição de sistema de créditos e matrícula por disciplina, bem como da carreira do magistério superior e dos cursos de pós-graduação, institucionalizando a pesquisa no âmbito da graduação (FÁVERO, 2006; GERMANO, 1993).

A despeito de ocorrer em um clima de deterioração dos direitos civis, visto que 15 dias após a instituição da RU/68 os militares implementaram o Ato Institucional nº 5 (AI-5), anulando a autonomia universitária, ainda assim a RU/68 representou à época “um dos marcos de modernização da universidade”, pois se inspirou em muitas das ideias do movimento estudantil e da intelectualidade das décadas anteriores (GERMANO, 1993).

O período do regime militar (1964-1985) se caracterizou por um conflito permanente pela imposição e consolidação do autoritarismo dos governos implantados. O poder do Estado ampliou-se nos diversos espaços sociais, havendo um período de suspensão dos direitos constitucionais em todas as esferas (FAUSTO, 1995).

A EEAN, como parte desta sociedade, não ficou imune a tais circunstâncias. Seu corpo docente e discente viveu este período de repressão marcado pelo silêncio, em que nada se questionava. O corpo social da Escola foi “capaz de conviver com os fatos sem ao menos poder externar seus questionamentos a respeito” (LASSALA, 2007, p.23). Considera-se que, por esta razão, as falas dos ex-alunos deste período apontam para uma não estranheza à obrigatoriedade do uso do uniforme numa instituição de ensino superior durante o período mais duro da ditadura militar no Brasil, conhecido como Anos de Chumbo (CORDEIRO, 2009). Corroborar esta colocação o relato da colaboradora Figueiredo, em que destaca:

A década que eu entrei na Escola foi a década da ditadura, era a década da ordem, do uso das coisas, então eu não tinha muita dificuldade de usar uniforme não. [...] Mas eu era tão analfabeta em termos de questões políticas e de ideologia, que eu nunca captei. A Criméia [*colega de turma da colaboradora*] chamava a gente para as reuniões depois da meia-noite, quando a Escola tinha que estar toda no escuro e a gente dormindo, as reuniões eram na capela, para tentar passar para nós a ideologia comunista daquela época. [...] Eu sempre estou me perguntando até que ponto a gente foi omisso mesmo ou se protegeu daquelas coisas, porque a gente perdeu duas colegas nessa época, então foi um período de dificuldades que a gente atravessou nesse processo, porque eu entrei na Escola em sessenta e cinco [1965] e saí em setenta [1970] (FIGUEIREDO, 2014).

Observa-se que a fala repleta de naturalidade sobre o uso do uniforme decorre de uma imposição presente na sociedade à época, que impedia o questionamento e o pensamento crítico. A possibilidade de expor tais colocações contrárias, ainda que no âmbito da escola, era totalmente evitada, e os estudantes preferiam nem pensar sobre aquele assunto, apesar de participarem direta ou indiretamente de atividades relacionadas aos fatos político-sociais, como as reuniões na capela.

Assim, não estranhar e/ou questionar, não significava que os estudantes estivessem satisfeitos com os uniformes ou com as regras impostas para usá-los. Entretanto, os sistemas simbólicos relativos à disciplina, aos rituais e às regras que solenizavam seu uso funcionavam no espaço da EEAN como instrumento de imposição e legitimação da dominação no sentido bourdiano (BOURDIEU, 1989). Tudo isso demarcava o poder simbólico exercido naquele período pelas dirigentes da Escola e que era reforçado pelo clima na sociedade, que vivenciava uma ditadura militar.

Em todo o ambiente social, o clima da época amedrontava, assustava e impedia que os estudantes se manifestassem. Nesse sentido, a fala da colaboradora acima contém reflexões

sobre sua atitude e questiona se esta foi adotada como medida de proteção ou se houve omissão de sua parte.

A EEAN, durante quase meio século, manteve-se fiel às características do modelo educacional originalmente implantado pelas enfermeiras norte-americanas, que por sua vez reproduzia as concepções de Florence Nightingale, precursora da enfermagem moderna, formando profissionais sob os princípios da disciplina, da obediência e da subserviência (PADILHA et al, 1997). No entanto, ocorreram adaptações ao modelo no que se refere ao seu desenvolvimento no Brasil, tendo sido utilizada, como estratégia, a aliança da EEAN com o governo e com a igreja em período pré-ditadura (GOMES et al, 2005).

Muitas vezes, os avanços da profissão decorreram do apoio e da liderança da EEAN a movimentos como o de criação de novas escolas de enfermagem no Brasil, criação e regulamentação do curso de auxiliar de enfermagem, entre outros. Importante destacar que este apoio não alterava significativamente o seu cotidiano institucional nem suas práticas pedagógicas (PERES, 2015).

Com o advento da RU/68, a EEAN sofreu consideráveis mudanças na estrutura e no funcionamento (criação de cinco Departamentos de Ensino), e também no que concerne à filosofia e à política educacional. Não obstante, todo este movimento político-educacional fez iniciar os trabalhos em busca de adaptar-se à nova realidade que se apresentava no ensino superior, o que nunca esteve apartado da realidade social, na qual a moda é um elemento significativo.

O vestibular unificado permitiu racionalizar, do ponto de vista do candidato, o acesso a uma vaga na universidade, já que no mesmo exame disputava vagas em várias instituições e contava com um sistema classificatório. Do ponto de vista das instituições, evitava-se a múltipla matrícula de um mesmo candidato em várias delas, sem prejuízo da filosofia dominante de pleno preenchimento das vagas (BAPTISTA, BARREIRA, 1999; FÁVERO, 2006; MARTINS, 2009).

Na fala dos colaboradores é possível identificar que a primeira opção era a EEAN, contudo, também se destaca a questão de que, por ser um sistema classificatório, o candidato que não conseguisse ponto suficiente para ocupar uma vaga na carreira de sua primeira opção poderia ingressar em outro curso de menor procura.

No caso da EEAN, muitos que tinham a medicina como primeira opção e não obtiveram pontuação suficiente para ingressar neste curso, se inscreveram no curso de enfermagem como segunda opção e ingressaram na Escola. Assim, devido ao sistema

classificatório, acabavam tirando a vaga daqueles que tinham escolhido enfermagem como primeira opção.

Eu fui aprovada, mas só me classifiquei na quarta chamada, porque a primeira chamada foi plena de estudantes da medicina, a segunda chamada já começou a ter alguém da enfermagem, passou a terceira chamada e na quarta chamada que meu nome saiu [...] Eu achava que ia ser chamada na primeira listagem, porque eu queria enfermagem, mas não era assim, a objetividade da nota da medicina era muito mais alta do que a nota das opções de enfermagem, na primeira opção de enfermagem (SOUZA, 2014).

Além disso, a organização de um ciclo básico, comum a todas as áreas, e outro profissionalizante, específico da enfermagem, determinou que o currículo passasse a ter uma etapa inicial na qual todos os estudantes de uma mesma área de conhecimento cursassem matérias juntos. Cabia a cada curso instituir os conhecimentos comuns necessários à sua área, a fim de estabelecer o Ciclo Básico de cada Centro, conforme exposto na Resolução nº1/71, do Conselho de Ensino de Graduação da UFRJ, que define como normas básicas para a organização curricular dos cursos de graduação:

Art. 1º - Os Centros Universitários definirão, para todo o seu âmbito ou para setores de seu âmbito, um primeiro ciclo de estudos, com duração dentro dos limites estabelecidos no Regimento Geral da Universidade, constituído por disciplinas comuns a cursos diversos, ou de natureza fundamental para a área do conhecimento respectiva (UFRJ, 1973?, p.13).

As disciplinas comuns a todos os cursos da área da saúde passaram, portanto, a ser ministradas ao conjunto dos estudantes nos Institutos Básicos do Centro de Ciências da Saúde (CCS), na Cidade Universitária, na Ilha do Fundão. Somente mais tarde, no caso da EEAN, a partir do 4º período, o estudante teria contato mais próximo com o conteúdo profissionalizante direcionado e específico da carreira por ele escolhida (BAPTISTA; BARREIRA, 1999).

Se por um lado, a convivência com os professores das ciências básicas e estudantes de outras carreiras da Área da Saúde oferecia a oportunidade de enriquecimento cultural e ampliação de seus horizontes para além das paredes do Pavilhão de Aulas e do internato, por outro lado, postergou-se a interação destes estudantes que optavam pela carreira de enfermagem com o grupo de professores da EEAN (BAPTISTA; BARREIRA, 1999).

Uma colaboradora destaca a questão do distanciamento inicial com a enfermagem, ao comentar sobre as etapas do curso em sua época.

Chamava ciclo pré-profissional, mas tinha algumas disciplinas de enfermagem. Tinha História da Enfermagem, que era dada pela professora Ana Jaguaribe Nava [*Ana Jaguaribe da Silva Nava*]. Tinha Saúde da Comunidade que foi dada pela professora Isabel Dantas. [*Isabel da Cunha Dantas*] Acho que eram só essas duas, o que era muito ruim, porque a gente só descobria o que era enfermagem um ano e meio depois de entrar no curso (PORTO, 2014).

Considerando que a identidade profissional começa a ser construída no interior dos espaços de formação, o fato de o início do processo de aproximação com a enfermagem ser postergado representava uma interferência no processo de incorporação da identidade “ananéri”. A Escola passou a ter a metade do tempo (a aproximação com os estudantes só ocorria a partir do 4º período e a formação completa se dava em oito) para construir no estudante toda uma formação identitária (DUBAR, 2005).

Além disso, neste tempo, o estudante era apresentado a outras realidades profissionais do espaço universitário, de relações políticas, fato que o tornava, inclusive, mais crítico-reflexivo para a discussão desta identidade profissional. É preciso considerar que a noção de identidade implica a atribuição de significados que respaldam os entendimentos e as interpretações das pessoas sobre si mesmas e a respeito do grupo a que pertencem (DUBAR, 2005).

A identidade profissional é coletiva e não se constrói apenas mediante a escolha de um ofício ou aquisição de um diploma, pois se articula com a identidade individual, numa transação ao mesmo tempo "interna" e "externa". Estabelece-se entre o indivíduo e as instituições com as quais interage, ou seja, depende tanto do julgamento de outros como das suas próprias orientações e autodefinições (DUBAR, 2005, 1998).

Outro fato consequente da RU/68 que interferiu na construção identitária das enfermeiras “ananéri” foi o distanciamento entre estudantes e professoras da Escola após o fechamento do Internato da EEAN, cinco anos após a implantação da RU/68, em 1973. Ou seja, a convivência entre professoras e estudantes diminuiu ainda mais, pois passou a ocorrer, em sua maior parte, em momentos acadêmicos, como aulas no PA e/ou no CCS e atividades em campos de prática. Eliminou-se, portanto, a convivência social presente quando residiam no mesmo local.

O fragmento do relato de uma colaboradora apresentado a seguir ilustra essas duas questões acerca das aulas serem ministradas no CCS e dos estudantes passarem a viver no alojamento da Universidade, ambos localizados na Cidade Universitária:

Eu também tinha colegas que já tinham participado no internato lá em Botafogo e estava terminando [*sendo fechado*] o internato lá de Botafogo, e ia para o fundão [*Ilha do Fundão, para o alojamento dos estudantes*]. E eu falei “Ah, que bom, morar lá perto de onde eu estudo”. E aí para mim foi bom, fui para o alojamento, fiquei lá junto com as outras colegas. [...] A gente estudava as disciplinas básicas lá no fundão mesmo (CARVALHO, G. 2014).

No que diz respeito ao sistema político-econômico da época, cabe destacar que o convívio como universitário num campo vasto também permitia que os estudantes da EEAN tivessem contato com as questões políticas em voga. O CCS era um espaço democrático onde

podiam expressar suas opiniões e discussões, principalmente acerca do momento político da época que envolvia uma ditadura militar. A administração da EEAN tinha ainda uma concepção mais tradicional e, por isso, considerada muito autoritária para uma época em que o mundo vivia um processo de emancipação de conceitos, revendo paradigmas comportamentais.

A passagem descrita pela colaboradora citada a seguir demarca bem este momento. Observa-se que da mesma forma como estar no campus universitário expandiu o pensamento dos estudantes, retornar para as atividades específicas de enfermagem no PA os aproximou de um processo militarizado de ensino:

A gente fazia um ano e meio de básico lá no CCS [*Centro de Ciências da Saúde*], de todas as disciplinas básicas. Ainda tinha isso, lá a gente continuava meio ativista, e tal. Depois a gente vinha para o Pavilhão [*Pavilhão de Aulas*]. [...] Então, essa professora, quando a gente entrava no Pavilhão, tinha uma professora do Departamento de Enfermagem Fundamental que era designada para fazer a entrevista a cada [*ênfase*] aluno. [...] Ela entrevistava um por um, fazia perguntas sobre a nossa família, sobre a nossa religião, também, que era uma coisa que, era difícil para mim, porque a Escola era católica, eu não sou católica. E tinha que tomar cuidado com o que ia dizer, não é? Mas eu disse assim mesmo, sem problemas. Depois que ela perguntava por que eu fui para lá, porque eu fui ser enfermeira, ela me dava uma folha que eu tenho até hoje, meio quebradinha, de uma poesia de enfermeira, e uma cópia do meu uniforme, do que ia ser o meu uniforme (OLIVEIRA, 2014).

Observa-se que mesmo com as mudanças institucionais oriundas da RU/68, havia um esforço das dirigentes da Escola no sentido de manter as tradições e a disciplina em relação ao uso do uniforme e à conduta esperada dos estudantes.

Ao subsidiarem-se as falas da colaboradora pelo referencial teórico adotado, nota-se que a entrevista realizada no meio do curso, antes do início das atividades teórico-práticas próprias da enfermagem, era uma estratégia de identificação do perfil para seguir a carreira. Isso significava ter uma noção da identidade que aquele momento institucional pós-reforma já havia construído nos estudantes durante o ciclo básico.

Tal identificação permitia que o corpo docente se preparasse para dar continuidade ao processo de construção da identidade profissional a partir daquele momento, quando a Escola teria maior incidência no processo de formação, de acordo com as suas ideologias. Assim, levava-se os estudantes a vivenciarem um confronto entre dois tipos identitários de formação (DUBAR, 2005).

A EEAN utilizava plenamente seus poderes de instituição formadora, uma vez que o papel da educação vai além de transmitir e construir de conhecimentos, tendo maior responsabilidade na construção e no desenvolvimento de identidades (OLIVEIRA, 2011).

3.1.1 Repercussões da entrada de homens nos rituais da EEAN

De acordo com Baptista (1995), as Escolas de Enfermagem sofreram mudanças na estrutura, no funcionamento, na filosofia e política educacional com a RU/68. Contudo, uma das mais significativas mudanças foi quando o vestibular passou a ser unificado por área de conhecimento, e o ingresso nas diversas carreiras ocorreu por classificação.

A partir de então, não se podia restringir o ingresso apenas de pessoas do sexo feminino, pois o vestibular havia sido aberto a candidatos de ambos os sexos e, no ano de 1971, quando ocorreu a primeira entrada de estudantes por vestibular na EEAN, 20% dos 52 candidatos classificados eram homens (EEAN, 1974).

Até a entrada de homens na EEAN, o curso de enfermagem ali ministrado era para a formação de profissionais exclusivamente do sexo feminino. As americanas, ao implantarem a Missão Parsons no Brasil, que incluía a criação de uma Escola de Enfermeiras, tinham o intuito de dar à mulher a oportunidade de profissionalizar-se sem, no entanto, que isso representasse uma ameaça direta à dominação masculina da sociedade brasileira de então (APERIBENSE, 2009).

Nesse sentido, a Escola só aceitava mulheres e era reconhecida por possuir um modelo de ensino baseado nos padrões mais elevados dos melhores colégios de moças. Além disso, a EEAN tinha asseguradas a autonomia do ensino, a qualificação profissional de suas formadas e a inserção da enfermeira no mercado de trabalho (APERIBENSE, 2009).

O contexto social em que ocorreu a expansão do ensino superior é marcado pela abertura do regime político ditatorial, pela liberalização sexual e pela quebra de antigos 'tabus'. O movimento feminista começou a ressurgir no Brasil e a entrada das mulheres no mercado de trabalho apareceu também nas classes mais altas, nas quais tradicionalmente o papel desempenhado pelo contingente feminino estava ligado ao espaço doméstico e aos afazeres do lar (GUEDES, 2008).

Quanto ao vestibular unificado e classificatório, verifica-se que sua implantação exerceu dupla finalidade: racionalização no aproveitamento do número de vagas e admissão do ingresso não para determinado curso, mas para determinada área de conhecimento (FÁVERO, 2006). Desse modo, ingressaram na EEAN muitos dos que tinham como primeira opção o curso de medicina, mas não obtiveram nota para classificação.

Foi de muita tensão meu vestibular, porque como foi a primeira vez que tiveram homens, toda turma que queria medicina como primeira opção concorreu para enfermagem como segunda opção. [...] Eu entrei aqui em fevereiro, nós tínhamos aula fevereiro e março, mas tinham muitas desistências da medicina, então as turmas foram sendo enxugadas, entrava estudante novo e ia embora (SOUZA, 2014).

Além disso, ao adotar provas objetivas, foram eliminados os critérios subjetivos muito valorizados pela Escola, como aparência, comportamento, antecedentes, entre outros (BAPTISTA; BARREIRA, 1999). Para minimizar esta situação de entrada dos estudantes e alto índice de desistência dos aprovados devido ao desejo de cursarem medicina, o regimento da EEAN, aprovado em 1972, incluiu um artigo (nº 23) em que afirmava a possibilidade de submeter os candidatos a uma entrevista e à prova psicológica de personalidade e específica de aptidão para a enfermagem (EEAN, 1973?).

A colaboradora Carvalho aponta que o ingresso de homens foi inevitável, apesar de todos os esforços da EEAN para manter a tradição. Todavia, por tratar-se de um movimento universal, a Escola não pôde se alijar desse processo.

E nós não podíamos negar a entrada do homem porque era um movimento universal, das universidades brasileiras, e a Escola Anna Nery também foi o último reduto da UFRJ a aceitar elemento do sexo masculino. Tínhamos que fazer acordos (CARVALHO, V.,2014).

Assim, a década de 1970 clamava por mudanças em virtude da situação política que vivia o país. Era uma época de transformações no mundo como um todo, de filosofia, de pensamento e de estilo de vida. Algumas colaboradoras reconhecem isso, dentre elas Paim (2014). Para ela, “A tradição foi mantida ao longo dos anos até que a reforma [*Reforma Universitária de 1968*] veio e pediu outra coisa, porque os jovens chegaram diferentes”.

O trecho da fala da colaboradora supracitado descreve bem como o desenvolvimento do ensino superior de enfermagem no Brasil propiciou novos tempos para a EEAN, o que transformou seu cotidiano ora pouco a pouco, ora bruscamente.

O desdobramento mais imediato da RU/68 para a EEAN foi a entrada do homem após a unificação do vestibular. Foi também a questão mais difícil de lidar e a que mais causou estranheza ao grupo de lideranças da Escola. A colaboradora, professora da EEAN à época desta mudança, enfatiza:

Quando os homens chegaram, eles também ficaram acanhados de receber aquela forma de mulheres mandando. Então era um movimento cultural atípico para a escola, mas na verdade eles se puseram e impuseram com a ajuda dessas mesmas enfermeiras, como Vilma [*professora Vilma de Carvalho*] e eu. Eles não queriam ser mandados, então teve uma dificuldade e a gente teve que se impor, eu fui uma delas. [...] Quer dizer, essa barreira primeira ela foi mais difícil, mais árida como toda barreira de uma inovação, e era uma inovação botar um homem na Escola Anna Nery, era uma das maiores inovações porque era uma inovação que ofendia culturalmente o próprio homem (PAIM, 2014).

A fala da colaboradora Paim expressa exatamente esta questão do lidar com uma mudança da posição do gênero no âmbito da Escola onde os estudantes (gênero masculino) estariam numa condição inferior em relação às professoras (gênero feminino).

Com a entrada do homem após o vestibular unificado, identifica-se uma mudança no espaço social da EEAN. No que se refere ao gênero, o perfil do corpo social da Escola foi drasticamente alterado, pois, “concomitante ao tempo em que os docentes médicos foram retirados de seu corpo docente, os estudantes do sexo masculino passaram a integrar o seu corpo discente” (LASSALA, 2007, p.14).

O desconforto com a presença de homens era duplo, pois além de terem a enfermagem como segunda opção e, portanto, terem ingressado pela ausência de vaga no curso de primeira opção (medicina), havia a questão do lidar com o sexo oposto. O trecho a seguir ilustra esta dificuldade:

Eles não queriam repetir [técnica de calçar as luvas], e não queriam ser mandados [...] Eu me lembro que eu estava em fundamentos [*na disciplina de Fundamentos de Enfermagem*] nessa ocasião, “não, não tem para onde, não fez tantas repetições, não vem me dizer que sabe” [...] Essa mistura foi uma mistura ótima a meu ver, mas no começo era assustadora [*ênfase*], pois a gente tinha uma técnica feminina de ensinar a mulheres, e passamos a aprender a lidar com os homens que, por outro lado, os únicos homens com quem nós lidávamos eram os médicos, que a maioria era médico, não era médica, então a gente já tinha uma técnica de lidar com eles, mas com certa obediência, como diz que não tem, mas tem dentro da equipe de saúde. Acho que até hoje existe isso, e quem quer dizer alguma coisa se estraga, é preciso que a gente vá mostrando, mas não precisa falar, eu gosto é de falar com gestos com eles, porque num instante eles aprendem. Silenciosa e com gestos a pessoa aprende (PAIM, 2014).

A dificuldade em lidar com o gênero masculino fez a Escola adaptar-se com mais rigorosidade para manter sua tradição. Alguns estudantes, homens inclusive, desistiam do curso, tanto pela disciplina quanto pelo enalço que o gênero masculino sofria na Escola, conforme exposto nos relatos abaixo.

Eram poucos meninos, minha turma começou com cinco e terminou com dois. Eles desistiam no meio do caminho. Não porque eles não quisessem enfermagem, eles não sabiam o que era, a pressão era grande, então muitos saíam e meninas também (OLIVEIRA, 2014).

Então, os homens eram absolutamente apêndices porque não tinha banheiro para eles, não tinha sala para eles. Eles eram assim, uns indesejados permanentes porque tinha pouquíssimos [...] Eles existiam, mas era como se a Escola quisesse que eles não existissem (LOYOLA, 2014).

Os ajustamentos pelos quais passou a EEAN foram se dando gradativamente, e pode-se perceber que esse caminhar avançava lentamente, porém, firmemente, afinal era a mudança de hábitos incorporados há quase cinquenta anos, também no que diz respeito, sobretudo, ao âmbito da experiência pedagógica (LASSALA, 2007).

A organização e o funcionamento da Escola eram pautados na relação com o gênero feminino. Dessa forma, tanto estruturalmente quanto em sua filosofia, muitas adaptações precisaram ser feitas. No que diz respeito aos rituais da EEAN, as cerimônias de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias e a formatura em si não sofreram grandes transformações em

sua essência, mas foram adaptadas pela presença de representantes do sexo masculino, de modo que foi necessário criar uniformes para este grupo em especial (este ponto será melhor abordado mais à frente).

A repercussão mais significativa causada pela entrada do homem foi nos rituais da premiação de Dama da Vela (extinta na turma de 1971) e Dama da Lâmpada, visto que não cabia mais o uso do termo “Dama” para definir a distinção do Prêmio “Dama da Lâmpada”. Assim, tal distinção passou a denominar-se “Prêmio Florence Nightingale”. Esta mudança pode ser observada no verso de fotografias da década de 1980, que registram “passagem do prêmio Florence” e, entre parênteses, o uso do termo “Dama da Lâmpada” dando a entender que ambos tinham o mesmo significado, conforme ilustra a imagem 40.

Imagem 40 – Fotografia (frente e verso) da solenidade de entrega do Prêmio Florence/Dama da Lâmpada.



No verso da fotografia, registro dos fatos que estão sendo comemorados na solenidade. Ano: 1980. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/4.38.1502.1 e 4.38.1502.2

A fala da colaboradora que ingressou em 1974, portanto ainda no início da entrada dos homens na EEAN, corrobora a informação de que houve a mudança no nome do ritual em virtude da presença dos homens.

Começaram a entrar alunos, três meninos, homens, nós [a EEAN] retiramos o prêmio “Dama da lâmpada” e passamos [a EEAN] ao prêmio “Florence Nightingale”. Porque como vai dar um prêmio para um menino chamado “Dama da lâmpada”? Então, por exemplo, esta minha amiga que é amiga até hoje foi premiada “Florence Nightingale”. Então a escolhida, a melhor aluna de todos os anos, ela recebia o prêmio “Florence Nightingale” e não mais “Dama da lâmpada” quando começaram a entrar os alunos no vestibular. Então, aí, a gente não tinha mais aluna “Dama da lâmpada” já era prêmio “Florence Nightingale” [...] Mas em relação a isso eu não sei como é que foram os bastidores (OLIVEIRA, 2014).

Além disso, a colaboradora que pertenceu à primeira turma com homens destaca mudanças estruturais e na filosofia da Escola após o ingresso do homem relacionadas ao Prêmio “Dama da Vela”, que deixou de existir.

Tinha uma cerimônia que eu sei que a Escola não sabia muito bem como conduzir por causa das entradas dos meninos, então elas não sabiam se iam fazer essa cerimônia ou não, que era a “Dama da Vela”, não era “Dama da Lâmpada!” [*ênfase*], era “Dama da Vela”, os melhores alunos do primeiro ano ou a melhor aluna do primeiro ano recebia em primeiro lugar a touca branca sem friso, a touca de estudante nessa virada entre junho e agosto, sempre era uma estudante só. Na minha turma, como já era o vestibular unificado, já tinha CR [*Coefficiente de Rendimento*], pelo coeficiente de rendimento tinham três alunos praticamente empatados, era a Jupira [*Jupira Corrêa Nunes*], eu e o Cesar Fernandes [...] Porque a Dama da Lâmpada é quando você sai do uniforme azul para o uniforme branco e mantém a touca sem friso, e quando você se forma você recebe a touca com friso e com o uniforme de gala, que era o uniforme branco de manga comprida e com a capa da pelerine, fechada só aqui em cima (SOUZA, 2014).

Desde a primeira turma em que houve a entrada de homens, em 1971, já se considerava o Coeficiente de Rendimento (CR) para definição das premiações. O ritual, tão tradicional junto ao corpo discente e docente da Escola, passou a apresentar um impasse para sua realização. As professoras tiveram dificuldade em conduzir a situação porque a figura homenageada seria um homem, o que atendia aos requisitos de ser premiado, de maneira que não souberam como lidar com este fato.

Por fim, decidiu-se por realizar a cerimônia, mas não sem antes esta decisão causar demasiado transtorno no grupo de autoridades da escola, conforme relato da colaboradora.

Então se ficou na dúvida como é que teria a dama da vela ou se não teria, e assim, muito em cima da hora, avisaram para a gente que ia ter a cerimônia. [...] Foi-nos dito que esse cerimonial acontecia e talvez a nossa turma, por ser uma nova resolução, nunca diziam para a gente que era porque tinham homens, “uma nova resolução” que talvez fosse suspender. E eu acho que depois da nossa turma não houve muito dama da vela não, deixou de ter (SOUZA, 2014).

Antes da entrada dos homens na EEAN, não havia dificuldades em distinguir a melhor estudante e premiá-la com um reconhecimento público, em evento promovido pelo e para o corpo social da Escola. Era a harmonia entre o desempenho e a desenvoltura ao longo das aulas e nas atividades de estágio, bem como o resultado do bom comportamento nas dependências do Pavilhão de Aulas e do internato, nos hospitais e campo prático, que determinava a escolha da estudante a ser premiada. Era a incorporação de valores que determinava a identidade do grupo e, neste, a que mais tivesse corporificado melhores condutas era merecedora da distinção.

O relato da colaboradora Sanchez, estudante formada em 1981, demonstra que passaram a ser consideradas no processo de premiação não questões objetivas, quanto a notas, postura, desempenho, habilidade, destreza, mas sim, aspectos subjetivos. No caso lembrado

pela colaboradora, considerou-se o mérito associado ao sacrifício para cursar a faculdade, visto que a pessoa que recebeu o prêmio trabalhava e estudava.

Edson, ele era um senhor que já trabalhava como auxiliar e tudo mais. Um senhor de certa idade, já que nós éramos, a maioria, vinte e poucos anos. Ele tinha trinta e poucos ou quarenta e poucos anos. Então nós queríamos homenageá-lo porque ele trabalhava e ele chegava à aula cansadíssimo, cochilava, mas a gente queria homenageá-lo porque eram raras as pessoas que trabalhavam e estudavam na enfermagem. Mas aí não deixaram, então a gente optou por não ter (SANCHEZ, 2015).

O indeferimento da premiação pelas dirigentes da Escola, segundo a colaboradora, justificou-se porque o estudante escolhido não era mulher. E, sob tais condições, a turma optou por não ter a premiação, já que ele não poderia receber a homenagem.

A Dama da Lâmpada era mais tarde [*na formatura*]. Nossa turma não teve Dama da Lâmpada porque nós escolhemos um homem [risos], não podia ser homem, então nós dissemos que não teria então (SANCHEZ, 2015).

As questões objetivas poderiam existir, mas, neste caso, não foi o que pesou no processo de escolha da Dama da Lâmpada tanto que, em não podendo ser aquele escolhido pela turma, o grupo decidiu por não haver premiação, em vez da substituição por uma estudante do sexo feminino.

Na análise dos relatos dos colaboradores identifica-se ainda que, desde a colação da classe de 1982, o prêmio deixou de ser outorgado. Prova disso é que os colaboradores que ingressaram em 1981 e 1982, respectivamente, expõem não ter havido a premiação em suas épocas.

Durante essa cerimônia [Recepção de toucas/Imposição de insígnias] tinha uma premiação chamada “Dama da Lâmpada”? Não, na minha turma não teve não. Ou algo parecido de premiação? Não, na minha turma não teve não. Melhor aluna? Não, não. Na formatura teve? Também não (CAMEROM, 2014).

Assim, Dama da Lâmpada, ela existiu, a minha turma não pegou a [*premição*] Dama da Lâmpada [...] eu tenho impressão que a Dama da Lâmpada caiu umas duas turmas antes da nossa, ela perdeu o sentido quando os meninos começaram a entrar na universidade (CABRAL, 2015).

Eu lembrei! [*ênfase*]. Essa aluna que se distinguia, era ela quem acendia a lâmpada que permanecia acesa. Era isso. Isso era só na formatura (ALVIM, 2014).

Cabe ressaltar que, apesar de o relato da colaboradora Alvim ao lembrar-se da estudante que acendia a lâmpada parecer caracterizar uma distinção, o de outra colaboradora, colega de turma (1982-86), demonstra que não se tratava do prêmio em si.

Entrevistadora: Durante a cerimônia de imposição das insígnias, vocês tiveram alguma cerimônia de identificação assim, de uma distinção da aluna de, Dama da Lâmpada? Sim. Tinha. Como eu fiquei responsável pelo juramento, uma das minhas colegas ficou responsável por acender a lâmpada no momento da cerimônia. E o que definiu a escolha dessa aluna? A turma, a turma, assim como eu fui escolhida, a turma escolhia assim... Era votação? Era votação...era às vezes... Era da turma? Não era indicação de professores? Não, não, era da turma. Tudo nosso foi escolhido, desde a época da

insígnia, eu me lembro dos professores homenageados, até a época da formatura a gente escolhia. É, não me lembro de ter sido imposto não. A, por exemplo, a minha escolha de, de... do juramento, a da, acender a lâmpada, tinha uma outra coisa também que se falava, não me lembro direito, é... alguma fala durante a cerimônia, que também foi assim, geralmente a turma escolhia o... aquela que se oferecia que queria ser, ou porque era a que falava, não tinha vergonha de tá assim exposta, né... Então, foi mais ou menos isso (COSTA, 2014).

A fala acima mostra que o acender da lâmpada era um ritual que envolvia a escolha do estudante que iria executá-lo. Mantêm-se aspectos de identidade profissional, mesmo quando a pessoa é escolhida pela turma, pois havia critérios para isso, que certamente se pautavam em distinção.

Na fala da colaboradora que ingressou em 1984, final do recorte temporal desta pesquisa, observa-se que as circunstâncias em que este ritual aconteceu sofreram algumas mudanças associadas à demanda de cada turma.

1984-87: Não. Não, não. Na minha época já não existia mais [a premiação] Dama da Lâmpada, nem na insígnia [na cerimônia de Imposição de Insígnia] nem na formatura. Não existia mais Dama da Lâmpada nem nada assim, melhor aluno, nada disso (FERREIRA, 2016).

Evidencia-se que a questão de gênero foi significativa para determinar a mudança deste ritual de premiação, bem como a implantação do Sistema de CR, que transformou a cerimônia de premiação dos melhores estudantes na outorga de diplomas *Cum laude*.

3.1.1.1 Extinção do uniforme de preliminar

As colaboradoras que ingressaram na Escola no início da década de 1970 referem que a roupa utilizada no 1º período era roupa comum. O uso do uniforme era obrigatório somente nas aulas práticas e em laboratórios.

Não se usava uniforme. Roupa normal. Aulas ocorriam no internato e no Pavilhão de Aulas. Podiam vir com roupa comum. Aulas teóricas de fundamentos tinha que usar uniforme. [...] Então, aqui na Escola [no Pavilhão de Aulas] a gente usava [o uniforme] para aulas aqui e para o campo, no campo quase que nosso campo não era junto dos outros estudantes. Então a parte teórica, por exemplo, com a medicina nós não éramos obrigados a usar uniforme, a parte teórica foi lá na Praia Vermelha e não era obrigado a usar o uniforme, no primeiro e segundo ano que foi lá. Toda disciplina que foi já dentro do CCS [Centro de Ciências da Saúde] não precisava usar o uniforme, só usava o uniforme nas disciplinas aqui [no Pavilhão de Aulas] e no campo assistencial (SOUZA, 2014).

Eram dois uniformes. Para aulas de demonstrações e treinos no laboratório de procedimentos técnicos, a gente usava jaleco por cima da roupa [roupa comum] e para aulas teóricas também, era obrigatório (PORTO, 2014).

Na aula teórica você podia ir com roupa comum. [...] mesmo assim não podia ir com qualquer roupa. Ah!!! De jeito nenhum!!! [ênfase]. Decote, transparente... (SIMÕES, 2015).

Assim, identifica-se que a partir da RU/68 houve uma mudança importante na roupa dos estudantes, pois eles deixaram de usar uniforme e passaram a vestir roupa comum no ciclo básico. Nos primeiros anos da década de 1970 a roupa comum fica mais em evidência, porque as aulas do ciclo profissional que exigiam o uso do uniforme com maior frequência só eram ministradas a partir do 4º período.

A partir do momento que os estudantes da EEAN passaram a ter aulas do ciclo básico nas dependências do CCS, na Cidade Universitária, em que se misturavam aos demais de diversas áreas profissionais numa mesma sala de aula, aboliu-se o uso do uniforme para as aulas teóricas desde o primeiro período.

Os estudantes podiam ir de roupa comum. Entretanto, para garantir o controle sobre a apresentação e a aparência, a direção da Escola determinava um padrão a ser seguido. Se as dirigentes não podiam mais controlar que usassem um uniforme para homogeneizar o grupo, ao menos manteriam o controle determinando o tipo de roupa que poderia ser usado nos espaços sociais da EEAN, principalmente no Pavilhão de Aulas, espaço de manutenção das tradições da Escola.

Imagem 41 – Fotografia das estudantes durante intervalo de aula do ciclo básico.



Local: sala do CCS, Ilha do Fundão. Ano: 1973. Fonte: Acervo pessoal da colaboradora.

Ao observarmos a fotografia do acervo da colaboradora que foi estudante na primeira metade da década de 1970 (1973-1976), portanto após a RU/68, fica nítida a diferença no que diz respeito à postura/comportamento em sala de aula (Imagem 41). A estudante senta-se sobre a mesa e mantém uma postura descuidada enquanto conversa com outra colega de classe. No ambiente do CCS, o clima de descontração era maior em relação ao PA. Apesar de ter sido uma fotografia tirada durante o intervalo entre as aulas, certamente em circunstância igual, um estudante não teria este comportamento se estivesse no PA, mesmo estando no

intervalo. Observa-se ainda, que a estudante freira ocupa a primeira fileira, enquanto existe um espaço entre os locais escolhidos pelas outras estudantes, como que a evitar estar próximo demais da professora.

Nesta análise em específico, não se enfatiza o uniforme, até porque elas estão de roupa comum, mas atenta-se à postura por não estarem usando o uniforme. Outra questão a destacar é que, sem o uniforme, não se reconhece mais pela imagem os estudantes da EEAN, principalmente depois que as turmas passaram a ser mistas no ciclo básico. No caso da fotografia acima, a colaboradora informou que se tratava de uma turma unicamente de estudantes de enfermagem, porém havia aulas em que as turmas tinham também estudantes do curso de farmácia e de nutrição.

Outro desdobramento da RU/68 no cotidiano da EEAN diz respeito à criação do curso de mestrado, após a Lei nº 5.540, que dispôs novas medidas educacionais e determinou a pós-graduação *stricto sensu* que, na EEAN, começou com o curso de mestrado, em 1972. Este se objetivou pela construção de bases e produtos para refinamento na qualificação de professores enfermeiros(as) para o desafio do ensino-aprendizagem pela Pesquisa na Enfermagem, desde a graduação (CARVALHO, 2012).

Até então, o currículo mínimo que vigorava para a formação em enfermagem era o do Parecer nº 271/1962, sob o pleito do Conselho Federal de Educação (CFE), criado no bojo da promulgação da Lei nº 4024/1961 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Neste parecer, a formação em enfermagem ocorria em três anos, sendo a especialização e a habilitação, que era optativa, no quarto ano (GALLEGUILLLOS; OLIVEIRA, 2001).

A Lei da RU/68 previa, em seu artigo segundo, que o ensino superior fosse indissociável da pesquisa, o que impulsionou a efetiva implantação da pós-graduação no Brasil e o incremento da pesquisa universitária (BAPTISTA; BARREIRA, 1999). Entre as técnicas de ensino, a pesquisa era de primordial importância, com a utilização estimulada das bibliotecas. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa até este momento relativamente desconectadas (MARTINS, 2009).

As consequências das mudanças advindas da RU/68 atingiram diretamente a linha constitutiva da identidade profissional dos estudantes da EEAN, até então adotada pela Escola, não desconsiderando o curso de desenvolvimento seguido em sua trajetória institucional, que soma diferentes contribuições para o desenvolvimento da enfermagem no país (PERES, 2013).

A partir do momento em que ficou mais evidente o modelo “profissional/moderno” do enfermeiro, resultado de um processo histórico de institucionalização acadêmica e científica da profissão, houve menor valorização dos rituais e menos rigor com o uso do uniforme.

Esta é uma das interpretações para a EEAN, mais fortemente seu corpo discente, começar a rever o papel do uniforme e seus acessórios diante da legitimidade de seu conhecimento, questionando se ainda era preciso se fazer reconhecer por um aspecto externo, de tanta formalidade, disciplina e rigurosidade como o uniforme. O período histórico pós-reforma universitária modifica aquilo que determina/reforça a imagem da enfermeira, uma vez que outros parâmetros profissionais de qualificação e competência técnica passaram a fazer parte do contexto da enfermagem.

De fato, no que diz respeito ao contexto histórico da década de 1970, os estudos de Wanda Horta impulsionaram o ensino e a pesquisa da metodologia da assistência de enfermagem no Brasil, que também coincidiram com o surgimento dos primeiros cursos de mestrado em enfermagem no país, o primeiro em 1972 na EEAN, e o segundo em 1973, na USP. Em consonância com a política desenvolvimentista da época, mais sete cursos de mestrado foram criados na década de 1970 (Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto em 1975; Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1976; Escola Paulista de Medicina em 1978; Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal da Paraíba em 1979 (SCOCHI et al, 2013). Isso ocorreu estimulado pelo processo de qualificação docente imposto pela RU/68, que provocou na academia o desenvolvimento de metodologias pedagógicas para seu ensino e sua validação em hospitais-escola (MENDES et al, 2015; KLETEMBERG et al, 2010).

Além disso, com a Criação do Conselho Federal e Regionais de Enfermagem em 1973, a partir da promulgação da Lei nº 5905/73, a categoria profissional passou a ser credenciada e legitimada (BRASIL, 1973). A enfermagem atingiu outro *status* profissional e social pela representatividade legal que passou a ter.

Ao final da década de 1970, também se destaca a implantação do Currículo Novas Metodologias na EEAN (1978), que definiu o ajustamento curricular integrando o aprender da teoria à prática, estudo/trabalho, diagnóstico/investigação (CARVALHO, 2009). A partir de então, os estudantes que só tinham contato com a realidade de enfermagem a partir do 4º período, com a implantação do Currículo Novas Metodologias, passaram a ter esta aproximação desde o primeiro período (HADDAD, 2014).

3.1.2 Mudança nos uniformes reivindicada pelos estudantes

“A moda muda. O estilo permanece” (Coco Chanel).

Os anos de 1970 iniciaram com as características trazidas da segunda metade da década de 1960, que teve a moda como instrumento de conscientização dos atos e das convicções da sociedade, assim, a moda *hippie* ditou as tendências de então. Foi o início do despontamento com uma diferenciação mais marcante, uma busca por imagens mais individuais. No final da década surgiu uma nova proposta que diferenciava as pessoas pelo que elas vestiam e, assim, emergiu um novo conceito: o da moda acessível para todas as pessoas e grupos sociais (SILVA; VALENCIA, 2012, p. 108).

A sociedade brasileira, de modo geral, acompanhava os acontecimentos internacionais e seguia tendências que considerava interessantes, assim como todo mundo segue a moda. Não foi diferente com os jovens calouros da EEAN. Enquanto a Escola buscava manter as tradições e se adequar às mudanças radicais da RU/68, os estudantes tentavam imprimir suas características, individualidade e identidade pessoal à identidade profissional que começavam a construir.

A ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados seriam o agente principal da mudança de pensamento sobre o uso do uniforme porque os novos estudantes ingressavam mais críticos. Não havia mais uma identificação imediata do calouro com a profissão escolhida, o que levava a produção de questionamentos e reflexões de toda ordem, e, no caso da enfermagem, sobretudo em relação ao uso do uniforme (WOODWARD, 2011).

Com o precedente da retirada do avental em 1968, os estudantes viram a oportunidade de reivindicar outras mudanças no uniforme, cujo uso até então era inquestionável. Assim, identifica-se nos documentos da Escola um movimento de mobilização de estudantes e professores no sentido de discutir esta questão na EEAN.

A discussão acerca da mudança do uniforme para a turma do primeiro ano de 1971 teve repercussões que, no ano seguinte, chegaram até o gabinete do Reitor, à época o Professor Djacir Lima Menezes (gestão 1969-1973).

Em documento datado de 16 de agosto de 1972, o chefe de gabinete do reitor encaminhou à diretora da EEAN solicitação de informações sobre notícias de atritos na unidade por conta dos seguintes motivos “a. mudança de uniformes; b. não cumprimento do horário pelos professores; c. avaliação por conceito; d. falta de bebedouros no Pavilhão de Aulas e, e. desconhecimento dos Estatutos da Universidade, etc.” (EEAN, 1972a).

A diretora, Elvira de Felice e Souza (gestão 1971-1975), encaminhou resposta ao gabinete do reitor, em 23 de agosto de 1972, prestando as informações solicitadas. Referiu-se à questão dos uniformes da seguinte forma “A reivindicação de alunos do 1º ano (1971) do curso de graduação em enfermagem, para a mudança do uniforme, foi estudada e decidida por uma comissão de professores e de estudantes de todas as turmas, como consta do anexo I” (EEAN, 1972b).

De fato, a diretora já havia tomado providências quanto a refletir sobre a mudança no uniforme, tanto que, desde o ano anterior, designara uma comissão para estudar e discutir o assunto. O memorando nº 22, de 26 de novembro de 1971, expedido pela diretora Elvira de Felice e Souza, indicava quatro professoras da Escola para integrar uma comissão, que também seria composta por representação de estudantes de todas as turmas, para estudar tais mudanças.

A comissão era presidida por Maria Dolores Lins de Andrade e contava ainda com as professoras Cecília Pecêgo Coelho, Tereza de Jesus Sena e Josefa Jorge Moreira. A presidente desta comissão havia acabado de encerrar uma gestão como diretora (1967-1971) e, certamente, era a pessoa mais indicada para esta posição, visto que em sua gestão ocorreu a retirada do avental e, enquanto diretora, esteve a par de todos os trâmites e processos que envolveram esta primeira mudança significativa na imagem do vestuário das estudantes da EEAN (EEAN, 1971).

No que diz respeito a este fato, cabem aqui alguns esclarecimentos e reflexões. Primeiramente, não se pode definir quais modificações foram reivindicadas (se na cor, no modelo, se a retirada de algum acessório como a touca, se mudança nas cerimônias, etc.) porque o anexo I referido no ofício não se encontrava junto a este dentro da caixa analisada no acervo do CEDOC/EEAN e não foi encontrado.

O segundo ponto de peculiaridade a considerar neste contexto é que, pelo texto, fica subentendido que as mudanças eram uma demanda dos estudantes do primeiro ano. Ao fazer referência utilizando o ano entre parênteses para especificar a turma que reivindicava a mudança, a diretora expôs o ano de ingresso dos estudantes. Eles fizeram o primeiro ano em 1971. Foi exatamente o ano em que houve a entrada da primeira turma do vestibular unificado que passou a incluir homens como estudantes da EEAN. Em agosto de 1972, data do documento, essa turma já se encontrava em períodos mais adiantados, ou seja, próxima de ingressar no ciclo profissional quando seria obrigatório o uso do uniforme. Assim, o encaminhamento ao reitor foi uma tentativa mais incisiva do grupo para que a reivindicação fosse atendida. A fala da colaboradora Souza (2014), que foi estudante nesta turma, corrobora

a afirmação: “No primeiro ano não se usava uniforme, a minha turma não usou uniforme [...] nós passávamos a usar no segundo ano. No primeiro ano usava roupa normal (SOUZA, 2014)”.

Por último, há que se considerar que muitos candidatos ao curso de enfermagem da EEAN, no início da década de 1970, tinham em comum a medicina como primeira opção de carreira. Os que não tinham obtido classificação, apesar da aprovação no vestibular, ficavam com a segunda escolha de carreira pretendida, a enfermagem.

Neste ponto residia o imbróglio travado entre professores e estudantes da Escola, pois estes em particular não possuíam conhecimento acerca da profissão de enfermagem, e tampouco demonstravam interesse em compreendê-la e conhecê-la. A tentativa destes estudantes para modificar o uniforme seria de aproximarem-se ao máximo em aparência dos outros acadêmicos que cursavam medicina, ou pelo menos, não parecerem tão destacados destes.

No discurso proferido para a classe de formandos deste mesmo agosto de 1972, a diretora da EEAN leu as palavras da ex-diretora Laís Netto dos Reys, que reforçava e detalhava a importância do uso do uniforme, numa clara resposta às reivindicações daqueles que estavam no primeiro ano em 1971 e, neste momento, já cursavam o segundo ano.

Pode-se afirmar que, com as discussões levantadas ao longo dos dois primeiros anos da década de 1970, momento em que a RU/68 acabava de ser implementada e os espaços da EEAN estavam se reconfigurando, ao adotar um discurso original e na íntegra da década de 1950, a diretora Elvira buscou reforçar a identidade que se desejava inculcar nos estudantes há mais de 20 anos, para a qual o uso do uniforme era fundamental.

O texto proferido ponderava sobre o significado do uniforme como “um sinal exterior que diferencia a enfermeira das demais pessoas”; destacava ainda sua importância, seu simbolismo e seu significado moral, assim configurando a identidade da enfermeira na sociedade à época (ANDRADE, 1972).

Cabe destacar que o discurso lido pela Diretora em 1972 tratava da identificação da enfermeira pelo uso do uniforme da seguinte forma:

Em qualquer situação ou lugar, investida de seu uniforme, com suas insígnias, ela evidencia o trabalho que executa, identifica sua presença em qualquer parte. Todos respeitam e compreendem essa presença, mesmo nos piores lugares, ainda naqueles de má frequência social (REYS, 1939).

O discurso apontava para o fato de que, além do motivo de identificação, o uniforme também representava um elemento de defesa e de proteção no que diz respeito à higiene: “para lidar com a moléstia e o ambiente do doente e do hospital, exige-se um traje próprio,

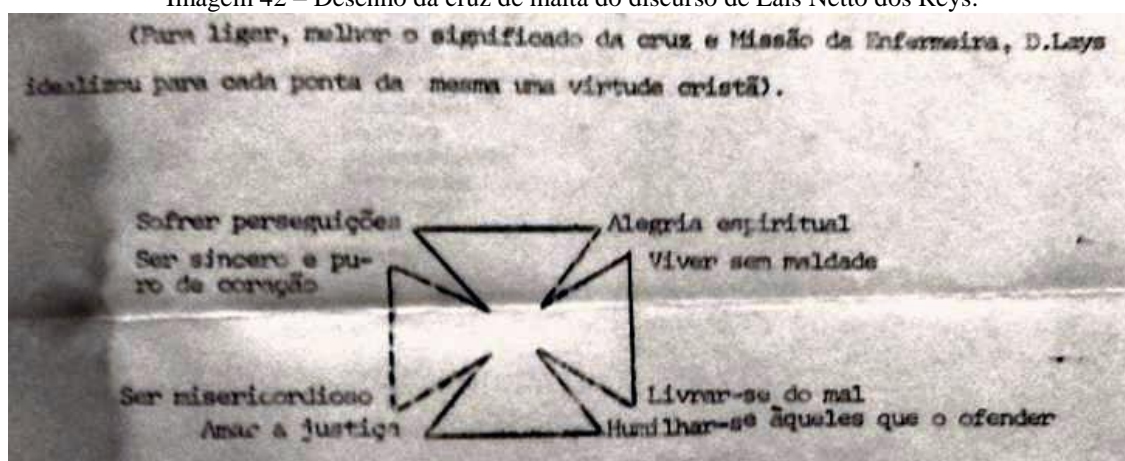
lavável, de fácil limpeza, de fácil verificação do sujo e do pouco cuidado e que permita movimentos amplos e livres” (REYS, 1939).

Outro destaque importante relaciona-se ao simbolismo imbricado ao uniforme, detalhando o significado dos três principais elementos que definem tal simbolismo, a saber:

A cor branca – representa a pureza de vida que deve ser o apanágio da enfermeira; a touca – indica o governo de si mesma e dos atos de sua vida, pois que na cabeça se localizam os centros nobres do organismo humano; A insígnia – ambas, de aluna e enfermeira, possuem uma cruz ao centro. A cruz demonstra o seu amor aos homens, a sua caridade tão grande que por amor a eles derramaria seu próprio sangue, se preciso fosse. Para ligar melhor o significado da cruz e a Missão da Enfermeira, Laís idealizou para cada ponta uma virtude cristã (ANDRADE, 1972).

A imagem 42 reproduz a figura da cruz citada no discurso com as virtudes ao redor de cada ponta da cruz de malta, num total de oito: “sofrer perseguições, ser sincero e puro de coração; alegria espiritual; viver sem maldade; livrar-se do mal; humilhar-se àqueles que o ofenderam; ser misericordioso e amar a justiça”.

Imagem 42 – Desenho da cruz de malta do discurso de Laís Netto dos Reys.



Explica as virtudes da enfermeira idealizadas para a insígnia da EEAN. Fonte: EEAN/CEDOC. Ano:1972.

Por fim, a mensagem lida pela diretora, para além da aparência física dos estudantes, ostentada pelo uso correto do uniforme completo, reproduzia e reforçava as qualidades morais, físicas e intelectuais tão apreciadas pelas pioneiras da EEAN. No discurso escrito por Laís Netto dos Reys, foram destacadas dezenove qualidades, a saber: honestidade, respeito, atitude profissional, noção de dever, moral, caráter, caráter íntegro, consciência, consciência delicada, segredo profissional, discrição, reserva, neutralidade, interesse, dedicação, bondade, energia, caridade, responsabilidade (ANDRADE, 1972).

A estratégia usada pela diretora à época foi ao encontro do que Hall (2011, p.24) analisa ao abordar como as sociedades lidam com as crises de contestação e questionamento da identidade. O autor afirma que “para lidar com a fragmentação do presente, algumas

comunidades buscam retornar a um passado perdido associado a eras de ouro e antigas tradições”.

Considerando os movimentos sociais envolvidos na formação do pensamento dos jovens neste período, identifica-se a produção de novas formas de posicionamento dos estudantes, demonstrando que “a luta e a contestação estão concentradas na construção cultural de identidades” e este fenômeno ocorre numa variedade de diferentes contextos (HALL, 2011, p.24).

As professoras não viram alternativas a não ser ceder e, aos poucos, buscar o meio termo nos diálogos com os estudantes de maneira que, ao atenderem reivindicações de mudanças, inevitáveis ao longo do tempo, também determinavam uma contrapartida para controle da situação, explicitando que a EEAN, apesar de todas as adaptações, ainda ostentava uma rígida disciplina, rigor e hierarquia.

Assim, a partir do início da década de 1970, no primeiro ano do curso, os estudantes usavam roupa comum. Quando passavam a cursar a disciplina de Fundamentos e a irem para os laboratórios de técnicas de enfermagem, deveriam, obrigatoriamente, usar o uniforme que era composto do uniforme de preliminar, conforme descrito no capítulo 1 (Imagem 6), porém com duas diferenças: sem o avental, que havia sido extinto, e com uma versão masculina.

Compunham os uniformes: rede nos cabelos, vestido azul-claro com abotoamento lateral embutido, de comprimento imediatamente até a prega do joelho, meia calça branca e sapato branco para as estudantes. Com a entrada de homens, compunham a versão masculina do uniforme de preliminar: calça e blusa (jaleco curto) azuis-claros, da mesma cor do vestido das mulheres, e sapato branco para os estudantes. A fala da colaboradora que foi estudante da primeira turma do vestibular, quando homens ingressaram na Escola, corrobora a descrição acima.

Nessas aulas podíamos vir, nesse primeiro ano, com roupa comum. Quando passamos a ter aula no laboratório, aí nós já vestíamos roupa azul para assistir aulas teóricas, meia branca opaca, uma meia leitosa branca e sapato branco, não era meia cor da pele não, como se fosse uma meia de nylon só que leitosa, branca, e sapato branco. E nós não usamos touca, era sem touca, e os meninos usavam calça azul da mesma cor do nosso vestido, era um azul-claro e um jaleco azul também. Para ter uma aula de qualquer técnica, preparo da unidade, banho no leito, tudo isso fazíamos de uniforme (SOUZA, 2014).

Enquanto um grupo de estudantes da década de 1970 se opunha ao uso deste modelo de uniforme, outros incorporavam o discurso das dirigentes e orgulhavam-se de usá-lo quando passavam a cursar as disciplinas obrigatórias do tronco profissional da graduação em enfermagem. Sabiam que, a partir daquele momento, todos ao seu redor, a sociedade como

um todo, os distinguiriam como futuros profissionais, procedentes de uma distinta Escola de qualidade acadêmica, reputação ilibada na sociedade carioca e reconhecimento nacional.

Observa-se que em torno dos símbolos que o uniforme da EEAN encarnava, se construía um entendimento tanto do indivíduo que o vestia como do grupo ao qual ele pertencia (SIRIMARCO, 2013). As falas de colaboradoras que ingressaram em 1971 e 1972, respectivamente, corroboram esta reflexão.

Isso [*usar o uniforme*] para mim representou que eu já estava virando enfermeira, esse foi o significado para mim. Sair da roupa comum e usar esse uniforme dentro da sala de técnica significava que eu estava me tornando uma enfermeira, fazia parte do meu aprendizado para ser enfermeira usar uniforme, [...] para mim, a expressão é essa “eu estava me tornando uma enfermeira”. [...] Então, tinha esse significado para mim, eu estava aprendendo o que era ser enfermeira (SOUZA, 2014).

Eu tinha assim, muito orgulho da Escola que eu era. Eu tinha um orgulho, uma coisa. [...] Eu gostava muito. Eu achava que ficava elegante, bonita, magra (SIMÕES, 2015).

Eu acho que ficava MUITO [*ênfase*] elegante. Hoje em dia, olhando para trás, eu avalio assim: a gente era elegante, e a touca também contribuía para isso porque ela tomava a gente mais alta (PORTO, 2014).

Cabe considerar que estas colaboradoras escolheram enfermagem como primeira opção e, portanto, tinham uma empatia favorável ao uso do uniforme, porém aqueles que viam no uniforme um símbolo de distinção negativa reivindicavam sua extinção por completo, a fim de se igualarem visualmente a todos os demais estudantes da área da saúde com os quais dividiam o mesmo espaço no campo de estágio.

3.1.3 A criação do uniforme masculino e as mudanças no uniforme hospitalar e de saúde pública

Uma vez que não havia mais o uso do uniforme durante o período preliminar, os estudantes passaram a usá-lo pela primeira vez somente nas aulas práticas nos campos de estágio. A apresentação uniformizada se dava na Cerimônia de Recepção da Touca/Imposição de Insígnias, ao final do ciclo básico.

A partir da RU/68 houve uma reconfiguração do espaço social da EEAN no que se refere ao gênero. As falas das colaboradoras reforçam a afirmação de Lassala (2007, p.52) de que “a presença masculina, não planejada, foi tomada como invisível, no cotidiano das relações estabelecidas”.

A dificuldade na nova dimensão que conformava relações entre professores e estudantes fundamentava-se no fato de que a EEAN era uma Escola para estudantes, onde a presença masculina nunca havia sido cogitada.

Cabe destacar que o desconforto não era apenas com a presença do homem como estudante, mas o fato da maioria ter como primeira opção a medicina, logo, não possuíam conhecimentos acerca da profissão de enfermeiro (LASSALA, 2007).

Com a entrada do estudante do gênero masculino, a Escola precisou passar por adequações nos mais diferentes aspectos, desde seu espaço físico, como o fato de não dispor de infraestrutura (banheiro, vestiário) para receber os homens, quanto em relação às estratégias pedagógicas e ao uso do uniforme, objeto de estudo desta pesquisa. Assim, na ocasião, foi preciso criar a versão masculina dos uniformes para os diferentes cenários de prática.

A partir de 1971, à medida que ocorria a inserção destes estudantes em cada período da graduação, foram sendo criadas versões masculinas do uniforme da EEAN. O primeiro a ganhar esta versão foi o hospitalar. Durante a Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias, como o próprio nome refere, as estudantes recebiam suas insígnias (o broche e a touca branca) e, no caso dos homens, apenas o broche.

De acordo com o vestuário-escrito identificado na fala dos colaboradores, este uniforme masculino era composto de blusa social de manga curta, calça social, ambos na cor azul-claro, sapato e meia brancos. A colaboradora Coelho (2014) descreve que “Era o mesmo tecido e da mesma cor nossa, azul, era calça e tipo um jaleco curto e a calça azul e sapato branco”.

Foi encontrada uma única fotografia colorida no acervo do CEDOC que permite perceber a cor e alguns detalhes do uniforme masculino (Imagem 43). Ampliou-se a imagem para melhor observação dos detalhes. Nela é possível observar que, diferente do vestido das estudantes, o uniforme dos homens tinha a gola do tipo militar³⁸.

³⁸Gola mais alta, rente ao pescoço, com uma pequena abertura na altura da traqueia (KAULING, 2016).

Imagem 43 – Fotografia do uniforme masculino de preliminar



Detalhe da gola do uniforme preliminar usado pelo estudante do sexo masculino. Observa-se ainda a insígnia do lado esquerdo da blusa. Fonte: EEAN. Ano: s/d. Localização: CEDOC/EEAN/Banco de fotos/ cotidiano/ 3.19.0836.1.

Cabe destacar a tentativa de criar um modelo de touca para o homem. Denominada bibico³⁹, era similar ao barrete dos militares, (ao que a colaboradora do relato a seguir refere como ‘bonés’), no entanto não chegou a ser utilizada (LASSALA, 2007).

Só com a entrada dos elementos masculinos é que houve uma quebra de protocolo, que não podiam usar a touca e eles não se ajustavam bem aos bonés, digamos assim, porque não dava, uns tinham cabelo demais, também não podia sair mandando os meninos rasparem a cabeça, não é? Porque não ia dar certo (CARVALHO, V., 2014).

Souza (1987, p.14) aponta para o antagonismo visual das indumentárias dos dois sexos, a imagem das oposições sociais vividas por estes, para, em seguida, embrenhar-se nas singularidades da cultura feminina e nas diferenças e antagonismos de classe presentes no interior deste mundo. Ou seja, com o ingresso do homem na EEAN, é preciso atentar para as diferenças que passam a modificar todo o ambiente social da Escola.

³⁹ Pequeno gorro de pano, de formato alongado, próprio de uniformes militares ou estudiantis; bibico, em virtude do formato, que lhe dá dois bicos (AULETE, 2016).

Imagem 44 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnia.



Momento em que a estudante Marcia Tereza Luz Lisboa recebe sua touca colocada pela professora Elvira de Felice e Souza. Local: Auditório Rodolpho Paulo Rocco/“Quinhentão”, subsolo do CCS. Ano: 1976. Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

A imagem 44 ilustra a Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias da colaboradora, em agosto de 1976. Na imagem é possível ver a mesa com as toucas já preparadas, engomadas e armadas, para serem colocadas nas estudantes. Três professoras estão posicionadas para colocá-las. Da esquerda para a direita, colocando a touca, a professora Elvira de Felice e Souza; ao lado, com uma touca na mão, a professora Cecília Pecêgo Coelho; e mais à direita da foto, a professora Madalena Santiago Trindade.

Também é possível ver nitidamente a cor azul do vestido da estudante, o uniforme completo composto de rede no cabelo, com a touca branca, vestido *evasé*⁴⁰ com manga curta, gola Peter Pan⁴¹ e abotoamento lateral à esquerda embutido, transpassado na cintura reproduzindo a ideia de um cinto, meia fina, sapato branco, inclusive com o relógio de pulso, sem adornos (brinco, cordão, anel). Este tipo de modelagem com uma linha marcada abaixo dos seios e a saia mais volumosa se adequava a qualquer tipo físico porque disfarçava tanto os corpos mais avantajados quanto os mais magros, causando a sensação de padronização das estudantes.

Eu me lembro do vestido azul que a gente recebia, era vestido azul, a touca branca e a insígnia de aluna. [...] Era muito emocionante. Agora, era um uniforme que para a gente não tinha nada a ver com a enfermagem. Ele era um poliéster sintético, não

⁴⁰ Vestido *evasé*: modelo que tem uma linha marcada abaixo dos seios e a saia mais volumosa. Saia ampla com movimento a partir do quadril, com corte em círculo ou semicírculo (KAULING, 2016).

⁴¹ Gola Peter Pan: Gola chata, redonda, com cinco a 7,5 centímetros de largura, às vezes bem engomada em homenagem ao herói da peça de J.M. Barrie (1904) e do livro infantil de mesmo nome (1911). A gola Peter Pan foi muito usada pelas mulheres na década de 20, contribuindo para as silhuetas de menino da época. Retornou em décadas posteriores (KAULING, 2016).

amassava de jeito [ênfase] nenhum. Se tivesse guardado, ele estaria aí. Podia estar manchado, mas ele... Então ele machucava, era muito quente, ele machucava e difícil [ênfase] para qualquer corpo, porque ele era transpassado na altura do peito. Então você ter botão passando por aqui [*aponta para a lateral do corpo*] não é uma coisa que ficava bonita, mas o meu vestia bem porque eu era magrinha (LISBOA, 2014).

Ele era azul-celeste como eu te falei, era abotoado do lado, um abotoamento embutido até embaixo, com um cintinho do mesmo tecido, era muito feio [ênfase], e manguinha curta, com uma golinha pequenininha redondinha. A cor dele era muito feia, mas era para nos diferenciar como aluna, já que a professora era toda branca e sapato branco, ZERO [ênfase] adereço, unha curta, esmalte vermelho não podia. Não podia brinco, não podia nada, nenhum “balangandam”. Cabelo preso, rede. Meia. Um CALOR [ênfase] e a gente de meia (LOYOLA, 2014).

Conforme é possível observar nos relatos acima, havia insatisfação quanto ao uniforme tanto pelo modelo quanto pela falta de praticidade do seu uso.

Desde 1971 os estudantes da Escola passaram a questionar o uso do uniforme azul, uma vez que os demais estudantes da área da saúde utilizavam o branco, “e mais, agora, os estudantes da Escola eram em sua maioria excedente do curso de medicina” (LASSALA, 2007, p.68-69). Assim, este descontentamento durante a década de 1970 surtiu efeito próximo do seu final, quando o uniforme azul de estudante passou a ser branco.

A colaboradora que ingressou na Escola em 1977 (a imposição de insígnia foi em 1978) destaca que a sua turma foi a segunda em que se aboliu o uso do uniforme azul, e passou-se a usar o branco já na imposição das insígnias, não mais apenas na formatura, como nas décadas anteriores. Conforme seu relato, “A minha turma foi a primeira turma, quer dizer, a segunda turma, porque ela foi dividida em primeiro semestre e segundo semestre onde foi abolido o uniforme azul” (SANCHEZ, 2015).

Considerando que a imposição de insígnias se dava no 4º período, conclui-se que a saída do uniforme azul se deu no segundo semestre de 1978. Anteriormente, o uniforme branco só era usado pelos estudantes de graduação no dia da formatura, ou seja, não o usavam enquanto acadêmicos, em campo de estágio. Só se usava o branco, durante a habilitação, como enfermeiro já diplomado.

Conforme é possível observar na imagem 45, o vestido branco do ano de 1983⁴² era um modelo de comprimento até a altura do joelho, manga curta, gola italiana com decote em V, abotoamento frontal do vestido, bolso faca⁴³ de ambos os lados, com um tipo de cinto do próprio tecido que definia a silhueta para o caimento do vestido.

⁴² Este registro fotográfico de 1983 foi o mais próximo do ano de 1978 em que as estudantes estão na cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias com o uniforme branco.

⁴³ Espaço externo ou interno das roupas cuja função é guardar pequenos objetos. Pode ser chapado, embutido ou abaulado (KAULING, 2016).

Imagem 45 – Fotografia da Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias.

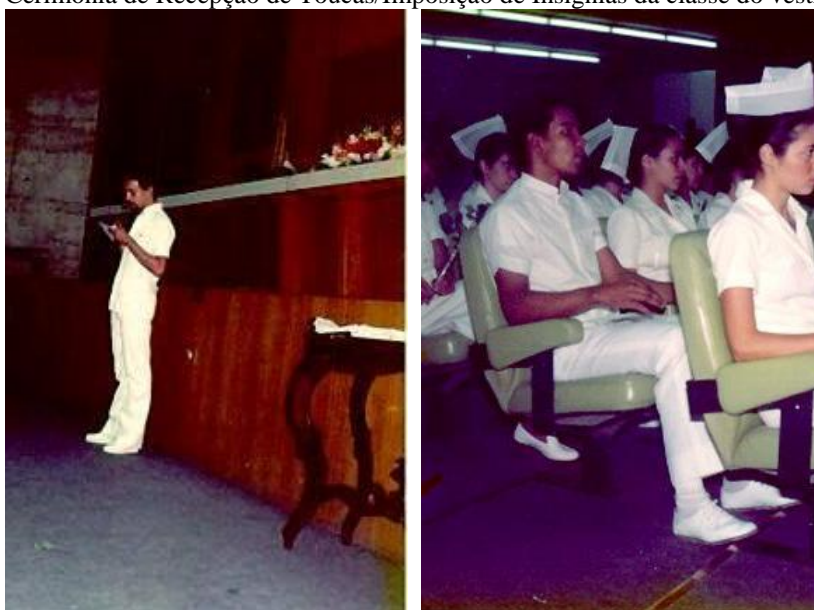


Observam-se as estudantes usando o vestido branco na Cerimônia de Imposição de Insígnias. Da direita para a esquerda, as alunas Lilian Felipe Duarte de Oliveira (com a mão no bolso), Lyz Eiras Cameron e a terceira não identificada. Ano: 1983. Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

O uso do branco era um fator identitário mais forte. Apesar de todo o processo de formação da identidade profissional dos estudantes por meio de rituais e hábitos, usando o branco eles se reconheciam mais como futuros enfermeiros, pois inclusive estavam aparentemente mais próximos da imagem de suas professoras, diferenciando-se no vestuário real apenas pelos frisos da touca.

Com a extinção do uniforme azul em 1978, o uniforme hospitalar passou para a cor branca e, no caso do uniforme masculino, ficou composto de camisa social com abotoamento embutido, gola militar, manga curta dobrada e bolso básico na altura do peito à esquerda, calça social, sapato e meia social brancos, conforme é possível observar na imagem 46.

Imagem 46 – Cerimônia de Recepção de Toucas/Imposição de Insígnias da classe do vestibular de 1980.

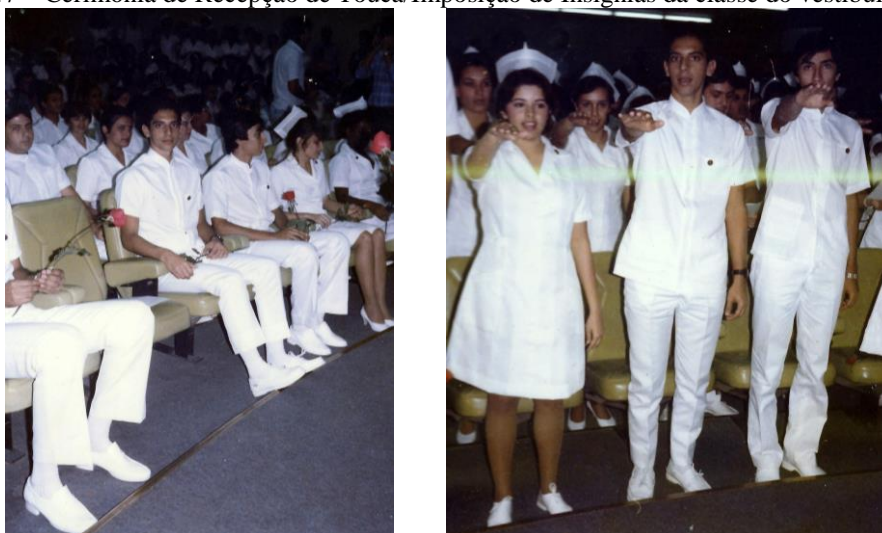


Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/ rituais/ 1.31.0124.1 e 1.31.0121.1 Ano: 1981-82?

Pelo vestuário-imagem é possível observar que, para os homens, a exatidão na medida das roupas se dava pelo caimento nos ombros, na finalização da blusa à altura da cintura e na barra da calça. Destaca-se ainda sua impecabilidade na alvura do tecido e no quanto se apresenta bem passado.

O registro fotográfico do uniforme hospitalar masculino do ano de 1985 (Imagem 47) demonstra que, até o final do recorte temporal desta pesquisa, este não sofreu alteração. Observam-se nesta imagem os estudantes fazendo o juramento de estudante e sentados durante o ritual.

Imagem 47 – Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias da classe do vestibular de 1984.



Fonte: Acervo pessoal do colaborador. Ano:1985

Na imagem 47 ainda se observa mais claramente que a blusa do estudante possuía três bolsos frontais: um no alto à esquerda, onde foi colocada a insígnia, e dois abaixo, próximos da cintura, um de cada lado. Também fica evidente que a calça tinha bolso e completava o acessório do uniforme o uso do relógio.

Sobre o cuidado dos homens com o cabelo identifica-se que o rigor com a aparência continuava sendo cobrado da mesma forma, entretanto, não era uma obrigatoriedade, visto que, apesar das pressões, os estudantes podiam se recusar a cortá-los ou a fazer a barba (devendo apenas mantê-la aparada), conforme os relatos a seguir,

Muitos colegas que tinham barba, elas fizeram pressão para retirar as barbas, bigode, e eles recusaram também (MENDONÇA, 2015).

E eu tinha uma proximidade muito grande [*com as professoras*] e elas diziam o tempo todo “Walcyr, corta esse cabelo” [*risos*], “enfermeiro não é para usar cabelo comprido” [...] O que acontecia ou surgia eram orientações de manter sempre a barba aparada, para que não se abrissem portas para qualquer desdobramento para o processo de contaminação. Mas, na minha lembrança, confesso que não tem nada que me traga uma proibição direta (BARROS, 2015).

Em relação ao cabelo do colaborador Barros, a imagem 48 registra seu estilo *hippie*, conforme ele mesmo refere a si como sendo “‘bicho grilo’, pessoa que ainda está vindo a pé de *Woodstock*”.

Imagem 48 – Estudante da classe do vestibular de 1978.



Em plenária no auditório Rodolpho Paulo Rocco (Quinhentão) discutindo o Projeto Novas Metodologias (1ª turma de sêniores). Ano: 1982. Fonte: EEAN. Localização: Álbum de fotografia não catalogado.

Conforme o registro fotográfico, tratava-se de um cabelo cacheado, portanto volumoso, na altura do ombro, que para ser preso exigia mais dedicação. Ainda assim, ele não

abriu mão de seu estilo, permanecendo com os cabelos longos, inclusive até os dias atuais. O colaborador descreve uma circunstância de estágio no Centro Cirúrgico em que recorreu a uma estratégia para prender o cabelo, de modo a seguir os cuidados para controle de infecção, neste caso relacionados ao uso da touca cirúrgica.

E houve uma situação extremamente particular que foi a entrada no centro cirúrgico que, em termos de padrões, exigia uma forma de estar. [...] Não me fiz de rogado. Puxei do meu bolsinho o meu elástico, amarrei o cabelo fazendo um coque como as meninas faziam. Chamei uma colega minha, pedi alguns grampos emprestados, pedi-a para me ajudar, “olha, se ficar algum fio para fora, você fixa com o grampo.” Fizemos assim. Pus a touca cirúrgica e não ficou UM [ênfase] fio para fora. E virei para a professora, com todo o respeito: “Frente à consideração a qual você fez, em respeito até à sua preocupação, estou aqui sem um fio para fora da touca. Agora podemos continuar a nossa atividade”. Entramos para o centro cirúrgico. Então, são coisas que fazem parte deste universo da tradição. E sempre houve uma certa reatividade, surgindo alguma dificuldade nesse sentido (BARROS, 2015).

O relato descrito demonstra que as formas de organização espacial e os regimes disciplinares da EEAN, que determinavam o controle dos corpos dos estudantes, perdiam força no final da década de 1970, quando a ditadura entrava em decadência ao mesmo tempo em que surgiam os primeiros movimentos pró-democracia. Lidar com esta nova forma de comportamento na Escola exigiu das dirigentes a definição de novas estratégias de adaptação ao novo contexto político-social que se apresentava na universidade. No que diz respeito ao uniforme e às questões que envolviam o seu uso, observam-se algumas adaptações expostas a seguir.

O uniforme de saúde pública na EEAN também sofreu alterações no recorte deste estudo, o qual apontou o uso das cores azul-marinho e branco na década de 1960 e início da década de 1970. Sem que fosse possível identificar precisamente a data de alteração de cor, evidenciou-se que, desde a primeira turma com estudantes homens, o uniforme de saúde pública passou a ser nas cores azul-celeste e azul-marinho.

Com a entrada dos estudantes do sexo masculino, criou-se um uniforme masculino de saúde pública. Entretanto, não foi encontrado este vestuário-imagem no acervo da EEAN ou qualquer registro entre os colaboradores ao longo desta pesquisa, de forma que só foi possível acessar o vestuário-escrito com base no relato dos colaboradores.

As entrevistas remetem ao vestuário-escrito de saúde pública no fim da década de 1970 e início da década de 1980:

E um uniforme de saúde pública, que era calça azul-marinho e a camisa azul-celeste, sapato preto (BARROS, 2015).

A saúde pública era um outro uniforme. Saia, acho que azul-marinho, e uma blusa azul-claro. Também tinha que usar meia, sapato, tinha bolsa [*maleta*], tinha tudo,

também critérios. E os meninos também, mantendo o mesmo modelo só que com calça (PEDRO, 2014).

Os estudantes do sexo masculino usaram o modelo de uniforme de saúde pública composto de blusa azul-celeste com bolso do lado esquerdo, usada para dentro da calça que era azul-marinho, sapato, cinto e meia pretos.

3.1.3.1 Uniforme de saúde pública: introdução do jeans como adequação aos novos tempos

No recorte deste estudo (1968-1985), a roupa do uniforme de saúde pública apresentou-se de quatro formas: 1 – Saia azul-marinho e blusa branca; 2 – Saia azul-marinho e blusa azul-claro; 3 – Calça jeans e jaleco curto branco; e 4 – Calça jeans e blusa branca.

O uniforme composto de saia azul-marinho e blusa branca já foi descrito no capítulo 1.

Considerando-se o recorte do estudo, a primeira mudança no uniforme de saúde pública foi em 1971, quando a blusa passou a ser na cor azul-claro.

Cabelo preso, com uma blusa azul-claro, com uma saia azul-marinho, o sapato fechado, uma maleta (OLIVEIRA, 2014).

E a gente usava a insígnia, também tinha que usar meia, sapato, tinha bolsa (PORTO, 2014).

Tinha a maleta. (LISBOA, 2014).

A partir de 1971, é descrita a mesma composição, porém sendo a cor da blusa azul-claro/azul-celeste, conforme fragmentos das falas das colaboradoras que relatam o uso de uniforme seguindo esta modelagem durante toda a década de 1970 até 1982. Os anos indicados à frente das citações representam aqueles em que as colaboradoras ingressaram na EEAN.

1971: Era uma saia azul-marinho e a blusa, se não me engano, era azul-claro, não era branca. Acho que as professoras usavam blusa branca com saia azul-marinho e nós usávamos saia azul-marinho com blusa azul-claro (SOUZA, 2014).

1972: No campo da saúde pública a blusa delas [*das professoras*] era branca. A nossa era azul (PORTO, 2014).

1974: E o uniforme de saúde pública que era saia azul-marinho com blusa azul-claro e a insígnia já (LOYOLA, 2014).

1975: Era uma saia, era tudo de poliéster duro, azul-marinho e uma blusa azul-claro [...] e o sapato era azul-marinho que era a dificuldade (LISBOA, 2014).

1976: Tinha o de saúde pública, que eu guardei minha saia até outro dia [*risos*]. E era sapato azul-marinho, meia fina, saia azul-marinho e uma blusa de manga azul. Um azul-celeste (COELHO, 2014).

1977: Um de saúde pública, que era blusinha azul com saia azul e complementos [*sapato e bolsa*] azul-marinho (SANCHEZ, 2015).

1981: Na saúde pública eu usava uma blusa azul-claro e a saia azul-marinho (CAMERON, 2014).

1982: Tínhamos também o [*uniforme*] da parte da saúde pública, que era saia azul-marinho com blusa azul-claro, sapato preto (COSTA, 2014).

1982: A blusa azul-claro e a saia azul-marinho, e o sapato preto ou azul-marinho (ALVIM, 2015).

A mudança na cor da blusa dos estudantes pode ser explicada pelo fato de ter sido adotada como diferencial entre discentes e docentes já que não havia mais o acessório braçadeira para diferenciá-los, como em décadas anteriores⁴⁴ (ALMEIDA, 2016).

Conforme exposto anteriormente, uma das limitações da pesquisa foi quanto à identificação fidedigna das cores nos tecidos dos uniformes, visto que as fotografias ou estão em preto e branco ou encontram-se com a coloração bastante alterada devido à ação do tempo. Dessa forma, a fotografia a seguir é a imagem mais próxima que retrata a cor referida nas entrevistas (Imagem 49), apesar de não ser do ano em que houve a mudança do uniforme (1971), mas de uma década depois (1981), tirada por ocasião de um desfile dos uniformes em evento na EEAN.

Imagem 49 – Fotografias de desfile de uniformes usados na EEAN.



Comemoração de aniversário da Escola. À esquerda, uniforme de saúde pública com a blusa branca. À direita, uniforme de saúde pública com a blusa azul-claro. Ano: 1981. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/Banco de fotos/eventos/4.07.1113.1.

A segunda mudança neste uniforme ocorrida no recorte temporal do estudo foi do modelo descrito anteriormente (masculino e feminino) para o composto de calça jeans com

⁴⁴ Não foi possível identificar o ano exato em que a braçadeira deixou de fazer parte do uniforme. A colaboradora que menciona pela última vez este acessório estudou no período de 1957-1960.

blusa branca e jaleco branco. Ocorreu a partir do ano de 1985, quando uma turma reivindicou tal alteração, visto que este modelo já era usado pelos estudantes nos três primeiros períodos do curso por ocasião da implantação do Currículo Novas Metodologias em 1978.

Com a filosofia de integrar a teoria à prática, presente no Currículo Novas Metodologias, os estudantes começaram a ir para o campo de estágio desde o primeiro período, portanto antes da Cerimônia de Recepção de Touca/Imposição de Insígnias, quando passariam a usar o uniforme hospitalar e de saúde pública de acordo com a área em que realizariam estágio.

Nestes três primeiros períodos, segundo o vestuário-escrito e o vestuário-imagem, o uniforme adotado para os estudantes à época da implantação do Currículo Novas Metodologias era composto de calça ou saia jeans escura sem adornos, jaleco branco curto (na altura da cintura), de manga curta com abotoamento frontal e três bolsos básicos também frontais (um acima, na altura do peito, à esquerda; dois abaixo, um de cada lado), conforme observado na imagem 50. Uma vez que o estudante ainda não tinha recebido a insígnia, a identificação era feita pelo crachá, comumente pendurado na borda do bolso alto à esquerda com a descrição do nome completo da instituição e do curso a que ele pertencia.

Imagem 50 – Imagem frontal do jaleco de barbeiro.



Destaca-se a disposição dos bolsos. Fonte: www.saimonfardamentos.com.br/jaleco-unisex.

O jaleco à época não tinha o tamanho conhecido atualmente, num padrão de manga longa e comprimento até o joelho; ao contrário, era como o modelo chamado “jaleco de

barbeiro”, de comprimento até a altura do quadril, com abotoamento frontal, gola em V, manga curta.

Imagem 51 – Estudantes da EEAN em campo de estágio da Unidade Curricular I⁴⁵.



Local: Colégio Lemos Cunha (Ilha do Governador). Ano: 1980. Fonte: EEAN. Localização: Banco de fotos/cotidiano/ 3.27.0915.1.

Na imagem 51 é possível observar o uso do jaleco pelos estudantes da EEAN como parte do uniforme por cima da blusa branca comum e, neste, diferentes tipos de gola. As estudantes do sexo feminino usam saia ou calça jeans. Havia o crachá de identificação e a maleta continuava sendo usada como acessório do uniforme. O sapato só tinha a exigência de ser fechado, não tendo mais a obrigatoriedade de ser um *escarpin* da cor da maleta (azul ou preto).

Na lógica da implantação de metodologias inovadoras, também se abriu espaço para a incorporação de um estilo de roupa mais condizente com a realidade da moda, no sentido de facilitar o uso do uniforme. Assim, optou-se por adotar o jeans escuro e o jaleco branco.

Somente no fim dos anos de 1960 que o blue-jeans conseguiu superar quase todas as divisões de classe, sexo, idade e ultrapassar os limites regionais, nacionais e ideológicos para se tornar a peça de vestuário universalmente mais aceita. Foi quando a alta-costura legitimou seu uso, em 1966, e Yves Saint-Laurent incluiu a peça na coleção daquele ano (CALANCA, 2011, p.192).

⁴⁵As UC eram disciplinas que condensaram grande parte do conteúdo específico da enfermagem. Atualmente as UC foram transformadas em Programas Curriculares Interdepartamentais (PCI). Sua primeira unidade curricular é o Programa Curricular Interdepartamental I (PCI I), cujo centro é a Escola primária, e denomina-se “A Criança, a Escola e Eu” (HADDAD, 2014).

Qualquer que seja o modelo ou corte, “o tecido *índigo blue* é associado a trajés informais” (CALLAN, 2007, p.172). Enquanto a calça ou saia azul-marinho dava uma conotação de maior seriedade ao uniforme, com a mudança, percebe-se o ar despojado conferido pelo jeans, a despeito de todos estarem com o mesmo padrão de tom e modelo do tecido.

Nos anos 1970 a calça jeans era um símbolo de liberdade fortemente divulgado na mídia por meio de propagandas que seduziam o telespectador por seus *jingles* e imagens publicitárias. Buscava-se criar no imaginário dos jovens um estilo pessoal (SILVA, 2006).

Ao contrário da mudança no uniforme hospitalar, segundo os relatos dos colaboradores, as mudanças no uniforme de saúde pública ocorreram mais facilmente, não exigiram discussões em reunião de congregação ou coisa que o valha. A necessidade de adaptação do uniforme ao tempo fez-se presente, principalmente pelo fato de os estudantes, e também as professoras, estarem expostos em ambiente externo, o que tornava os argumentos bastante pertinentes.

A fala de alguns colaboradores traz, entre os motivos alegados para a mudança, a possibilidade dos alunos, caso estivessem vestidos com o uniforme azul-marinho ou azul-claro, serem confundidos com policiais militares após o ingresso do sexo feminino na corporação. De acordo com estudo realizado por Calazans (2004), no Brasil, existe participação de mulheres em atividades policiais nos 26 Estados da Federação. São Paulo foi pioneiro na inserção feminina nos quadros policiais, no ano de 1955, e outros criaram as companhias femininas na década de 1970, tendo havido grande inclusão de mulheres na década de 1980.

Os relatos dos colaboradores demonstram, de forma curiosa, como a roupa da EEAN passou a ser confundida com o uniforme feminino da polícia militar do Rio de Janeiro e também com o de motorista e cobrador de ônibus, neste caso, tanto o masculino quanto o feminino.

Ser confundido com as forças armadas não trazia uma conotação depreciativa, mas a associação com o profissional trocador de ônibus não era vista com bons olhos pelos estudantes.

Parecia uma Polícia Militar, parecia uma policial militar (OLIVEIRA, 2014).

Houve a mudança saindo do azul-marinho por causa do uniforme da polícia e do motorista, de trocador [...] E depois, pela inconveniência e pelos deslocamentos, [*mudamos*] para a calça jeans (PEDRO, 2014).

O de saúde pública tinha um problema que não era um PROBLEMA [*ênfase*] que os motoristas de ônibus usavam esse tipo de [*risos*] blusa azul com calça azul-marinho. Então muitos motoristas de ônibus buzinavam e abriam a porta para a gente entrar [*risos*] como se fôssemos colegas... (SANCHEZ, 2015).

Outra questão evidenciada em relação ao uniforme de saúde pública da Escola ser parecido com o da polícia militar diz respeito à segurança de estudantes e professoras. Embora a realidade da violência urbana naquela época não fosse como hoje, já havia uma relação delicada quanto à presença da polícia, sendo mais conveniente que o uniforme não motivasse tal comparação.

Assim, a alternativa implementada foi a de usar o uniforme dos primeiros períodos, do Currículo Novas Metodologias, visto que era um modelo válido, autorizado e de fácil aquisição por todos, ou seja, todos já tinham e estavam acostumados com aquele modelo. Registra-se, no relato dos colaboradores, que o uso de calça jeans e blusa branca ocorria em alguns momentos no estágio de saúde pública.

Quando nós íamos para as comunidades, nós íamos de calça jeans e blusa branca mesmo, [*aquelas*] que a gente usava antes [*nos primeiros três períodos da graduação*]. Exatamente para não haver, porque também é a mesma cor da polícia militar. Então, quando eu fiz estágio no Pavão-Pavãozinho [*comunidade situada na fronteira entre os bairros de Ipanema e Copacabana*] e nos Cabritos [*Morro dos Cabritos, comunidade localizada entre os bairros de Copacabana e Lagoa*], então, nesses locais, a gente não podia usar e nós voltamos a usar o que nós usamos no começo que era calça jeans e blusa branca (COSTA, 2014).

A fala da colaboradora que ingressou como professora na EEAN em 1980 também reforça a incorporação deste uniforme ao modelo da Escola já no final da década de 1970, visto que faz referência à implantação do Currículo Novas Metodologias.

Quando eu fui para o morro, para as favelas acompanhar os alunos, que a gente saiu do campo dessa coisa hospitalar, nós íamos de calça comprida, de jeans e camiseta branca. Era 1980, os alunos do currículo Novas Metodologias (BARRETO, 2014).

Observa-se, portanto, que já havia um precedente para o uso do modelo calça jeans, blusa branca e sapato fechado em vez do modelo calça ou saia azul-marinho, blusa azul-claro e sapato azul-marinho ou preto.

Além da segurança proporcionada pelo uniforme jeans, destacava-se, sobretudo, a praticidade de usá-lo em virtude do tipo de atividade desenvolvida nos campos de estágio. A saia restringia os movimentos, e andar nos locais de difícil acesso entre vielas e becos das comunidades era uma dificuldade para estudantes e professoras.

Era muito desconfortável para você andar numa comunidade, comunidades carentes, morro, ter que subir e descer morro com aquele tipo de roupa que uma calça jeans, a gente entendia como muito mais apropriada do que aquele tipo de uniforme, que teria que ser feito simplesmente para cumprir uma norma que a Escola [*Escola de Enfermagem Anna Nery*] determinava e por um período tão curto. [...] Na verdade, em termos práticos, ele não chegava a vinte dias num semestre inteiro de uniforme. Então, era um dispêndio de um custo, porque era a gente que custeava. Todos os nossos uniformes eram pagos por nós mesmos (ALMEIDA FILHO, 2014).

Realmente eram situações engraçadíssimas. Então, tinha situações, assim, constrangedoras durante o espaço para andar nas comunidades carentes, que realmente a saia com meia era uma impropriedade. Estava na hora de uma reflexão, de uma discussão, para uma coisa que fosse mais prática e que facilitasse andar. [...] Tinha umas situações assim, de terra, de esgoto correndo a céu aberto. Então, aí foi quando mudou-se, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores para calça jeans e era com a blusinha. Não teve mais saia com meia. Aí foi calça jeans (PEDRO, 2014).

Este argumento, somado à formação dos estudantes à época com uma visão mais crítica enquanto pessoas inseridas no ambiente universitário e ao período político que se vivia de reabertura política, incitava o debate e a argumentação, inclusive estimulados pelas professoras, conforme relato a seguir.

A primeira turma do currículo novo saiu e a gente ensinava aos estudantes que eles tinham que negociar tudo. [...] Então, a gente aprendeu essa coisa do estudante ativo. A gente tinha que aprender a lidar com as contestações deles, com as reivindicações, com as negociações (PORTO, 2014).

O contexto fez com que a turma de 1985 se organizasse para levar até as dirigentes a decisão de não mais usar aquele uniforme.

Porque no meio do semestre letivo que era para fazer essa mudança [*troca do PCI4 para o PCI 5*], o meu grupo, a minha turma de um modo geral, contestou muito o uso desse uniforme [...] Eu lembro que nós estávamos reunidos numa sala de aula no Pavilhão de Aulas quando a gente comunicou que não iria utilizar esse uniforme com essas justificativas que eu acabei de dar e foi muito difícil, porque isso na verdade nunca tinha acontecido na Escola, que eu tenha conhecimento, e tinha um outro tipo de reunião, que eu não me lembro agora o que era, se era uma congregação, um conselho, algum fórum desses que estava acontecendo na Escola, que eu não consigo identificar, na época de estudante, o que era, mas que toda hora nossa posição era levada para essa instância e depois retornava com a discussão que se fazia nesse ambiente. Mas a turma se manteve inflexível na posição de não utilizar o uniforme, esse uniforme de saúde pública com calça azul-escuro com uma blusa azul-claro, blusão azul-claro. Enfim, eu sei que depois de muito tempo, depois de muita inflexibilidade da nossa parte, dificuldade de flexibilidade por parte das autoridades da Escola, que estavam representadas nesse ambiente que eu também não sei qual era exatamente, chegou-se a uma conclusão de que se teria que utilizar então uma outra possibilidade de uniforme, que era um tênis impermeável com uma calça jeans e uma blusa polo branca, com um desenho da minerva da universidade e a sigla da escola. [...] Isso foi em oitenta e cinco [1985], segundo semestre de oitenta e cinco [1985], a partir dali aquele uniforme nunca mais retornou (ALMEIDA FILHO, 2014).

De fato, os argumentos eram pautados na questão utilitária da roupa e do custo/benefício que sua confecção representava para os estudantes. Afinal, eles não recebiam todo o uniforme da Escola, nem ajuda de custo como ocorria anteriormente, na primeira metade do século XX.

Além disso, tratava-se de um modelo que não seria usado em nenhum outro momento durante a graduação, a não ser que o estudante escolhesse, depois de formado, cursar habilitação em saúde pública, o que não era a opção da maioria.

Assim, após as reivindicações desta turma, a EEAN instituiu a blusa polo com a minerva da UFRJ e a sigla da Escola para identificá-los pela instituição a qual pertenciam.

Observa-se que estudantes do sexo feminino da EEAN só passaram a usar calça como peça do uniforme após a incorporação da calça jeans. Entretanto, o registro fotográfico do início da década de 1970 (Imagem 52) demonstra que elas já haviam incorporado o uso informal de calça comprida no cotidiano.

Imagem 52 – Fotografia da classe de 1976 em frente ao Pavilhão de Aulas.



Todas as estudantes usando roupa comum e de calça comprida, a maioria jeans. Ano: 1973-74?. Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

Fica bem evidenciado que as estudantes estavam inseridas no contexto da moda, já que a calça boca de sino, justa até o joelho e bem larga na barra, virou tendência no final dos anos 1960 com Elvis Presley e início dos anos 1970 com o movimento *hippie* (STEFANI, 2005).

No Brasil, o uso de calça pela mulher já era tendência desde a segunda metade da década de 1960, com o movimento *hippie*, musicalmente traduzida pela Tropicália. A fase da máxima distinção entre os sexos acabou. Os comportamentos passam a ser idênticos, de modo que tudo deveria ser unissex, uma moda que “vestia bichos-grilos de ambos os sexos” (PRADO; BRAGA, 2011, p.275).

A moda, sendo um fenômeno de determinadas sociedades e épocas, sofre influência bastante importante em relação às questões de gênero. Nesse sentido, percebe-se que, com a emancipação feminina e sua inserção no mercado de trabalho, a mulher aderiu à eficiência e ao

despojamento, traços característicos do homem, passando a usar calças compridas, que ofereciam mais versatilidade e mobilidade.

Pode-se afirmar, portanto, que o Currículo Novas Metodologias, ao passo que inovou no que se refere à didática do ensino superior, também se adaptou à moda, mostrando sua adequação aos novos tempos da sociedade moderna à época. A EEAN se transformou politicamente, conforme ocorria no contexto nacional, de forma mais ampla. Passou a ouvir e a negociar com os estudantes, reconhecendo que uma nova identidade profissional deveria ser formada para acompanhar o desenvolvimento da enfermagem na sociedade.

3.2 O rigor e a disciplina de comportamento ao usar o uniforme da EEAN: manutenção da identidade institucional e profissional

“Vista-se mal e notarão o vestido. Vista-se bem e notarão a mulher” (Coco Chanel).

Durante a década de 1970, manter o uniforme continuava a ser um processo trabalhoso. Enquanto havia um uniforme padrão, houve disciplina, rigor e todo um ritual para mantê-lo e usá-lo, o que inculcia na estudante em formação uma identidade de grupo, uma postura, um comportamento esperado para uma enfermeira, e mais ainda, uma enfermeira “ananéri”.

No comportamento determinado para as estudantes da Escola, havia rigor quanto ao contato/convívio com os estudantes de medicina no campo de estágio. As colaboradoras relatam que era proibido falar com estudantes de medicina, quando estavam uniformizadas. Também causava estranheza o fato de o tratamento entre eles ser por meio dos termos “Dona/Senhora”, quando fora dali eram colegas, inclusive da época de vestibular, ou o caso de irmãs que cursaram a faculdade juntas. Existem duas passagens sobre isso: a das irmãs que ingressaram em 1971, e de duas estudantes da turma de 1974.

Então nós fomos da mesma turma, só que a Escola não permitia que duas irmãs nem morassem juntas, nem se chamassem de “você”. Eu tinha que chamá-la de “dona” e ela me chamava de “dona” [...] A gente não podia sentar juntas na sala de aula, a gente não podia conversar, porque não podia ter essa afetividade. Mas nós fizemos o curso todo juntas e nos formamos juntas (SOUZA, 2014).

Quando eu cheguei à escola, era um ambiente disciplinatório, onde a gente não podia falar com o médico, onde se tinha um uniforme que diferenciava a gente de tudo no hospital [...] Eu tive que me adaptar [...] Não podiam falar comigo [*colegas do curso pré-vestibular que passaram para medicina*] porque a disciplina não permitia (OLIVEIRA, 2014).

Então, os alunos da medicina com quem a gente pegava carona, quando a gente usava o uniforme, não podia nem piscar, não tinha isso de beijinho, era no máximo um menear de cabeças [...] Se você tirava o uniforme as pessoas [*colegas de outras*]

faculdades] tratavam mais igual [...] Eu, momentaneamente, naquela situação, vestida de enfermeira da Anna Nery com a turma eu não podia responder, porque as alunas não podiam nem falar, tinha que chamar de “senhora”... mas era BASTANTE divertido (LOYOLA, 2014).

Outra preocupação dos estudantes dizia respeito à rigidez com a forma de manter o cabelo devidamente preso. Os estudantes, principalmente do sexo feminino, que geralmente tinham cabelo comprido, deveriam ajustá-lo de modo que nenhuma ponta aparecesse. Era indicado que utilizassem grampos para mantê-lo fixo em todo o período do estágio. Manter o cabelo nos padrões exigidos demandava tempo e dedicação, principalmente para as estudantes. Os relatos das colaboradoras destacam as dificuldades que passaram e as estratégias que utilizavam para cumprir as regras da EEAN.

E eu sempre tive cabeleira, cabelo seco, [risos] então eu vivia botando os produtos no cabelo [risos] para o cabelo ficar adequado (SIMÕES, 2015).

Eu, por exemplo, para chegar no estágio às seis e meia [*seis horas e trinta minutos*], eu tinha que chegar no hospital às cinco e vinte [*cinco horas e vinte minutos*] porque eu tinha um cabelão comprido, até prender aquele cabelão todo [*ênfase*] levava um certo tempo e botar a rede (CAMERON, 2014).

Foi outra coisa que eu tive que me adaptar na Escola, eu tinha o cabelo na cintura durante oito anos. Eu cortei o cabelo no ombro. Foi um choque para a família. Eu perdi o meu cabelo. Eu cortei. Era mais do que na cintura. Aí eu cortei o cabelo no ombro e fiquei uns dois períodos amarrando, fazendo o rabinho de cavalo, não dava muito certo porque a professora dizia que faltava grampo na minha casa porque o cabelo caía. Aí começou a me checar muito e dizia “Está faltando grampo na sua casa?” [risos] Eu ficava com a cabeça taxada de grampo porque com o cabelo fino desse jeito... aí eu resolvi cortar o cabelo mais curto, mais aqui acima do ombro, para fazer um rabo de cavalo mais simples [...] Enfim, aí eu cortei o cabelo, que foi também uma passagem para mim em uma passagem entre o cabelo comprido e o cabelo curto. Eu mudei a fisionomia demais, parecia que eu tinha, assim, foi uma transformação, mas essa adaptação não me causava, a roupa não me causava grandes transtornos (OLIVEIRA, 2014).

Para seguir a disciplina da escola, e não ser chamada atenção frequentemente, devido ao seu cabelo ser muito liso, a colaboradora relata que optou por cortá-lo. Uma atitude radical para quem tinha fios tão longos, cultivados há oitos anos. Em suas palavras: “Eu perdi meu cabelo”, ou seja, aquele ato teve uma significação bastante importante para a estudante, de desprendimento de algo que lhe era significativo, inclusive na família. Mesmo assim, continuava sendo chamada atenção e cortou o cabelo mais curto ainda, quase que como um corte masculino. Observa-se, portanto, um retorno ao processo de docilização dos corpos, no qual o comportamento é moldado visando maior utilidade (FOUCAULT, 1987).

As palavras da colaboradora vão ao encontro do pensamento de CALANCA (2011, p.16-17) de que “o ato de vestir transforma o corpo, e essa transformação não se refere a um único significado biológico, fisiológico, mas a múltiplos significados, que vão daquele religioso, estético, àquele psicológico”.

Apesar de toda a transformação sofrida, uma ex-aluna, Oliveira (2014), afirma que “a roupa não causava grandes transtornos”. A afirmativa permite apreender que, apesar desta mudança tão radical, tornar-se enfermeira estava acima disso, e, por esta razão, submetia-se às mudanças que fossem necessárias, até porque não se tratou de uma imposição direta da Escola, mas de uma escolha da estudante, como estratégia para atender aos padrões da EEAN.

O vestir expõe o corpo a uma metamorfose, a uma mudança em relação a um dado natural, puramente biológico. A capacidade que uma roupa ou uma indumentária tem de transformar um corpo e uma identidade, de colocar à prova a “natureza”, é aquela de realizar uma conciliação entre opostos. Funcionando como um verdadeiro meio de transformação. E, neste sentido, a roupa expõe o corpo a uma transformação constante, estruturando em signos, em cultura, aquilo que o mundo natural possui apenas potencialmente (CALANCA, 2011, p.17,19).

Na medida em que estas questões ligadas à disciplina e à rigorosidade estavam presentes, ainda que com algum questionamento, estudantes acabavam por incorporar as regras e acostumavam-se com elas, pois consideravam tal rigor importante para a sua formação profissional. A fala da colaboradora abaixo ilustra este ponto.

No último ano eu já estava mais adaptada com esta situação. Eu estava mais tranquila em relação a esta roupa e ela me dava uma posição de uma enfermeira, de que eu iria ser uma enfermeira, de que aquilo fazia parte do uniforme, então não tinha mais tanto incômodo assim, estranhamento (OLIVEIRA, 2014).

Observa-se que os estudantes da Escola passavam pelo processo de socialização secundária, tornando-se semelhantes aos outros estudantes de enfermagem com uma identidade já incorporada, condição que assegurava a continuidade necessária à manutenção das normas e dos valores da geração precedente (DUBAR, 2005).

Entretanto, em certas circunstâncias, segundo Lurie (1997), vestir um uniforme pode facilitar a transição de um papel para outro; também é verdade que a desvantagem tanto física quanto psicológica pode ser ocultada por um uniforme, ou até mesmo suprimida. A bata de um cirurgião, por exemplo, pode esconder um físico fraco ou atenuar receios de incompetência, concedendo-lhe dignidade e confiança.

Em outras palavras, uma vez formada a identidade profissional dos estudantes da EEAN, estes tendem a desempenhar suas funções segundo os preceitos aprendidos, visto que que no decorrer de sua socialização houve a incorporação dos *habitus* para discipliná-los no que diz respeito ao comportamento, às atitudes esperadas, à forma de se conduzirem. E, ainda que a profissão sofra atualizações, evoluções, estes princípios básicos da identidade profissional permanecem, mesmo com o passar dos anos e com a modernização da profissão.

Para discutir as questões de *habitus*, Dubar (2005) recorre aos conceitos de Bourdieu em sua obra “A socialização: construção das identidades sociais e profissionais”. Assim, o

autor define *habitus* como “sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e de representações” (DUBAR, 2005, p.75).

Assim, completa Dubar em sua reflexão do conceito de Bourdieu: “pode-se fazer do *habitus* não o produto de uma condição social de origem, mas o produto de uma ‘trajectória social’ definida através de várias gerações e mais precisamente através da ‘orientação da trajetória social da linhagem’” (DUBAR, 2005, p.77).

O mesmo autor destaca ainda que o *habitus* está relacionado às práticas dos indivíduos que são “objetivamente orientadas para a conservação ou o aumento do patrimônio bem como para a manutenção ou a melhoria da posição do grupo” (DUBAR, 2005, p.78-79).

Logo, a EEAN pode ser considerada o centro difusor de “tradições inventadas”, as quais passaram a fazer parte de seu cotidiano desde sua inauguração em 1923. Tradições estas que eram usadas como modo de inculcação da hierarquia e da disciplina e, de certa forma, favoreceram a construção da identidade do enfermeiro brasileiro (SANTOS; BARREIRA, 2002).

De fato, os relatos das colaboradoras confirmam que o intuito de reforçar a identidade profissional foi alcançado pela direção da Escola. Também é possível observar em suas falas que a estratégia para alcançar tal objetivo consistia na exaltação de elementos constituintes do uniforme, seja ao reportar-se a eles entre os estudantes em suas inspeções diárias, seja pelo discurso na solenidade de recepção de tais elementos.

Por meio das vestimentas, foram impostas maneiras de manter um *status quo* da enfermagem “ananéri”; assim, enquanto elemento de comunicação, o uso do uniforme transmitia a ideia de um símbolo de honra e distinção, conforme mencionado reiteradas vezes nos relatos dos colaboradores. As entrevistas são marcadas pela presença de elementos ideológicos de moral e status profissional.

Como objeto de pesquisa, a indumentária, além de propiciar um discurso histórico, também tem valência de linguagem, na acepção do sistema de comunicação, isto é, “um sistema de signos por meio do qual os seres humanos delineiam a sua posição no mundo e a sua relação com ele. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o vestir funciona como uma sintaxe, ou seja, como um sistema de regras mais ou menos constantes” (CALANCA, 2011 p.16-19).

Acho que esse uniforme, ele, de alguma maneira, nos protegia e nos protege de facilitar uma comunicação visual e se responsabilizar. Quer dizer, se tem um paciente deitado ali e se tem uma mocinha de azul, aquela menina é da Escola Anna Nery, ou de branco ela é uma professora da Escola da Anna Nery ou é uma enfermeira “ananéri”, que, na minha vida toda e até hoje, hoje menos, mas nos anos

setenta [1970], oitenta [1980] SER [*ênfase*] da Anna Nery [*Escola de Enfermagem Anna Nery*] era uma terceira insígnia, a insígnia invisível (LOYOLA, 2014).

Ao mesmo tempo, a importância atribuída à veste como “algo cujo conhecimento nos permite conhecer o outro” indica uma ligação entre indivíduo e sociedade, sobretudo porque o entrelaçamento entre os componentes individual e social fica claro pela presença de um outro elemento: o corpo (BARTHES, 2005, 361).

Por meio da veste, coloca-se em jogo uma certa significação do corpo, da pessoa. Ela torna o corpo significante: “A roupa diz respeito à pessoa inteira, a todo o corpo, a todas as relações do homem com seu corpo, assim como as relações do corpo com a sociedade” (BARTHES, 2005, 362). A roupa, portanto, pode ser definida como a forma do corpo revestido e, sob essa definição, a moda, por sua vez, pode ser definida como uma linguagem do corpo (CALANCA, 2011 p.16-19).

A partir do momento que ingressavam na EEAN e começavam a vivenciar o ambiente de formação acadêmica desta Escola, onde aprendiam os ritos, valores, normas e comportamentos considerados próprios daquele ambiente, ocorria uma mudança na vida dos estudantes e essa socialização passava a ser um traço marcante em suas identidades.

Este processo exigia ajustamentos, uma intrincada rede de amoldamentos na tentativa de se firmar como ser social, profissional, um ser identitário. Neste contexto, ocorriam alterações no modo de falar, portar-se e também no vestuário, que era totalmente diferente daquele que fazia parte da sua identidade antes de ingressar na Escola, ainda mais estudantes da década de 1970, em que o mundo vivia uma verdadeira metamorfose de paradigmas e o Brasil um intenso avanço comportamental da sociedade estimulado pelos movimentos culturais como a contracultura, o tropicalismo e o feminismo.

A socialização é, enfim, um processo de identificação, de construção de *identidade*, ou seja, de pertença e de relação. Socializar-se é assumir o sentimento de pertença a grupos (de pertença ou de referência), ou seja, "assumir pessoalmente as atitudes do grupo que, sem nos apercebermos, guiam as nossas condutas" (DUBAR, 2005, p.27)

Diferente da década de 1960, quando se instalou a ditadura militar no país e que até o início dos anos 1970 representou o período mais repressivo deste regime, conhecido como “anos de chumbo”, o estudante que entrou pós-reforma universitária tinha um pensamento mais crítico e, apesar de ainda ser uma ditadura, as formas de expressão das opiniões pareciam mais permitidas.

De fato, a partir de 1976 se consolidou a “política de abertura⁴⁶” do regime militar, em que houve uma reaproximação política entre o regime e os setores liberais da sociedade civil. Anunciavam-se novas perspectivas de liberdade e de reconquista da livre e plena expressão, principalmente para os setores mais jovens da classe média (NAPOLITANO, 2010).

Neste contexto, contestar ou manifestar descontentamento não era mais algo temeroso. Assim, os estudantes da segunda metade da década de 1970 diferenciaram-se daqueles da segunda metade da década de 1960 que tinham vivenciado a ditadura em seus tempos mais rígidos. A fala a seguir, de uma colaboradora que ingressou na Escola em 1974, demonstra a dificuldade de diálogo com as dirigentes em virtude da tradição da Escola.

Eu me lembro de que, quando a gente se formou, a gente queria PICAR o uniforme [risos] daquela ponte que chegava ao Fundão. Mas eu acho que era porque, picar o uniforme claro que era simbólico, mas era picar as regras, porque a escola, se por um lado, logo que eu entrei era uma coisa MUITO [ênfase] autoritária, muito “pode isso, não pode aquilo”, sem muita discussão por conta de uma tradição. Tradição não se discute, tradição a gente vive (LOYOLA, 2014).

A atitude de “picar” o uniforme como alusão à libertação das regras demonstra o quanto a Escola prezava pela tradição que incluía o contexto do uso do uniforme em suas objetividades (manutenção da roupa e seus acessórios) e subjetividades (comportamento ao usar a indumentária). Entretanto, cabe destacar que a própria colaboradora, ao mesmo tempo que reforça a questão da disciplina da escola, na sequência, em seu discurso, reconhece que apesar de todas as imposições, aquele modelo assegurava uma formação profissional do mais alto nível, conforme se observa abaixo:

Agora, eu tinha o maior ORGULHO [ênfase] de usar o uniforme. Eu tinha um orgulho ENORME [ênfase] de ser enfermeira da Escola Anna Nery porque nós éramos reconhecidas nos campos de prática como pessoas extremamente competentes e bem educadas, bem disciplinadas e estudiosas. Então, se você discutia um caso clínico, uma aluna Anna Nery discutia ali clínica médica, era *top a top*. Eu tinha muito orgulho, eu era mais alta, as pessoas diziam assim: “você, quando entra no hospital, você parece que é a dona do hospital” (LOYOLA, 2014).

A fala da colaboradora ao ponderar sobre “picar o uniforme/as regras” versus “ter orgulho de ser da Escola” remete à questão da dificuldade de diálogo e das mudanças em relação às tradições. Havia, entre o pensamento daqueles jovens em relação ao uniforme da Escola (seu estilo, cor, modelo) e o comportamento deles esperado, uma ambiguidade, por ambos se mostrarem anacrônicos em relação ao momento vivido naquele contexto.

Conforme assinala Calanca (2011, p.7), “o corpo revestido pode ser considerado, substancialmente, uma “figura” que exprime os modos pelos quais o sujeito entra em relação

⁴⁶ Medidas de liberalização que procuravam atender parcialmente às demandas da sociedade civil, tais como: fim do AI-5, fim da censura prévia, anistia a presos e exilados, fim do bipartidarismo restritivo e eleições diretas para governadores de estados (NAPOLITANO, 2010).

com o mundo”. Entretanto, fica bastante evidente que a postura de indignação e revolta não tinha relação com a qualidade do ensino ministrado, para a formação profissional destes jovens, que reconheciam o alto nível oferecido pela Escola.

Ao passo que sua fala é de crítica ao modelo do uniforme, é, ao mesmo tempo, de reforço da imagem que se tinha por pertencer à EEAN. Ao mesmo tempo em que critica a roupa, também fala do orgulho pelo reconhecimento obtido por usá-la.

Outro destaque importante observado na fala da colaboradora refere-se à noção de grupo impressa pelo uniforme, o que se mostrava importante à época, visto que a enfermagem convivia com outras categorias profissionais num mesmo espaço de atuação.

A cor dele era muito feia, mas era para nos diferenciar como aluna, já que a professora era toda branca. [...] Acho que aquilo nos ajudava a fazer um grupo diferente. Por que que eu digo diferente? [...] Eu dizia que achava importante esse uniforme por conta de que nós temos auxiliares e técnicos de enfermagem. E esta não é qualquer confusão aos olhos da sociedade e dos nossos colegas de profissão. [...] Esse é um marcador importante de grupo, de formação de espírito de grupo, de coletividade. Só que ele era feio, o azul era muito feio e o fato de ser tergal esquentava muito, era muito sem estar de acordo com o Rio de Janeiro (LOYOLA, 2014).

Por meio do registro do vestuário-imagético ilustrado abaixo (Imagem 53) é possível materializar o vestuário-escrito relatado pela colaboradora acima. A imagem registra com bastante nitidez as cores dos uniformes. O contraste entre o azul do uniforme dos estudantes e o branco do uniforme das enfermeiras determinava uma diferenciação bastante pontual entre ambos os grupos, demarcando o lugar ocupado por cada um.

Imagem 53 – Fotografia de evento não identificado.



Local: sala 2 do Pavilhão de Aulas. Ano: s/d. Fonte: EEAN. Localização: CEDOC/EEAN/Banco de fotos/cotidiano/3.19.0836.1.

Outro fato histórico marcante da década de 1970 foi o feminismo brasileiro. Este movimento social diferenciou gerações de mulheres e modificou formas de pensar e viver, como nos costumes e hábitos cotidianos, ao ampliar definitivamente o espaço de atuação pública da mulher. Por um lado acompanhando a efervescência cultural de 1968, com novos comportamentos afetivos e sexuais relacionados ao acesso a métodos anticoncepcionais, o aborto, a sexualidade, o planejamento familiar, e por outro lado investindo em sua organização política, concentrando-se principalmente nas questões relativas ao trabalho, ao direito, à saúde e à redistribuição de poder entre os sexos.

As questões propriamente feministas, as que se referiam à identidade de gênero, ganharam espaço quando se consolidou o processo de ‘abertura’ política no país em fins da década de 1970. Neste período também, em 1975, a ONU declarou o Ano Internacional da Mulher durante a Conferência, em que as questões da mulher ocuparam o centro do debate diplomático (SARTI, 2004).

No que diz respeito à moda, a grande expressão do direito feminino ocorreu com o advento da minissaia. Criada no início dos anos 1960 por Mary Quant, representou uma ruptura na história das mulheres, visto que a lógica tradicional da roupa feminina prescrevia que ela deveria ter, em primeiro lugar, a função moral de cobrir e esconder o corpo. A minissaia reúne em seu percurso histórico valores de liberdade em oposição às censuras dos guardiões da moral. Seu sucesso foi sustentado e ampliado pelo profundo movimento cultural e pela liberação sexual nesta fase da história. Entretanto, há que se registrar que esse processo levou tempo, sendo melhor aceita no início dos anos 1990 (CALANCA, 2011; GOUDART, 2010). Nesta mesma vertente, guardadas as devidas proporções de tamanho, ao longo do século XX o encurtamento da barra dos vestidos usados na EEAN coincide com momentos de emancipação feminina.

No que diz respeito à forma com o uniforme era visto pelas estudantes, a principal reclamação estava associada ao fato de esconder o corpo feminino.

O nosso uniforme ele era de uma modelação tal, ele era de tal maneira que parecia que ninguém tinha peito e os alunos uma meia com sapato que tinha que ser abotinado, tinha que ter sola de borracha. [...] Eu acho que aquilo nos tornava meio, nos “androgenizava”, nós éramos algo que eu acho que a mulher mais “bunduda” e com cintura mais fina com AQUELE [*ênfase*] uniforme, ela virava uma coisa-mais-ou-menos (LOYOLA, 2014).

Por um lado as questões da moda no mundo estavam em franca evolução, mudança e expansão do pensamento feminino, inclusive no que dizia respeito à forma de se expressar pela roupa, rompendo com a lógica tradicional do traje feminino que prescrevia que ele deveria ter, em primeiro lugar, a função moral de cobrir e esconder o corpo. Por outro lado,

na década de 1970, a Escola ainda se coadunava de certa forma com uma questão de conter a sexualidade da enfermeira enfatizando a ideologia da moralidade.

Sobral et al (1995, p.246), ao tratarem dos mecanismos de interdição da sexualidade feminina na formação da enfermeira, enfatizam os rituais pelos quais a enfermagem se apropriou da “neutralização dos corpos erotizados”. Apontam para ações que se aplicam à EEAN, quais sejam: “era o internato, à imagem de um convento; o uniforme que escondia o corpo feminino à imagem de hábitos; a cerimônia rígida e hierárquica nos tratamentos da vida social e profissional, a impossibilidade do prazer, incluindo o sexual, entre outros”.

Apesar de todo o rigor com as regras e proibições, estudantes buscavam adaptar o uniforme às tendências da época. Respeitando os limites da tradição da Escola, tentavam, no âmbito coletivamente determinado, fazer valer suas preferências. Eles buscavam estar na moda, sem que houvesse perda da identidade profissional, ou seja, mantinham o estilo que define a construção identitária do indivíduo, conciliando-o com os grupos sociais nos quais estavam inseridos (GODART, 2010).

A forma como o uniforme exigido pela EEAN se apresentava ao moldar o corpo das estudantes revelava a posição e o status social daquele grupo, por diferenciá-las dos demais estudantes inseridos no mesmo campo de prática. Entretanto, buscando adequar-se à moda, elas recorriam a estratégias para sentirem-se mais atualizadas com o contexto social da época, conforme é possível observar nas falas dos colaboradores a seguir, ambos ingressantes na EEAN na primeira metade da década de 1980.

Por outro lado, aquelas que adaptavam essa mesma roupa, o tecido, o comprimento do vestido para imediatamente acima do joelho, que usava ele um pouquinho mais justo, quer dizer, procediam uns ajustes naquele modelo, eu acho que elas ficavam bonitas, e essas, eu acho, que reclamavam menos e tinham menos assim desconforto, se sentiam menos até constrangidas mesmo à época no único grupo no hospital que utilizava aquele uniforme (ALMEIDA FILHO, 2014).

Os ajustes permitidos identificados na fala do colaborador Almeida Filho possibilitam apreender que, neste período, a rigorosidade com alterações no uniforme já não era tão forte, de modo que os estudantes conseguiam dialogar com as professoras, expondo o seu ponto de vista, e as professoras faziam “vista grossa” a alguma adaptação.

Os modelos de uniformes usados pelos estudantes da EEAN ao longo da década de 1960 até a primeira metade da década de 1980 eram compostos de peças com características mais utilitárias do que propriamente em consonância com a moda vigente, o que deixava, sobretudo as estudantes, menos atraentes.

Durante a década de 1970 e 1980, a vergonha de usar o uniforme fica bastante evidente na fala de alguns colaboradores que, quando questionados sobre eventual

constrangimento, referem-se principalmente a um desconforto que emanava do próprio estudante e, portanto, não decorria de qualquer ação externa vinda de colegas de outros cursos, sobretudo de medicina. A seguir, os anos indicados à frente das citações representam o período em que os colaboradores foram estudantes na EEAN.

1971-1974: Ah, sim, tinha pessoas que botavam um peso muito forte naquela touca e carregava aquilo como uma coisa assim uma armadura. [...] Tinha realmente algumas alunas que se sentiram muito constrangidas. Achavam que aquilo era uma bobagem (OLIVEIRA, 2014).

1974-1978: As pessoas, às vezes, ficam com vergonha. “Ninguém pode me ver desse jeito”. (LISBOA, 2014).

1976-1979: Então havia um certo, vamos dizer assim, mal-estar por você ser jovem, todo mundo usava branco, livre, e nós tínhamos que usar uniforme (COELHO, 2014).

1984-1987: Eu não ouvia nem reclamação por parte dos rapazes e eu, quando tinha que reclamar alguma coisa, era porque eu achava o uniforme muito quente por conta do tecido. Agora, as aulas tinham sim, muitas reclamações! [...] Muitas delas manifestavam certo desconforto, uma vergonha quando estavam dentro do hospital universitário que tinha que usar aquele tipo de uniforme junto com as outras áreas da saúde que não tinham esse tipo de uniforme (ALMEIDA FILHO, 2014).

1984-1987: A vergonha era estética. Elas não queriam, assim, eu vou falar elas por que na turma existiam vários nichos. A gente tinha um grupo de colegas na turma que eram colegas assim, que paquerava muito os meninos dos outros cursos e aí elas tinham uma vergonha estética porque elas tinham que ficar com o cabelo preso, botar rede e tal. Aquilo, em certa medida, tirava um pouco a beleza porque você ficava com o cabelo preso, e o cabelo ele dá uma moldura no rosto, ele faz um charme e com a touca e a rede você tinha obrigatoriamente que prender. Então ficava todo mundo igual, você não tinha muito como colocar um charme diferenciado em relação às outras mulheres. A rede e a touca ela uniformiza a apresentação das mulheres de um modo geral. Então você se diferenciava em que ali? Todo mundo de vestido branco, a meia, o *scarpin*, a touca e a rede na cabeça, então você tinha muito pouca possibilidade de colocar um charme a mais (FERREIRA, 2016).

Nota-se, portanto, desconforto quanto ao uso do uniforme. A moda daquele período requeria uma atualização da imagem de estudante em enfermagem, que não via mais a necessidade de se afirmar pela aparência do uniforme (rede, touca, vestido), como no início do desenvolvimento da enfermagem moderna. A enfermagem já tinha curso *stricto sensu*, um Conselho Profissional (criado em 1973) e uma Lei do Exercício Profissional (BRASIL, 1986), ou seja, estava em equivalência com as demais profissões da área da saúde, em relação aos aspectos político-institucionais.

Assim, diante de tantas influências e transformações nos uniformes da EEAN, bem como nos rituais que solenizaram seu uso, com o auxílio do referencial teórico para nortear as análises, nem sempre cronológicas, foi possível confirmar a tese de que “a identidade profissional dos estudantes da EEAN se formou no imaginário social com base na identidade

visual criada pelo uso do uniforme no cotidiano institucional. Esta identidade foi também consagrada nos rituais acadêmicos que, assim como o vestuário, foram atualizados ao longo dos anos em decorrência das mudanças no contexto sócio-político-cultural da universidade, da profissão de enfermagem e da moda no país”.

Esta Tese teve seu recorte iniciado em 1969, mas os momentos antecedentes, necessários de serem apresentados, mostram a riqueza histórica da trajetória da EEAN na sociedade brasileira. Os uniformes fizeram parte de vários processos de construção da identidade do enfermeiro “ananéri”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O mais difícil não é escrever muito: é dizer tudo, escrevendo pouco" (Júlio Dantas).

Considerando o contexto histórico-social e a moda vigente, o vestuário usado em cada período do estudo produziu um significado social que revela a ligação intelectual e afetiva estabelecida entre os uniformes e os estudantes. Tanto que as primeiras turmas demonstravam um apreço mais forte a esta peça, que foi se diluindo ao longo dos anos e tornou-se mais questionado após a década de 1970, momento que marca o início de um movimento de liberdade de expressão no mundo e quando a sociedade já reconhecia as enfermeiras de EEAN.

As situações disciplinadoras vivenciadas pelas estudantes ao longo da década de 1960 ensejavam o amadurecimento profissional e moldavam comportamentos, visto que eram jovens procedentes de diferentes partes do país, com os mais distintos hábitos, costumes, valores e cultura. Assim, tanto as experiências, prazerosas ou não, quanto a bagagem intelectual adquirida ao longo da formação profissional acrescentaram significados à maneira de ver as coisas e de ser no mundo das estudantes da EEAN.

Os rituais e as cerimônias que solenizavam o uso do uniforme ao longo dos anos representaram aspectos objetivos e subjetivos de extrema importância para o registro do desenvolvimento da profissão e para o reforço da identidade e imagem profissional do enfermeiro "ananéri". Os ritos mais consagrados foram a Imposição de Insígnia e a Recepção de Touca, em dois momentos distintos; um enquanto o aluno era novato, portanto, sendo entronizado como aprendiz; e outro ao tornar-se enfermeiro, sendo introduzido no mundo profissional. Ambos os ritos eram cercados de atos solenes e elementos simbólicos que legitimavam o valor do uniforme enquanto indumentária.

Observa-se que, até a ocorrência de um grande fato histórico que modificou a política de ensino de enfermagem no Brasil em todas as suas estruturas – a Reforma Universitária de 1968 –, o uso do uniforme manteve, em linhas gerais, o mesmo significado e valor simbólico na construção da identidade da enfermeira "ananéri", sendo parte do seu cotidiano, portanto, usado sem grandes questionamentos. Era um objeto de distinção hierárquica e profissional que as estudantes valorizavam e honravam. A mudança de maior impacto no uniforme ocorrida na década de 1960, no período pré-reforma universitária, foi essencialmente a retirada do avental como acessório do uniforme hospitalar.

A retirada do avental expressa a linguagem não verbal das roupas, uma vez que essa peça do vestuário passou a identificar as estudantes como pertencentes a outras categorias, sendo necessária a sua eliminação para acompanhar a identidade da enfermeira à época.

O início da década de 1970 representou a mudança de pensamento social, político, ideológico. A repressão política que se instalara a partir de 1964 com o golpe de Estado que implantou uma ditadura militar no país conduziu o ensino de enfermagem para uma visão meramente tecnicista da saúde, dificultando a compreensão do processo saúde/doença como determinante social. O ensino se pautava em uma vertente muito autoritária, o que dificultava o debate sob uma visão crítica da realidade social do país e das políticas de saúde adotadas pelo governo brasileiro no período.

Ao mesmo tempo, o mundo assistia a uma nova ordem mundial. Era uma época de mudanças como um todo, de filosofia, de pensamento, de estilo de vida, de ideologia. Foram novos tempos para a EEAN, o que transformou seu cotidiano ora pouco a pouco, ora bruscamente.

Após a RU/68, as mudanças foram mais significativas, principalmente em virtude da entrada de homens, exigindo que as lideranças da Escola se reorganizassem a fim de melhor reagir às transformações, se adequando e adaptando-se a elas. Uma dessas mudanças envolveu o uniforme.

Objetivamente, destacam-se: a criação de uma versão masculina para os uniformes hospitalar e de saúde pública (1971); a extinção do uniforme de preliminar, que determinou o uso de roupa comum para os estudantes (1971); a mudança na cor do uniforme de azul para branco mesmo durante a graduação (1978); e, com a implantação do currículo Novas Metodologias, a criação de um modelo unissex (1984), para a disciplina de saúde pública, qual seja, calça jeans, camiseta e jaleco brancos.

Mesmo com sua tradição, a EEAN tentou adequar os uniformes ao ambiente e tipo de trabalho realizado, de acordo com sua estética e funcionalidade específicas, ou seja, buscou uma identidade visual. Como exemplos deste movimento podem-se citar a variação de uniforme para cada campo de estágio e as adequações nesta vestimenta ao longo do tempo, em atendimento às reivindicações dos estudantes.

Os discursos das colaboradoras acerca do uniforme de estudante da EEAN e das circunstâncias que envolviam seu uso considerando a moda como eixo norteador, além de propiciarem o envolvimento do contexto histórico, econômico, etnológico e tecnológico também permitiram uma análise do sistema de comunicação produzido com base nesta

indumentária, determinando um sistema de signos por meio do qual se pode afirmar que estudantes da EEAN delinearão a sua posição no mundo do trabalho e sua relação com ele.

Em nível de representação simbólica, o uniforme da EEAN contribuiu para a formação da imagem e da identidade visual de enfermeiros, por favorecer a construção de significados como disciplina, organização, eficiência, competência e qualidade, transmitindo para um observador (paciente, colegas de profissão, outros profissionais) segurança, credibilidade, confiança e respeito. Assim, esta imagem profissional se construiu por meio de referências sógnicas, sobretudo pelo exemplo das professoras e dirigentes da Escola.

Os uniformes revelam significados e incorporações culturais adquiridos por uma rede de interpretações que vão se desocultando e permitindo reconhecer as regras, as normas e os símbolos componentes da própria decodificação da realidade. Nesse sentido, o uniforme não apenas veste e imprime certa unidade cultural ao grupo profissional, mas, antes de tudo, seu simbolismo na enfermagem sinalizou prestígio no exercício profissional do cuidado humano proativo ao ser saudável, por meio das condutas de quem o vestia.

Diante de todo o exposto, pode-se afirmar que há um relativo consenso de que a identidade não é algo pronto e acabado, mas sim um processo em constante transformação. Isso se aplica sobretudo à identidade profissional, uma vez que sua construção é influenciada por aspectos de representações, símbolos, imaginário, atitudes e referências que são suscetíveis ao contexto histórico-social em que os indivíduos estão inseridos.

O tema que envolve a identidade profissional do enfermeiro expressa pela imagem visual transmitida pelo uso do uniforme mostra-se bastante atual, na medida em que ainda há discussões acerca de sua postura profissional, bem como da equipe de enfermagem como um todo. Se até a década de 1970 o princípio da demonstração pelo exemplo era muito forte e ostentado, atualmente, embora enfraquecido, ele permanece causando efeito, ainda que inconscientemente. O fato é que é preciso refletir sobre qual exemplo está sendo oferecido a esta nova geração de profissionais.

As vestimentas da EEAN, enquanto símbolos visíveis, são interpretadas como derivadas da identidade da área. Essa identidade, por sua vez, se consolidou por crenças sedimentadas em valores e questões culturais e históricas, principalmente por meio dos rituais que solenizavam seu uso, para além do cotidiano de manutenção do uniforme.

Como elementos culturais visíveis, os objetos/símbolos em discussão, aqui representados pela indumentária “uniforme da EEAN”, ganham em representatividade nas relações organizacionais internas e externas. Internamente, há os significados atribuídos por estudantes e professoras que vivenciaram seu uso cotidiano de forma bastante disciplinar. Já

externamente, estão os símbolos tangíveis que identificam para os clientes e a comunidade em geral os serviços e a imagem do enfermeiro “ananéri”.

Estas relações atribuídas ao uniforme da Escola e suas correlações como veículo de significação permitem afirmar que o vestuário usado na EEAN no recorte do estudo foi uma linguagem abstrata que trouxe consigo aspectos práticos e simbólicos que permitiram comunicar informações sobre quem o estava usando, sua época e influência no campo de trabalho.

O uso de parte do vasto material oral produzido nesta pesquisa conferiu profundidade à análise, permitindo confirmação da hipótese mesmo antes de concluir a análise de todas as fontes, o que irá contribuir para ampliação do acervo do Centro de Documentação da EEAN e possibilitar a utilização de tais fontes em diversos projetos subsequentes.

Há funções específicas da linguagem, as quais definem informações que a fotografia ou o desenho não podem transmitir. Assim, o vestuário imagem trabalhado nesta pesquisa por meio de fotografias do acervo do CEDOC/EEAN e arquivo pessoal dos colaboradores, associado ao vestuário escrito transformado em linguagem com base nas entrevistas realizadas, permitiu identificar o sistema de significação dos uniformes para os estudantes da EEAN, assim como os traços indumentários já construídos ao longo da própria história da Escola.

As limitações do estudo estão assinaladas ao longo do texto, não sendo a intenção ocultá-las, mas evidenciar a necessidade de outras pesquisas sobre o tema abordado.

As fontes não permitiram identificar datas em que ocorreram fatos como a retirada da braçadeira, a mudança do nome da Cerimônia Imposição de Insígnias/Recepção de Toucas, o início da premiação Dama da Vela e a extinção do entoar do Hino da Enfermeira nas Cerimônias de Formaturas. Cada limitação é uma ponte para novos objetos serem elaborados e discutidos, de modo que esta versão dos fatos não é a única possível. Estudos históricos são registros que possuem lacunas a serem preenchidas.

Inconscientemente, em cada etapa de avaliação desta pesquisa (defesa de projeto, qualificação, apresentação no núcleo de pesquisa), ficava clara a dificuldade de “estranhar o familiar” e relativizar costumes e valores tão conhecidos e admirados. Considerando-se a intensa inquietação da pesquisadora com o tema, este foi um dos exercícios mais difíceis no processo de doutoramento - o desenvolvimento de habilidades para uma avaliação crítica de fatos históricos com neutralidade e imparcialidade, sem influência do pensamento dos dias atuais, de acordo com os valores e significados de hoje. Foi preciso muita orientação, além de

atenção e cautela para contextualizar o passado, interrogar a linguagem e as ideias da época, mantendo-se fiel aos princípios de pesquisador.

O doutorado sanduíche no Canadá foi uma oportunidade de levar este trabalho a outro contexto e receber contribuições que ajudaram a refletir e discutir os resultados encontrados. Esta Tese trouxe historicamente a trajetória da indumentária na EEAN e definiu seu conjunto axiológico (imposições, proibições, tolerâncias, aberrações, caprichos, congruências e exclusões), mantido desde a década de 1960 até final da década de 1970. Neste processo, definiu-se ainda o limiar qualitativo em que as peças mudaram de forma ou de função, assim registrando mais uma parte da História da Enfermagem e desta Escola que representou o posicionamento de uma identidade para a profissão.

Entre a veste real e a veste-imagem - os dois terminais de leitura no sistema de significação da moda – buscou-se recriar a veste-escrita com toda precisão de sua linguagem, desenhando para o leitor uma apaixonante história dos uniformes da EEAN na construção da identidade do enfermeiro.

Por fim, a identidade profissional dos estudantes da EEAN foi construída pelos rituais e o cotidiano que envolvia o uso do uniforme, um símbolo repleto de outros símbolos (touca, braçadeira, broche) que definiram o papel social de enfermeiras e enfermeiros nela formados. Enquanto indumentária, teve forte impacto nacional, pela difusão do modelo do uniforme por seus egressos.

Apesar de mudanças em instituições tradicionais ocorrerem mais lentamente, esta pesquisa mostrou que, com a implantação de um currículo inovador, a EEAN se adiantou ao tempo e isso teve reflexos nos uniformes de seus estudantes.

As mudanças são correspondentes aos tempos, às ideias e ao desenvolvimento do mundo. Assim, a EEAN esteve dentro do seu tempo e manteve a sólida posição de distinguir seus estudantes para além da roupa, mantendo uma identidade profissional peculiar conhecida como “ananéri”.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS ORAIS:

ALMEIDA FILHO, Antônio José. **Entrevista** [ago 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

ALVIM, Neide Aparecida Titonelli. **Entrevista**. [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (54 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

BARRETO, Elaci Sampaio. **Entrevista**. [oset 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (80 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

BARROS, Walcyr de Oliveira. **Entrevista** [ago 2015]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo *.mp3* (110 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

CABRAL, Ivone Evangelista. **Entrevista** [ago 2015]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo *.mp3* (90 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

CAMERON, Lys Eiras. **Entrevista** [nov 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (62 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

CARVALHO, Gloria Maria de. **Entrevista**. [ago 2014] Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

CARVALHO, Maria Tereza Coimbra de. **Entrevista**. [fev 2015]. Entrevistadora: Daniela Vieira Malta. Espírito Santo, 2015. 1 arquivo *.mp3* (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

CARVALHO, Vilma de. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

COELHO, Maria José. **Entrevista**. [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

COSTA, Maria Alice Pereira Castro. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

FERREIRA, Marcia de Assunção. **Entrevista** [jul 2016]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo *.mp3* (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

FIGUEIREDO, Nébia Maria de. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

GOMES, Maria da Luz Barbosa. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

LISBOA, Marcia Tereza Luz. **Entrevista** [set 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo *.mp3* (92 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

LOYOLA, Maria Cristina Doudat. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (67 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

MENDONÇA, George Luiz. **Entrevista** [ago 2015]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo *.mp3* (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

OLIVEIRA, ISABEL [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivos *.mp3* (120 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

PAIM, Lygia. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo *.mp3* (90 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

PEDRO, Maria Cecília Cordeiro. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 2 arquivos *.mp3* (10 min. e 90min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

PORTO, Isaura Setenta. **Entrevista** [set 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 2 arquivos *.mp3* (51 e 56 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

SANCHEZ, Tânia Sampaio. **Entrevista** [ago 2015]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo *.mp3* (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

SANTOS, Gecy Aquino dos. **Entrevista** [março 2016]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo *.mp3* (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

SANTOS, Maria Bernadete Bandeira. **Entrevista** [março 2016]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo *.mp3* (110 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

SIMÕES, Ângela de Castro. **Entrevista** [abr 2015]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Espírito Santo, 2015. 1 arquivo *.mp3* (32 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

SOUZA, Ivis Emília de Oliveira. **Entrevista** [out 2014]. Entrevistadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo .mp3 (110 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no acervo do CDOC/EEAN/UFRJ.

FONTES PRIMÁRIAS ICONOGRÁFICAS:

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta cotidiano/3.15.0809.1 frente. Descrição: Aula teórica (alunas sem avental) ministrada pela professora Vilma de Carvalho. Local: Pavilhão de Aulas. Ano: 1966-69.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta atos acadêmicos/2.10.0469.1 frente. Descrição: Exposição comemorativa do centenário da instalação, em Londres, da primeira Escola de Enfermagem no Sistema Nightingale. Local: biblioteca da EEAN. Ano: 1960.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. [Recepção de touca da classe de 1943/II]. s/d. fotografia, p&b. Acervo do Centro de Documentação da EEAN/UFRJ. Localização: pasta Rituais/ 1.18.0040.1 frente.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta personalidades/ 7.22.1948.1 frente. Ano: s/d. Descrição: Aluna do curso de graduação da EEAN com capa de gabardine azul marinho com foro azul claro, touca de organdi e rede prendendo os cabelos.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta eventos/ 4.07.1113.1 frente. Ano: 19 de fevereiro de 1981. Descrição: Desfile de uniformes usados na EEAN em comemoração ao seu aniversário. Aluna com o uniforme completo inclusive a capa usada no inverno e em ocasiões de gala.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta atos acadêmicos/2.14.0498.1 frente. Ano: 1978. Descrição: EEAN, Pavilhão de Aulas, Cerimônia de homenagem à Dama da Lâmpada durante a Semana de Enfermagem de 1978.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta atos acadêmicos/2.14.0504.1 frente. Ano: 1978. Descrição: EEAN, Pavilhão de Aulas, Cerimônia de homenagem à Dama da Lâmpada durante a Semana de Enfermagem de 1978.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta cotidiano/ 3.17.0820.1. frente. Descrição: EEAN, Pavilhão de Aulas, alunas (enfileiradas) da classe de 1956, na sala de dietética em aula prática ministrada pela professora Elvira de Felice e Souza, usando uniforme com avental.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta eventos/ 4.30.1347.1 frente. Ano: 1962/1963. Descrição: Festa de ex-alunas no internato da EEAN, ao centro, sentada a professora Olga Salinas Lacorte. Ao fundo um quadro com a turma de diplomadas do ano de 1925.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Ano: s/d. Localização: pasta personalidades/ 7.20.1886.1 frente. Descrição: Alunas ao ar livre com o uniforme de saúde pública completo inclusive com as maletas.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Ano: 1966. Localização: pasta cotidiano/ 3.20.0849.1 frente. Descrição: Pavilhão de Aulas da EEAN, alunas com uniforme de saúde pública. A aluna à esquerda era de nacionalidade haitiana.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Ano: 1971. Localização: pasta rituais/1.30.0117.1 frente. Descrição: Passagem da Lâmpada durante a Cerimônia de Recepção da Touca. Local: Internato.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Ano: 1981. Localização: pasta eventos/ 4.07.1113.1 frente. Descrição: desfile de uniformes usados na EEAN em comemoração ao seu aniversário. Detalhe em zoom para à esquerda o uniforme de saúde pública com a blusa branca; à direita uniforme de saúde pública com a blusa azul clara. Ano: 19 de fevereiro de 1981.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Ano: 1980. Localização: pasta cotidiano/ 3.27.0915.1 frente. Descrição: Alunos em campo de estágio de saúde pública, no Colégio Lemos Cunha (Ilha do Governador).

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Banco de fotos digitalizadas. Localização: pasta eventos/ /4.07.1116.1 frente. Descrição: Reunião para entrega da medalha comemorativa “Florence Nightingale” no ano do centenário da Escola de Enfermagem do Hospital St. Thomas. Fonte: CDOC/EEAN/Banco de Fotos. Ano: 1960.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Centro de Documentação. Bancos de fotos digitalizadas. Localização: pasta atos acadêmicos/2.14.0507.1 frente. Ano: 1978. Descrição: EEAN, Pavilhão de Aulas, Cerimônia de homenagem à Dama da Lâmpada durante a Semana de Enfermagem de 1978.

Fotografia da partitura do Hino da Enfermeira. Ano: s/d. FONTE: EEAN. Localização: Caixa 1. Origem: EEAN/UFRJ. Conteúdo: Hino da Enfermeira, a despedida do soldado, marcha para o oeste, hino da aviação.(registro fotográfico feito pela autora desta pesquisa).

INSTITUTO PIANO BRASILEIRO. “Anna Nery – Hino da Enfermeira”. Capa da partitura da música. Disponível em: <<http://www.eduardosouto.com.br/p/imagens.html>>. Acesso em 23 de maio de 2016.

NÚCLEO DE PESQUISA DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM BRASILEIRA - NUPHEBRAS. Localização: página oficial do NUPHEBRAS no *facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nuphebras/photos/a.112838458881982.22507.110675125764982/186911018141392/?type=3&theater>>. Descrição: Lâmpada grega sendo usada em solenidade da EEAN. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

Relatório Mensal de Experiência Prática de uma estudante da Classe de 1960, preenchido no estágio em Doenças Transmissíveis no mês de julho de 1957.: (EEAN, localização: cdoc/eean/ modulo graduação, caixa 47, ano: 1960, origem curso de graduação, conteúdo graduação em enfermagem 1960.

FONTES PRIMÁRIAS ESCRITAS:

ANDRADE, M. D. L. **Virtudes da enfermeira idealizadas por Laís Netto dos Reys para a insígnia da EEAN. Discurso.** Localização: módulo G; caixa 11Q; ano: 1967/1971; origem: gabinete direção; conteúdo: diretora Maria Dolores Lins de Andrade; doc: 618, p.2. Descrição: documento com 3 folhas identificado como um resumo das aulas de Dona Laís Netto dos Reys transcrito para os alunos e alunas da década de 1970, abordando o uniforme e seu simbolismo. Ano: 1972.

BRASIL. **Decreto nº 20.109**, de 15 de Junho de 1931. Publicado no DOU de 28/6/1931. Seção I fls 10516. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20109-15-junho-1931-544273-publicacaooriginal-83805-pe.html>>. Acesso em 13 de dezembro de 2015.

BRASIL. Decreto nº 60.455-A. Aprova o plano de reestruturação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Diário Oficial da União – seção 1, Brasília, DF, 13 de abril de 1967. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60455-a-13-marco-1967-401280-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2013.

BRASIL. **LEI nº 5.540**, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm>. Acesso em 15 de julho de 2015.

BRASIL. **Lei nº 5.905/73** de 12 de julho de 1973. Publicada no DOU de 13/07/1973. Seção I fls6.825. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Federal e Regional de Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/lei-n-590573-de-12-de-julho-de-1973_4162.html>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

BRASIL. **Lei nº 7498**, de 25 de junho de 1986. Publicado no DOU de 26/06/1986. Seção I fls9273 a 9275. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

CARVALHO, Vilma de. **Discurso de professor emérito: profissão de fé algumas confissões e agradecimentos.** Discurso proferido na Sessão Solene de Emerência da Professora Vilma de Carvalho, no Fórum de Ciência e Cultura – UFRL, Salão Pedro Calmom, em 20 de maio de 2003. CDOC/EEAN/UFRJ. Localização: módulo G, Caixa 1, Origem: Diretora Vilma de Carvalho.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Advertência sobre o uso errado do uniforme.** [Documento não catalogado]. Remetido à diretora da EEAN pela Enfermeira Guiomar S. Cardoso. Ano: 25 de janeiro de 1963b.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Comissão para estudar o uniforme.** Localização: módulo: G, caixa: 11X, ano:1967/1971, origem: gabinete direção, conteúdo: diretora Maria Dolores Lins de Andrade, doc: 883. Descrição: mem.22/71 designa quatro professoras como comissão para estudar a mudança do uniforme. Ano: 1971.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 09; ano 1930-1931. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1930-1931. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1930.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 17; ano 1940. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1940. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1940.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 33; ano 1950-1951. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1950/II e 1951/I. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1950.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 48; ano 1960-1961. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1960/II e 1961/I. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1960.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 60; ano 1971a. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1971. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1970.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 60; ano 1971. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1971. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1970.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Currículos.** Localização: módulo GR; Caixa 77; ano 1980-1981. Origem Curso de Graduação; Conteúdo: Graduação em Enfermagem 1980/I e 1981/I. Descrição: currículos das alunas que se formaram na década de 1980.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Ficha dos alunos do vestibular de 1971.** Localização: Módulo GR, caixa 63, ano 1974, origem: Cursos de Graduação, conteúdo graduação em enfermagem 1974. Descrição: pastas com histórico escolar dos alunos do vestibular de 1971.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Insígnias com as divisas de 2º e 3º ano. Localização: módulo AB, caixa 04.6. Origem: ABEn. Conteúdo: cartaz, emblema, formulário, fotografia. Descrição: Duas insígnias em tecido azul em que aparecem a cruz de malta e as divisas que marcam o ano a que a aluna pertencia.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Manual da Aluna.** Localização: módulo G; Caixa 15.3; ano 1950/1967; origem: gabinete Direção; Conteúdo: diretora Waleska Paixão; doc09. Descrição: Manual com 16 páginas para orientação dos direitos, deveres e condutas da aluna ingressante na EEAN. 1963a.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Ofício 796/72.** Localização: módulo: G, caixa: 11X, ano: 1967/1971, origem: gabinete direção, conteúdo: diretora Maria Dolores Lins de Andrade, doc: 883. Descrição: Ofício do Gabinete do Reitor à diretora da EEAN cobrando informações sobre, entre outras coisas, mudança de uniforme.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Ofício 796/72.** Localização: módulo: G, caixa: 11X, ano: 1967/1971, origem: gabinete direção, conteúdo: diretora Maria Dolores Lins de Andrade, doc: 883. Descrição: resposta da diretora da EEAN ao Of.Conf.Gr. 27/72. Ano: 1972b.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Partitura do Hino da Enfermeira**. Localização: Módulo: s/identificação; Caixa 01, ano: s/d; origem: EEAN/UFRJ; Conteúdo: hino da enfermeira, a despedida do soldado, marcha para o Oeste, hino aviação. Descrição: partitura musical do Hino da Enfermeira. s/d.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Regras para o uniforme das enfermeiras**. Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ. Documento nº 176. Caixa: 33. Ano: 1931.

REYS, Laís Netto dos. **[Resumo das aulas ministradas por Laís Netto dos Reis em 1939, transcrito em agosto de 1972 para a recepção de insígnias das alunas e alunos de 1974]**. Localização: CDOC/EEAN/UFRJ, Caixa 11Q, Módulo G, Ano 1967/1971, origem: Gabinete Direção, conteúdo: Diretora Maria Dolores Lins de Andrade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). **Escola de Enfermagem Anna Nery – Regimento**. Aprovado pelo Conselho Universitário em 13-07-1972. Rio de Janeiro: UFRJ [1973?].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Conselho Universitário. Resolução Nº 04/2011. Regulamenta a concessão de dignidades acadêmicas a alunos de graduação da Universidade. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/graduacao/CERTIFICADO_DE_DIGNIDADE_ACADMICA_2011.pdf>. Acesso em 08 de agosto de 2016.

Universidade Federal do Rio de Janeiro/Centro de Ciências Médicas. Suplemento ao boletim nº32 de 10/08/1972. **Regimento** – disciplina as atividades da Escola de Enfermagem Ana Néri no plano pedagógico e no plano administrativo, 1972.

FONTES SECUNDÁRIAS

ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS (APL). **Memória Acadêmica – Maria Eugênia Celso**. Disponível em: <http://apcl.com.br/visualizar_memoria.php?idmemoria=115>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.

AGUINAGUA, H. **Hospital São Francisco de Assis – História**. Companhia Brasileira de Artes Gráficas. Rio de Janeiro, RJ. 1977. Acervo de obras raras CDOC/EEAN/UFRJ.

ALMEIDA, R. C. **Papel do vestuário na construção da identidade profissional da enfermeira de Saúde Pública da capital da República: décadas de 1930 e 1940**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 39p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). [Relatório parcial]. Faculdade de Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: RJ, 2016.

ANDRADE, R. **A roupa como documento histórico. Moda Brasil**. 2001. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/espaco_critico/roupa_doc/>. Acesso em 12 de novembro de 2015.

APERIBENSE, P. G. G. S. **A Escola Anna Nery e a formação de enfermeiras, assistentes sociais e nutricionistas na Universidade do Brasil nos anos 30/40 do século XX**. [tese]. Rio de Janeiro : UFRJ, 2009. 188f.

- ARNHEIM, R. **Arte e Percepção Visual**. São Paulo: Pioneira, 1996.
- AULETE, Francisco Julio de Caldas. Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/insignia>>. Acesso em 15 de julho de 2016.
- BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAPTISTA, S. S. **Avesso da Convivência**: O estudante de Enfermagem no Ciclo Básico. Tese (Livre Docência) .UERJ. 1995
- BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I.A. Repercussões da Reforma Universitária de 1968 nas Escolas de Enfermagem Brasileiras. **Acta Paul.Enf.**, v12, n3, p.46-50, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARREIRA, I. A. **A enfermeira-Ananéri no País do Futuro**: a aventura da luta contra a tuberculose. 335p. Tese de doutorado/UFRJ/EEAN. Rio de Janeiro. 1992.
- BARREIRA, I. A. et al. Primeira república: a implantação da Enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: História de uma profissão**. São Caetano do Sul-SP: Difusão editora, 2011.
- BARREIRA, I. A. Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 1, p.161-176, jul.1997.
- BARTHES, R. **Imagem e Moda**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, R. O terceiro sentido. In.: **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, R. **Sistema da Moda**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRAUDEL, F. **Reflexões sobre a História**. São Paulo: Martins Fontes; 2002.
- BURKE, P. (org.). **A Escrita da História**. Tradutor: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- CALANCA, Daniele. **História Social da Moda**. Ed:Senac, 2011.
- CALAZANS, M. E. Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã. São Paulo **Perspectiva**, jan./mar. 2004, vol.18, no.1, p.142-150.
- CALLAN, G. O. **Enciclopédia da moda**: de 1840 à década de 90. Verbetes brasileiras. Cynthia Garcia. São Paulo: ed. Companhia das letras, 2007.
- CARDOSO, C. F.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história**. 6ªed., Rio de Janeiro: Graal, 2002.

CARVALHO, A. C. A docente de enfermagem como modelo a ser imitado. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.26, n.6, p.527-531, Dez. 1973. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671973000400527&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de novembro de 2015.

CARVALHO, M. S. et al. O ensino de enfermagem psiquiátrica na Escola Ana Néri, na primeira metade do século XX. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2015 jan./mar.;17(1):85-93. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i1.23546>>. Acesso em 13 de julho de 2016.

CARVALHO, V (org). **Enfermagem: ensino e perfil profissional**. 1ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2006.

CARVALHO, V. 40 Anos da pós-graduação stricto sensu na EEAN/UFRJ: avanços e contribuições. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 431-433, Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-8145201200300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 de setembro de 2015.

CARVALHO, V. Dia 20 de maio de 2004 - jubileu de ouro da classe de 1954: discurso de saudação e relato de experiências. **Esc Anna Nery R Enferm.** ago; 8(2):291-97; 2004.

CARVALHO, V. et al. Um projeto de mudança curricular no ensino de enfermagem em nível de graduação que favorece aos propósitos emergentes da prática profissional. **Anais do 30º Congresso Brasileiro de Enfermagem**; Brasil. Belém (PA): ABEn; 1978.

CARVALHO, V. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem e a formação dos sujeitos do conhecimento na área da enfermagem - do ângulo de uma visão filosófica. **Esc. Anna Nery Enferm.** Abr/jun; 13(2):406-14. 2009.

CARVALHO, V.; CASTRO, I.B. Reflexões sobre a Prática da Enfermagem. **Anais do 31º Congresso Brasileiro de Enfermagem**; Brasil. Fortaleza (CE): ABEn,1979.

COELHO, C. P. et al. **Escola de Enfermagem Anna Nery: suas histórias, nossas memórias**. Rio de Janeiro: Cultura médica, 1997.

CORDEIRO, J. M. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, set. 2009. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1546>>. Acesso em 17 de agosto de 2016.

DAHER, D. V. **Por detrás da chama da Lâmpada: a identidade social do enfermeiro**. Niterói: EdUFF, 2000.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Título original: La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educ. Soc.**, Campinas, v.19, n. 62, p.13-30, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2016.

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FÁVERO, M. L. A. **Universidade do Brasil, das origens à construção**. V.1. Rio de Janeiro: UFRJ, Inep, 2000.

FÁVERO, M. L.A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FERREIRA, F.R. Corpo feminino e beleza no século XX. **ALCEU**. 11(21):186-201, 2010.

FONTE, A. S.; SANTOS, T. C. F. A formação da aluna da Escola de Enfermagem Anna Nery em pediatria nos anos 40. 14º Pesquisando em Enfermagem, a 10ª Jornada Nacional de História da Enfermagem e o 7º Encontro Nacional de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem. 2007. Disponível em: <<http://www.pesquisando.eean.ufrj.br/viewpaper.php?id=60&print=1&cf=1>>. Acesso em 25 de agosto de 2016.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, vozes, 1987. 288p.

FREITAS, M. T. A. Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p.21-39, julho/ 2002.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GALLEGUILLOS, T. G. B.; OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev Esc Enf USP**, v.35, n. 1,p. 80-7, mar. 2001.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.

GODART, F. **Sociologia da moda**. São Paulo. Editora: Senac São Paulo, 2010.

GOMES, T. O. et al. Enfermeiras católicas em busca de melhores posições no campo da educação e da prática em enfermagem nos anos 40 e 50 no Brasil, no século XX. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 506-512, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 de julho de 2016.

GUARINELLO, N. L. Apresentação Tempos Sociais. In: REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico**. Annablume, 2008.

GUEDES, M. C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

GUIMARÃES, D.; CABRAL, P. Significado de solenidade. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/solenidade/>>. Acesso em 20 de julho de 2016.

HADDAD, V. C. N. Debates na universidade: da criação do currículo novas metodologias para o ensino de graduação em enfermagem ao deslanchar de seu processo de avaliação (1976-1987). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.128f.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p 103-133.

HOBBSAWM, E. J. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. **Novos Estudos – CEBRAP**. N.º43, novembro 1995, p.103-112. Disponível em: <http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626_o_presente_como_historia.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2014.

INSTITUTO PIANO BRASILEIRO. Acervo digital Eduardo Souto. Resumo biográfico. Disponível em: <<http://www.eduardosouto.com.br/p/resumo-biografico.html>>. Acesso em 9 de julho de 2016.

JOUBERT, C.; STERN, S. **Dispa-me! O que a roupa diz sobre nós**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2007.

KAULING, G. B. **Nomenclaturas de modelos e desenho técnico manual**. Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/b/b1/Apostila_Desenho_T%C3%A9cnico_Parte_02.pdf>. Acesso em 28 de julho de 2016.

KLETEMBERG, Denise Fauz et al . O processo de enfermagem e a lei do exercício profissional. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v.63, n.1, p.26-32, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de junho de 2016.

KOSSOY, B. Imagem fotográfica e história. **Revista História Viva**. Edição 27, janeiro, 2006. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem_fotografica_e_historia_2.html>. Acesso em 25 de maio de 2014.

LASSALA, M. L. G. **A reconfiguração do espaço social da escola de enfermagem Anna Nery no contexto da reforma universitária de 1968**. [Dissertação]. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery, 2007.

LAVER, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEXIKON, H. **Dicionário de Símbolos**. Tradução: Erlon José Paschoal Editora Cultrix. São Paulo. 1998.

LIMA, A. L. G. S.; PINTO, M. M. S. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 10(3):1037-51, set-dez. 2003.

LONZA, F. **História do uniforme escola no Brasil**. Ministério da Cultura: Brasília, 2005.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Trad. Ana Luiza Dantas Borges Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MACIEL, R. M.; BARREIRA, I. A.; BAPTISTA, S. S. O ensino dos fundamentos de enfermagem na Escola Anna Nery em meados do século XX. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2009 jul/set; 17(3):344-9. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a08.pdf>>. Acesso em 13 de junho de 2014.

MAHLMEISTER, E. A. P. Design de moda pós-moderno: o jeans como referência. 2009. Dissertação (Mestrado em Design, Arte e Moda). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://tede.anhembi.br/tesesimplificado/handle/TEDE/1573#preview-link0>>. Acesso em 05 de junho de 2016.

MARTINS, C. B. A Reforma Universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 18 de julho de 2015.

MARTINS, E. F.; MARTINS, C. J. O uniforme enquanto objeto sógnico na área da saúde. **Verso e Reverso**, XXV(59):100-108, maio-agosto 2011.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>>. Acesso em 03 de agosto de 2016.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5ªEd. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de História oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, A. L. T. M.; APERIBENSE, P. G. G. S.; ALMEIDA FILHO, A. J.; PERES, M. A. A. Curso de mestrado da Escola Anna Nery 1972-1975: singularidades da formação e desafios na implantação. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.11-17, Mar.2015.

MONTEIRO, F. A. O Abandono do Monumento: O Caso do Hospital Escola São Francisco de Assis. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, ano 4, v.3, n. 6, junho de 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/colartes/articl/view/7706/5498>>. Acesso em 24 de junho de 2015.

NACIF, M. C. V. **O vestuário como princípio de leitura do mundo**. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007. Disponível

em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maria%20Cristina%20V%20Ncif.pdf>>. Acesso em 14 de abril de 2014.

NAPOLITANO, M. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos Avançados** 24 (69), 2010, 389-402.

NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, p. 74-77, Feb. 2005.

OLIVEIRA, A. J. B. (org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

OLIVEIRA, B. G. R. B. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006; 15(1): 60-7.

OLIVEIRA, P. W. S. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho. **Revista LABOR**, nº6, v.1, 2011, p.344-62.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O Método de Pesquisa Histórica na Enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2005 Out-Dez; 14(4):575-84.

PADILHA, M. I. C. S.; SOBRAL, V. R. S.; LEITE, L. M. R.; PERES, M. A. A.; ARAÚJO, A. C. Enfermeira – a construção de um modelo de comportamento a partir dos discursos médicos do início do século. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v.5, n. 4, p. 25-33, outubro 1997.

PERES, M. A. A. Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 90 anos de sua criação. **Esc Anna Nery (impr.)** jan –mar 16 (1): 7-9, 2013.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. Significado dos uniformes nos primórdios da Enfermagem Moderna. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**; 7(1):25-38, abr. 2003.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. Trajetória do ensino da enfermagem psiquiátrica na EAN (1923-1978). 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem. [livro em formato eletrônico]; 2004 Out 24-29 [capturado 25 Ago de 2016]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <<http://www.bstorm.com.br/enfermagem/index-p2.php?cod=78805&popup=1>>. Acesso em 18 de agosto de 2014.

PERES, M. A. A.; PADILHA, M. I. C. S. Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931). **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 112-121, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000100112&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 de abril de 2014.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p.200-212; 1992.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. Rito e os emblemas na formatura das enfermeiras brasileiras no Distrito Federal (1924-1925). **Esc Anna Nery Rev Enferm**, abr-jun; 13 (2): 249- 55; 2009.

PRADO, L.A.; BRAGA, J. **História da Moda No Brasil** - Das Influências às Autorreferências. 2ª Ed: Disal, 2011.

PROST, A; VICENT, G (org). **História da vida privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. v.15, n.45, set./dez, p.434-445, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03.pdf>>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

REZAEI-ADARYANI, M.; SALSALI, M.; MOHAMMADI, E. Nursing image: An evolutionary concept analysis. **Contemporary Nurse**. 43(1): 81–89, 2012.

RIZZOTTO, M. L. F. Resgate histórico das primeiras Semanas de Enfermagem no Brasil e a conjuntura nacional. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v.59, n. spe, p.423-427, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ar_ttext&pid=S0034-7167200600070007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

SABINO, M. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2007.

SALGUEIRO, N. O vestuário do pessoal de Enfermagem (I): do negro ao branco imaculado. **Revista Referência**, n.4, maio, p.79-87, 2000.

SANTOS, J. F. **Leila Diniz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, T. C. F. A câmera discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938). [tese de doutorado] Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1998.

SANTOS, T. C. F. Significado dos emblemas e rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 8, núm. 1, abril, p. 81-86, 2004.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. A fotografia como fonte na pesquisa em história da enfermagem brasileira. **Escola Anna Nery. Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro/RJ, v. 3, n.1, p. 72-84, 1999.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. **O poder simbólico da enfermagem norteamericana no ensino da enfermagem na capital do Brasil**. Rio de Janeiro(RJ): EEAN/UFRJ; 2002.

SANTOS, V. L. C. G.; FERRAZ, A. F.; DIOGO, M. J. D.; SOUZA, R. M. C. A imagem de enfermeira e do enfermeiro percebida por alunos ingressantes no curso de graduação. **Rev Bras Enferm**; 41(3/4):241-51; 1988.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(2): 35-50, maio-agosto/2004.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I -

Julho de 2009. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf>. Acesso em 7 de setembro de 2013.

SAUTHIER, J.; BARREIRA, I. A. **As Enfermeiras norte-americanas e o ensino de enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931**. Rio de Janeiro, Editora Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, 1999.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan et al . Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 66, n. spe, p. 80-89, Sept. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de setembro de 2015.

SELAU, M. S. História Oral: Uma metodologia para o trabalho com fontes orais.. **Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. pp. 217-228, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887>>. Acesso em 3 de agosto de 2016.

SILVA JUNIOR, O. C. Do asylo da mendicidade ao hospital São Francisco de Assis: a mansão dos pobres/ Osnir Claudiano da Silva Junior. Rio de Janeiro: Papel virtual, 2000. 119p.

SILVA, A. A. G.; VALENCIA, M. C. P. **História da Moda: da idade média à contemporaneidade do acervo bibliográfico do Senac – Campus Santo Amaro**. CRB-8 Digital, São Paulo, v.1, n.5, p.102-112, jan. 2012. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br>>. Acesso em 4 de abril de 2016.

SILVA, A. C.; MATOS, J. B. A.; SILVA, A. C. N. Moda, gênero e identidade: apontamentos do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Moda em Vitória da Conquista BA. **11º Colóquio de Moda**. 2007. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/3-Coloquio-de-oda_2007/1_11.pdf>. Acesso em 12 de novembro de 2015.

SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev Lat-am Enfermagem**;10(4):586-95; 2002.

SILVA, C. P. G.; SANTOS, T. C. F.; PERES, M. A. A. Nursing Service at the current Hospital Federal de Bonsucesso (1950-1951): From laic to religious. Escola Anna Nery, v. 19, p. 356-362, 2015.

SILVA, K. N. **Criança calçada, criança sadia!: Sobre os uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 a 1970**. Dissertação. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <[file:///C:/Users/Pacita%20Geovana/Downloads/Dissertacao%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Pacita%20Geovana/Downloads/Dissertacao%20(2).pdf)>. Acesso em 29 de maio de 2015.

SILVA, M. T. N. Semana Brasileira de Enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v.50, n.2, p.151-152, June, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671997000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p 73-101.

SIRIMARCO, M. A vida com farda - A vestimenta policial como relato institucional em disputa. Tradução de Géteia Oliveira e Ivone Pereira Lima. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 28 n° 82 junho/2013, p.31-43.

SOARES, M. I. **Da blusa de brim à touca branca. Contribuindo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)**. Lisboa: EDUCA, Associação Portuguesa de Enfermeiros, 1997.

SOBRAL, V. R. S; MIRANDA, C. M. L; FIGUEIREDO, N. M. A.; SANTOS, I. O que escondiam nossos corpos escondidos pelos uniformes?. **R. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.244-248, out, 1995.

SOUZA, E. B. Do Asilo de Mendicidade ao Hospital São Francisco de Assis: a cidade e a saúde (1876-1922). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SOUZA, G. M. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STEFANI, P. S. **Moda e Comunicação: a indumentária como forma de expressão**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2. sem. 2005, 90 fl. mimeo. Projeto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE). Disponível em: <<http://www.cbae.forum.ufrj.br/institucional/institucional.html>>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Escola Nacional de Música. Órgão Tamburini. Disponível em: <http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=77&Itemid=143>. Acesso em 20 de julho de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Tipos de Diploma. Dignidade Acadêmica. Disponível em: <<http://pr1.ufrj.br/index.php/diplomas-mainmenu-76/64-tipos-de-diploma>>. Acesso em 27 de agosto de 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p 07-73.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de cessão dos direitos de depoimento

Pelo presente documento, eu, [*nome completo*], [*nacionalidade*], [*estado civil*], [*cargo/profissão*], inscrito(a) no CPF/MF sob [*número*] , portador da cédula de identidade [*número*], expedida por [*órgão expedidor e UF*], residente e domiciliado em [*endereço completo*] cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ para consulta pública, a totalidade dos direitos patrimoniais de autor sobre a entrevista prestada no dia [*data*] na cidade do [*cidade*] perante a pesquisadora Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense intitulada “**Uniformes e suas relações com a identidade profissional da enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1991)**”. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o(a) entrevistado(a) , proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pelo dos seus direitos morais sobre o referido material. Fica plenamente autorizada a utilização da voz e/ou imagem realizado durante a execução e gravação da entrevista, no todo ou em parte, editado ou integral sendo limitado aos seguintes fins: ensino, estudo e pesquisa; publicação e divulgação; produção de obras novas e/ou derivadas; citação dramática em artes cênicas; utilização radiofônica; utilização em televisão aberta ou fechada; utilização cinematográfica; utilização audiovisual em geral, incluindo home-vídeo (videocassete doméstico), CD-ROM, DVD, Internet e todas as tecnologias digitais existentes ou que venham a ser desenvolvidas no futuro, aptas a portar sons e/ou imagens.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em (02) duas vias de igual teor e para um só efeito.

Local , data

Nome do cedente

Nome da instituição

Testemunhas:

Nome legível e CPF:

Nome legível e CPF:

APÊNDICE B – Quadro auxiliar para coleta de dados documentais e iconográficos

QUADRO AUXILIAR PARA COLETA DE DADOS	
1. Tipo de documento	
2. Temática de que trata a descrição	
3. Local	
4. Localização	
5. Data	
6. Autor	
Observações:	

APÊNDICE C – Carta de intenção para realização da entrevista

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Prezado(a) Sr(a). [*nome*]

Eu, Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora Dra. Maria Angélica de Almeida Peres, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “**Uniformes e suas relações com a identidade profissional da enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1991)**”, cujo objetivo geral é identificar o papel simbólico dos uniformes de estudantes e professoras no processo de construção da identidade profissional da enfermeira graduada pela EEAN.

Para tanto, venho por meio desta, expressar minha intenção de entrevistá-lo. Ressalto que todos os aspectos relativo à ética na pesquisa com seres humanos estão sendo respeitados e este projeto está registrado no CEP, sob o número de protocolo [*nº do protocolo*].

A entrevista pode ser marcada no horário e local que melhor lhe aprouver.

Deixarei meus contatos para que possas tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento.

No aguardo de uma resposta favorável, desde já agradeço a atenção.

Cordialmente,

Pacita Geovana G. de S. Aperibense

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista para o colaborador estudante de graduação no recorte temporal do estudo (apenas ex-aluna da EEAN)

Nome: _____ Data: _____ Entrevista n^o: _____
Horário de início: _____
Horário de término: _____

IDENTIFICAÇÃO, FORMAÇÃO, CARGOS OCUPADOS NA EEAN

1. Nome, idade, breve biografia: nascimento, formação (graduação-período), titulação, atividade profissional.

UNIFORME DE ALUNA

1. Como foi para você ingressar em uma instituição de nível superior que tinha a obrigatoriedade do uso de uniforme? O que representava para você o uso do uniforme?
2. Como era indicado e como você adquiriu o seu uniforme de aluna (mandou fazer, comprou)?
3. Quantos modelos de uniformes você usou durante o curso de graduação? Descreva como eram os uniformes que você usou durante a graduação (cor, modelo, estrutura e acessórios). Em que ocasiões/cerimônias eram utilizados (estágio, aula teórica, formatura, etc)?
4. Como eram os uniformes usados pelos alunos homens? Descreva-os.

UNIFORME DE PROFESSORA

5. Descreva os uniformes usados pelas professoras e Enfermeiras da EEAN.

MUDANÇAS/ADAPTAÇÕES DO UNIFORME

1. Quando você era aluna vivenciou alguma mudança em relação a algum aspecto, alguma característica dos uniformes? Quando, quais foram e que motivo levou a estas mudanças? Como se deu este processo de mudança?
2. Ao que você atribui às mudanças que vivenciou nos uniformes da EEAN?

PERCEPÇÃO SOBRE O USO DO UNIFORME

3. Qual o significado que você atribuía aos uniformes quando era aluna da EEAN? E seus colegas, como elas percebiam o uso do uniforme?
4. Você considera que o uso do uniforme fez parte da construção da sua identidade profissional? Explique.
5. Na sua opinião, qual a relação entre o uso do uniforme e a imagem profissional do enfermeiro graduado na EEAN?

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista para o colaborador professor de graduação no recorte temporal do estudo

Nome: _____ Data: _____ Entrevista n^o: _____
Horário de início: _____
Horário de término: _____

IDENTIFICAÇÃO, FORMAÇÃO, CARGOS OCUPADOS NA EEAN

1. Nome, idade, breve biografia: nascimento, formação (graduação-período), titulação, atividade profissional (início da docência da EEAN).
2. Foi membro da congregação? Quando?

UNIFORME DE PROFESSORA

3. Descreva como eram os uniformes que você usou durante o período em que foi professora. Em que ocasiões eram utilizados (estágio, aula teórica, formatura, etc)?
4. Como era indicado e como você adquiriu o seu uniforme de aluna (mandou fazer, comprou)?

PERCEPÇÃO SOBRE O USO DO UNIFORME

6. O que representava para você, enquanto professora da EEAN, o uso do uniforme?
7. Qual o significado que você atribuía ao uso do uniforme na EEAN? E as outras professoras, como elas percebiam o uso do uniforme?
8. Você considera que o uso do uniforme fez parte da construção da sua identidade profissional? Explique.

MUDANÇAS/ADAPTAÇÕES DO UNIFORME

9. Você vivenciou alguma mudança em relação a algum aspecto, alguma característica dos uniformes? Quando, quais foram e que motivo levou a estas mudanças?

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação na pesquisa



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde



O Senhor(a) foi selecionado e está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **“Uniformes e suas relações com a identidade profissional da enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1991)”**, cujo objetivo geral é identificar o papel simbólico dos uniformes de estudantes e professoras no processo de construção da identidade profissional da enfermeira graduada pela EEAN.

A sua participação é voluntária e consistirá em conceder uma entrevista, que será gravada e transcrita, retornado para sua validação e posterior cessão dos direitos sobre o depoimento. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer fase da pesquisa. Neste caso os seus dados e informações não serão utilizados na mesma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. **O Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.**

Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco mínimo individual de dano emocional durante a realização da entrevista, sendo consideradas as dimensões psíquica, física, moral, intelectual, social, cultural e espiritual dos participantes, não havendo riscos adicionais. Ainda assim, por envolver lembranças de vivências pessoais que podem levar a situações emotivas o responsável por esta pesquisa se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes. Como profissional enfermeira, tem competência para prestar uma assistência caso seja necessária, avaliando, inclusive, a possibilidade de interromper a entrevista e retomá-la em outro momento oportuno.

O benefício relacionado à sua participação está ligado à contribuição para o aumento científico na área da enfermagem e da história da enfermagem brasileira.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação sempre que desejar.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e que concordo em participar voluntariamente, podendo retirar-me da pesquisa a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, bem como de meu nome e eventuais imagens em fotografia.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Escola de Enfermagem Anna Nery, situada a Rua Afonso Cavalcanti, 275 – 3º Andar - Cidade Nova, CEP - 20211-110. Tel. (021) 2293-8148, Ramal: 225 e 230. Contato do pesquisador para quaisquer esclarecimentos:

email: pacitageovana@yahoo.com.br tel: (21) 984613411

Nome	Assinatura do Participante	Data
Pacita G. G de S Aperibense	Assinatura do Pesquisador	Data
Nome	Assinatura da Testemunha	Data

APÊNDICE G – Carta de validação do conteúdo das fontes orais⁴⁷

Eu, [nome], portador(a) do Registro de Identidade [número] e participante, como respondente, na pesquisa “**Uniformes e suas relações com a identidade profissional da enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1991)**”, após realizar a leitura da transcrição da entrevista dada a pesquisadora Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense, valido o conteúdo por mim informado, desde que obedecidas às sugestões de acréscimos e/ou modificações de itens.

1. Organização – acréscimo: () sim () não

Sugestão:

2. Objetividade – acréscimo: () sim () não

Sugestão:

3. Clareza – acréscimo: () sim () não

Sugestão:

4. Facilidade de leitura – acréscimo: () sim () não

Sugestão:

5. Compreensão do conteúdo – acréscimo: () sim () não

Sugestão:

6. Fidedignidade do conteúdo – acréscimo: () sim () não

Sugestão:

Data: ____ / ____ / _____

Nome e assinatura do responsável pela validação das informações.

⁴⁷ Bellaguarda, Maria Lígia dos Reis. **Nexos e circunstâncias na história do Conselho Regional de Enfermagem em Santa Catarina (1975-1986)**. Florianópolis, Santa Catarina. Tese de doutorado. 2013.

APÊNDICE H – Termo de Cessão de Direitos Autorais e de Imagem para publicação

CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

EU, [*nome completo*], [*nacionalidade*], [*estado civil*], [*cargo/profissão*], inscrito(a) no CPF/MF sob nº [*número*] , portador da cédula de identidade nº [*número*], expedida por [*órgão expedidor e UF*], pelo presente termo, autorizo a Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense, a publicar em periódicos e meios eletrônicos para fins educacionais, imagens e meu depoimento dado em função da pesquisa intitulada “**Uniformes e suas relações com a identidade profissional da enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1991)**”, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

[*Local e data*]

[*nome completo e assinatura*]

APÊNDICE I – Orçamento da pesquisa**ORÇAMENTO DE PROJETO DE PESQUISA**

Nome do Projeto:

Pesquisador Responsável: Pacita Geovana G. de S. Aperibense

Orientadora: Maria Angélica de Almeida Peres

Instituição/Unidade/Departamento: EEAN/UFRJ

Fonte (Instituição):

	VALOR US\$	VALOR R\$
MATERIAL PERMANENTE	Computador	2.500,00
	Impressora	600,00
	Celular – gravador e scanner	1.000,00
	Livros	1.000,00
MATERIAL DE CONSUMO	Papel A4 (10 pacotes)	200,00
	Caneta	5,00
	Toner de impressora (3)	900,00
	Mídia de gravação (pen drive)	30,00
SERVIÇOS DE TERCEIROS	Transcrição de entrevistas	4.000,00
	Tradução de textos (português/inglês)	1.500,00
DESPESAS COM OS SUJEITOS DA PESQUISA	Xerox dos documentos	100,00
OUTROS –	Participação em eventos	1.000,00
Publicação de artigo (3 artigos)	Submissão	100,00 (x3)
	Assinatura da revista	400,00(x3)
	Tradução com indicação	1.000,00 (x3)
Fluência no idioma	Aulas de Inglês por um ano (60,00 h/aula)	6.000,00
	TOTAL	23.335,00

Outros:**Comentários:** _____

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE J – Cronograma

Ano/semestre letivo	2013/02	2014/01	2014/02	2015/01	2015/02	2016/01
Atividades desenvolvidas	Ago/dez	Jan/jun	Ago/dez	Jan/jun	Ago/dez	Jan/jun
Levantamento Bibliográfico	X					
Elaboração do Projeto	X	X				
Defesa de Projeto		X				
Avaliação do Comitê de Ética			X			
Coleta de Dados			X	X	X	
Entrevistas			X			
Intercâmbio Canadá				X		
Transcrição das entrevistas			X	X		
Análise dos Dados			X	X	X	
Elaboração de artigo 1			X	X	X	
Qualificação do projeto					X	
Elaboração de artigo 2					X	
Defesa final						X
Elaboração de artigo 3						X
Entrega do Relatório final ao CEP						X

ANEXOS

ANEXO A – Quadro síntese das unidades de registro e unidades de significação na análise de conteúdo

1 Código do tema	2 Temas/ unidades de significação	3 Número de Unidades de Registro (UR)				4 Total UR	5 Número total corpus analisados
		Corpus 01	Corpus 02	Corpus 03	Corpus 04		

Modelo elaborado por OLIVEIRA, D.C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. *Revista Enfermagem UERJ* 2008

ANEXO B – Confirmação de submissão do artigo à revista *Ciencia y Enfermería*

07/07/2016 (1270 não lidos) - pacitageovana - Yahoo Mail

[Início](#) [Mail](#) [Notícias](#) [Esportes](#) [Finanças](#) [Celebidades](#) [Vida e Estilo](#) [Cinema](#) [Respostas](#) [Flickr](#) [Mais](#)

[Buscar no Mail](#) [Buscar na Web](#) [Início](#) [Pacita](#)

[Escrever](#) [Resultados da busca](#) [Arquivar](#) [Recortar](#) [Imprimir](#) [Apagar](#)

Adicionar outra caixa de correio
Caixa de entr... (1270)
 Rascunhos (34)
 Enviados
 Arquivo
 Spam (285)
 Lixeira (3)

Visualizações inteligentes
 Importante
 Não lido
 Favorito
 Pessoas
 Social
 Compras
 Viagens
 Finanças

Pastas (488)
 Áudios entrev... (14)
 avant garde (7)
 Canada
 DHE ABEN RJ (3)
 DOUTORADO
 Englishtown ... (392)
 Ex-alunas EEA... (3)
 FOTOS NUPHEBRAS
 Junk
 UP TIME (69)

> Recente

subscripción de artículo - duda (2) Pessoas


Pacita Geovana Gama <pacitageovana@yahoo.com.br> 07/21/15 às 9:50 AM
 Para emarin@udec.cl

Caríssima,
 He tratado de presentar un artículo para la consideración de los editores de la revista Ciencia y Enfermería, pero en el sitio sólo aparece algún tipo de error que no se puede concluir el envío.

Guiado por el director de la revista de mi escuela aquí en Brasil, la Escuela de Enfermería Anna Nery / Universidad Federal de Rio de Janeiro, me remito adjunto a este correo electrónico los documentos y el propio artículo, según las indicaciones de los autores del sitio de ustedes.

Agradezco la atención,
 Saludos,
 Pacita Aperibense .

3 Anexos | [Visualizar tudo](#) | [Baixar tudo](#)



Declaração.pdf Declaração.pdf Artigo PA.docx

Responder Responder a todos Encaminhar Mais

Edia Marín <rev-enf@udec.cl> Jan 7 em 5:21 AM

Para Pacita Geovana Gama

Estimada Autora: Comunico a usted que su manuscrito fue recepcionado con fecha 21-07-15 y esta siendo revisado por nuestros evaluadores.

Su manuscrito fue ingresado en nuestra base de datos con numero de registro 043-15


En cuanto tenga las evaluaciones correspondientes se las haremos llegar por este medio.

Atentamente,
 Revista Ciencia y Enfermeria

> Mostrar mensagem original

Responder Responder a todos Encaminhar Mais

Clique para Responder, Responder a todos ou Encaminhar



 szeke no flickr

ANEXO C – Confirmação de submissão de artigo à revista HERE**HERE- Revista
Eletrônica****DECLARAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Declaramos, para os devidos fins, que o manuscrito "*Monumentos e personagens históricos: preservação da identidade profissional da enfermagem em espaço acadêmico*" foi aceito para publicação no próximo volume da HERE – História da Enfermagem – Revista Eletrônica, ISSN 2176-7475.

Florianópolis, 20 de setembro de 2016.



Ana Rosete Maia
Editora – Revista HERE

ANEXO D – Declaração de tradução dos resumos por profissional habilitada.

Rio de Janeiro, 06 de Outubro de 2016.

Declaração de Tradução

Prezados,

Atesto, para os devidos fins, que o resumo da tese ***Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985)***, de autoria de Pacita Geovana G. de S. Aperibense, foi traduzido na íntegra para o Inglês e o Espanhol por profissional habilitada para o exercício da função.

Atenciosamente,



Kalline Cristina Franco Santos
Tradutora – Inglês e Espanhol

+55 (21) 99997-2340

kalline.franco@gmail.com

ANEXO E – Declaração de revisão das normas técnicas redacionais da tese por profissional habilitada.

Rio de Janeiro, 06 de outubro de 2016.

CERTIFICADO DE REVISÃO TÉCNICA

Este documento certifica que a Tese “Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985)”, de autoria de Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense foi revisada em **06/10/2016** e está de acordo com as normas técnicas redacionais.



Tauana Boemer Mello

revisaotrabalhos@gmail.com